

**REGINA CÉLIA SARMENTO**

**CASAIS GRÁVIDOS  
E OS NOVOS SENTIDOS DA PATERNIDADE**

*Um estudo qualitativo com referencial psicanalítico*

**CAMPINAS  
1999**

**REGINA CÉLIA SARMENTO**

**CASAI S GRÁVIDOS  
E OS NOVOS SENTIDOS DA PATERNIDADE**

*Um estudo qualitativo com referencial psicanalítico*

*Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Doutor em Saúde Mental.*

*Orientador: Prof. Dr. Sérgio Saboya Arruda*

*Co-orientador: Prof. Dr. Roosevelt Moises Smeke Cassorla*

**CAMPINAS  
1999**



UNIVERSIDADE	BC
Nº DE REGISTRO	
V.	
T. MIMO DCU	38.947
RECIBO	229/99
	<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	24/08/99
Nº CPU	

CM-00125864-6

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
UNICAMP**

Sa74c Sarmento, Regina Célia  
Casais grávidos e os novos sentidos da paternidade: um estudo qualitativo com referencial psicanalítico / Regina Célia Sarmento. Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientadores : Sérgio Saboya Arruda, Roosevelt Moises Smeke Cassorla  
Tese ( Doutorado ) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Maternidade . 2. Gravidez - aspectos psicológicos. 3. Gravidez na adolescência. 4. Pais e filhos. I. Sérgio Saboya Arruda. II. Roosevelt Moises Smeke Cassorla. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

## BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO

**Aluna:** Regina Célia Sarmento

---

**Orientador:** Sérgio Saboya Arruda

---

---

**Membros:**

1. *Regina Célia Sarmento*
2. *Sérgio Saboya Arruda*
3. *Luiz Roberto de Souza*
4. *Luiz Roberto de Souza*
5. *Sergio Arruda*

**Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências  
Médicas da Universidade Estadual de Campinas**

**Data:** 28 / 6 / 99

*À memória de meus pais, Arlindo e Maria José,  
lembrança de luz que se fez em mim,  
vida.*

*À memória de um apequenado universo  
posto à sombra  
a sonhar.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao Sérgio Arruda, pela forma precisa e dedicada com que conduziu a orientação desta tese. Acolheu-me, durante todo o tempo, com respeito e benevolência.*

*Às integrantes do Serviço de Psicologia do CAISM/UNICAMP, psicólogas e secretárias, equipe com a qual venho trabalhando há treze anos, pela partilha na construção do nosso trabalho na instituição e pela convivência de respeito que sempre me proporcionaram, tanto nos bons momentos como nas vicissitudes. Entre elas, destaco um agradecimento à psicóloga Maria Silvia Setubal pela colaboração na tradução de alguns textos em inglês e pelas valiosas interlocuções cotidianas sobre a tese. E também, à Maria Celeste Rodrigues, pela paciência e dedicação com que realizou a editoração deste trabalho.*

*Ao João Luiz Pinto e Silva, diretor da Maternidade do CAISM/UNICAMP e coordenador do Programa de Atendimento às Gestantes Adolescentes deste hospital, por toda a atenção e a amizade que me tem reservado durante todos os muitos anos em que temos trabalhado juntos.*

*Aos psicanalistas Maurício Knobel e Clara Knobel, meus primeiros supervisores, pelo aprendizado ao longo dos anos em que temos nos relacionado.*

*À Andréa Marques, fisioterapeuta, pessoa alegre e criativa, com quem compartilhei a idealização e a organização do programa de atendimento psico-corporal aos casais grávidos do CAISM/UNICAMP.*

*À Denise Tavares, pela revisão deste texto e pelas valiosas sugestões de redação.*

*Aos amigos e parentes, todos tão queridos, que pacientemente souberam tolerar minhas ausências e acompanhar-me, afetuosamente, durante toda a elaboração deste trabalho.*

*Aos meus filhos, Daniel e Mariana, dois jovens adolescentes com quem tenho vivenciado a mais profunda experiência amorosa, que tanto me faz evoluir. E ao pai deles, Eduardo Abrahão, que ao gerá-los e amá-los, concedeu-me a dignidade e a alegria de poder ser mãe.*

*E aos casais grávidos que, tão generosamente, aceitaram falar de si e compor o material clínico desta tese.*

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

*Ao Roosevelt Cassorla, mestre dos meandros do inconsciente,  
de tantos outros saberes,  
ensinou-me afetos e desvelos.*

*À Eliana dos Santos, mestre das pedras essenciais,  
das ocultas luminosidades,  
ensinou-me fraternidades e transmutação.*

*Ao Rubem Alves, mestre da terceira margem do rio,  
das palavras-águas,  
ensinou-me alegrias e esperança.*

*Uma vez no Alabama, enquanto eu dava  
o meu passeio matinal,  
vi pousada uma fêmea de pardal  
em seu ninho entre os galhos  
chocando seus filhotes.*

*Eu vi também o passarinho-macho  
e parei a escutá-lo  
ao alcance da mão  
inflando o peito e gorjeando em júbilo.*

*E estando eu ali parado, me ocorreu  
que o canto dele  
não era só para o que estava ali,  
nem para a parceira dele  
nem mesmo para ele só,  
nem para tudo o que os ecos mandavam  
de volta  
- mas muito além, sutil e clandestina,  
era mensagem transmitida e oculta herança  
para os que estavam acabando de nascer.*

Walt Whitman, 1855.

# SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS .....	i
LISTA DE QUADROS .....	ii
RESUMO .....	iii
APRESENTAÇÃO .....	1

## PARTE I: CAPÍTULOS INTRODUTÓRIOS

1. O TRAJETO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	7
1.1 O atendimento psicológico às gestantes .....	8
1.2 O atendimento aos casais grávidos .....	15
1.3 O atendimento aos casais grávidos adolescentes .....	18
1.4 Os esboços desta investigação .....	22
1.5 Considerações adicionais .....	30
2. MATERNIDADE E PATERNIDADE: ENTRE DESEJOS E SONHOS DE CRIAÇÃO .....	34
2.1 Gestar ... “maternar” .....	39
2.2 Gerar ... “paternar” .....	51

## **PARTE II: OBJETIVOS, MÉTODO E PROCEDIMENTOS**

3.	JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS .....	67
3.1.	Buscando origens .....	69
3.2.	Delimitação dos objetivos .....	72
4.	MÉTODO E PROCEDIMENTOS .....	73
4.1.	Um método para decifrar signos .....	75
4.2.	Pré-requisitos para o uso do método .....	77
4.3.	A magia das palavras .....	78
4.4.	A entrevista psicológica: instrumento para a coleta de dados .....	81
4.5.	Casais participantes, aspectos éticos e outras considerações .....	86

## **PARTE III: RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES**

5.	O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR: FRAGMENTOS DE UM MODO DE SER .....	92
5.1.	Helena e Alberto (História 1) .....	96
6.	A INTERAÇÃO DO CASAL E OS AFETOS CIRCUNDANTES: TEMPOS E RÍTMOS RUMO À PROCREAÇÃO .....	112
6.1.	Tempo de paixão e de criação de vínculo: enamoramento, vicissitudes e amor .....	113
6.2.	Do filho sonhado ao filho real: variações do desejo e projeto de vida compartilhado .....	131
6.3.	A criatura transforma o criador: isolamentos e aproximações no interlúdio da espera .....	162

7. O FUTURO DE UMA ESPERANÇA: FAZER NASCER E FAZER CRESCER .....	176
7.1. Representações de um nascimento: fantasias de dor e de luz .....	180
7.2. A geração de um próximo tempo: conviver e ser nas moradas do terceiro milênio .....	203
8. CONCLUSÕES .....	221
SUMMARY .....	230
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	231
BIBLIOGRAFIA DE NORMATIZAÇÕES .....	247
ANEXOS .....	248
I - Fluxograma do Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes do CAISM.....	249
II - Relatos das entrevistas .....	250
Beatriz e João (História 2) .....	250
Livia e Miguel (História 3) .....	261
Karina e Mauro (História 4) .....	271
Márcia e Raul (História 5) .....	284
Cintia e Antônio (História 6) .....	296
Vanda e Roberto (História 7) .....	307
Luciana e Marcos (História 8) .....	317
Marina e Pedro (História 9) .....	328
III - Termo de consentimento .....	339

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CAISM** - Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (UNICAMP)

**P.N.A.** - Pré-Natal de Adolescentes (Ambulatório do CAISM)

**P.N.N.** - Pré-Natal Normal (Ambulatório do Hospital das Clínicas da UNICAMP)

**UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro I</b> - Idade, escolaridade e período gestacional referentes aos casais participantes	90
---	----

## RESUMO

A figura masculina tem sido, em grande parte, dissociada do processo afetivo da gestação. No atendimento à saúde, quase sempre, a gravidez e o parto constituem-se em assuntos exclusivos da relação da gestante com a equipe médica. O presente trabalho estudou alguns aspectos emocionais em nove casais que esperam o primeiro filho, atendidos em uma unidade obstétrica de um hospital universitário. Partiu-se do pressuposto de que a observação da psicodinâmica da paternidade é fundamental para uma compreensão mais integradora do processo afetivo dos casais durante a gestação. O método clínico foi escolhido para a condução da tese, visando-se à compreensão dos fenômenos de modo particular e não à sua generalização. A teoria psicanalítica foi tomada como referencial teórico para análises de conteúdos latentes e manifestos, observados a partir do material reunido por intermédio de entrevistas psicológicas. Dentro do conjunto de aspectos discutidos, a psicodinâmica da maternidade e da paternidade foi compreendida como um processo que abriga uma rede complexa de determinantes psicológicos e culturais, além de biológicos. Esse processo vai se desenvolvendo desde a infância, tendo as figuras parentais como principais fontes de identificação. Nos relatos das histórias de vida dos casais estudados, vão delineando-se manifestações diversas no que diz respeito à escolha do parceiro amoroso, ao desejo de ter um filho, ao projeto compartilhado de concepção, às transformações psicológicas decorrentes da gravidez, às expectativas acerca do nascimento do filho e ao exercício das funções parentais. O distanciamento afetivo da figura masculina do processo de gestação reduz as possibilidades de integração e de equilíbrio emocional do casal. São recomendadas discussões e reflexões acerca das estruturas ambulatoriais e hospitalares para que se tornem mais receptivas ao homem no atendimento em saúde reprodutiva.

# APRESENTAÇÃO

*"Nada sabe ainda sobre a união  
do homem e da mulher  
e mesmo assim o seu sangue se agita,  
porque ele tem a plenitude da semente".*

Lao-Tzu <sup>1</sup>

Por entre desejos de ser mãe e desejos de ser pai crescem meninas e meninos na tessitura de composições cheias de tramas: campo de sistemas complexos e multifatoriais.

Como surgem esses desejos? Antes mesmo, por que surgem? Que caminhos percorrem? O que os determinam? Impulso sexual? Preservação da espécie? Ideário religioso? Renovação da Humanidade?

Muito antes do próprio nascimento, cada ser humano traz em si uma história que o antecede construída pelos seus familiares e delineada pelos contextos sociais e culturais nos quais essa história se insere.

O desejo de ter um filho, portanto, pode abrigar uma diversidade de motivos calcados nos antecedentes e atualizados nas vivências da sexualidade e da amorosidade.

Pode-se optar por se ter filhos por inúmeras razões: eternizar-se, projetar-se na mudança de caminhos da Humanidade, garantir-se como possíveis seres protetores e em possíveis seres protetores, realizar-se na extraordinária tarefa de preparar, semear e fazer

---

<sup>1</sup> Lao-Tzu (ca. séc. VI a.C.). *Tao-te King*. 10.ed. São Paulo, Pensamento, 1995, p. 94.

brotar o fruto da terra. As pessoas, consciente e inconscientemente, geram e têm filhos nos desígnios do cotidiano e, em que pesem suas conseqüências, abortam e renovam ideais.

Durante o processo de desenvolvimento psicológico, na infância e na adolescência, as imagens de um filho vão surgindo em fantasias, em elucubrações, em devaneios. Essas fantasias devem acontecer de formas diversas, de acordo com as etapas de evolução e de acordo com a qualidade dos afetos que caracterizam as relações familiares.

Em um dado momento deverá acontecer uma escolha: a escolha do parceiro amoroso - encontro que, às vezes, revela-se repentino; às vezes, laborioso; às vezes, em meio a uma predileção erótica, terna e amorável; ou, simplesmente, impulsionado para se buscar satisfação corporal. Uma escolha de pessoas por pessoas e por atos, feita de entregas, incertezas, prazeres, encontros e desencontros. E que poderá ocasionar uma gestação: novo ser que brota no ventre, amadurecendo tal qual força da natureza.

Instalada a gestação, urge construir-se o “ninho” - organização de um espaço físico e de um estado mental de acolhimento ao bebê: movimentação intensa de emoções marcando a trajetória do casal que ora procede à individuação, ora firma-se como entidade em reestruturação existencial.

A proposta deste trabalho centralizou-se, justamente, na busca do entendimento de parte dessa trajetória do casal. Encaminhou-se com objetivos voltados para o estudo de alguns fenômenos psíquicos presentes na mulher e no homem que esperam seu primeiro filho, a partir do relato e da análise de nove histórias de casais, levantadas através de entrevistas psicológicas. Trata-se de um estudo qualitativo, com bases no método clínico, onde procurou-se captar os sentidos e os desdobramentos afetivos que a chegada de um

filho pode trazer, marcando uma mudança radical. Investigou-se desde alguns aspectos da interação do casal, o desejo de ter um filho, a inserção da gravidez nessa interação, mudanças psicológicas provocadas pela gravidez, idéias e fantasias acerca do parto e do nascimento, expectativas em torno do ser mãe e do ser pai, até alguns aspectos referentes às experiências na infância e aos relacionamentos com as figuras parentais.

A denominação de “casais grávidos”, aqui empregada, tem aparecido em livros-textos<sup>2</sup> e começa a ser difundida também na linguagem popular, como expressão da participação masculina no processo da gravidez ou como resultado da aceitação da idéia de que o homem também engravida do ponto de vista psicológico e social. Mas ao pronunciar-se palavras como “casal grávido” ou “homem grávido” provoca-se, ainda, em muitas pessoas, uma certa surpresa acompanhada de risos ou de alguns gestos que denotam a reserva de chiste ao que está sendo dito. No entanto, nos dicionários, é antes mesmo a palavra grávido a que aparece como adjetivo, sendo apresentada como sinônimo de muito cheio, repleto, além do significado que se relaciona com o estado de gravidez. E é ainda como metáfora, em palavras poéticas, que se desdobram os seus sentidos: grávido de sonhos, grávido de esperanças, grávido de amor...

A paternidade foi observada com especial interesse partindo-se da avaliação de que este assunto estaria sendo bem menos estudado do que a maternidade, principalmente durante o período de gestação: algo notório e incontestado em nosso meio e reafirmado pela

---

<sup>2</sup> Maria Tereza Maldonado; Jean Claude Nahoum; Júlio Dickstein (1981). *Nós estamos grávidos*. 3.ed. Rio de Janeiro, Bloch, 1981. Tania Salem (1985). A trajetória do “casal grávido”: de sua constituição à revisão de seu projeto. In: Sérvulo A. Figueira (org.). *Cultura da Psicanálise*, São Paulo, Brasiliense, 1985. Hugo Sabatino et. al. Avaliação psico-emotiva do casal grávido. *Rev. Ginecol. Obst.* 5(4):208-17, 1994.

revisão da literatura especializada<sup>3</sup>; merecendo, portanto, nossas intenções. Foi tomada, essencialmente, para ser refletida dentro do conjunto das novas proposições que lhe estão sendo conferidas, ou seja, dos novos sentidos relacionados com a maior participação e com a melhor integração da figura masculina no processo da gravidez e na atenção à saúde durante o pré-natal.

A escolha deste tema tem suas raízes, principalmente, na minha experiência de trabalho como psicóloga, com a preparação psicoprofiláctica para o parto, em uma instituição hospitalar. Nesse trabalho tenho incluído o atendimento de casais como meio de propiciar ao homem a oportunidade de acompanhar sua mulher nessa preparação e no ato de dar à luz: uma experiência que foi sendo construída e desdobrando-se em significâncias especiais para mim, de tal forma a elegê-la como o lugar desta minha fala. Assim, no primeiro capítulo, reservado para considerações preliminares, julguei importante dar a conhecer o campo desta investigação através de uma descrição que sintetiza alguns aspectos da minha experiência profissional e o percurso por onde foram sendo elaboradas minhas principais percepções, interrogações e confirmações das idéias sobre o assunto.

No segundo capítulo, estão referidos textos e idéias sobre aspectos psicodinâmicos da maternidade e da paternidade, integrados como fundamentação teórica desta tese.

Nos capítulos seguintes - terceiro e quarto - são apresentados aspectos referentes às justificativas, aos objetivos e ao método.

Os resultados, organizados a partir dos conteúdos das entrevistas, são apresentados e analisados em três capítulos (quinto, sexto e sétimo). No quinto capítulo é apresentado um

---

<sup>3</sup> Alguns desses autores serão discutidos no decorrer deste trabalho.

relato referente à história de um casal, com o intuito de ilustrar-se como foi desenvolvida a dinâmica das entrevistas. No sexto capítulo, estão reunidos materiais clínicos referentes à interação do casal grávido, desde o momento em que se conheceram, passando pelo aprofundamento do vínculo, pelo desejo de ter um filho, pelo projeto compartilhado de concepção, até às principais transformações psicológicas ocorridas com a gravidez. E, no capítulo sétimo, o assunto refere-se às fantasias e às expectativas que acompanham as idéias do parto e as idéias envolvidas com as funções paternas e maternas no futuro relacionamento com o filho. Aspectos do relacionamento com as figuras parentais e com experiências infantis, principalmente ligadas à função procriativa, permeiam os vários tópicos da análise, não ocorrendo, portanto, um enfoque isolado destes temas.

A teoria psicológica de base para a elucidação dos fenômenos estudados foi a Psicanálise: conhecimento científico por onde tem enveredado o meu desejo de compreender parte desse nosso modo de ser e de estar no mundo. Foram também incluídas algumas leituras e citações sobre Mitologia, Antropologia e Filosofia, além de ilustrações poéticas: denominadores das apreciações lógicas e formais, mas também elos lingüísticos da matéria irredutível à realidade factível - a matéria que extrapola o fato concreto e que dá margem ao latente, ao outro sentido: áreas do conhecimento que também favorecem e complementam a compreensão mais aprofundada dos aspectos psicológicos.

# PARTE I

## CAPÍTULOS INTRODUTÓRIOS

*Ao começar meus estudos,  
me agradou tanto o passo inicial,  
a simples conscientização dos fatos,  
as formas, o poder de movimento,  
o mais pequeno inseto ou animal,  
os sentidos, o dom de ver, o amor  
- o passo inicial, torno a dizer,  
me assustou tanto,  
e me agradou tanto,  
que não foi fácil para mim passar  
e não foi fácil seguir adiante,  
pois eu teria querido ficar ali  
flanando o tempo todo,  
cantando aquilo  
em cânticos extasiados.*

Walt Whitman, 1855.

# 1. O TRAJETO DE UMA EXPERIÊNCIA

*“Pequenos são os riscos que fazemos na casca do planeta.  
Os homens deixam e os povos de passagem  
apenas breves marcas,  
mas elas são o nosso nome, a nossa alma.”*

Carlos Rodrigues Brandão<sup>1</sup>

O trajeto de uma experiência pode constituir-se de caminhos percorridos durante muitos anos, por onde arquitetaram-se desejos, trabalhos e descobertas. E reunir parte deles em algumas palavras é, talvez, dizer pouco, mas é também sustentar certas imagens e certas sobrevivências. É aventurar-se em falar de experiências humanas onde precisou-se de pessoas... todo o tempo: “...seres generosos de carne e sal como nós, em nome de quem gravar sinais na pedra e na madeira”<sup>2</sup>.

E é assim que se configura esta minha opção de incluir alguns dos percursos por onde foram sendo construídas as bases e as linhas gerais do meu trabalho no âmbito da Psicologia Hospitalar: percursos marcados, sobretudo, pelo resultado de atendimentos de milhares de pessoas com as quais pude desenvolver a arte de saber ouvi-las, de compreendê-las e de aprender com elas, de tal forma que me foi possível acolher as necessidades próprias de reestruturações das atividades profissionais e de mudanças existenciais importantes.

Neste capítulo introdutório, além de ter como objetivo o ato de precisar um pouco

---

<sup>1</sup> Carlos Rodrigues Brandão (1982). *Diário de campo*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 146.

<sup>2</sup> *Loc. cit.*

mais o campo desta investigação, busco organizar e integrar um material teórico e de investigação, relacionado com uma prática. Espero, com isto, registrar conteúdos que possam contribuir para trabalhos nascentes, que se delineiam com objetivos semelhantes ou próximos.

Início trazendo idéias específicas sobre a clínica psicológica em instituição, com a descrição do atendimento às gestantes. Em seguida, falo sobre dois programas que incluem o atendimento aos casais grávidos, como espaços onde foram selecionados e entrevistados os casais cujas histórias compuseram o material clínico desta tese. Apresento, também, esboços de investigação sobre a temática escolhida, como ensaios realizados através da participação em congressos e da organização de dados de identificação da população a ser estudada.

### **1.1. O atendimento psicológico às gestantes.**

Desde 1975, venho desenvolvendo uma experiência profissional com o atendimento psicológico de gestantes no Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas, da UNICAMP, onde a assistência pré-natal, na Divisão de Obstetrícia, é dirigida para a atenção à gravidez normal, para situações de risco e de gravidez na adolescência. O atendimento psicológico se insere nesse espaço de assistência e estrutura-se nos níveis de prevenção e de psicoterapia.

Desde o início, ao assumir o trabalho da psicologia em instituição de saúde, mais

especificamente de saúde reprodutiva da mulher, alguns objetivos foram sendo delineados como fundamentais; ou seja, aqueles objetivos relacionados com a prevenção. E toda busca no sentido de uma orientação teórica resultava na coincidência em considerá-los inerentes aos acompanhamentos de gestantes; sendo necessárias, no entanto, certas atitudes do profissional na condução dos procedimentos, enumeradas e definidas por diversos autores, alguns apresentados a seguir - como elementos que irão propiciar efetivamente uma comunicação interpessoal reveladora, dialética e construtiva.

Esses elementos foram sendo incorporados em meu trabalho como noções técnicas e operacionais, mas também como princípios humanísticos em seus sentidos filosóficos. Algumas dessas concepções, principalmente àquelas que serviram como base para o começo do meu trabalho, são expostas a seguir.

O primeiro ponto a ser considerado é o próprio conceito de prevenção primária que Caplan formulou para a saúde mental, e que foi tomado, inicialmente, como referencial para meu trabalho com gestantes. Segundo esse conceito, a idéia geral de prevenção primária relaciona-se com a programação de uma série de ações destinadas a reduzir perturbações mentais numa determinada população: 1) é, portanto, de ordem comunitária, à medida que se ocupa de grupos ou de indivíduos separadamente, quando estes, direta ou indiretamente, influenciam demais pessoas; e 2) busca, através dessas ações, neutralizar os fatores predisponentes a um estado de desequilíbrio.<sup>3</sup>

O controle desses fatores é limitado, obviamente, mas Caplan sugere que os programas preventivos devem se dirigir para atributos do indivíduo em relação aos quais se tem uma compreensão mais clara e que comportam modificações, tais como: *“a força geral*

---

<sup>3</sup> Gerald Caplan (1964). *Princípios de psiquiatria preventiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, p.40.

*do ego, a habilidade para a solução de problemas e a capacidade para tolerar a angústia e a frustração.”*<sup>4</sup>

Caplan enfatiza, também, a importância da prevenção primária nos momentos de crise, entendendo-a como uma situação onde um fato novo vem trazer a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, um desequilíbrio entre forças externas e internas, pois os mecanismos usuais de resolução de problemas não funcionam diante da nova estimulação, havendo necessidade de uma mobilização de esforços para o desenvolvimento de outros recursos que irão possibilitar uma adaptação e um reajuste emocional.<sup>5</sup>

A crise pode desencadear oportunidades para um crescimento psicológico, mas pode também ter um efeito contrário e acarretar uma perigosa desestruturação. Daí a importância do trabalho de prevenção primária nesses momentos de tensão - preconizado por Caplan - visto que, durante a crise, existe um aspecto significativo que propicia um clima favorável de receptividade para as intervenções, ou seja, o desejo intenso da pessoa em receber ajuda e a conseqüente suscetibilidade em que se encontra para as influências externas.<sup>6</sup>

A gravidez tem todas as características de uma crise e é assim considerada por Caplan<sup>7</sup> e, também, por autores cujas idéias serão discutidas mais adiante, como Soifer e Maldonado que, igualmente, recomendam procedimentos preventivos durante o pré-natal. E há uma concordância entre eles nas suas constatações e formulações teóricas sobre o estado mental da mulher no transcurso desse tempo: um estado que demonstra uma disposição que,

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.41.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.54-5.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.68.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.92.

em geral, configura-se em uma espécie de abertura e solicitação de amparo, cuidados e esclarecimentos.

Alguns dos aspectos psicológicos observados na gravidez serão discutidos no segundo capítulo mas, neste momento, quero ressaltar referências de leituras que foram fundamentais como guias para a organização do meu trabalho desde o seu princípio.

O primeiro destaque é para a orientação de Caplan sobre procedimentos a serem realizados no atendimento de pessoas em crise, em relação aos quais observo bons resultados, e que se resumem em: apoiar a expressão dos sentimentos, assinalar possíveis novos caminhos e ajudar na recuperação da esperança e na ampliação dos canais de comunicação. É indicada também a “orientação antecipatória” que, no caso das gestantes, relaciona-se principalmente com a situação do parto e da relação com o bebê.<sup>8</sup>

Em Raquel Soifer encontrei ênfase aos esclarecimentos das ansiedades específicas da gravidez, parto, puerpério e relação mãe-filho, entre as quais se sobressaem: a ambivalência afetiva, as inseguranças frente às novas responsabilidades, o medo do parto e o medo da morte - tanto a de si mesma, como a do bebê. Esta autora propõe técnicas de grupo como meio de se trabalhar essas ansiedades, delineadas nos moldes do grupo operativo.<sup>9</sup> Ou seja, constitui-se uma reunião em torno de objetivos comuns tendo-se em vista certa universalidade de problemas, conflitos e recursos a serem considerados e examinados dentro dos limites de uma tarefa pré-determinada.<sup>10</sup>

Sempre busquei, também, subsídios nos trabalhos de Maldonado sobre psicologia

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.98-9.

<sup>9</sup> Raquel Soifer (1971). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. 6.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, p.91-6.

<sup>10</sup> José Bleger (1979). *Temas de Psicologia*. São Paulo, Martins Fontes, 1980, p.55.

da gravidez, que preconizam uma preparação para a maternidade com objetivos centrados no fortalecimento dos mecanismos adaptativos do ego, redução da ansiedade e domínio cognitivo da situação. Esses objetivos deverão ser atingidos também em abordagens grupais, através de reflexão sobre sentimentos, reassuramento de recursos positivos e orientação antecipatória.<sup>11</sup>

Maldonado recomenda, assim como Soifer, a definição de um foco centralizador para a coordenação dos grupos de gestantes. Para ela, esse foco é a situação de ter um filho, incluindo as seguintes temáticas: as transformações ocorridas com a gestação (da identidade, dos vínculos afetivos e sociais); as vivências frente ao parto, a relação com o bebê e o atendimento das necessidades do recém-nascido.<sup>12</sup>

Por essas explicações evidencia-se, portanto, o caráter educativo do atendimento psicológico às gestantes e foi vital, para o meu trabalho, a incorporação de parte dos princípios da Pedagogia de Paulo Freire. Ou seja, o método dialógico que fundamenta a comunicação com vistas à conscientização: prática pedagógica onde os educandos vão desenvolvendo o *“seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.”*<sup>13</sup>

O verdadeiro diálogo conscientizador, para Paulo Freire, deverá constituir-se no encontro onde as palavras pronunciadas tenham a significação existencial de um ato criador de transformação e de humanização; e esse diálogo só acontecerá se houver *“um profundo*

---

<sup>11</sup> Maria Tereza P. Maldonado (1976). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1981, p.93.

<sup>12</sup> Maria Tereza Maldonado (1982). *Maternidade e paternidade: preparação com técnicas de grupo*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1982, p.14.

<sup>13</sup> Paulo Freire (1970). *Pedagogia do oprimido*. 8.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p.82.

amor ao mundo e aos homens”, além de “humildade” em reconhecer a possibilidade de troca de ensinamentos, “fê” no poder humano de fazer renascer as virtudes libertadoras e “confiança” que se estabelece nos testemunhos de vida que um dá ao outro.<sup>14</sup>

As lições de Paulo Freire foram fundamentais para a minha prática de trabalho nos grupos educativos com gestantes, na medida em que pude, através delas, apreender o ato pedagógico como um momento de escuta e de reflexão das aspirações, dúvidas, anseios e esperanças, que emergem através de investigações temáticas<sup>15</sup>. Seus ensinamentos foram sendo incorporados permitindo-me uma postura de abertura para as descobertas que vão dando sentido à vida, com suas vicissitudes e com suas belezas e bondades.

As informações, nesse contexto, não são mais apresentadas em forma estática e estereotipada, mas em conjunto com uma compreensão dinâmica das repercussões afetivas que essas informações possam estar evocando, emergentes dos prováveis núcleos de conflitos dos estados psíquicos individuais e grupais. Os objetivos educativos e terapêuticos, então, mesclam-se, e o resultado pode significar a observância de cuidados que vão ao encontro, realmente, das necessidades mais prementes.

No entanto, algumas gestantes apresentam-se em condições emocionais de muita fragilidade egóica, fazendo-se prioritário o acompanhamento individual.

Nesses casos, tenho procurado realizar um atendimento através da psicoterapia breve, de acordo com a definição de Fiorini: uma terapêutica que busca uma compreensão psicodinâmica dos determinantes atuais, embora não deixa de considerar os fatores históricos; que procura integrar nessa compreensão as condições de vida do paciente - tanto

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.93-6.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.117.

as relacionadas com seus vínculos afetivos como também as de ordem econômica - e que busca fortalecer as áreas do ego que se apresentam mais livres de conflito.<sup>16</sup>

Os ensinamentos de Knobel sobre as práticas em psicoterapias breves foram e são, também, outros elementos valiosos para a constituição dos fundamentos do meu trabalho de atendimento psicológico individual às gestantes. Knobel enfatiza a necessidade de um plano terapêutico com tempo e objetivos limitados, onde a elaboração é mais cognitiva: desenvolve-se a partir de um trabalho “*de captação e compreensão da realidade interna e sua confrontação com a realidade externa*”, através da mutação de informações falsas por informações verdadeiras<sup>17</sup>. Essas recomendações são perfeitamente aplicáveis para o atendimento às gestantes: os objetivos psicoterapêuticos se relacionam com o alívio das ansiedades específicas da gravidez e o trabalho de elaboração cognitiva é, também, bastante apropriado. E, quanto à duração, a minha opção tem sido por estendê-la desde a gravidez até o puerpério, com sessões semanais ou quinzenais, dependendo das condições emocionais e sociais da paciente sendo que, nos casos mais graves, deve-se proceder com mais de um atendimento semanal.

Em síntese, o atendimento psicológico às gestantes reúne espaços para a comunicação, o acolhimento e a compreensão das ansiedades e dos conflitos que a vinda de um filho pode trazer a uma mulher, em torno de objetivos pedagógicos e psicoterapêuticos. E, dentro dessa temática mais geral, vão surgindo as sutilezas do desejo, suas representações e transformações, rumo às possibilidades de integração e de criação.

---

<sup>16</sup> Hector Fiorini. *Teoria e técnica de psicoterapias*. 2.ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1978, p.23-6.

<sup>17</sup> Maurício Knobel (1986). *Psicoterapia breve*. São Paulo. E.P.U., 1986, p.57-8.

## **1.2. O atendimento aos casais grávidos**

Em 1991, em parceria com uma profissional da Fisioterapia, organizei no Centro Integral à Saúde da Mulher (CAISM), hospital do referido Departamento de Tocoginecologia, um programa voltado ao atendimento de casais (Programa de Preparação Psico-Corporal para o Parto e Maternidade/Paternidade).

Duas questões principais motivaram a criação desse Programa:

- a necessidade que se constatava, já há muito tempo, de se organizar um atendimento semanal mais intenso, desvinculado dos horários da consulta médica, de forma a viabilizar maior proximidade com as gestantes e, conseqüentemente, maior vínculo: podendo, assim, ser ampliado o campo de atuação e as possibilidades de um trabalho mais integrador;
- a necessidade de inclusão sistemática do companheiro da gestante nas atenções pré-natais, visto que a qualidade do relacionamento afetivo do casal sempre evidenciou-se como material emergente, básico e significativo no atendimento psicológico, sendo prioridade constante suas descrições, análises e interpretações durante o processo terapêutico e, também, durante os procedimentos preventivos.

Os vários profissionais que atuam nos Ambulatórios de Pré-Natal desse Centro, médicos e não-médicos, têm dedicado esforços e conseguido viabilizar procedimentos que contemplam uma visão biopsicossocial, tanto na consulta médica como nos grupos educativos e nos atendimentos individuais qualificados, o que tem auxiliado gestantes a ter

uma vivência mais tranqüila do parto e do puerpério.

No entanto, essa proposta de atendimentos aos casais foi elaborada com o objetivo de avançar mais nos sentidos acima enumerados e pode ser descrita, de maneira geral, através dos seguintes pontos:

- os casais inscritos no Programa de Preparação são constituídos por gestantes atendidas no Ambulatório de Pré-Natal Normal (P.N.N.), portanto gestantes, a princípio, sem patologias;
- as informações sobre esse Programa de Preparação são dadas às gestantes durante seus atendimentos no P.N.N. e, ao mostrarem-se interessadas em participar dele, são encaminhadas e orientadas sobre o seu funcionamento (dia, horário e local); inicia-se, assim, um atendimento complementar ao já oferecido durante as consultas rotineiras, com procedimentos psicológicos e fisioterápicos;
- são realizados grupos semanais para as gestantes, de duas horas, desvinculados dos horários de consulta médica, dentro de uma proposição de grupo aberto: ou seja, há uma variação de participantes que vão entrando conforme os encaminhamentos e que permanecem, ou não, até o parto;
- os procedimentos fisioterápicos e psicológicos acontecem em dois momentos separados, durante cerca de 60 minutos cada um deles e, na medida do possível, um profissional assiste ao trabalho do outro, buscando-se, assim, coerência quanto às informações e integração de idéias, respeitando-se, no entanto, as diferenças técnicas e metodológicas que desencadeiam intervenções de natureza diversa, que visam mais a complementação do que a uniformização;

- o treinamento fisioterápico é desenvolvido com tipos especiais de exercícios, técnicas de relaxamento e de respiração, e treino de expulsão para o parto;
- o atendimento psicológico é desenvolvido nos denominados grupos de reflexão, que visam propiciar a compreensão e o alívio das ansiedades relacionadas com a gravidez, parto e puerpério, assim como para promover a auto-observação e a manifestação de expectativas e fantasias em torno do ser mãe e do ser pai;
- a atenção especial ao parceiro inclui sua participação mensal nos grupos de reflexão e de fisioterapia abrindo-lhe, dessa maneira, um espaço em que ele possa expressar os afetos relacionados com a gravidez e com a função paterna, assim como ter acesso aos exercícios propostos para a gestante, habilitando-se em massagens aliviadoras de tensões e desconfortos físicos;
- além disso, aqueles que mostram interesse em acompanhar a mulher no parto, são atendidos em entrevistas de casais, quando procura-se detectar a existência de condições emocionais básicas para a concretização da situação almejada, assim como investe-se em um preparo para que essa participação tenha bons resultados e efetiva ajuda para a dupla.

O atendimento ao parceiro já vinha sendo oferecido no CAISM pelo Grupo de Parto Alternativo, programa que se iniciou em 1980<sup>18</sup>, mas que se destina somente àquelas gestantes que optam pelo parto na posição de cócoras. E, pela especificidade da oferta, a demanda constitui-se de pessoas com características sociais e culturais peculiares que, de

---

<sup>18</sup> Jorge Fernando Vilarino. *Estudo perinatal do parto em posição de cócoras na UNICAMP*. Campinas, 1989. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas]. p. 14.

forma bem geral, apresentam-se, em sua maioria, com instrução de nível superior<sup>19</sup>, além de se apresentarem, também, com uma postura, claramente observável, de contestação e renovação das representações acerca da maternidade e paternidade, e dos procedimentos médicos obstétricos mais comumente empregados.

A intenção, portanto, ao criar-se este outro Programa, foi a de oferecer atendimento aos parceiros, além da demanda constituída pela opção voltada ao parto de cócoras. Consolida-se, então, a formalização de mais um espaço que viabiliza não só a assistência à figura do homem na atenção à saúde reprodutiva, mas que também desperta a motivação para investigações e pesquisas na área, possibilitando a ampliação de identificações e de diagnósticos dos problemas e especificações da situação. E é exatamente nesse campo de ação que foram compilados os materiais clínicos<sup>20</sup> para esta investigação.

### **1.3. O atendimento aos casais grávidos adolescentes**

O campo clínico no qual a proposição deste trabalho foi inserida, ou seja, o atendimento aos parceiros, tem sido organizado também em uma tentativa de aplicá-lo aos casais compostos por gestantes adolescentes. E este estudo contemplou uma análise a esse grupo também.

As gestantes adolescentes, até dezessete anos, são atendidas no Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes (P.N.A) do CAISM, em um programa elaborado e desenvolvido

---

<sup>19</sup> Hugo Sabatino *et. al.*, *op. cit.*, p.216.

<sup>20</sup> Em Psicologia e em Saúde Mental é usado o termo "material clínico" para todo o material psicológico que advém da prática clínica.

tendo em vista as especificidades da problemática que permeia a gravidez na adolescência.<sup>21</sup>

Este Programa foi criado em 1978 e, desde então, venho atuando nesta área e dedicando-me, também, às investigações sobre o psiquismo da adolescente grávida, tendo desenvolvido minha dissertação de mestrado<sup>22</sup>, precisamente sobre este tema.

Faz parte deste Programa uma equipe multiprofissional que se organiza tendo como base o objetivo geral que é oferecer uma atenção especializada à saúde reprodutiva da adolescente, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, com atendimentos nas áreas médica, psicológica, do serviço social, da fisioterapia e da enfermagem.

Os objetivos específicos do P.N.A. são delineados nos termos subseqüentes:

- ◆ oferecer atendimento médico especializado e multiprofissional às adolescentes, durante o ciclo grávido puerperal;
- ◆ transmitir conhecimentos sobre anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores, ciclo grávido-puerperal, métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis, cuidados com o bebê e amamentação;
- ◆ pôr em prática, constantemente, nos diversos momentos da rotina do atendimento, uma postura de observação e acolhimento das ansiedades para aliviá-las e para facilitar a incorporação das mensagens educativas e terapêuticas;

---

<sup>21</sup> O critério de escolha do limite etário superior para a inclusão da adolescente no Programa foi determinado, não pelas definições sobre o período da adolescência que, em geral, ampliam este limite para além dos dezessete anos, mas por uma questão prática levantada em uma experiência inicial que demonstrou uma demanda com um alto percentual de gestantes com dezoito anos, entre as quais observava-se uma situação de melhor estabilidade, do que entre as mais jovens. Portanto, incluir gestantes de dezoito anos significava ter um número bem maior de adolescentes no Programa, o que exigiria um tempo maior para os atendimentos, dificultando a promoção das atenções especiais voltadas para as problemáticas mais urgentes e mais críticas que as de idades menores podem apresentar.

<sup>22</sup> Regina Sarmiento. *Gravidez na adolescência: amor, busca, desencontro?* Campinas, 1990. [Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas].

- ◆ ajudar na conscientização corporal;
- ◆ refletir sobre sexualidade e maternidade/paternidade, dando ênfase às mudanças emocionais e sociais decorrentes da gravidez;
- ◆ refletir sobre relação familiar e relação com o parceiro.

Esses objetivos são atingidos através da organização de vários procedimentos - como a entrevista inicial de caso novo, consultas médicas, grupos educativos, atendimentos individuais especializados - cuja representação gráfica encontra-se no fluxograma apresentado em anexo, na p.249.

Dentre os procedimentos compreendidos nessa organização faço um destaque para a entrevista inicial por tratar-se do espaço onde foram selecionados os casais deste estudo.

A entrevista inicial é realizada pelos profissionais da Psicologia e do Serviço Social e visa, prioritariamente, o estabelecimento de um vínculo positivo com a paciente, através da demonstração de apoio e compreensão. Além disso, são dadas algumas informações acerca do funcionamento do Pré-Natal e investigados os principais acontecimentos decorrentes da gravidez. Utiliza-se um questionário onde está enumerada uma seqüência de temas associados à relação familiar, relação com o parceiro, sexualidade, planejamento da gravidez, reações emocionais e sociais frente à gravidez e antecedentes gestacionais (quando existirem).

Considera-se importante que o entrevistador não se prenda ao questionário e que nem tampouco siga estritamente a sua seqüência. As perguntas devem se feitas no momento adequado, de acordo com a evolução do diálogo entre entrevistador e entrevistado.

A entrevista inicial também pode constituir-se em um momento propício para detectar-se problemas psicológicos e/ou sociais mais graves, configurando-se, assim, a necessidade de interferências especiais. Em tais casos são realizadas outras entrevistas complementares com o sentido de se obter um melhor diagnóstico da situação e, conseqüentemente, definir estratégias de acompanhamento individualizado.

Cabe ressaltar, ainda, que na primeira entrevista reserva-se um espaço para a preparação para o exame ginecológico, pois a prática tem nos mostrado que muitas adolescentes ficam bastante ansiosas ao passarem por essa experiência na consulta médica.

Foi no âmbito desta entrevista inicial que comecei a atender também o parceiro da adolescente, motivada, principalmente, pelos bons resultados observados na experiência com o Programa de Preparação Psico-Corporal, do P.N.N.

O atendimento ao parceiro da gestante adolescente já acontecia ocasionalmente por solicitação dos próprios casais. A partir de 1995, passei a fazê-lo sistematicamente nas entrevistas iniciais de casos novos - estando o parceiro presente - e, quando possível, nos acompanhamentos psicológicos. Assim, ao ampliar-se essa outra fonte de comunicação, eleva-se a compreensão de muitos dos acontecimentos emocionais ocorridos em decorrência da gravidez - tanto externamente como internamente - sempre viabilizando-se este atendimento a partir de uma avaliação prévia com a própria adolescente e sua concordância manifesta.

O atendimento ao parceiro no Pré-Natal de Adolescentes ocorre nos mesmos dias das consultas médicas e não há, portanto, um programa paralelo como o que tem acontecido com os casais do Programa de Preparação Psico-corporal. Mas já é bastante notável uma

sensibilização de toda a equipe para a importância de incluí-lo, cada vez mais, nos vários momentos do atendimento e como esta disponibilidade abre possibilidade para que ele possa manifestar-se e sentir que está sendo considerado e valorizado.

Quanto ao ingresso do parceiro da adolescente no Centro Obstétrico na hora do parto não temos ainda um protocolo formalizado e a equipe tem procedido com cautela, esperando conhecê-lo um pouco melhor podendo, assim, avaliar mais claramente as suas condições emocionais para isso.

#### **1.4. Os esboços desta investigação**

No decorrer dessa experiência de atendimento aos casais, fui apreendendo da fala do homem que espera um filho uma grande necessidade de expressar seus sentimentos: medos, preocupações e alegrias frente à perspectiva de tornar-se pai. Os depoimentos revelavam-me um estado emocional especial que parecia constituir-se em um período de transição evolutiva, com ansiedades específicas, de certa forma semelhantes àquelas encontradas nas mulheres grávidas.

As disposições em ouvir o futuro pai foram aumentando cada vez mais e, conseqüentemente, o interesse em buscar bases teóricas que pudessem estruturar um possível trabalho acadêmico, assim como pequenas iniciativas de investigação mais sistemática para caracterizações gerais dos grupos a serem estudados.

Em abril de 1995, participei do *III Congresso Latino-Americano de Ciências*

*Sociais e Medicina*, em Atibaia, São Paulo, onde reuniram-se profissionais de várias áreas, seguindo-se uma metodologia de discussões em grupo sobre doze temas selecionados previamente. Minha opção foi o tema "O papel do homem na saúde reprodutiva" e refiro-me a essa experiência pois resultou em valiosa oportunidade quando pude perceber novos elementos para a análise do assunto.

A participação nesse grupo de discussão trouxe - e acredito que para a grande maioria dos que o integraram - uma vivência além do interesse intelectual: configurou-se, claramente, uma necessidade existencial de construir um conhecimento e novas atitudes sobre o assunto.

Um dos eixos para as discussões foi o conceito de saúde reprodutiva, proposto pela Organização Mundial de Saúde e comentado por Fathalla. Este conceito foi elaborado a partir da definição de saúde em geral, à qual acrescenta-se, além do bem-estar físico, mental e social, o seguinte: que as pessoas tenham a capacidade de reproduzir-se, assim como de regular a sua fertilidade; que as mulheres possam ter gestações e partos seguros; que a gravidez tenha sucesso em termos da saúde da mãe e do recém-nascido; e que as pessoas possam ter relações sexuais prazerosas, sem riscos de enfermidades e com condições de evitar gravidez não desejada.<sup>23</sup>

Há, portanto, referência especial ao direito de se ter condições necessárias para a decisão de cada um sobre sua fertilidade, além do reconhecimento do exercício da sexualidade como fonte de prazer e não como meio de destruição.

Além desta definição, recorreu-se também, nas considerações conceituais, a uma

---

<sup>23</sup> M.F. Fathalla (1992). Reproductive health in the world: two decades of progress and the challenge ahead. In: J. Khanna; P.F.A. Van Look; P.D. Griffin (ed.). *Reproductive health: A key to a brighter future*. Geneva, World Health Organization, 1992. p.3. (Biennial Report 1990-1991. Special Anniversary Issue).

outra definição cuja formulação compreende o seguinte:

*"A saúde reprodutiva é um processo complexo de dimensões biológicas, sociais, psicológicas e culturais inter-relacionadas, que direta ou indiretamente estão ligadas à procriação. Em um sentido amplo e integral, compreende as condutas e acontecimentos relacionados ao cortejo, à relação sexual, à formação do casal, às expectativas e ideais frente à família e filhos, o planejamento de seu número e espaçamento, o uso de métodos anticonceptivos, as atitudes e o relacionamento do casal durante a gravidez, a participação no cuidado e criação dos filhos e o apoio econômico, educativo e emocional frente a eles".<sup>24</sup>*

Nesta outra definição, o conceito se amplia ainda mais e já aparecem referências à formação do casal e ao seu relacionamento no transcurso da gravidez, trazendo à discussão novos elementos e configurando uma dimensão mais complexa para o tema.

Dessa maneira, a partir das conceituações aceitas, o grupo é impulsionado a reconhecer os desdobramentos diversos contidos na análise do tema e encaminha-se no sentido de assumir uma atitude interessada e bastante persistente durante a execução das tarefas de refletir e elaborar propostas. Foram três dias seguidos de discussões inteligentes e cheias de ânimos, resultando em um trabalho muito profícuo. Algumas anotações feitas durante minha participação nesse grupo são aqui transcritas por reunirem idéias e questionamentos importantes que serviram de base para esta tese:

---

<sup>24</sup> Juan Guillermo Figueroa Perea & Eduardo Liendo Zignoni (1995). La presencia del varón en la salud reproductiva. In: Ellen Hardy, Maria José Duarte, Evely Rodrigues Crespo (ed.). *Ciências Sociais e Medicina. Atualidades e perspectivas latino-americanas*, Campinas, SP, CEMICAMP, 1995, p.200, (tradução da autora).

- um dos fatores primordiais para as características da vida reprodutiva de um casal é a formação dos gêneros masculino e feminino;
- entendeu-se como gênero tudo aquilo que se refere não somente ao biológico, mas também aquilo que se constrói sobre um corpo sexuado produzindo condutas, expectativas, formas de afetividade, modos de pensamento e papéis: características atribuídas pelas estruturas sociais aos homens e às mulheres, como próprios ao caráter masculino e feminino;
- a sociedade, ao estabelecer o que é próprio para o homem e para a mulher, cria estereótipos masculinos e femininos e fixa um tipo de inter-relação baseada no exercício de poderes, resultando em desigualdades, opressões e distanciamentos;
- o ideário feminista teve grandes méritos ao denunciar restrições impostas à mulher nas relações afetivas e sociais, mas, em algumas de suas formas, provocou reduções ao conferir imagens estanques de opressor e de vítima, para o homem e para a mulher, respectivamente;
- algumas outras idéias, mais difundidas atualmente, trazem questionamentos importantes que conduzem a formulações mais sábias, quando homem e mulher podem, igualmente, ser compreendidos em suas fragilidades, defesas, imposições mútuas de poderes e possibilidades de reformulações na parceria sexual;
- existe uma política de exclusão da figura masculina do processo reprodutivo determinada, principalmente, por um protótipo cultural que aliena o homem da função paterna e por uma postura da equipe de saúde que não valoriza atendê-lo; antes mesmo, chega a considerá-lo um estorvo;

- o homem é, assim, colocado numa posição marginal, tanto nos programas de atenção à saúde como nos projetos de investigação, resultando em dificuldades concretas de compreensão de sua dinâmica psíquica, no processo de procriação, e de suas interações sociais;
- a reflexão sobre os direitos do homem no espaço reprodutivo configurou-se como uma das mais polêmicas, tendo surgido muitas dificuldades e dúvidas na identificação desses direitos como, por exemplo: tendo-se em vista o fato de que uma gravidez acontece no corpo da mulher, que significações podem existir para o homem passar pela situação de aborto quando ele deseja um filho e a mulher opta pela interrupção da gravidez;
- concluiu-se que se faz necessária, de forma geral, uma reconstrução da relação homem-mulher e, em específico, da relação na reprodução, destacando-se a importância de se assegurar aos homens, como ponto de partida, a possibilidade de falarem de si mesmos e de serem chamados a participar do atendimento à saúde reprodutiva; eles devem ser incluídos na escolha anticoncepcional, nos programas de educação sexual e nos acompanhamentos de pré-natal, visando-se propostas reformuladoras e meios para organizar-se espaços apropriados às investigações de problemáticas masculinas.

Todas essas questões provocaram-me um vórtice de idéias e foram coligidas com a intenção de reunir elementos para compor uma estruturação mais organizada e formal do pensamento, e algumas delas serão retomadas adiante, dentro do referencial teórico escolhido e da discussão dos resultados.

Posteriormente, em junho de 1995, apresentei na *XIV Reunion de la Asociacion Latinoamericana de Investigaciones en Reproduccion Humana*, em Santo Domingo, República Dominicana, um trabalho com o objetivo de dar a conhecer alguns dados qualitativos preliminares levantados na experiência do CAISM, com o Programa de Preparação Psico-Corporal para o Parto e Maternidade/Paternidade. Pontuei parte dos conteúdos manifestos, presentes na fala de alguns homens, sobre suas expectativas frente à paternidade durante a gestação de sua mulher. O material foi colhido durante sessões de grupos de casais onde temas geradores principais centravam-se em: os desejos e os sentidos de "ser mãe" e de "ser pai"; as principais vivências desencadeadas no reconhecimento dos novos papéis; a inserção afetiva do homem na gestação; e a ausência e a presença masculina no espaço doméstico, principalmente em relação à educação dos filhos.

Dentre os resultados destacou-se:

- as gestações, embora muitas vezes não planejadas, passavam a ser aceitas;
- em termos evolutivos, a grande maioria dos homens fez referência ao surgimento dos desejos de ser pai somente na fase adulta, diferentemente das mulheres que, em grande parte, comunicou vivenciá-los desde a infância;
- foram observadas, entre os homens, ansiedades muito semelhantes às das mulheres, principalmente relacionadas com as preocupações frente às responsabilidades; também, relatos sobre o aparecimento de sintomas como: vômitos, enjôos, "desejos por certos alimentos", aumento de apetite, etc;
- as influências culturais na educação eram refletidas e percebidas como determinantes de diferenças entre os papéis de gênero, resultando em alienação

do homem no processo reprodutivo.

Nas conclusões do trabalho, enfatizou-se a importância da participação dos parceiros nos atendimentos do Pré-Natal, pois a experiência tem demonstrado validade quanto a:

- sensibilização de alguns profissionais para a inclusão da figura masculina no atendimento à saúde reprodutiva, embora observe-se ainda muitas resistências;
- sensibilização do homem ao desvelar suas emoções, conseguindo expressá-las;
- reconhecimento de uma fenomenologia própria ao homem que espera um filho;
- percepção de elementos que possibilitam viver-se a gestação e o parto, distintamente da "forma tradicional", reconstruindo-se os papéis de gênero no contexto das relações homem-mulher e nos cuidados e educação de filhos.

Finalmente, julguei também importante apresentar os resultados de um levantamento prévio, feito entre 1995 e 1996, sobre algumas características dos casais nos Ambulatórios de Pré-Natal, onde pretendia-se selecionar os casos a serem entrevistados para este estudo.

Antes de iniciar esta investigação, propriamente dita, organizei um instrumento para coleta de alguns dados gerais. Tratou-se de um breve questionário com poucas perguntas e que visava ter informações mais sistemáticas sobre a presença dos parceiros nesses Ambulatórios, assim como identificar mais claramente a faixa etária deles no grupo de adolescentes.

Esses dados foram levantados na primeira consulta das gestantes aos Pré-Natais, com a colaboração de outras psicólogas<sup>25</sup>, e estão num trabalho que se pretende publicar

---

<sup>25</sup> Colaboram nesse levantamento as psicólogas Olívia J.B.A. Batistella Pereira, Leticia Neubern e Patrícia Simões Santana.

futuramente. São dados quantitativos, descritos aqui sumariamente, como uma contribuição a mais para a reflexão sobre o tema. Foram entrevistadas noventa e duas gestantes do Pré-Natal Normal e oitenta gestantes do Pré-Natal de Adolescentes e a observação dos dados demonstrou, principalmente, o seguinte:

- a percentagem de gestantes adolescentes solteiras foi maior (52,5%) em comparação com as não-adolescentes (20,6%), mas é interessante ressaltar que, tanto num grupo como noutro, houve gestantes solteiras que afirmaram que estavam com o pai do bebê e as manifestações de grande parte delas foi no sentido de que pretendiam se casar ou “morar junto”;
- as adolescentes foram mais freqüentemente acompanhadas por suas mães (32,5%), na primeira consulta, do que por seus parceiros (11,2%), diferentemente das não-adolescentes; observou-se claramente essa inversão, ou seja, neste último grupo houve maior percentagem de gestantes acompanhadas por seus parceiros (29,3%) do que por suas mães (4,4%);
- os maiores percentuais das faixas etárias dos parceiros das adolescentes foram entre **20 a 24 anos** (35,0%) e entre **18 a 19 anos** (22,5%);
- as demais faixas etárias observadas entre os parceiros das adolescentes foram de **25 a 29 anos** (13,7%), de **16 a 17 anos** (11,3%), de **14 a 15 anos** (2,5%) e de **30 a 34 anos** (2,5%);
- a idade do parceiro foi uma informação ignorada por 12,5% das adolescentes entrevistadas.

### **1.5. Considerações adicionais**

Esses trabalhos iniciais sinalizaram elementos indicadores de uma variedade de temas e de técnicas para investigações que poderiam objetivar desde análises mais abrangentes (avaliações de programas assistenciais e educativos, quantificação de dados classificatórios, estudos epidemiológicos, etc) até análises mais introspectivas, circunscritas à busca de motivos internos individuais. E foi nesta segunda opção que marquei a posição deste trabalho.

A presente investigação encaminhou-se, portanto, com a inclusão de gestantes adolescentes e de gestantes não-adolescentes sem, contudo, constituir-se em um estudo de caráter comparativo dessas duas faixas etárias. O método de trabalho foi organizado no sentido de se analisar as especificidades no contexto das histórias de vida recolhidas; sem partir, portanto, de formulações hipotéticas e de objetivos voltados à busca de comprovações quantitativas.

Evidentemente, compartilho das preocupações voltadas aos vários problemas que permeiam a gravidez na adolescência e que fazem de suas vicissitudes acontecimentos especiais. Temos trabalhado no Departamento de Tocoginecologia, da UNICAMP, com procedimentos específicos à gestante adolescente, conforme já descrito, e acreditamos nisto como fundamental para acolher as reais necessidades próprias da demanda. Temos reconhecido os impasses psicológicos e sociais que, embora sem categorizá-los como disposições gerais, são assinalados como evidentes desajustes à condição de procriação, em

determinados casos, inclusive em seus aspectos físicos<sup>26</sup>. Ou, ainda, destaca-se a importância de se manter a inquietação frente à multigravidez na adolescência: uma outra situação preocupante que, comprovada e destacada em estudo, remete-nos para a discussão da sua prevenção, principalmente considerando-se os problemas que podem decorrer dela<sup>27</sup>.

No entanto, no presente trabalho, a temática da gravidez na adolescência não é analisada isoladamente, mas no contexto da dinâmica do casal; além de manifestar-se, também, em uma intenção de reflexão, pelo menos inicial, sobre a paternidade na adolescência - mas sempre dentro de uma proposta de pesquisa qualitativa.

O principal intuito deste trabalho, portanto, foi observar e descrever anseios, sentimentos e preocupações de pessoas diante das expectativas de tornar-se pai, de tornar-se mãe - como material a ser analisado à luz da organização de uma teoria - sem dimensionar-se em busca de generalizações.

Vale ainda ressaltar, neste capítulo introdutório, que há um questionamento no sentido de que os parceiros acompanhantes de suas mulheres, na experiência do CAISM, provavelmente possuem motivações especiais que os levam a compartilhar mais afetivamente a gestação e que seriam minoria entre os homens. No entanto, como pôde ser demonstrado na quantificação desses dados, reunidos no trabalho acima mencionado, o número de parceiros que acompanham suas mulheres às consultas de pré-natal não é tão pequeno assim. Além disso, acredito que muitos deles estão mais próximos de nós do que pensamos e que apareceriam em maior frequência se abrissemos, cada vez mais, os espaços para acolhê-los.

---

<sup>26</sup> João Luiz Pinto e Silva & Regina C. Sarmiento (1988). Gravidez. In: Comissão de Saúde do Adolescente. *Adolescência e saúde*. São Paulo. Paris Editorial, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 1988, p.131-42.

<sup>27</sup> João Luiz Pinto e Silva & Clarissa W. M. Nogueira. A multigravidez na adolescência. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, 8:247-51, 1986.

Há também um outro questionamento, que já me foi dirigido, que se refere à validade de estudos direcionados para situações que são percebidas, pelo menos à primeira vista, como normais: ou seja, essas motivações especiais inferidas a esses parceiros que acompanham suas mulheres aos pré-natais estariam expressando configurações emocionais mais equilibradas e estáveis na dupla. Haveria, portanto, outras necessidades mais prementes relacionadas com estados mais confusos e mais desordenados, observados em outras gestantes e que justificariam mais fortemente a importância de uma investigação.

Penso que, realmente, o fato do homem acompanhar sua mulher ao pré-natal pode significar um indicador da melhor qualidade de relacionamento afetivo entre eles, ou, pelo menos, uma demonstração de busca de melhora. Mas, quanto à validade de se estudar aspectos aparentemente mais normais, reporto-me ao psicanalista Bruno Bettelheim que, em um dos seus escritos, critica a pouca atenção dada às forças positivas da vida. E, embora Bettelheim ressalte que o conhecimento psicanalítico originou-se de uma prática clínica de observação de manifestações patológicas, e de que a exposição dos aspectos positivos pode constituir-se em artifício para se evitar entrar em contato com o desagradável, ele considera que a concentração no que é mau e em sua correção pode levar a uma *"teoria segundo a qual a supressão do mórbido, não a sua ausência, passa a ser a norma de uma personalidade saudável"*.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Bruno Bettelheim. *O coração informado: autonomia na era da massificação*. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.28.

*"Preferir a compensação da patologia à normalidade (similarmente à posição religiosa de que o céu se rejubila mais por um pecador arrependido do que por um homem justo) é uma posição moral perigosa, tanto em psicoterapia quanto na sociedade. Enfatiza o trágico e o espetacular e desdenha o sal da terra - aquilo que constitui a felicidade comum e a boa vida -, ou seja, levar uma vida saudável e relativamente feliz com a família e os amigos. É uma filosofia que, ao centrar seu interesse nos instintos destrutivos, ao fascinar-se com a patologia, termina (sem realmente ter a intenção de fazê-lo) por relegar a vida a segundo plano."*<sup>29</sup>

Ou ainda, evoco Gaston Bachelard que, ao expor também suas reservas à Psicanálise quando ela só se ocupa do obscuro e tenebroso, numa apreciação ao que ele denomina de psicologia do maravilhamento *"para sutillar nossas investigações"*, defende a alegria de falar como imagem poética que dá luz à consciência e remete-nos a uma conquista positiva da palavra.<sup>30</sup>

*"Se dêssemos ouvidos ao psicanalista, definiríamos a poesia como um majestoso Lapsos da Palavra. Mas o homem não se engana ao exaltar-se. A poesia é um dos destinos da palavra. Tentando sutillar a tomada de consciência da linguagem ao nível dos poemas, chegamos à impressão de que tocamos o homem da palavra nova, de uma palavra que não se limita a exprimir idéias ou sensações, mas que tenta ter um futuro. Dir-se-ia que a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem."*<sup>31</sup>

<sup>29</sup> *Loc. cit.*

<sup>30</sup> Gaston G. Bachelard (1960). *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p.3.

<sup>31</sup> *Loc. cit.*

## 2. MATERNIDADE E PATERNIDADE: ENTRE DESEJOS E SONHOS DE CRIAÇÃO

*...mas a mulher não é mais a dominada ou o dócil animalzinho.  
Ela é nostálgica e desperta como o homem,  
e é como se os dois tivessem sido feitos juntos  
para procurarem ambos por suas almas.  
O ser humano, que à noite se levanta  
e suavemente se dirige ao outro,  
é como um desenterrador de tesouros  
que quer encontrar a grande e tão necessária  
felicidade na encruzilhada do sexo.”*

Rilke<sup>1</sup>

Segundo o mito da origem dos seres humanos e do amor, narrado no Banquete de Platão, existia uma natureza humana, de outrora, constituída por três sexos humanos: o masculino, o feminino e o andrógino (formado pelo feminino e pelo masculino). Esses seres possuíam quatro braços e quatro pernas, uma só cabeça com dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas e dois órgãos de reprodução. O masculino era descendente de Hélios (Sol), o feminino de Géia (Terra) e o andrógino de Selene (Lua). Seus corpos eram esféricos em sua forma e em sua movimentação: eram robustos, vigorosos e corajosos; tão corajosos que resolveram escalar até o céu e atingir as instâncias divinas, e igualar-se aos deuses. Zeus e as demais divindades enfureceram-se com tamanha ousadia e resolveram, então, punir esses seres, e assim procederam: dividiram esses seres ao meio como cortam-se

---

<sup>1</sup> Rainer Maria Rilke (1902). *Rodin*. 2.ed. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p.52.

as frutas, curaram suas feridas, viraram seus rostos e costuraram suas peles deixando uma pequena cavidade - o umbigo - para memória do castigo.<sup>2</sup> Assim, seccionada a natureza humana, esses seres repartidos passaram a buscar, incessantemente, a metade perdida e o retorno à união, que poderia trazer de volta a completude narcísica.

Somos, portanto, humanos desejanter, seres que habitam corpos por onde pulsam ideais de Integridade, de Totalidade, de Re-união, de Retorno: corpos por onde percorrem desejos de Amor. E é Diotima quem diz: buscamos amar, procuramos nossa outra metade mas desde que seja para encontrar o que é bom e belo, desde que seja para criar a beleza segundo o corpo e segundo o espírito - a busca de um certa beleza que, momentânea, acontece na esperança de desvelar um meio de imortalizar-se - puro desejo que nos atinge em certa idade e que nos impele a que procriemos: algo imortal entre mortais, algo que nos faz perdurar, que nos faz continuar.<sup>3</sup>

E, na interioridade dos corpos, as pequenas unidades vivas, ativas e independentes, encontram-se e encenam a concepção. Uma, correndo contra todos os obstáculos em linha progressiva, sem saber onde é que vai dar; outra, em sua existência circular, na espera das inúmeras possibilidades que o mundo exterior venha lhe oferecer.

O princípio feminino e o princípio masculino comportam-se como em antigas eras. Ela, senhora de seu castelo e de seu domínio; ele, como um viajante, percorrendo caminhos e desejando conquistar "*o ideal necessário de uma beleza última*", que parece fugir diante de si, como a "*inacessível distância, o horizonte em que se confundem o céu e a terra.*"<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Platão (ca 384 a.C.). Banquete. In: \_\_\_\_\_, *Diálogos*, 19.ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996, p.95-6. (Coleção Clássicos de bolso).

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.111-2.

<sup>4</sup> Lou Andreas-Salomé (1900). *Eros*. Lisboa, Relógio D'água, [s.d.], p.8.

No encontro dos sexos, dois mundos autônomos e antagônicos, em essência, confrontam-se e complementam-se, e em virtude mesmo dessa diferença, criam um terceiro mundo de extrema complexidade, que os transforma para sempre e os coloca em eterno elo espiritual.

A mulher, pelas determinações fisiológicas, vive bem mais diretamente a existência de seu corpo e abrigará o fruto humano. O homem dela se aproxima ou distancia-se, às vezes numa insegurança quanto aos desejos que sua figura lhe inspira, às vezes num confronto com os jogos simbólicos que ela representa:

*"... ela surge-lhe ao mesmo tempo como a criança para a qual ele se debruça, do alto de sua superioridade, e por isso como a inocência, a inconsciência, o humor brincalhão, a despreocupação e o encanto, mas também como a grande Mãe de toda a vida, no seio da qual ele desejaria mergulhar a cabeça, porque a amplitude e bondade do seu ser apaziguam todos os conflitos, todas as asperezas, todas as dissonâncias de sua vida masculina".<sup>5</sup>*

Os dois pequenos entes celulares unem-se ao sabor dos desejos, dos misteriosos desejos das profundezas vitais, acontecendo igualmente como há milhares e milhares de anos, desde o princípio, seja lá onde esse princípio estiver.

No entanto, o conhecimento das bases fisiológicas desse encontro parece ter uma data determinada. Conforme os ditos em estudos antropológicos, os povos primitivos ignoravam a participação masculina na fisiologia da reprodução. Somente há seis ou sete milênios anteriores à era cristã, no período neolítico, é que os humanos, ao colocarem os

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.31.

animais em cativeiro, observaram que as fêmeas não se reproduziam sem a presença dos machos, e assim descobriram a relação do ato sexual com a procriação. Antes pensava-se que as mulheres eram fecundadas por entidades cósmicas - idéias que chegaram a perdurar até o nosso século entre alguns povos primitivos.<sup>6</sup>

Esta assertiva aparece, também, em um dos estudos de Malinowski, quando ele se refere a povos primitivos que, ainda neste século, ignoravam a participação fisiológica do homem no processo de gerar uma nova pessoa. Para esses povos, o processo de introduzir novos seres no mundo seria decorrente da comunhão do universo espiritual com o organismo feminino: os espíritos depositam uma criança-espírito na cabeça da mãe, entre os seus cabelos, e depois, aos poucos, a nova entidade vai descendo pelo seu corpo e fixa-se em seu ventre.<sup>7</sup>

A representação simbólica deste mito da concepção espiritual, insere-se perfeitamente no processo de procriação de um filho, visto que, realmente, o filho surge primeiro como uma idéia e, portanto, começa na cabeça, nos pensamentos.

Porém, o que mais poderiam simbolizar essas entidades espirituais para os povos primitivos? O que esses costumes poderiam nos revelar? Talvez já estivessem no âmago dessas idéias as percepções inconscientes dos poderes mágicos de um deus-homem portador de assombrosas partículas germinativas, além de uma vaga sensação de existirem magias na deusa-mulher que a tornam capaz de atrair as divindades circundantes.

Desses relatos mitológicos e antropológicos depreende-se, também, um estado

---

<sup>6</sup> Sigmund Freud (1913[1912-13] ). Totem e tabu. In:\_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.13, p.121-2. Jacques Dupuis (1987). *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo, Martins Fontes. 1989, p.3-9. Evelyne Sullerot (1992). *Que pais? Que filhos?* Lisboa, Relógio D'água, 1993, p.25-6.

<sup>7</sup> Bronislaw Malinowski (1929). *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. p.193.

materno sempre em concretude existencial, em contraposição com um estado paterno sempre em busca de existir: conformação do passado que se faz presente pela própria natureza dos corpos e ainda pela própria consolidação das idéias e dos costumes.

A mulher, em conformidade com os ditames do natural e do construído, cria os filhos, educa-os, emoldura os quadros do campo doméstico e intui o outro lado que lhe faz ronda.

O homem cria espaços, constrói pontes, sonda e penetra o outro lado que o espera. E ao olhar minuciosamente este outro lado tentando conhecê-lo, parece que se esquece de si mesmo, exclui-se do cenário, não escuta sua própria mensagem interior na partilha da fertilização.

Os homens, colocados em segundo plano, vivem a paternidade de forma dissociada. Há o desaparecimento da parte simbólica do desejo masculino na sua fala de amor. Ao ser reduzido ao esperma, o homem vê-se distanciado da causa procriadora e cortado de suas conseqüências potenciais na filiação. As alamedas do desejo inconsciente foram reduzidas ao silêncio e o erotismo ficou dissociado da paternidade. Configurou-se uma ausência da fala e das expressões simbólicas. E dessa forma, o erotismo e a fecundidade, como coisas delicadas que são, acabam sendo tratados de forma grosseira: apagam-se, extraviam-se, perdem-se em encontros secos e codificados.<sup>8</sup>

E assim, sendo o homem excluído das funções parentais, apesar de todo o destaque que o mundo masculino dá ao feminino nos conhecimentos e nas artes, para a sexualidade e para a maternidade, muitas conexões são ainda misteriosas e muitas espécies estão ainda por

---

<sup>8</sup> Marie-Magdeleine Chatel (1993). *Mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução*. Rio de Janeiro. Campo Matêmico, 1995. p.56-7.

se descobrir.

E afinal, entre felicidade e tormenta, nas mais intensas e profundas experiências de amor, fecundidade e criação, parece que o homem e a mulher estão destinados a *"permanecer eternamente estranhos um ao outro, permanecendo eternamente próximos"*.<sup>9</sup>

## 2.1. Gestar . . . "Maternar"

*"Vieram dúvidas, inseguranças, a grande impaciência da gestação, o medo de uma morte que chegasse cedo e a ameaça das necessidades diárias; mas já tudo isso acontecia dentro de si com uma confiança, e tudo isso era como bandeiras ainda não desdobradas de uma grande vitória."*

Rilke<sup>10</sup>

A gestação traz para a mulher grandes transformações em sua vida e em seu modo de ser. Essas mudanças são sustentadas por alterações orgânicas importantes mas, a despeito dos novos estados metabólicos, a recente disposição sensibiliza também mudanças psicológicas amplas e sutis. Logo após a concepção, a mulher começa a se orientar e a se preocupar com o que está ocorrendo dentro dela: *"De várias formas ela é encorajada por seu próprio corpo a ficar interessada em si própria."*<sup>11</sup> A experiência revela, portanto, que se opera

<sup>9</sup> Lou Andreas-Salomé, *op. cit.*, p.81.

<sup>10</sup> Rainer Maria Rilke, *op. cit.*, p.33.

<sup>11</sup> D.W. Winnicott (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: \_\_\_\_\_, *O ambiente e o processo de maturação*. 2.ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1988. p.51-2.

uma transformação no corpo e nos sentimentos da mulher que concebeu: a direção do seu interesse se transfere do exterior para o interior e ela acaba por acreditar que o centro do mundo está situado em seu ventre.<sup>12</sup>

Esse novo estado é permeado por sentimentos ambivalentes bastante perceptíveis. A mulher, no momento em que se torna receptáculo do fruto humano, oscila num ritmo de alegria e de aflição, de criatividade e de passividade, de coragem e de medo. Algo muito arcaico emerge através desses seus sentimentos ambivalentes como fonte da energia libidinal, onde mesclam-se elementos de outrora, de um longínquo tempo que a memória guarda.

O corpo feminino, tendo passado por sucessivos processos de transformações, carrega marcas atávicas e remanescentes dos desejos de vida e de morte, próprios do seu eu e advindos de outros objetos e, nos tempos da fértil andança, transbordam e mostram numerosas faces onde podem brilhar ou não os anseios revitalizadores.

O ser feminino traz em si uma outra pessoa que faz brotar de seu inconsciente sensações reprimidas, emoções viscerais que se acumulam em seu corpo desde a sua formação primordial.

Esse corpo - que agora deve "gestar" - penaliza e rejubila antecedentes primitivos originados de sua própria vida fetal, durante a qual os investimentos afetivos de seus pais determinaram, de forma mais ou menos intensa, deficiências vitais e sexuais.

A gestação é fonte, é momento de grande movimentação amorosa, quando partículas solidificam-se ou liqüefazem-se na ausência ou presença do calor. E a mulher, envolta em riscos, evoca proteção, fazendo emergir de seu âmago a sabedoria de perceber-

---

<sup>12</sup> *Idem* (1957). *A criança e o seu mundo*. 5.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.19-20.

se bela, mas também indefinida e limitada.

Ela necessita, mais do que nunca, de seu meio circundante, exatamente em um tempo onde vive a possibilidade de um estar em plenitude. Seus pais e seu parceiro amoroso são, sem dúvida, aqueles que poderão prover-lhe de elementos necessários para o seu fortalecimento. Como pondera Françoise Dolto, os verdadeiros traumatismos psicogênicos que afetam a mulher durante a gravidez são aqueles relacionados com a rejeição de sua pessoa consecutiva à sua gestação. As desaprovações da fertilidade por parte de seus pais e por parte do seu parceiro amoroso são particularmente lesivas para a mulher gestante e à criança em formação. Mas, sem dúvida, a rejeição mais grave é a do parceiro quando este não reconhece simbólica e legalmente a criança, excluindo-a do seu valor emocional<sup>13</sup>.

A mulher sofre com o afastamento do homem que escolheu para amar, necessitando desdobrar-se para dar acolhida ao bebê que virá e para dar conta da decepção que a surpreende. Mas, se o seu parceiro amoroso fica solidário e presente, os caminhos serão mais possivelmente suavizados e melhor fortalecidos, para bem acolherem o novo estado e o novo ser que se anuncia. Isto se constitui em elemento básico para o amor que se vai estabelecendo em relação ao filho, já durante a gravidez, e que se tornará fundamento, por sua vez, para a construção das próprias potencialidades amorosas do bebê.

Com os cuidados que ele recebe de sua mãe, como nos diz Winnicott, o bebê é capaz de ter uma existência pessoal e construir o que é chamado de “*continuidade do ser*”. Se o cuidado materno não for “*suficientemente bom*”, a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Françoise Dolto (1982). *Sexualidade feminina*. São Paulo, Martins Fontes, 1984, p.42.

<sup>14</sup> D.W. Winnicott. Teoria do relacionamento paterno-infantil. *op. cit.*, p.53.

As mães já começam a se identificar com seus bebês ainda em seus ventres, atingindo uma percepção muito sensível sobre o que eles necessitam: uma identificação que dura por algum tempo depois do parto, e que a torna capaz de prover quase exatamente o que o lactente necessita - aquilo a que Winnicott denominou de “*holding*”, isto é, provisão do ambiente.<sup>15</sup>

Um amor ligante e fértil que cria e procria o novo ser, a cada instante, em uma movimentação processual constante, assim como é enfatizado por Dolto: “...um amor antecipado à sua futura pessoa, em relação à qual projetam, independentemente do seu sexo, um êxito orgânico e social vindouro, como prolongamento da dupla linhagem, materna e paterna, de que ele proveio.”<sup>16</sup>

O destaque feito por Dolto em relação a que se aceite também o sexo do bebê, remete-nos à reflexão sobre o maior ou o menor valor que se dá aos universos feminino e masculino, emocionalmente ou socialmente, e sobre as situações extremas de rejeição total de um ou de outro. Algumas rejeições são iniciais e superadas a seguir, possibilitando reconciliações. No entanto, outras, arrastam-se em sucessivas repetições de desdenho, provocando sentimentos de inferioridade e de abandono que, dificilmente, poderão ser reorganizados.

Em especial à criança do sexo feminino, a depreciação à sua condição promove desde o início, uma auto-percepção de menos valia que distorce o curso natural de um estar no mundo, base para a formação de sua feminilidade.

---

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.52.

<sup>16</sup> Françoise Dolto. *Sexualidade feminina*, p.43.

*"Pode-se afirmar que o bebê - menina ao ser reconhecido como bom, belo e gracioso, já supera um risco quando encontra uma mãe plenamente satisfeita com sua maternidade, amada por seu cônjuge, feliz de encontrar no filho os traços de sua união com aquele."*<sup>17</sup>

E assim, a menina crescerá em meio às demandas de seu corpo e em meio àquilo que o ambiente social oferece-lhe como alternativas para a construção de sua identidade como mulher.

Nos diversos estágios da organização libidinal, principalmente em alguns momentos nodais destacados pela Psicanálise (relação mãe-bebê, complexo edípico, mudanças pubertárias), a menina vai introjetando e adquirindo sentimentos positivos para com os papéis sexuais de acordo com as relações objetais, onde prevalecem modelos de identificação mais amorosos, cuidadosos e capazes de fazer transbordar e dar a perceber a natureza das experiências sexuais e maternais como das mais prazerosas.

Por volta dos três aos quatro anos, meninos e meninas descobrem-se seres com corpos de anatomias diferentes, e a percepção gira em torno da ausência ou presença do falo. Segundo Freud, as crianças têm, inicialmente, a suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos, o que provocará no menino o medo de perdê-la ("complexo de castração") e na menina o desejo de ser também um menino ("inveja do pênis")<sup>18</sup>.

Para a Psicanálise, a "inveja do pênis" é elemento fundamental do processo dialético

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.45.

<sup>18</sup> Sigmund Freud (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.7. p.183. Posteriormente, na elaboração dos modos sucessivos de organização da libido, segundo a teoria freudiana, este período foi denominado de fase fálica, pelo primado do falo. J.Laplanche & J-B Pontalis (1967). *Verbetes "fase fálica"*, *Vocabulário da psicanálise*. 5.ed. Santos, Martins Fontes, 1979, p.238.

da sexualidade feminina, cabendo ressaltar que o seu sentido não é meramente anatômico, mas simbólico, na medida em que abriga as significações do órgão masculino criadas e vividas pelas pessoas na cultura em geral e na ordem da sociedade humana.<sup>19</sup>

Durante esse período, portanto, a menina parece desconhecer a geografia de seu próprio corpo: sente-se mutilada, alguma coisa falta-lhe e sua alma é invadida por uma sensação de vazio e de perda; e poderá assim viver por toda a sua existência - na insatisfação e na loucura de sentir-se "menor" - sem poder desfrutar da alegria que seus cantos lhe reservam.

Nessas horas, ao iniciar a percepção das diferenças sexuais, a menina necessita das palavras mágicas e amorosas que lhe são oferecidas pelas mulheres à sua volta, ao sinalizarem as possibilidades de prazer desses cantos. Para Dolto, numerosas observações deram-lhe a oportunidade de verificar o quanto são importantes essas positivas sinalizações do feminino por parte das mães e as respostas compatíveis com a verdade às indagações de suas filhas, desvelando assim os elementos para a superação da "inveja do pênis": a menina diz para si mesma que é feita como sua mãe e que também poderá gerar bebês<sup>20</sup>.

Mas antes desta possível elaboração, segundo a teoria freudiana, a menina, ao perceber-se sem um pênis, vivencia um afrouxamento da relação afetiva com o objeto materno: a mãe é quase sempre considerada responsável por ter enviado a filha ao mundo "tão insuficientemente aparelhada". E é neste momento, então, que a libido da menina desliza para uma nova posição. Assim, em nível de fantasias inconscientes, o desejo de ter um pênis é abandonado pela menina e em seu lugar é colocado o desejo de ter um filho, e "com esse

<sup>19</sup> Juliet Mitchel (1974). *Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e mulheres*. Belo Horizonte, Interlivros, 1979, p.18.

<sup>20</sup> Françoise Dolto, *Sexualidade feminina*, p.56.

*fim em vista, toma o pai como objeto de amor.*"<sup>21</sup>

A imagem do pai neste momento reveste-se de grande significação para a menina: ela o espreita, quer ser reconhecida por ele, quer confirmação se foi desejada e bem recebida como ser feminino, para então, orientando-se segundo a imagem da mãe - "sem pênis" - aceitar sua configuração anatômica com um profundo sentimento de gratidão às figuras parentais.<sup>22</sup>

O desejo de ter bebês é captado em meninas de tenra idade através das manifestações conscientes e das interpretações do conteúdo representativo do inconsciente. Melanie Klein afirmou que as meninas fantasiam que o corpo de sua mãe está cheio de bebês ali depositados pelo seu pai, e experimentam simbolicamente uma *"admiração para com o pai e seu órgãos sexuais como poder criador e fonte de vida"*.<sup>23</sup>

Segundo Klein, as atividades lúdicas da menina voltadas para sua boneca dão vazão a esse desejo e retratam, muitas vezes, uma dedicação bastante amorosa ao brinquedo-bebê tornando-o vivo e real, e muito querido. E é também através dessas brincadeiras que o desejo é apaziguado enquanto espera a sua concretização e são construídos alguns elementos para o exercício da maternidade: *"Tais desejos experimentados na infância persistem na idade adulta e contribuem gradualmente para a força do amor que a mulher grávida experimenta pela criança que se desenvolve em seu ventre, e depois pelo bebê que deu à luz."*<sup>24</sup>

Da satisfação parcial nas brincadeiras com a boneca, a mulher chega diante de seu

<sup>21</sup> Sigmund Freud (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988, v.19, p.283-4.

<sup>22</sup> Françoise Dolto, *Sexualidade feminina*, p.55.

<sup>23</sup> Melanie Klein (1937). Maternidade: ser mãe. In: Melanie Klein & Joan Riviere. *Amor, ódio e reparação*, 2.ed. São Paulo, Imago/USP, 1975, p.107.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.108.

bebê real, e pode sentir por ele, de forma profunda, a gratidão pela concretização de tê-lo finalmente. Esse sentimento de gratidão expressa-se nos cuidados ao bebê e na intensificação da capacidade de amar seu filho. O filho, portanto, traz à mãe a oportunidade de sentir o prazer do amor materno. Assim, proporcionar o seu desenvolvimento pode ser para a mãe uma vivência de grande satisfação *"intensificada por fantasias de fazer pela criança o que sua própria mãe fez por ela, ou o que gostaria que a mãe fizesse."*<sup>25</sup>

Para Dolto, também é ponto crucial na vida das meninas a descoberta do vínculo sexual que une a mãe ao pai ou as mulheres aos seus amantes. Percebendo isto elas param de investir unicamente na boneca e passam a valorizar os sentimentos e as emoções no relacionamento com os meninos. É preciso que a menina sinta, através do viver das pessoas que a cercam, que isto é bom e que traz felicidade. Não há educação formal, através das palavras, que consiga transmitir a sensação de que um homem e uma mulher podem viver uma relação prazerosa e verdadeira de amor.<sup>26</sup>

Além da infância, outras sucessivas experiências estarão reunindo, na paisagem da alma feminina, contornos de esperança e de desilusão que a levam a acreditar ou não, nas suas possibilidades de amar e de ser amada.

Na adolescência, do corpo em transformação brotam desejos, líquidos e sonhos e, entre ameaças e encantamentos, o ser mulher emerge, esforça-se por sustentar esperanças, desfaz-se de imagens, renasce do caos, desprende-se e liga-se, na espera dos acontecimentos que virão e que, na verdade, já tão próximos, evidenciam-se mansa e brutalmente. Empreende-se na busca do ser masculino, do grande amor que lhe trará a satisfação tão

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, p.110.

<sup>26</sup> Françoise Dolto (1982). *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984, p.209.

ansiada, que preencherá os vazios do seu corpo e que apascentará seu coração aflito trazendo-lhe de volta o "paraíso perdido". Mas o sentimento é de que tudo lhe parece efêmero, algo fugidivo que lhe escapa pelas mãos.

Quando se concretiza a maternidade, a mulher não consegue fluir naturalmente pois seu corpo já está repleto de emanações que são evidências de um meio em que interagem fatores culturais, econômicos e afetivos.

Do meio cultural advém, como já foi assinalado, um ideário onde as funções femininas são vistas como dolorosas, humilhantes e inferiores. No dizer de Marie Langer: *"... as meninas se educam no temor de sua feminilidade pelas queixas e temores que ouvem suas mães expressarem a respeito."*<sup>27</sup>

A ordem econômica também pode influenciar os matizes do desejo, enfraquecendo ou fortalecendo as disposições internas de acolhimento ao filho. A privação de bens materiais, levando a carências nutritivas, falta de experiências prazerosas de lazer e ausência de oportunidades para expressões de sentimentos estéticos, delineiam também instabilidades afetivas. Os viveres reduzem-se em buscas de objetos que possam suprir necessidades básicas e um desconforto generalizado impõe-se. Entre ameaças e poucas esperanças, a mulher mal sustenta seu "feto-bebê", que quase é despojado de toda sua potência real e simbólica.

Quanto ao campo afetivo, ainda é necessário ressaltar que durante a gravidez há a repetição de situações infantis, principalmente aquelas que estão inseridas nas vivências da relação primitiva com a mãe. Conforme destaca Raquel Soifer, a ambivalência da mulher gestante é fortemente determinada pelas intensas revivescências dos sentimentos de culpa

---

<sup>27</sup> Marie Langer (1951). *Maternidade e sexo*. 2.ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1986, p.192.

infantil que a mulher experimenta por ter, enquanto criança, fantasiado ataques à sua mãe e ter desejado ocupar o seu lugar. A gravidez pode significar, portanto, em nível inconsciente, a concretização dessa fantasia infantil e o filho real pode simbolizar a destruição de sua própria mãe<sup>28</sup>.

Essa ponderação remete-nos à angústia mais perturbadora da experiência de gestar e dar à luz a uma criança que é a angústia da morte. A concepção e o nascimento reacendem a lembrança da morte. Ao dar início a uma nova vida estabelece-se também o seu final. E, nesses primeiros tempos, são necessárias enérgicas preparações para a sobrevivência, visto que a fragilidade e a vulnerabilidade do bebê são reais<sup>29</sup>.

Reconhece-se, também, na etiologia da ambivalência, o medo da responsabilidade<sup>30</sup> e, a exclusão masculina das atividades domésticas e da educação dos filhos, contribuem ainda mais para a intensificação desse temor na medida em que a mulher pressente uma solidão nos cuidados que destinará ao filho.

As responsabilidades pela educação dos filhos tornam-se cada vez mais centralizadas na mulher, ainda mais considerando as mudanças atuais na composição familiar. Nas últimas décadas, a família tem se estruturado de forma nuclear - pai, mãe e filhos - diferentemente do que acontecia até pouco tempo atrás, quando faziam parte desse núcleo outras figuras como avós, tios e outros parentes que se integravam e compartilhavam das tarefas domésticas e dos cuidados às crianças; além de que, os maridos permaneciam mais no espaço doméstico e eram mais participantes, pois as solicitações externas eram bem

---

<sup>28</sup> Raquel Soifer, *op. cit.*, p.24.

<sup>29</sup> Isabel Menzies Lyth. Considerações sobre o papel materno na sociedade atual. *Revista do Centro de Estudos das Relações Mãe-Bebê-Família*, São Paulo, 1991. v.3. p. 68.

<sup>30</sup> Raquel Soifer, *op. cit.*, p.29.

menores.<sup>31</sup>

Apesar da redução do número de filhos e da participação feminina na força de trabalho remunerado, a mulher se vê sozinha para cuidar dos filhos tendo que assumir a responsabilidade quase que total no período em que permanece com eles e também frente às demandas de uma assistência educacional formal que se viabiliza, muitas vezes, em decorrência de suas iniciativas.<sup>32</sup>

Esta questão, evidentemente, deve ser analisada dentro do contexto sócio-econômico pois, em determinados grupos sociais, principalmente devido às dificuldades financeiras, observa-se que muitos casais, quando criam laços de matrimônio acabam indo morar com parentes, notavelmente os pais, e recebem, portanto, suas ajudas. No entanto, nos cuidados destinados às crianças, são as figuras femininas as que assumem as maiores responsabilidades.

A mulher fica, portanto, como ressalta Françoise Dolto, *"sendo considerada como a única encarregada das tarefas da educação - sustenta o desenvolvimento de seu filho, inicia-o nos perigos que o ameaçam e o orienta para a aquisição de um poder social."*<sup>33</sup>

Dessa maneira, a mulher é alvo de uma contradição dos tempos: se por um lado o seu corpo abriga uma opressão social geradora de sentimentos de baixa auto-estima, em paralelo, há uma supervalorização quanto às suas funções maternais a qual ela se alia para, de fato, ter pelo menos um espaço onde possa "reinar". Como consequência, o investimento em relação ao filho passa a ser tão intenso que ela se esquece da pessoa que, juntamente

---

<sup>31</sup> Nancy Chodorow (1978). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990, p.19.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>33</sup> Françoise Dolto. *No jogo do desejo*, p.199.

com ela, gerou esse filho: seu marido, seu namorado, enfim, seu parceiro amoroso.

As energias eróticas vão todas para o filho sendo que muitas mulheres colocam-se mais como mães do que como esposas, e orgulham-se disso. O uso do poder das mulheres junto aos filhos pode vir a significar uma compensação para os limites sociais que lhes são impostos, levando-as ao desejo de ser mãe antes de desejarem ser penetradas por um amante que as façam felizes. Assim, muitas vezes, as mulheres só são narcisadas pelo fato de serem mães. Elas têm sempre necessidade de ter um filho e negligenciam o marido. E os filhos tornam-se objetos passivos e exclusivos de uma mãe que valoriza o tempo todo sua dependência regressiva. Crescem, mas tornam-se seres dependentes, e não livres.<sup>34</sup>

Os caminhos tortuosos que afastam a mulher da sua verdadeira vocação amorosa para a maternidade dispõe, ou não, de retornos e ela - a mulher - abriga, profundamente, desejos de volta para retomar a possibilidade de um destino mais feliz para seus atos criadores. No exercício do ser mãe, entre amor e ódio, empreende-se em tentativas, erros e reparações. Às vezes, prevalecem o medo e o aniquilamento; às vezes, vence o ideal de beleza e alegria, na síntese da subjetividade com o meio exterior.

Assim, as vicissitudes da maternidade reproduzem situações diversas. E, embora existam inúmeras possibilidades de sobrevivência, que podem emergir até em momentos aparentemente tão caóticos - como testemunham, diariamente, a experiência de tantas mulheres, solitárias e carentes, que conseguem sobrepujar a inércia e os desmandos - podemos dizer, serenamente, que é muito bom que a gravidez se instale a partir de uma escolha vivificada na relação dos amantes: aquilo que, na ordem dos desejos, está expresso nas palavras sábias da psicanalista Dolto, que, ainda uma vez mais, busco referir:

---

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.207.

*"É do homem que obtém êxito em emocioná-la sexualmente que renasce na mulher, de uma outra maneira - adulta tanto no que concerne ao inconsciente quanto à expressão consciente dos sentimentos maternos -, juntamente com o desejo por ele, o desejo de um filho, desejado por ambos e que seja testemunha de seu amor compartilhado. Ela deseja um filho exatamente desse homem. Espreita, quando o bebê nasce, sua semelhança com o homem amado e com as pessoas da família dele, tanto quanto com as pessoas de sua própria família. Maternaliza esse bebê como uma pessoa nova, nascido dela e do homem a quem ama, e deseja para ele um destino separado do dela: está madura para os sentimentos maternos adultos."*<sup>35</sup>

## 2.2. Gerar . . ."Paternar"

*"...me debrucei sobre o teu berço e verti  
sobre o teu pequenino corpo adormecido  
as minhas mais indefesas lágrimas de amor,  
e pedi a todas as divindades que cravassem  
na minha carne as farpas feitas para a tua."*

Vinicius de Moraes<sup>36</sup>

Sem identificar-se o autor das palavras em epigrafe, muitos, talvez, poderiam atribuir à figura materna os sentimentos que a cena nos perpassa: a mãe que, temendo pelos perigos do destino do filho, negocia com os santos o próprio corpo, a própria vida, para salvaguardá-lo.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.210.

<sup>36</sup> Vinicius de Moraes. *Para viver um grande amor*. São Paulo, Circulo do Livro, 1980, p.193.

Mas o protagonista é o pai que cria a poética de onde brotam palavras a revelar o amor paterno: o pai curva-se orando em vigília pelo filho, fruto do seu sêmen, aquele que dará continuidade à caminhada - a vida que brota do ventre, cresce e transborda o corpo.

E nessa caminhada, às vezes trôpega, às vezes serena, é que se faz a história de um sentimento feito de amor e de ódio, de vida e de morte, que nasce e busca passagens através dos séculos.

O pai da horda primeva, conforme enunciado hipotético de Freud, era tirânico e repressor; tomava para si todas as mulheres e expulsava os filhos à medida que cresciam. Mas, um dia, os filhos expulsos rebelaram-se e retornaram unidos numa ação: mataram o pai e o devoraram, colocando fim na horda patriarcal. O pai violento fora temido e ao mesmo tempo invejado, e o ato de devorá-lo leva à incorporação de partes de sua força, realizando-se assim a identificação. Além disso, o pai é também amado e deixa com sua destruição a gênese de um remorso que conduzirá à organização social, às restrições morais e religiosas.<sup>37</sup>

Para Freud, os mitos constituem-se em verdadeiros tesouros dos povos, "*vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem.*"<sup>38</sup> E assim, nessa linha de idéias em que o filho substitui o pai num jogo de aniquilamento e contrição, Freud toma como referência o mito grego de Édipo<sup>39</sup> e cria um

<sup>37</sup> Sigmund Freud, *Totem e tabu*, *op. cit.*, p. 145-6.

<sup>38</sup> Idem (1908 [1907]), *Escritores criativos e devaneios*. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, v.9., p. 142.

<sup>39</sup> "*Laio, Rei de Tebas, e Jocasta, sua esposa, consultaram o oráculo de Delfos sobre a infecundidade do casal. A pitonisa respondeu que, se tivessem um filho, ele viria a matar o pai, casar com a mãe e causar muito luto e sangue na família. Quando, mais tarde, Jocasta deu à luz a um menino, mandaram expô-lo às feras na montanha do Citerão. O servo incumbido dessa missão desumana apiedou-se e entregou a criança a um pastor de Corinto, que a levou a Pólipo, seu rei. O menino tinha os pés magoados das cordas com que o haviam atado; por isso recebeu o nome de Édipo, isto é, Pés Inchados; e foi criado pelo rei, como filho seu. Já adulto, Édipo ouviu uma alusão à sua condição de filho adotivo. Foi a Delfos*

dos principais eixos de sua teoria, através da formulação do complexo de Édipo: *"Um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais."*<sup>40</sup>

Numa explicação bastante simplificada, o Complexo de Édipo pode ser apresentado como o desejo sexual em relação à figura parental do sexo oposto e conseqüente desejo de morte em relação à figura do mesmo sexo.<sup>41</sup>

A tragédia de Édipo-Rei, retomada por Freud, revela, portanto, os perigos do processo existencial da relação pai e filho e os meandros do curso das águas que se seguem e que se formam contornando acidentes e removendo pedras.

Mas é também através de um outro mito grego, a Odisséia, que o sentimento paterno aparece, agora já não mais com o sentido de tragédia mas sim como possibilidade de criação amorosa, na história de um pai que, sendo guerreiro, recusa-se a lutar e renega seus deveres para estar com o filho amado.<sup>42</sup>

---

*consultar o oráculo a esse respeito e, em resposta, foi expulso do templo como assassino do pai e esposo da própria mãe. Aterrado, não quis voltar para junto dos pais e tratou de afastar-se de Corinto. Numa encruzilhada, encontrou Laio e pequena comitiva, que se dirigiam a Delfos. Tratado descortemente, reagiu, entrou em luta e massacrou Laio com seus acompanhantes. Seus passos levaram-no em seguida a Tebas. Nas cercanias da cidade, defrontou a Esfinge. Esse monstro tinha rosto e peito de mulher, corpo de leão, garras e asas de águia; propunha enigmas aos passantes e devorava os que não os decifravam. Incontáveis tebanos já tinham sido suas vítimas. Creonte, no poder desde a morte de Laio, oferecera o reino e a mão da rainha viúva a quem livrasse Tebas daquela desgraça. A Édipo, a Esfinge perguntou que animal andava de manhã sobre quatro pés, sobre dois durante o dia e sobre três à noite. Ele respondeu que era o homem, pois engatinhava na infância, apumava-se ao depois e, quando velho, se apoiava a um bordão. Destruíra assim, o poder do monstro, que se precipitou num despenhadeiro e morreu.*

*Levado à cidade, Édipo assumiu o trono e, cumprindo as previsões do oráculo, desposou Jocasta". Tiveram filhos e mais tarde, ao descobrirem a verdade, uma dor dilacerante toma conta de Jocasta e de Édipo: ela se mata e ele fura seus próprios olhos, cegando-se, deixando o seu reinado e indo viver no exílio. Sófocles (ca. 430 a.C.). Rei Édipo. In: \_\_\_\_\_, *Teatro Grego*, São Paulo, Cultrix, [s.d.], p.46 e 82.*

<sup>40</sup> J.Laplanche & J-B Pontalis, verbete "Complexo de Édipo", *op. cit.*, p.116.

<sup>41</sup> *Loc. cit.*

<sup>42</sup> Ulisses, herói da mitologia grega, teve com Penélope um único filho, Telêmaco. Este ainda estava muito novinho quando estalou a Guerra de Tróia e Ulisses, ligado por um juramento a participar de um conflito

Esses mitos parecem sugerir uma evolução desde o domínio do pai da horda primeva, o seu assassinato, o estabelecimento de rigoroso tabu e o regresso de uma figura paterna que promete paz e felicidade.

No mito de Ulisses torna-se evidente a necessidade de uma trajetória de trabalhos e provações para que ele alcance a conquista dos direitos sociais e pessoais como governante e junto à esposa e ao filho. Diferentemente do mito de Édipo, na Odisséia o protagonista é o pai, representando, portanto, uma mudança dos conflitos dos filhos para a psicologia do pai.

Segundo Friedman e Gassel, a Odisséia não nega ou afirma "**Totem e Tabu**", mas é, antes, uma luta para estabelecer e manter a possibilidade de um pai primitivo livre das condições que podem conduzir ao seu assassinio e aos subseqüentes distúrbios sociais, como são encontrados em Édipo. Não há culpa motivando o herói e a razão para isso é a ausência do conflito filial: Telêmaco não entra em competição com o pai e aguarda o seu regresso; não há pistas de ataques incestuosos seus em relação à Penélope, ao contrário, o que o mito transmite é uma identificação egóica com o pai revestida de sucesso. Para esses autores, Telêmaco, presumivelmente, superou os desejos incestuosos e a acolhida ao pai que regressa

---

bélico, tinha que formar parte da expedição. Pouco inclinado a guerrear, não por falta de coragem mas por preferir permanecer junto aos prazeres proporcionados pelo convívio amoroso com a esposa e o filho, procurou de todas as maneiras fugir ao compromisso assumido. Quando já lhe faltavam argumentos fingiu-se de louco. Palamades, um dos chefes militares, encontra Ulisses na praia com um arado ao qual havia atrelado um burro e um boi, abrindo sulcos onde semeava sal em vez de sementes. O astuto Palamades, percebendo que a loucura de Ulisses era puro fingimento tomou o pequenino Telêmaco e colocou-o diante das rodas da charrua. Para não ferir o filho, Ulisses deteve os animais a tempo de salvar o menino, desvelando-se assim a sua manha e tendo, portanto, que assumir os deveres que a Guerra lhe impunha. Ulisses só retorna após vinte anos durante os quais esteve navegando por entre mares, em constantes batalhas. Apesar de existirem várias versões sobre os acontecimentos posteriores, com mortes trágicas e traições, a mais conhecida delas retrata o cenário de um final feliz, onde o retorno do herói estabelece a paz em seu reinado e a harmonia amorosa com sua mulher e com seu filho, sem parricídios e sem incestos. Agustí Bartra (1982). Verbete "Ulises". *Diccionario de mitología*. Barcelona-Buenos Aires-México D.F., Grijaldo, 1985, p.193 e 197. Junito de Souza Brandão (1987). *Mitologia Grega*. 2.ed., Petrópolis, Vozes, 1989, v.3, p.292-3.

é o reflorescimento de um estado de atitudes já existentes.<sup>43</sup>

Afinal, tudo decorre de uma disposição paterna em Ulisses que deixa nascer, promove o viver e salva o filho lançando seu próprio corpo nos perigos bélicos e tormentosos do submundo.

Essa representação coletiva que o mito expressa como realidade humana de um tempo primordial, insere-se nos momentos de agora, na história de cada um, como "*verdade profunda da nossa mente.*"<sup>44</sup> E o amor paterno, mítico ou atual, em sua evolução filogenética ou ontogenética, presta-se a várias interpretações pela complexidade da sua natureza e da sua construção.

Em alguns escritos psicanalíticos verificados nas leituras realizadas, são descritos momentos e situações especiais durante o desenvolvimento do menino relacionados com a formação da função paterna, à semelhança do que acontece com a menina em relação à função materna.

Tanto quanto o ser feminino, o ser masculino também pode sofrer rejeição pela sua condição sexual ao nascer. Embora pareça existir uma tendência universal de preferência por crianças do sexo masculino - pelas demandas de uma sociedade onde as forças do homem preponderam sobre as da mulher - observa-se em algumas situações o desejo de se ter uma menina, principalmente tratando-se da mãe que espera realizar o seu sonho de ter uma "boneca" para enfeitar, ou ainda, que projeta sua aversão ao sexo oposto na figura do filho.

Todos os matizes do desejo - tanto o do pai como o da mãe - quanto ao corpo sexuado deste filho que virá, irão imprimir uma variedade de atributos que tendem a

---

<sup>43</sup> Joel Friedman & Sílvia Gassel. *Odysseus: the return of the primal father. Psychoanal. Q.*, 21:221, 1952.

<sup>44</sup> Junito de Souza Brandão (1985). *Mitologia Grega*, 8.ed., Petrópolis, Vozes, 1993. v.1, p.37.

fortalecer-se ou a suavizar-se, de uma forma ou de outra, no seu desenvolvimento como pessoa.

Mas, anterior à aceitação do sexo do filho, os parceiros estiveram, à sua maneira, desde o plantio da semente, num jogo de sedução, encontros e desencontros, que marcou de alguma forma o corpo e a alma do menino na sua luta inicial pela sobrevivência e que, apesar de suas próprias potencialidades, dependerá basicamente de seus pais que têm em mãos o poder de abortá-lo ou não.

Chegando ao mundo, além da preservação de sua vida, a dependência do menino insere-se agora, na receptividade e continência de pais "bons o bastante"<sup>45</sup> que irão criá-lo sem esperar a perfeição, visto que ela não está ao alcance dos seres humanos, mas de forma a equilibrar os equívocos e as compensações vindouras.

Mas, embora a acolhida ao bebê deva estruturar-se no amor compartilhado dos pais, pelas próprias condições biológicas, é com a mãe que a criança vai desenvolver uma ligação primitiva mais forte e de caráter simbiótico, e, somente aos poucos, é que ela vai sentindo a presença do pai, que a ajuda a perceber os contornos de uma realidade até então misteriosa e oculta.

Para Freud, é no período edípico que essa realidade é desvelada pelo pai de forma mais intensa, em meio aos afetos que aí formalizam-se. Como na evolução filogenética descrita nos mitos, a figura paterna impõe-se como poder externo e decisivo na separação do menino em relação à mãe. Nesse processo, o menino vê o pai como rival e quer afastá-lo

---

<sup>45</sup> Esse termo, criado por D.W. Winnicott e destinado à figura materna, foi adaptado e empregado por Bruno Bettelheim referindo-se também ao pai, por reconhecimento da sua importância no desenvolvimento do filho em parceria com o desempenho da mãe. Bruno Bettelheim (1987). *Uma vida para seu filho: pais bons o bastante*. 22.ed. Rio de Janeiro. Campus. [s.d.], p.7.

mas, ao mesmo tempo, a sua afeição por ele cresce. Nesse impasse, o complexo de Édipo tende à dissolução: a autoridade do pai ou dos pais é introjetada dando forma ao núcleo do superego, "que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal", sublimando e transformando as energias libidinais em identificação e impulsos amorosos.<sup>46</sup>

Estudos posteriores aos de Freud, principalmente aqueles desenvolvidos por Melanie Klein, vieram assinalar a existência do conflito edípico mais precocemente do que estava sendo postulado até então: precisamente no primeiro ano de vida, estendendo-se, aproximadamente, dos seis meses até o terceiro ano de vida da criança. Esse período foi considerado como uma fase pré-genital, quando os impulsos edípicos seriam "liberados pelas frustrações orais", já contendo aí os primórdios da formação de um superego primitivo.<sup>47</sup>

A psicanalista Arminda Aberastury, em um trabalho todo dedicado à reflexão e à análise da paternidade, destaca também, como Klein, um momento edípico antecipado que denominou de "organização genital precoce", entre os seis e os doze meses de vida, como uma iniciação do triângulo edípico.<sup>48</sup>

A partir dessas formulações teóricas inaugura-se, portanto, um reconhecimento da figura paterna como o agente que irá interdizer a fusão original, realizando a quebra da relação simbiótica entre a mãe e o filho.

Freud propôs uma equação simbólica baseada na seguinte idéia: se o desejo da mulher de ter um pênis é substituído pelo desejo de ter um bebê, pênis e bebê são revestidos

---

<sup>46</sup> Sigmund Freud (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988. v.19, p.196.

<sup>47</sup> Melanie Klein (1932). *Psicanálise da criança*. 2.ed., São Paulo, Mestre Jou, 1975, p.173 e 188.

<sup>48</sup> Arminda Aberastury (1978). A paternidade. In: Arminda Aberastury & Eduardo J.Salas. *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. 2.ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p.72.

de uma equivalência.<sup>49</sup>

Dessa maneira, a mãe terá através de seu bebê - que simboliza o falo - aquilo que lhe falta, “*criando para si um estado ilusório de completude narcísica*”. O pai, então, encarna a figura que irá provocar um segundo nascimento, “*partejando o filho das águas maternas, reduzindo o poder absoluto do desejo da mãe*”, introduzindo o “*circuito de intercâmbio social*”, com suas leis e sua linguagem.<sup>50</sup>

Lacan, baseando-se na obra de Freud, a partir de 1958, estudou, especialmente, o papel do pai nesse rompimento e destacou, também, como essencial, a função paterna nessa ordem, para a articulação do Complexo de Édipo. Prosseguindo em suas reflexões sobre o tema faz a distinção entre “pai simbólico” e “pai real”, apontando a importância maior da instância simbólica desse papel do que a própria presença física do pai da dialética edípiana.<sup>51</sup> “*E o pai simbólico é dado pela mãe na medida em que ela o designa como aquele que conta para ela, aquele a quem ama e deseja.*”<sup>52</sup>

Voltando ao desenvolvimento psicosssexual, uma outra concepção psicanalítica aponta o aparecimento no menino de desejos intensos de gerar filhos da mesma forma como sua mãe.<sup>53</sup> Essa experiência, revestida de um sentimento invejoso que poderia significar uma equivalência da “inveja do pênis” na menina, aparece carregada de tendências agressivas. Assim, já adulto, o homem, na posição de pai, poderá superar esses sentimentos

---

<sup>49</sup> Sigmund Freud (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed., Rio de Janeiro, Imago, 1994. v. 22., p.128.

<sup>50</sup> Hélio Pellegrino (1987). Édipo e a paixão. In: Sérgio Cardoso *et. al.* *Os sentidos da paixão*. 9.reimp., São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.315.

<sup>51</sup> Joël Dor (1989). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991, p.43-5.

<sup>52</sup> Bernard This (1980). *O pai: o ato de nascimento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987, p.200.

<sup>53</sup> Sigmund Freud (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, [s.d.]. v.10., p.100 e 105; Melanie Klein (1937). A paternidade: ser pai. In: Melanie Klein & Joan Riviere, *op.cit.*, p.113-4.

desenvolvendo atitudes protetoras para com os filhos, como forma de reparar ataques fantasiados na primitiva relação em família.<sup>54</sup>

Nessa fase, os meninos manifestam interesse em brincar com bonecas e alimentá-las, e isto faz parte daquilo que é esperado e normal. No entanto, os adultos os proíbem de realizar essas brincadeiras por julgá-las como sinais de tendências femininas: tornam-se, portanto, jogos proibidos para o menino e privativos da menina - "*pauta que se repete depois com o filho real.*"<sup>55</sup>

Para Aberastury, um outro momento crucial para a formação da função paterna é durante a adolescência com o surgimento do sêmen: a totalidade das experiências com os pais e com o mundo externo em torno desse acontecimento irá determinar a sua forma de desejar e acolher um filho.<sup>56</sup>

O desejo de gerar bebês como as mães tende a modificar-se, principalmente pela identificação com um pai que provê satisfações afetivas e que desperta no filho as possibilidades construtivas e os ganhos que o mundo masculino pode proporcionar. É nessa linha de pensamento que alguns estudos psicanalíticos baseiam-se para preconizarem que é o amor do pai, e não as ameaças de castração, que resolve o conflito edípico; e é a identificação com um pai amoroso, não com o rival tirânico, o que irá contribuir essencialmente para uma identidade positiva mais tarde.<sup>57</sup>

Idealmente, o menino verá seu pai como um homem generoso, sensual e criativo, e

<sup>54</sup> Melanie Klein, A paternidade: ser pai, *op. cit.*, p.113-4.

<sup>55</sup> Arninda Aberastury, A paternidade, *op. cit.*, p.74.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.72.

<sup>57</sup> Luis H. Zayas, As son becomes father: reflections of expectant father on their fathers in dreams. *Psychoanal. Review*, 74(4):445, 1987.

assim, será capaz de se identificar com tal pai como sendo alguém que cuida e procria, possuidor concretamente de um pênis dadivoso.<sup>58</sup>

Para Erikson, a criança já é psicologicamente um genitor rudimentar e, antes que possa transformar-se em um genitor biológico, deve sublimar o desejo de "fazer gente" e aprender a conquistar considerações produzindo coisas.<sup>59</sup>

Os tipos de jogos e brincadeiras que a criança constrói dão um sentido às fantasias de procriação. O menino desperta-se para um interesse geral na criatividade e na conquista, que inclui descobrir habilidades que o ajudarão a agir e a movimentar-se em seu ambiente, convergindo com a preocupação cognitiva de como a vida se origina<sup>60</sup>.

Esses episódios históricos no meio familiar, em comunhão com aspectos culturais e sociais, serão preponderantes na gênese e qualidade dos sentimentos paternos que ocuparão o espaço psíquico do homem. E, quando acontece uma concepção, eles serão reeditados e manifestados através de angústias, retraimentos e atitudes de construção ou de destruição, dando margem a um processo evolutivo especialmente crítico.

Com a concretude de uma gravidez em andamento, as emoções aparecem de forma intensa e iniciam-se as transformações referentes aos papéis. Primeiramente, essa transformação segue o sentido da passagem do estado de "genitor" para "pai", conforme ponderações do psicanalista This<sup>61</sup>. Como genitor, sua tarefa estará cumprida não sendo mais necessária a sua presença, mas como pai deverá compartilhar de um poder criador com a mulher, junto a uma criança, que é fruto da união entre eles, pois "o poder criador não

<sup>58</sup> John Munder Ross. Father to the child: psychoanalytic reflections. *Psychoanal. Review*, 70(3):306, 1983.

<sup>59</sup> Erik H. Erikson (1950). *Infância e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1976, p.238.

<sup>60</sup> Luis Zayas, *op. cit.*, p.445.

<sup>61</sup> Bernard This. *op. cit.*, p.15.

*pertence nem ao homem nem à mulher, mas ao seu encontro.*"<sup>62</sup>

Para se aproximar da gravidez e assumir o papel paterno o homem deverá, portanto, - pelo menos em parte - vencer algumas dificuldades relacionadas com os seguintes fatores determinantes:

- a gravidez provoca no homem, assim como na mulher, fantasias de que o filho possa constituir-se em uma ameaça: imagem revestida do caráter de um perseguidor;<sup>63</sup>
- essas fantasias têm raízes profundas e são resultantes dos ciúmes infantis que persistem recalçados e dos desejos arcaicos de "*fazer desaparecer os irmõzinhos ou irmãzinhas que vêm destroná-los*";<sup>64</sup>
- traços de imaturidade fazem emergir sentimentos de inveja da mulher em relação à sua capacidade de engendrar, e medo da responsabilidade quando as experiências estão ainda voltadas, predominantemente, ao próprio crescimento;<sup>65</sup>
- a incerteza da veracidade da paternidade pode retrair o homem e colocá-lo numa posição de observador;<sup>66</sup>
- e, além de tudo, o homem necessita da mulher para nomeá-lo pai e permitir sua aproximação, pois suas disposições parentais manifestam-se, principalmente, se ele tiver acesso ao seu filho; é preciso que a mulher o reconheça, apresentando-o ao filho e ao mundo como "*o teu pai*" ou "*o pai do meu filho*".<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.42.

<sup>63</sup> Arminda Aberastury, *A paternidade, op. cit.*, p.82.

<sup>64</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.139.

<sup>65</sup> Arminda Aberastury, *A paternidade, op. cit.*, p.83-4.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p.87.

<sup>67</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.200.

Quando o homem consegue vencer os obstáculos mais imobilizantes pode, então, como pai, tornar-se presente e encarnar "o astro solar" que vem para aquecer "a mãe terra": ele "eleva-se" e "dá a luz" através de sua presença.<sup>68</sup>

Durante a gravidez, as aproximações vão acontecendo em tentativas sucessivas; comumente, a partir de um afastamento inicial movido por sensações caóticas e imponderáveis para, em seguida, dar prosseguimento a um processo de construção e busca de uma certa ordem.

Em tese de doutorado, Marília Vizzotto, ao estudar o psicodinamismo em um grupo de homens que esperavam o nascimento do filho, observou neles uma mobilização interna em função da gestação de suas esposas, caracterizada por oscilações regressivas e progressivas, configurando-se uma espécie de crise. Nesse estudo foram encontradas reações sintomáticas como alterações na alimentação, no sono, no estado de ânimo e nas atividades sexuais, entendidas pela autora como "reações defensivas contra a inveja", ligadas à trama básica edipiana.<sup>69</sup>

Essa sintomatologia representativa do "homem grávido" é denominada "couvade"<sup>70</sup> e é um dos fenômenos mais estudados, tanto pela Antropologia como pela Psicologia, no campo das manifestações masculinas do período de espera de um filho. Existe muita controvérsia na análise dos seus significados que vão desde entendê-la como uma expressão da inveja masculina, ou como uma imposição da mulher para aquietar a agitação do homem

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p.30.

<sup>69</sup> Marília Martins Vizzotto. *Psicodinâmica da paternidade: um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho*. Campinas, 1994. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas], p.153-4.

<sup>70</sup> O termo "couvade" é denominação usada pela Antropologia, do costume difundido em algumas culturas segundo o qual o pai, depois do parto de sua mulher, é obrigado a deitar-se, não fazer trabalho pesado e abster-se de certos alimentos (Nota da trad.). In: Bernard This. *op. cit.*, p.35.

no plano sexual e de suas habituais atividades motoras, até a percepção de seus aspectos mais positivos, relacionados com a maior participação afetiva do homem no processo procriativo. Algumas concepções tendem a considerá-la como um exercício de magia, que protegerá a mãe e o recém-nascido dos demônios, e/ou como forma de aplacar as dores do parto transpondo-as ao homem<sup>71</sup>.

Em nossa cultura a “couvade” pode ser manifestada de diversas maneiras através de sintomas físicos ou mesmo através dessa escolha em participar do parto para presenciá-lo e vivenciá-lo “no sofrimento e na alegria”, em uma experiência compartilhada.

Para This, a “couvade” presta-se à construção da “paternagem” e, se por um lado a mãe dá o seio, o pai “fala a seu filho antes e depois do nascimento” através de sintomas, gestos e palavras: uma voz que pode tranquilizar e permitir àquele que vem ao mundo usufruir de uma sensação de felicidade ao perceber-se acolhido, além das tormentas e das paixões.<sup>72</sup>

O pai não substitui a mãe, ao contrário, ele deve ser sentido pelo filho como algo diferente, com sua própria voz e seu próprio cheiro<sup>73</sup>. A paternidade é, em si mesma, a possibilidade de uma complementação narcísica que promove satisfação, pois é também sob o seu poder e a sua graça que uma nova vida concebida está sendo criada<sup>74</sup>.

Uma das percepções que se configura nessas leituras é que, em alguns estudos, aparece esse interesse em relação aos novos sentidos da paternidade, que vai além das análises mais clássicas sobre o assunto. Alguma coisa que, no dizer de Neubauer, tem raízes

<sup>71</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.148.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p.170.

<sup>73</sup> W. Ralph Layland. In search of a loving father. *Int.J.Psycho-Anal.*, 62:222, 1981.

<sup>74</sup> Vesa Manninen. For the sake of eternity. *Scand. Psychoanal. Rev.*, 16:37, 1993.

no movimento de libertação feminina que trouxe, como consequência, uma diferente divisão do trabalho doméstico e dos cuidados aos filhos. Além disso, ele aponta também o fato de que os divórcios têm ativado uma atitude paterna que até então não era exercida<sup>75</sup>. Este autor levanta a seguinte questão: alguns pais, hoje, assumem juntamente com a mãe, o papel de cuidar do bebê. E esse recente papel dos pais traz a necessidade de reformulações sobre o primeiro desenvolvimento: "*nosso modelo de precoce relacionamento diático tem que ser reajustado.*"<sup>76</sup>

A definição de gênero é, também, sem dúvida, um marco conceitual importante dentro dessas perspectivas inovadoras da vida reprodutiva. Esta definição está relacionada, principalmente, com a idéia de construção de papéis, determinados e atribuídos pela sociedade, a mulheres e a homens. O entendimento deste conceito permite distinguir aquilo que depende dos aspectos biológicos daquilo que é reproduzido pelos padrões culturais - de tal forma a abrirem-se possibilidades para mudanças e para a melhoria da qualidade de relacionamentos, que se configuram mais eqüitativos.<sup>77</sup>

Mas a dialética nos ensina que toda mudança implica, também, na conservação de certos elementos: se por um lado, é preciso abolir as formas de dominação e de repressão de um em relação ao outro, é fundamental que se conserve o desejo de um relacionamento sadio, de respeito e de verdadeira comunicação.<sup>78</sup> Além de conservado, podemos dizer que esse desejo necessita mais - e cada vez mais - de ser iluminado, mostrado e vivido, em suas

---

<sup>75</sup> Peter B. Neubauer (1986). Efeitos recíprocos da "paternagem" sobre genitor e criança. In: Gerald I. Fogel; Frederick M. Lane; Robert S. Liebert *et. al.* *Psicologia masculina: novas perspectivas psicanalíticas*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p.191.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p.203.

<sup>77</sup> Aníbal Faúndes. Gênero, poder e direitos sexuais e reprodutivos. *Femina*, 24(7):661, ago. 1996.

<sup>78</sup> Moacir Gadotti. *Dialética do amor paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças*. 3.ed., São Paulo, Cortez, 1986, p.38-9.

nuanças e com seus graus de força ou de ternura.

É notório, portanto, que o movimento social intenso que se configura neste final de século acelera mudanças marcantes na relação familiar, realmente, e as reformulações relacionadas com as funções paternas têm um peso muito grande - delineando uma notável abertura para novos passos que poderão constituir-se em processos evolutivos e construtivos de uma nova ordem.

Algumas dessas idéias são retomadas e discutidas nos capítulos de análise dos resultados, na interligação com o conteúdo das entrevistas. São assumidas como confirmações de conceitos e propostas teóricas, ou como pontos de referência para reflexões pertinentes.

## PARTE II

# OBJETIVOS, MÉTODO E PROCEDIMENTOS

*A linguagem, portanto, é a terceira margem do rio,  
confluência do sonho e da realidade, mípcias da pulsão  
e do Logos,  
que, no transporte da paixão, engendra o verbo.  
Há quem diga que,  
com a dominância do princípio da realidade,  
o sonho se acabe. Em verdade, não acaba nunca.  
O sonho é centelha que salta do desejo e é através dela  
que vou acender as fogueiras através das quais o rosto  
do mundo se ilumina.  
O sonho, levado aos ombros da realidade,  
que o simboliza,  
é o projeto profundo do homem  
e a teleologia da história.  
O sonho, vivido, enraizado no real, que o suporta,  
vai ser a matriz da utopia,  
o eixo das grandes transformações  
que fazem a grandeza do processo civilizatório.*

Hélio Pellegrino, 1985.

### 3. JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

*"Aceder à ciência é rejuvenescer  
espiritualmente, é aceitar uma  
brusca mutação que  
contradiz o passado".*

Gaston Bachelard<sup>1</sup>

*"No momento em que uma  
idéia nova é gerada, o cientista  
conta com apenas duas coisas  
para sustentá-la: Primeiro,  
o amor com que ele a  
concebeu. Segundo, a promessa  
que lhe faz a nova visão,  
de abrir novos campos..."*

Rubem Alves<sup>2</sup>

As considerações sobre a relevância deste trabalho orientaram-se, principalmente, no sentido das possibilidades de mudanças de atitudes que um estudo dessa natureza poderia ocasionar, quer seja nas relações afetivas, como nas relações sociais e na organização do atendimento à saúde reprodutiva.

As forças psíquicas que orientam o modo de ser de uma pessoa entrelaçam-se num

---

<sup>1</sup> Gaston Bachelard (1938). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p.18.

<sup>2</sup> Rubem Alves (1981). *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.168.

jogo de determinações baseadas naquilo que o indivíduo traz consigo ao nascer, o que introjeta na relação familiar e o que utiliza do seu meio social para modelar sua arquitetura vital. Portanto, as mudanças esperadas, tendo em vista essas determinações, por pequenas que sejam, são bastante complexas e exigem comunhão de esforços.

A idéia da minha contribuição recaiu, então, no sentido de organizar alguns elementos do saber psicológico, compreendidos na relação afetiva do casal durante a gravidez, não como noções fragmentadas, mas como parte de uma análise mais global: uma perspectiva interdisciplinar tendo em vista a convergência dos nossos saberes, *“pois o que está em jogo é a postulação de um conhecimento do fenômeno humano na totalidade de sua significação”*<sup>3</sup>.

O corpo humano, organismo em funcionamento rítmico, abriga uma variação de “notas musicais” que formam melodias às vezes belas, às vezes monótonas, às vezes tenebrosas, e, ainda, nostálgicas e esperançosas. Infinitas melodias que são tocadas ao sabor da existência.

Mudar atitudes, portanto, é recompor temas musicais. Ou talvez, melhor dizendo, é buscar aquela canção bonita que todo ser humano parece abrigar em algum lugar do seu corpo e que, por vezes, emudecida, clama por iluminar-se. Então, melhor que “mudar”, talvez, seria dizer “deixar vir”: como o compositor que, tomado pela inspiração, cria a música que lhe chega por inteiro, restando-lhe depois a brincadeira de construir arranjos.

Brecht afirma: *“Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana.”*<sup>4</sup> Mas, movida pelo espírito de maravilhamento de que nos fala

<sup>3</sup> Hilton Japiassu (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.66.

<sup>4</sup> Bertolt Brecht (1938-1939). Vida de Galileu. In: \_\_\_\_\_. *Teatro Completo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. v.6, p.165.

Bachelard - já citado no primeiro capítulo - argumento que é justo que a ciência busque também as coisas belas que substanciam nossa "matéria alada": nossa poética interior onde reverberam belezas e bondades. E creio que, em essência, era isso que Brecht nutria como desejo: aliviar o sofrimento para deixar chegar a felicidade da beleza.

Como diz Rubem Alves:

*"Trabalho como um artista. Olho para meus pacientes como lugares misteriosos onde a beleza se esconde em meio a entulhos. Meu objetivo é ajudá-los a se perceberem como fragmentos de uma obra de arte quebrada, a ser restaurada, para que sintam a felicidade suprema de se verem belos."*<sup>5</sup>

### 3.1. Buscando origens

A Psicanálise, desde Freud, ao tecer sua organização teórica, primeiramente desvelou a infância através da análise de adultos; posteriormente, Melanie Klein descobriu os mais primitivos estádios, na análise de crianças; mais recentemente, os estudos da relação mãe-bebê têm trazido enriquecimento e luz; e, no momento psicanalítico atual, um dos seus vértices desdobra-se em compreender o psiquismo fetal: sempre numa tentativa de buscar as fontes, as origens primeiras.

Assim, ao optar-se por uma investigação com casais que esperam um filho pensou-se na possibilidade de, seguindo a trilha dessa busca de origens, trazer material esclarecedor

---

<sup>5</sup> Rubem Alves (1995). *O quarto do mistério*. Campinas. Papirus. 1995, p.80.

sobre a formação da parceria sexual, sobre os desejos e projetos de uma gravidez, e sobre a reorganização psicodinâmica que a vinda de um bebê provoca na dupla; e, além disso, como essas vivências poderão organizar o espaço psíquico de acolhida ao bebê.

A escolha desse campo de estudo justificou-se também, na esperança de que esse material poderia conter elementos indicadores para precoces intervenções preventivas ou terapêuticas, no acolhimento psicológico do casal - o que os auxiliaria na melhoria das primeiras trocas amorosas que os envolvem na gestação e, posteriormente, no relacionamento com o bebê.

No entanto, tratando-se de um estudo cuja proposta foi, também, a de dar ênfase à inclusão da figura do pai nos estudos sobre vida reprodutiva, a expectativa maior recaiu na possibilidade de entendimento de alguns aspectos psicológicos relacionados com o futuro pai, ou com o "expectant father", conforme denominação existente nos países de língua inglesa.<sup>6</sup>

Mais exatamente, portanto, ao reunir-se material psicológico desse período, conjecturou-se obter subsídios para a compreensão desse tempo de espera como processo de construção da função paterna. A experiência de atendimento às gestantes tem apontado que a investigação dos aspectos psicológicos da gravidez fica bastante incompleta se não estiverem incluídos, também, objetivos voltados para a investigação, a análise e a compreensão da dinâmica psíquica do homem e do inter-relacionamento do casal. Dessa

---

<sup>6</sup> Alguns trabalhos referidos nesta tese utilizam a denominação de "expectant father", e no levantamento das referências bibliográficas, em língua inglesa, é este o termo apropriado para se encontrar pesquisas, textos teóricos e programas de atendimento, que se relacionem com homens que esperam o nascimento de um filho. É um termo interessante, a meu ver, pois, ao adjetivar-se "futuro", está implícito que só é possível nomeá-lo pai após o nascimento da criança. No entanto, "futuro pai" pode significar, também, o "novo pai"- aquele que está surgindo com atitudes de maior proximidade afetiva em seu modo de ser com os filhos.

maneira, a inclusão da figura masculina nos estudos sobre a vida reprodutiva torna-se condição básica para uma compreensão mais integradora.

A maternidade tem sido bem mais estudada que a paternidade, e o entendimento dos aspectos psicológicos da gravidez, parto e puerpério estão, quase sempre, voltados para a mulher unicamente. Pouco fala-se do pai e, quase nunca, ouve-se o pai.

Assim, com a exclusão da figura masculina dos estudos científicos e da atenção profissional à vida reprodutiva, construiu-se uma lacuna que hoje vem sendo gradualmente preenchida. Hoje, aumenta cada vez mais o número de pessoas interessadas no tema da paternidade e muitas estão trabalhando, estudando e escrevendo sobre o assunto, configurando-se, portanto, novos empreendimentos, que poderão trazer descobertas e elucidações importantes.

Devo dizer, ainda, que escolhi trabalhar com casais que estavam tendo o primeiro filho, para ter um parâmetro de análise e uma delimitação do campo de investigação. A primeira gravidez traz uma mudança de identidade significativa e uma nova definição de papéis, mas a partir da segunda gravidez, apesar de verificar-se também uma certa mudança de identidade, outras variáveis são acrescentadas, principalmente pela presença dos outros filhos e seus afetos, e o resultado é uma alteração significativa na rede de intercomunicação familiar<sup>7</sup>. Amplia-se, portanto, o campo de estudo, em sua especificidade e variações, e o encaminhamento é diverso.

---

<sup>7</sup> Maria Tereza Maldonado. *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. p.13.

### **3.2. Delimitação dos objetivos**

#### **Gerais:**

1. Estudar alguns aspectos emocionais em casais que esperam o primeiro filho.
2. Observar a psicodinâmica da paternidade como condição básica para uma compreensão mais integradora do processo afetivo durante a gestação.

#### **Específicos:**

1. Estudar a interação do casal e a inserção da gravidez no contexto dessa interação, investigando-se mais detalhadamente alguns aspectos relacionados com:
  - formação do casal e criação do vínculo;
  - desejo de ter um filho e projeto compartilhado de concepção;
  - transformações psicológicas ocorridas no relacionamento afetivo do casal em decorrência da gravidez.
2. Estudar alguns aspectos do desenvolvimento e das configurações afetivas com as figuras parentais, especificando:
  - idéias e fantasias sobre seus próprios nascimentos;
  - desejo de ser mãe e de ser pai, desde a infância.
3. Investigar sentimentos do homem e da mulher frente à gravidez, delineando:
  - idéias e fantasias sobre o parto;
  - considerações e expectativas do homem e da mulher sobre si mesmos e de um em relação ao outro, nos papéis de pai e de mãe.

## 4. MÉTODO E PROCEDIMENTOS

*"Método, Método, para que me queres?*

*Bem sabes que comi  
do fruto da Inconsciência!"*

Jules Laforgue<sup>1</sup>

O dicionário Aurélio define método como: *"Caminho pelo qual se atinge um objetivo. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado."*<sup>2</sup>

Dessa maneira, pensar o método pressupõe discorrer sobre a articulação de dois sentidos: o do caminho percorrido e o das escolhas feitas neste caminhar. É meditar sobre uma origem. É ponderar sobre o que se passou.

E sobre o passado ficou uma certeza: as constantes e indeclináveis renascenças: *"Só se morre uma vez. Mas psicologicamente, conhecemos nascimentos múltiplos (...) tantas fontes que seria tão inútil traçar-lhe a geografia"*<sup>3</sup>. No entanto, é possível o traçado de algumas paisagens que retornam sempre, revezando-se, formando fragmentos.

Esses fragmentos integram-se e formam, além da história pessoal, a história de um

---

<sup>1</sup> Jules Laforgue (1887). Hamlet ou as conseqüências do amor filial. In: \_\_\_\_\_, *Moralidades Lendárias*, São Paulo, Huminuras, 1989, p.16.

<sup>2</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Verbetes "método". *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [São Paulo], Folha de São Paulo, out.1994-fev.1995, (obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de São Paulo), p.431.

<sup>3</sup> Gaston Bachelard, *A poética do devaneio*, p.106

trabalho de Psicologia em Instituição, em parte já descrito no capítulo introdutório: um trabalho que se insere nas atividades assistenciais através de uma abordagem clínica, e sobre a qual originaram-se as intenções e a conseqüente formalização deste estudo. O método clínico, portanto, foi escolhido como base para a investigação.

A programação de operações escolhidas para a concretização do estudo colocou à prova um conhecimento, ou melhor, vários conhecimentos. E sendo o método clínico o eixo norteador do trabalho, o ponto de partida foi a sua definição, optando-se pela conceituação proposta por Arruda, que o entende como um caminho originado da prática clínica, ditado por teorias fundamentadoras e decorrentes dessa prática, e que se apoiam *"na criticidade e no modelo interpretativo das ciências humanas, visando à compreensão, à conexão de sentidos e à elaboração de conhecimentos."*<sup>4</sup>

Quanto à orientação teórica, a escolha encaminhou-se no sentido de pensar os fenômenos psicológicos com base no conhecimento psicanalítico.

Segundo Freud,

*"Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica."*<sup>5</sup>

É, portanto, em relação ao terceiro nível, que se procurou concretizar o uso da

<sup>4</sup> Sérgio L. S. Arruda. *Vivências clínicas de grupo de mães, cujos filhos estão em ludoterapia*. Campinas, 1991. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas]. p.9.

<sup>5</sup> Sigmund Freud (1923 [1922]). Dois verbetes de enciclopédia. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.18. p.287.

Psicanálise. Ou seja, a tentativa foi realizar um estudo qualitativo, com análises dos resultados voltadas para a compreensão do material coletado, tendo como base algumas concepções teóricas psicanalíticas, tomadas como elementos estruturantes do trabalho.

Conforme já foi assinalado, por tratar-se de um método qualitativo que visa à compreensão e não à explicação, os sentidos das vivências pretéritas e presentes, observados no material reunido, não foram tratados para se elaborar generalizações.

#### 4.1. Um método para decifrar signos

*...enquanto  
o ouvi, ouvia  
uma outra voz  
como que vindo  
nos interstícios  
do brando encanto  
com que o teu canto  
vinha até nós".  
Fernando Pessoa<sup>6</sup>*

Signos. Sinais. Símbolos. Aquilo que, por sua forma ou sua natureza, evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente.

A Psicanálise busca compreender o significado simbólico da comunicação humana através de sinais que representem, de forma indireta e figurada, uma idéia, um conflito, um desejo, etc.

---

<sup>6</sup> Fernando Pessoa. Cancioneiro. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, p.179.

Reconhece-se, além, uma constância de relação entre o símbolo e o simbolizado que se encontra não só no mesmo indivíduo, mas também de um indivíduo para outro. Os símbolos *"parecem ser um fragmento de uma aparelhagem mental herdada e extremamente antiga. O emprego de um simbolismo comum estende-se muito além do uso de uma linguagem comum."*<sup>7</sup>

O método proposto constituiu-se, portanto, em um esforço por descobrir também o "invisível", em uma sutil comunicação, que se realiza através das palavras, dos gestos, dos olhares: buscando luz na penumbra, buscando clarear-se além da iluminação trivial: *"Não é à clara luz, é à beira da sombra que o raio, ao difratar-se, entrega-nos seus segredos."*<sup>8</sup>

Como é referido por Ginzburg, esse método segue um paradigma indiciário baseado na semiótica médica: *"a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo"*.<sup>9</sup>

Um paradigma que, na verdade, tem raízes muito antigas:

*"Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas."*<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Sigmund Freud, Dois verbetes de enciclopédia, *op. cit.* p.295.

<sup>8</sup> Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*, p.295.

<sup>9</sup> Carlo Ginzburg (1979). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.151.

<sup>10</sup> *Loc. cit.*

## 4.2. Pré-requisitos para o uso do método

Denso bosque e clareira cheia de ciladas são metáforas perfeitas para uma das "pedras angulares" da Psicanálise, ou seja, "a pressuposição da existência de processos mentais inconscientes"<sup>11</sup>: aquilo que se constitui em matéria oculta, profunda, que tanto desafia seus desbravadores.

Dessa maneira, pela complexidade do objeto a ser estudado são necessários empreendimentos especiais para se aprender a Psicanálise e encaminhar-se para o seu uso; entre esses empreendimentos além do estudo sistemático, estão os esforços destinados a engendrar auto-conhecimento. Mas realizar esse auto-conhecimento, isoladamente, resulta em certas limitações; daí a recomendação de que a pessoa empenhada em usar a Psicanálise deve submeter-se a outra pessoa mais experiente, de tal forma a vivenciar "os efeitos da análise em seu próprio eu (self), fazendo uso da oportunidade de assimilar de seu analista a técnica mais sutil do processo."<sup>12</sup>

Portanto, a compreensão da Psicanálise não visa somente a um esquema operatório formal, mas visa também à subjetividade e sua intencionalidade.

Em um texto belíssimo de Fernando Pessoa é apresentada uma interessante síntese sobre o entendimento dos símbolos, com a descrição de cinco qualidades ou condições fundamentais do intérprete, sem as quais a interpretação não poderá acontecer; e são citadas, segundo ele, seguindo-se uma ordem de simplicidade:

- ele fala que, primeiro, é preciso "sentir simpatia pelo símbolo que se propõe

<sup>11</sup> Sigmund Freud, Dois verbetes de enciclopédia, *op. cit.*, p.300.

<sup>12</sup> Sigmund Freud (1916-17 [1915-17]). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v.15. p.32.

- interpretar", desfazendo-se das atitudes "cautas" e "irônicas",*
- em segundo lugar, tem que se ter intuição: *"aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja",*
  - a terceira qualidade é a inteligência que *"analisa, decompõe, reconstrói, noutra nível, o símbolo", numa relação "analógica",*
  - na quarta posição está a compreensão, entendida como o *"conhecimento de outras matérias que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes"; e ele destaca a diferenciação existente entre compreensão e erudição e cultura, pois "erudição é soma", "cultura é síntese" e "compreensão é vida",*
  - por último ele menciona algo *"menos definível": "direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo."*<sup>13</sup>

### 4.3. A magia das palavras

Conforme já foi dito, a Psicanálise trabalha através do intercâmbio das palavras, buscando os seus sentidos ocultos e também os seus sentidos mágicos:

---

<sup>13</sup> Fernando Pessoa. Mensagem. In: \_\_\_\_\_, *Obra Poética*. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, p.69.

*"As palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens."*<sup>14</sup>

Em verdade, a magia das palavras baseia-se na crença de um *"universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos"*<sup>15</sup>, na medida em que se manifestam através de sinais verbais significativos, norteadores das relações humanas.

*"Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora. E, desse modo, é um instrumento mágico, isto é, algo susceptível de transformar em outra coisa e de transmutar aquilo em que toca: a palavra pão, tocada pela palavra sol, se torna efetivamente um astro; e o sol, por sua vez, se torna um alimento luminoso. A palavra é um símbolo que emite símbolos."*<sup>16</sup>

Acontece que esse caminho de cunho mágico tem levado a Psicanálise a deparar-se, ao longo de sua existência, com ressalvas do *"pensamento científico solene"* em atribuir-lhe o caráter de cientificidade, incorrendo-se na suspeita de *"tratar-se de uma doutrina esotérica, fantástica, ávida de engendrar mistérios e de pescar em águas turvas."*<sup>17</sup>

No entanto, Freud fez de sua vida uma constante luta para a construção de um

<sup>14</sup> Sigmund Freud, Conferências introdutórias sobre psicanálise, *op.cit.*, p.29.

<sup>15</sup> Rubem Alves, *Filosofia da ciência*, p.16.

<sup>16</sup> Octavio Paz (1956), *O arco e a lira*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p.41.

<sup>17</sup> Sigmund Freud, Conferências introdutórias sobre psicanálise, *op. cit.*, p.35.

saber transgressor, inovador, revolucionário e, acima de tudo, provocante o suficiente para criar resistências que, conforme ele mesmo dizia, eram originadas pela própria natureza humana que tende a considerar como falso aquilo que lhe desagrada.<sup>18</sup>

Como nos assinala Octavio Paz:

*“A superioridade de Freud reside no fato de que soube unir sua experiência de médico com sua imaginação poética. Homem de ciência e poeta trágico, Freud nos mostrou o caminho da compreensão do erotismo: as ciências biológicas unidas à intuição dos grandes poetas.”*<sup>19</sup>

É preciso que se reconheça, portanto, que a Psicanálise segue um outro tipo de lógica de investigação científica; caminha na subjetividade e pela subjetividade, dentro de uma ordenação abstrata, coerente e essencial, alcançando seus objetivos paulatinamente. E, nesse momento, evoco mais uma vez Bachelard, quando ele nos diz que é preciso *“mostrar o grandioso destino do pensamento científico abstrato”*, e que, para isso, é preciso provar-se que esse tipo de pensamento abstrato *“não é sinônimo de má consciência como parece sugerir a acusação habitual”* e que, ao contrário, ele amplia os sentidos, *“desobstrui o espírito”*, tornando-o mais leve e mais dinâmico.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.36.

<sup>19</sup> Octavio Paz (1993). *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo. Siciliano, 1994, p.27.

<sup>20</sup> Gaston Bachelard. *A formação do espírito científico*, p.8.

#### 4.4. A entrevista psicológica: instrumento para coleta de dados

Essas palavras preliminares sobre o método foram sendo reunidas na minha trajetória de vida profissional - além da pessoal - integrando-se e compondo os sustentáculos das minhas cotidianas atitudes no trabalho. E, naturalmente, delineando o tipo de investigação que eu desejava realizar.

Assim, sustentada por essas percepções, elaborações mentais e “práxis”, a opção em relação ao instrumento para a coleta de dados dirigiu-se para a entrevista psicológica conforme descrita por Bleger: entendendo-a não como uma simples compilação de dados, mas como um exercício dialético, criativo, onde observação, hipótese e verificação, constituem-se em elementos interdependentes que se revezam, dando configuração a uma conversação harmônica e reveladora. Entrevistado e entrevistador estabelecem um inter-relacionamento onde a *“conduta de um (consciente ou não) atua (de forma intencional ou não) como estímulo para a conduta do outro”*, em um movimento de sentimentos transferenciais e contra-transferenciais, respectivamente. Dessa forma, atualizam-se materiais inconscientes, acrescidos das expectativas criadas a partir dos objetivos da entrevista.<sup>21</sup>

Em uma descrição da relação analítica, Freud ilustra a configuração de uma entrevista da seguinte maneira: *“O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais.”* O analista *“escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição.”*<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> José Bleger, *op.cit.*, p.21-3.

<sup>22</sup> Sigmund Freud, Conferências introdutórias sobre psicanálise, *op.cit.* p.29.

Considero, também, bastante esclarecedora, a definição de "entrevista livre" formulada por R.D.Oliveira e M.D.Oliveira, onde é ressaltada a importância de um diálogo aberto para estimular-se "a livre expressão da pessoa com quem se conversa", de tal forma a ampliar-se "o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc." <sup>23</sup>

No entanto, como esses mesmos autores assinalam, deve-se ter um "fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado", para evitar-se desvios do assunto em direções diversas. <sup>24</sup>

Dessa maneira, foi elaborado um guia para as entrevistas deste trabalho com tópicos gerais baseados nos objetivos propostos e que serão apresentados a seguir.

Foram programadas cinco entrevistas para cada casal: duas com a dupla conjuntamente e mais uma com cada um deles, separadamente, além de uma breve entrevista inicial também com o casal.

As entrevistas com os respectivos roteiros temáticos ficaram assim organizadas:

- ◆ Breve entrevista inicial (casal):apresentações pessoais;
- anotações dos dados de identificação (nome, idade, escolaridade, número de registro da gestante no CAISM);
- verificação do critério para inclusão no estudo;
- referência ao estudo e seus objetivos;
- pedido de permissão para a inclusão no estudo;

---

<sup>23</sup> Rosiska Darcy de Oliveira & Miguel Darcy de Oliveira (1981), Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: Carlos Rodrigues Brandão (org.). *Pesquisa participante*. 3.ed. São Paulo. Brasiliense, 1983, p.29.

<sup>24</sup> *Loc. cit.*

- assinalamentos sobre o compromisso do sigilo;
- programação dos agendamentos.
- ◆ 1ª Entrevista (casal) – a interação do casal:
  - a formação do casal e a criação do vínculo;
  - o desejo de ter um filho e o projeto compartilhado de concepção;
  - principais transformações psicológicas ocorridas na interação do casal a partir da gravidez.
- ◆ 2ª e 3ª Entrevistas (individuais) – histórias de vida:<sup>25</sup>
  - relações afetivas com as figuras parentais;
  - idéias e fantasias sobre seus próprios nascimentos;
  - o desejo de ser mãe e de ser pai desde a infância<sup>26</sup>.
- ◆ 4ª Entrevista (casal) – sentimentos do homem e da mulher frente à gravidez:
  - idéias e fantasias sobre o parto;
  - considerações e expectativas do homem e da mulher sobre si mesmos e de um em relação ao outro, nos papéis de pai e de mãe.

Os temas foram sendo introduzidos nas entrevistas em forma de perguntas, às vezes dirigindo-se aos dois e, às vezes, a um e a outro especificamente, conforme a dinâmica que foi estabelecendo-se. Apesar de terem suas inserções programadas para determinados momentos, esses temas foram sendo introduzidos, acolhidos e tratados em outros momentos também, de acordo com a dialética das manifestações, principalmente aqueles que se referem

---

<sup>25</sup> A escolha de quem passaria primeiro pela entrevista individual ficava a cargo do próprio casal.

<sup>26</sup> No decorrer das entrevistas, ao ser investigado este tema, surgiram manifestações sobre aspectos relacionados com primeira menstruação e educação sexual; e, assim, foram acrescentadas à discussão como ilustrações de experiências importantes no desenvolvimento rumo à procriação.

aos sentimentos frente à gravidez.

Algumas anotações foram feitas no transcorrer das entrevistas, tendo-se o cuidado para que esta prática não chegasse a prejudicar em demasia a atmosfera da comunicação. Essas anotações se relacionaram basicamente com dados de identificação, idéias e sentimentos expressos pelos entrevistados, sendo que o casal foi informado previamente de que isto ocorreria.

Quando iniciei meu trabalho com casais, logo pude perceber que aquilo que sabia sobre os procedimentos que compõem os atendimentos individuais, do ponto de vista da teoria e da prática, não era suficiente. Necessitava de outros elementos para a compreensão da complexidade do vínculo afetivo do casal e que me subsidiassem, também, em relação a maneira de proceder nas entrevistas, nas avaliações e nas terapêuticas.

No atendimento de um casal, o profissional vê-se diante de dois egos conectados entre si através da relação vincular, e diante da configuração de um espaço bipessoal de subjetividade que acontece quando um está diante do outro.<sup>27</sup> E, como a entrevista psicológica compõe um lugar e uma situação onde as pessoas falam de si e do relacionamento que existe entre si, pode emergir uma problemática existente entre os casais: campo de dificuldades e fonte de angústias da relação conjugal. Além disso, é preciso lidar-se também, com o desconhecimento que um tem do outro, ou seja: até onde se conhece o outro, qual é o limite desse conhecimento, que lado do outro é inatingível, o que existe de segredo ou de exclusão, etc.<sup>28</sup> Um lado desconhecido do outro ao ser revelado no momento do atendimento de um casal, de acordo com os recursos internos de cada um e do manejo

<sup>27</sup> Janine Puget (1997). O casal: uma entidade psicanalítica. In: David E. Zimmerman & Luiz Carlos Osorio et.al. *Como trabalhamos com grupo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997, p.283-4.

<sup>28</sup> *Ibidem*. p.290.

profissional da situação, pode significar a possibilidade de uma reflexão dos sentimentos, de uma ampliação da percepção de um em relação ao outro e, conseqüentemente, de um amadurecimento e enriquecimento do vínculo. Mas, por outro lado, pode transformar-se em recrudescimento de conflitos já existentes; configurando-se, portanto, uma situação bastante delicada que requer um preparo especial da parte do profissional.

No caso das entrevistas que compuseram a coleta de material para este trabalho, tratando-se de entrevistas psicológicas com o objetivo de pesquisa, a opção, obviamente, foi no sentido de proceder-se sem intervenções técnicas psicoterapêuticas, procurando assumir-se uma postura atenta para bem elaborar as perguntas pertinentes e para bem desempenhar o ato de saber ouvir. Coloquei-me como pessoa interessada em tudo o que me era dito, “acomodando-me” de acordo com a configuração da estrutura relacional do casal, tornando-me mais vagarosa, ou mais expansiva ou mais jovial, de acordo com o contexto de comunicação e sua dinâmica<sup>29</sup>. Evidentemente, procurando manter-me sempre em uma atitude receptiva e cortês, mas observando os limites da relação<sup>30</sup>.

Algumas mobilizações emocionais apareceram durante as entrevistas. Nessas situações procedi à escuta, formulei algumas perguntas extras, avaliei e reassegurei-lhes possíveis encaminhamentos para outros espaços e outros atendimentos disponíveis no Pré-Natal, onde eles poderiam ser assistidos e ajudados para alívio de suas angústias.

Imediatamente após cada entrevista, era elaborado um relatório composto basicamente pela descrição do material, tal como era manifestado. Todavia não são apresentadas as perguntas feitas por mim no transcurso das entrevistas. Evidentemente que a

<sup>29</sup> Vera L. Lamanno Calil (1987). *Terapia familiar e de casal*. 3.ed. São Paulo, Summus, 1987, p.36.

<sup>30</sup> Joel Martins & Maria Aparecida V. Bicudo (1989). *Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, Editora Moraes. E.D.U.C., 1989, p.56.

transcrição de toda a dinâmica dos diálogos estabelecidos teria sido de grande valor, mas como optou-se por não gravar as entrevistas, isso ficou muito difícil de se concretizar.

O material clínico reunido estendeu-se, em alguns momentos, além dos objetivos propostos, pois em entrevista livre, apesar de utilizar-se roteiros, podem surgir manifestações que se expandem na dialética da comunicação. Aparecem, portanto, conteúdos interessantes, descritos nos relatos das entrevistas, que não foram analisados na discussão.

Organizou-se e transcreveu-se relatos com o material das entrevistas para cada casal e optou-se por apresentá-los em anexo, a partir da p.250; com exceção da primeira história, que é apresentada no capítulo 5, com o objetivo de exemplificar a forma de relato utilizada. Dessa maneira, para as análises dos resultados, percorridas nos capítulos 6 e 7, são inseridos, somente, fragmentos desses relatórios, de acordo com a ordem de discussão das temáticas.

#### **4.5. Casais participantes, aspectos éticos e outras considerações**

Foram entrevistados nove casais atendidos nos Ambulatórios de Pré-Natal Normal e de Pré-Natal de Adolescentes, do CAISM.

Por que esse número? Qual o critério de sua escolha?

Em uma pesquisa qualitativa, a escolha do número de sujeitos não obedece critérios normativos como na pesquisa quantitativa. Há pesquisas, inclusive, com estruturas especificamente situadas, que podem ser baseadas na investigação de um sujeito apenas.

Mas, normalmente, recomenda-se a inclusão de vários sujeitos pois, dessa maneira, maior será a variedade ou variação obtidas e, conseqüentemente, maiores serão as possibilidades para o exercício de compreensão dos fenômenos estudados, que são descritos como individuais, mas que podem, também, ser agrupados como semelhantes.<sup>31</sup>

Portanto, enquanto nas pesquisas quantitativas trabalha-se com o número de ocorrências de um fato, nas pesquisas qualitativas a matéria-prima é o fenômeno, e a pretensão é a de compreender de modo particular aquilo que está sendo pesquisado.<sup>32</sup>

Inicialmente, partiu-se da idéia de compor o material a ser analisado, através de entrevistas de doze casais: pensou-se, exatamente, que este número seria suficiente para análises peculiares e observação de repetições e de semelhanças. Mas, no decorrer da pesquisa, diante do extenso e rico material com o qual já se me deparava, optou-se por reduzir este número, concluindo-se a coleta de dados e de depoimentos com nove casais, somente.

Seis desses casais estavam participando do Programa de Preparação Psico-Corporal para o Parto e Maternidade/Paternidade e foram incluídos no estudo seguindo a ordem de chegada neste Programa - usando-se como critério de inclusão somente o fato de estarem esperando o primeiro filho, independentemente da idade gestacional.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.30 e 100.

<sup>32</sup> Regina Célia Tamasso Miotto. *Famílias de jovens que tentam suicídio*. Campinas, 1994. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas], p.148-9.

<sup>33</sup> Ocorreu que um dos casais selecionados revelou, posteriormente, a experiência de terem passado por um abortamento espontâneo anterior. Durante a breve entrevista inicial, quando perguntei-lhes se estavam esperando o primeiro filho, responderam afirmativamente; dessa maneira, foram incluídos no estudo. Poderiam ser excluídos em seguida à constatação desse aborto anterior, mas a opção em conservá-los baseou-se na idéia de que o material recolhido em suas entrevistas poderia enriquecer as análises e discussões dos resultados.

Na breve entrevista inicial, após verificar-se os critérios para inclusão do casal no estudo, era comunicado a ambos que estava sendo feito um estudo sobre os sentimentos e as emoções do homem e da mulher durante a gravidez e solicitava-se a sua participação. Deixava-se bem explícito que a participação era voluntária e que eles tinham a plena liberdade para não aceitar, sendo que isso não alteraria, em nada, o tratamento que iriam receber no hospital; assim como poderiam desistir de participar durante as entrevistas. Eram informados também que os dados de identificação seriam mantidos em sigilo. Em seguida, após o consentimento, era feito um agendamento com a programação de todas as entrevistas.

Todos os seis casais apresentaram-se referindo o desejo da presença do homem na sala de parto durante o nascimento da criança. Cinco desses casais estavam casados e um casal encontrava-se separado, já tendo vivido um matrimônio não legalizado judicialmente, durante quatro anos. Configura-se aí, portanto, uma situação inusitada, visto que é bastante raro um ex-marido acompanhar a ex-mulher nas consultas de Pré-Natal, na preparação para o parto e, principalmente, solicitar entrada no Centro Obstétrico para acompanhar o momento do parto.

Durante o período de coleta de dados, não participei diretamente do Programa de Preparação Psico-Corporal (uma outra psicóloga esteve substituindo-me). Algumas entrevistas iniciais, realizadas com o intuito de um pré-teste, levaram-me a tomar esta decisão pois, ao material das entrevistas, acresciam-se outras manifestações observadas durante as sessões dos Grupos de Reflexão. E, se por um lado constituíam-se também em elementos enriquecedores para a compreensão dos fenômenos estudados, ampliava-se muito

o campo de investigação, tornando-se mais difícil a delimitação dos objetivos.

Os outros três casais, compostos por gestantes adolescentes, foram selecionados durante a sua primeira consulta ao Pré-Natal de Adolescentes. Também foram incluídos obedecendo-se o critério da primeira gestação e também com estes casais não realizei atendimentos além dos programados para a investigação. Em relação até mesmo à própria entrevista inicial, procedi com um encaminhamento para outro profissional, para a demanda dos objetivos vinculados a ela. Ao chamar a adolescente para a primeira entrevista, verificava se seu parceiro estava acompanhando-a e se ambos estavam esperando o primeiro filho. Em seguida, falava-lhes da pesquisa e solicitava-lhes sua participação. E, no caso de aceitação, procedia de acordo com os objetivos da breve entrevista inicial, programada para o estudo, e encaminhava a adolescente para outro profissional do ambulatório, para dar continuidade aos procedimentos de rotina.

Todos os casais do Pré-Natal Normal responderam prontamente à solicitação, ao passo que entre os casais do Pré-Natal de Adolescentes deparei-me com três recusas. Cabe assinalar que os casais do Pré-Natal Normal foram selecionados dentro de um contexto especial, ou seja, quando já haviam assumido participar do Programa de Preparação, mostrando-se muito interessados em relação a todas as atividades que estavam sendo propostas a eles, como parte desse Programa.

Devo destacar também que foi utilizado um termo de consentimento, seguindo as exigências da Resolução Nº 196 do Ministério da Saúde, de outubro de 1996, que tornou obrigatório o “**Consentimento Informado**” nas pesquisas com seres humanos, e cujo modelo encontra-se em anexo, p.339.

A seguir é mostrado um quadro onde encontra-se uma apresentação geral dos casais entrevistados com os seguintes dados: nomes (fictícios), idades, escolaridades e período de gestação durante o qual foram realizadas as entrevistas. Informo, também, que todas as entrevistas foram realizadas entre meados de 1996 a meados de 1997.

**Quadro I - Idade, escolaridade e período gestacional referentes aos casais participantes**

NOMES FICTÍCIOS	IDADE	ESCOLARIDADE	PERÍODO DE GESTAÇÃO DURANTE AS ENTREVISTAS
1. Helena Alberto	23 26	3º grau incompleto (cursando) 3º grau incompleto (cursando)	36 a 38 semanas
2. Beatriz João	24 33	3º grau completo 3º grau completo	28 a 30 semanas
3. Livia Miguel	21 24	2º grau incompleto 2º grau incompleto	29 a 32 semanas
4. Karina Mauro	21 27	2º grau incompleto 2º grau completo	36 a 37 semanas
5. Márcia Raul	22 20	1º grau incompleto 1º grau incompleto	29 a 31 semanas
6. Cintia Antônio	20 31	1º grau incompleto 1º grau incompleto	30 a 32 semanas
7. Vanda Roberto	17 21	1º grau incompleto 1º grau incompleto	31 a 36 semanas
8. Luciana Marcos	15 17	1º grau incompleto (cursando) 1º grau incompleto (cursando)	22 a 25 semanas
9. Marina Pedro	17 15	2º grau incompleto 1º grau incompleto	22 a 26 semanas

## PARTE III

# RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

*E o homem, aturdido, andrógino que se desdobra  
chorou de angústia e horror, sentindo, com um novo sexo,  
rebentar em si o inquieto desejo por essa metade,  
quase uma semelhança sua, mulher surgida de repente,  
que ele abraça, que ele gostaria de reaver  
- essa mulher que no esforço cego  
de recriar em si o ser perfeito e fixar a descendência,  
agitará no útero o desconhecido da nova raça,  
para logo pôr no tempo outro ser,  
ainda incompleto e que não se bastará.*

André Gide, 1891.

## 5. O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR: FRAGMENTOS DE UM MODO DE SER

*“Preocupação indica o fato do indivíduo ‘se importar’, ou ‘valorizar’,  
e tanto sentir como aceitar responsabilidade.*

*Em nível genital no enunciado da teoria do desenvolvimento,  
preocupação pode ser considerada a base da família,  
cujos membros unidos na cópula - além de seu prazer -  
assumem responsabilidade pelo resultado.”*

Winnicott<sup>1</sup>

O conteúdo deste capítulo foi organizado para se apresentar o relato de uma das histórias recolhidas. Objetivou-se com isto exemplificar a forma como o material foi registrado, a seqüência em que ele aparece e a dinâmica de sua manifestação. A resolução de incluir-se uma história no meio do trabalho foi tomada ao final, quando a tese já estava praticamente pronta, pois entendeu-se que, assim, o leitor poderia visualizar melhor o contexto da coleta do material e o conteúdo a ser analisado. Anteriormente a esta resolução, todas as histórias estavam no anexo, o que parecia dificultar mais essa visualização. A história escolhida, para ser aqui incluída, além de ser a primeira na ordem da investigação, foi considerada um modelo representativo e adequado a esse propósito.

Após esta resolução, ao pensar o título do capítulo, veio-me a liberdade em escolher a mesma denominação que é parte efetiva e original do trabalho de Winnicott,

---

<sup>1</sup> Donald W. Winnicott (1963). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. 2.ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1988. p.70.

citado em epígrafe. Peço desculpas pela ousadia, mas acontece que os ensinamentos de Winnicott, contidos nesse seu trabalho, foram-me extremamente elucidativos e didáticos. Através deles pude compreender uma questão básica sobre a qual optei falar neste espaço inicial de discussão dos resultados. Ou seja, aquilo que se observa em muitas pessoas - homens e mulheres - logo no início da gestação de um filho, que os reservam em uma lógica de pensamento voltada para o sentido mais positivo do verbo “preocupar”, conforme aparece no dicionário Aurélio: prender a atenção de, absorver, dar cuidado a.<sup>2</sup>

Existem outros significados para a atitude de se preocupar, relacionados com pensamentos obsessivos, idéia fixa, sofrimento moral e preconceito mas, para Winnicott, a capacidade de se preocupar sinaliza uma evolução rumo às disponibilidades para o amor.

Winnicott propõe a origem dessa capacidade nos estágios iniciais do relacionamento do lactente com sua mãe, caracterizado por um estado de “fusão”, onde o bebê experimenta para com a figura materna, impulsos agressivos e eróticos, ao mesmo tempo: formulação que já havia sido apresentada por Freud e pelos psicanalistas que se seguiram a ele. É, portanto, nesses estágios iniciais, que o bebê já começa a experimentar a ambivalência.<sup>3</sup>

Embora reconhecendo que muito disso é necessariamente obscuro, Winnicott considera certo que o bebê pode se tornar capaz de combinar a experiência erótica com a agressiva, através dos seguintes acontecimentos: o bebê vai percebendo duas mães, a “mãe-objeto” e a “mãe-ambiente”, sendo que uma satisfaz as necessidades urgentes e a outra evita o imprevisto, provê o cuidado de suste e recebe tudo em uma coexistência sensual; em

<sup>2</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, verbete “preocupar”, *op. cit.*, p.526.

<sup>3</sup> Donald W. Winnicott, O desenvolvimento da capacidade de se preocupar, *op. cit.*, p.71.

circunstâncias favoráveis a mãe-objeto demonstra que sobrevive aos ataques do bebê e a mãe-ambiente continua a ser empática e receptiva; os impulsos agressivos geram sentimentos de culpa e a presença consistente da mãe-ambiente gera a oportunidade de reparação; e o sentimento de culpa retido pode, então, transformar-se em capacidade de preocupação.<sup>4</sup>

Durante o transcorrer da evolução da pessoa, esse equilíbrio tem que ser conquistado repetidas vezes, na relação com a mãe e com outras figuras substitutas, em uma rede complexa de sentimentos ambivalentes. E, em ciclos benéficos, pode fazer reflorescer, renascer, constantemente, a responsabilidade e os elementos construtivos fundamentais para as convivências amorosas.<sup>5</sup>

Mas é frente às perspectivas de se tornarem pais e mães que as pessoas parecem mostrar, como nunca, essa capacidade de se preocupar. Primeiramente, como idéias que passam a povoar os pensamentos de forma intensa e, depois, através de pequenos gestos e atos intencionais. E, tratando-se do primeiro filho, a maneira como essa preocupação aparece tem significações próprias, no sentido de enfrentar-se o desconhecido – aquilo que se relaciona com atos de cuidar e de perceber-se com capacidades pessoais para algo que não se experimentou ainda.

Já foi dito que a gestação de um filho vem sempre acompanhada de sentimentos ambivalentes. Há, portanto, sentimentos de aceitação e de rejeição ao bebê, em constante dinâmica, com características mais marcantes nos primeiros meses da gravidez e após o parto. A predominância de um sentimento ou de outro dependerá do entretido de fatores

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.72-3.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.74.

biológicos, psicológicos e sociais que conduzirá, ou não, a processos mais amadurecidos e, conseqüentemente, chega-se à necessidade de reparação e ao desenvolvimento da capacidade de se preocupar.

Os casais estudados apresentam sentimentos ambivalentes - de uma forma ou de outra - e expressam, também, essa capacidade de se preocupar. Trazem consigo alguns elementos positivos, com os quais poderíamos distingui-los do grupo maior que compõem a população que atendemos, por dois motivos principais: o fato de estarem juntos numa tentativa, a seu modo, de integração, e os recursos que apresentam relacionados com uma postura mais reflexiva frente a si mesmos e à existência mais global.

Mas é importante assinalar também que estando eles, durante o estudo, no período da gestação, e sendo a gestação um tempo mais propício para a conformidade de expectativas e de idealizações, é de se esperar que, após o parto, com as confrontações com o bebê real, possam surgir outros conflitos e outras dificuldades. É o que tenho observado no atendimento psicológico, com bastante frequência, quando as pessoas retornam após o parto e contam sobre suas experiências de depressão e de angústia frente às barreiras encontradas, em si e nas circunstâncias, referentes às tarefas de cuidar do filho e ao relacionamento do casal.

A seguir, é apresentado o relato de uma das histórias recolhidas, onde estão reunidos desejos, idéias, sonhos, devaneios, "*fragmentos de um discurso amoroso*"<sup>6</sup>, fragmentos de um modo de ser. Trata-se de um história especial, pois no momento das

---

<sup>6</sup> Roland Barthes (1977), *Fragments de um discurso amoroso*. 9.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989. (Texto em que Barthes faz, inicialmente, considerações sobre a exclusão do discurso amoroso, nos dias atuais e que, como tal, banido e em extrema solidão, "só lhe resta ser o lugar, por mais exiguo que seja, de uma afirmação". p.inicial).

entrevistas eles estavam separados - mas buscavam, no entanto, mesmo dentro desse estado, uma comunicação que pudesse favorecer a abertura dos espaços para o desenvolvimento da paternidade.

### **5.1. Helena e Alberto (História 1)**

Ela: 23 anos                      Escolaridade: 3º grau incompleto (cursando)

Ele: 26 anos                      Escolaridade: 3º grau incompleto (cursando)

Período de gestação durante as entrevistas: 36 a 38 semanas

#### **Primeira entrevista do casal**

Estão juntos há três anos, num relacionamento amoroso classificado por ambos como conturbado. São estudantes universitários.

Já moraram juntos durante um ano, separaram-se e reconciliaram-se, optando por não compartilhar mais o espaço doméstico. Tiveram outros desencontros e reencontros, e quando estavam em um momento de nova separação, julgada por eles como definitiva, veio a revelação da gravidez, provocando neles reações de susto e preocupação. Ela diz: “A gente separou e no dia seguinte eu descobri que estava grávida.”

Ele, especialmente, sentiu “muita estranheza” ao saber da gravidez: distanciou-se dela e custava-lhe acreditar na real existência de uma gestação. Nas raras vezes em que se encontravam, no início da gravidez, detinha-se em olhá-la, querendo desvendar indícios em seu corpo: “Eu olhava para ela e ela me parecia a mesma, não havia diferença.”

Ele isolava-se grande parte do seu tempo, com pensamento fixo na idéia de que teria um filho e de que isso traria muitas conseqüências para sua vida. As imagens mentais ligavam-se maciçamente ao acontecimento que lhe traçava um caminho tão diverso, uma mudança inesperada e contundente: **“Meus pensamentos estavam ligados durante todo o tempo na vinda do filho, onde quer que eu estivesse - viajando, dirigindo um automóvel, entre amigos, nas atividades de estudo. Sentia uma transformação psicológica muito grande. Era muito perturbador.”**

Ele relata que o seu sentimento básico era de que alguma coisa havia fugido do seu controle. Tudo até então parecia ter acontecido segundo sua vontade, mas a nova sensação era de **“perda de controle”**.

Ficava imaginando o futuro com o filho: um futuro distante, com o filho já adulto. E as transformações emocionais experimentadas eram tão intensas que resolveu submeter-se a uma psicoterapia.

Aos poucos foi reaproximando-se dela e, ao ir notando suas mudanças corporais, pôde sentir mais a concretude da gestação. Começaram a se intensificar as motivações que o impeliam a assumir a paternidade e, no estado atual, seus sentimentos frente à possibilidade de ser pai são de **“alegria, de esperança e de crença numa construção amorosa”** com seu filho. Mas, em relação a ela, sua disposição não tem mudado: não quer tê-la como sua mulher, não se vê convivendo com ela em casamento. Mas deseja ser pai para seu filho e **“o melhor pai que puder ser”**.

Não quer sentir-se culpado pelas reações iniciais de rejeição ao filho, que de tão intensas que foram suscitaram-lhe idéias de interrupção da gravidez. Ele acredita que as mudanças ocorridas em seu desejo são indícios de sua capacidade de amor e reafirma a sua

idéia de que o amor por um filho edifica-se, como todas as outras afeições.

Após o isolamento a que se determinou no início da gravidez, ele passou a atualizar-se em novos convívios sociais, culturais e amorosos: abriu-se para novas descobertas intelectuais, de amizade e de parcerias sexuais. Tem vários amigos na Universidade onde estuda, com quem compartilha seus problemas. E acha que Helena deveria fazer o mesmo.

Mas não é o que ela deseja: ela manifesta sua preferência no sentido de manter-se mais afastada das “badalações sociais”. Optou por reservar-se, “enclausurar-se”, como diz.

Para ela, o início da gravidez também foi muito difícil: seu depoimento revela ter sido uma experiência de grande sofrimento. Mas nunca pensou em abortar. Aceita o aborto somente em “casos de violência”. Sentia as transformações físicas como algo que invadia todo o seu ser: sentia os seios aumentando e várias outras sensações físicas intensas. Passava momentos de depressão, muito choro, mas ao mesmo tempo percebia-se desejosa do filho. Sentia que tinha que reagir, fortalecer-se.

Estava iniciando o primeiro ano da Faculdade, em uma outra cidade, quando descobriu que estava grávida. Devido a isso escolheu morar numa pensão pois considerou que lá poderia ter uma vida com maiores cuidados, diferente do que imaginava que poderia acontecer numa “república”. Na pensão teria melhor alimentação, mais sossego para dormir e distanciamento das inúmeras festinhas que são programadas constantemente nas habitações coletivas de estudantes.

Na Faculdade enfrentou preconceitos de alguns colegas. Certa vez, andando por um dos corredores do prédio da Universidade, ouviu comentários de dois rapazes: um

elogiando a sua beleza e o outro classificando-a como “**garota encrencada**”, referindo-se à gravidez. Muitas colegas, demonstravam intolerância com seus cansaços, sonolências e enjôos.

Helena não esconde certa mágoa em relação ao distanciamento de Alberto. Nada fala sobre isso, mas seu olhar comunica isso. Eles sentam-se bem separados durante a entrevista, comunicam-se minimamente entre si e Alberto ao final, fala: **“O nosso problema é que ela gosta mais de mim do que eu dela.”**

Ela sorri um sorriso triste e não faz nenhum comentário.



#### **Entrevista individual - Alberto**

Ele entra para a entrevista sorrindo, bem alegre, carregando uma filmadora. Diz que esteve na Universidade onde estuda, filmando vários lugares de sua estimação para futuramente mostrar ao filho, **“para ajudá-lo na compreensão das transformações do espaço e do meio”**.

Dentro da temática da entrevista, apresenta os seguintes dados: nasceu em outra cidade e com três anos, mais ou menos, mudou-se para Campinas, onde tem vivido praticamente o tempo todo com exceção de um ano, quando morou com a família em outra cidade, por determinação de uma atividade profissional de seu pai; estava com dezenove anos na época.

Manifesta em relação aos pais sentimentos bastante amorosos. Descreve-os como pessoas que anseiam construir um mundo melhor e percebe-os cada vez mais evoluídos.

Vivem bem na relação conjugal, são alegres; enfim, percebe-os **“amadurecendo com sabedoria”**.

Diz-se muito grato aos pais pelas oportunidades que lhe deram no campo dos estudos formais; além de lhe terem proporcionado uma **“educação carinhosa”**. Estudou em uma **“escola alternativa”** e considera esta sua experiência como algo muito positivo. Recorda-se dessa escola e das atenções especiais que recebia por tratar-se de uma escola pequena com poucos alunos. Aí foi alfabetizado, mudando-se, em seguida, com oito anos, para uma escola maior. O novo ambiente escolar causou-lhe certa estranheza no começo. Nomeou-o de **“escola tipicamente burguesa”**, onde predominavam **“idéias preconceituosas e de discriminações sociais”**. Mas a rejeição inicial foi se dissipando, principalmente por ser uma escola muito bonita, construída em um espaço agradável, entre árvores e em meio a muito verde. Ali ficou até completar o segundo grau escolar e reconhece que aprendeu nessa escola muitas coisas boas. Entende que soube perceber as atitudes discriminatórias, especialmente pelas influências de seus pais que comumente comunicavam-lhe o desejo de uma sociedade mais justa, pautada na igualdade de direitos: **“Sempre brinquei com crianças de outras classes sociais e tive um amiguinho, filho de uma empregada, por quem tive muita afeição.”**

Tem dois irmãos mais novos que ele e gosta muito deles também. Fazem brincadeiras, conversam, praticam esportes juntos.

O pai sempre foi um incentivador da prática de esportes. Recorda-se com prazer das atividades lúdicas que realizava com o pai em sua infância.

De seu nascimento fala sorrindo: **“Eu quase nasci num fusquinha. Conforme meus pais contam, foi tudo certinho; já estavam casados, programaram a vinda dos filhos. Não é**

**como está acontecendo comigo. Eles tinham base para cuidar de uma criança.”**

Seus pais costumam contar muitas histórias de quando ele era criança: de quando ele começou a andar, dos passeios que faziam na praça. Eles contam essas histórias com alegria: são episódios que ele não se lembra, mas lhe dá muito prazer ouvir os pais relatá-los.

Lembra-se dos nascimentos de seus irmãos. Estava com três anos quando nasceu o primeiro e com quatro quando nasceu o segundo. Em relação ao primeiro, lembra-se que foi visitar sua mãe na Maternidade e deitou-se em sua cama no hospital: foi uma sensação boa, muito boa. Ganhou um Forte Apache que ele desejava tanto: **“Foi muito gostoso.”**

Não tem lembranças de ficar pensando em ter filhos durante sua infância e adolescência. Aliás, nunca pensou em ter filhos. Ele diz: **“Tem gente que fica pensando, escolhe nomes. Mas isso nunca me passou pela cabeça.”** E acrescenta: **“Pelo menos conscientemente, não.”**

O relacionamento com os pais só tornou-se problemático na época da adolescência. Ficou muito crítico em relação a eles, começou a perceber **“as limitações”** de seus pais, distanciou-se deles, configurando-se uma impossibilidade de diálogos com eles: **“Aos vinte anos eu vivia uma vida de mentiras na relação com eles e isso foi se tornando intolerável. Tinha segredos que não conseguia revelar para eles e esses segredos resumiam-se, principalmente, em duas palavras: sexo e droga.”**

Um dia, resolveu abrir-se com seus pais e conseguiu. No início eles se assustaram muito, mas foram compreensivos. Tiveram uma conversa permeada de fortes emoções, mas muito verdadeira. Esperava isso deles. Pôde assim restabelecer o contato com os pais e a confiança neles.

Suas falas relacionadas com a vinda do filho expressam sentimentos de alegria.

Refere que acompanhou Helena em um exame ecográfico e gostou muito. O bebê já estava com sete meses de gestação e pôde ser bem observado. É um menino. Ele gravou o exame numa fita de vídeo e viu o filme várias vezes: **“Um bebezinho na barriga da mãe pode parecer tudo igual, mas não é não. Quando trata-se do filho da gente, é diferente.”**

Tem pensado muito no filho e sonha acordado: fica pensando nos lugares que irá passear com o filho. Pretende mostrar a ele os lugares que mais frequenta: quer levá-lo para ver estrelas, tomar banho de cachoeira; quer levá-lo para a escola; e preocupa-se muito com o tipo de escola em que colocará o filho.

Recorda-se de um sonho que teve recentemente: no sonho apareceu-lhe nitidamente a imagem de uma criança de dois anos, com cabelos acastanhados e olhos azuis. Acrescenta: **“Mas ele não será assim, ele será parecido comigo, será moreno de olhos castanhos. No sonho ele se parecia com a Helena, mas ele será moreno como eu e, com certeza, não terá olhos claros.”**

Acredita que Helena será uma boa mãe. Diz: **“Ela é carinhosa, super atenciosa, inteligente”**. Mas têm coisas que ele não aceita nela: acha que ela é **“muito metódica”**: **“O lençol tem que ser sempre de determinado jeito. Fico preocupado que ela possa passar essas manias para o nosso filho. Ela tem muitas preocupações com a higiene corporal. Acho isso um exagero . . . Mas ela tem também um lado positivo que é de se doar, de ter muita dedicação pelas pessoas, pelas coisas.”**

Fala ainda mais algumas coisas sobre suas expectativas em tornar-se pai: **“Estou meio bobão. Começo a lembrar das brincadeiras de criança. Quando tomo Yakult, lembro que fazia uns foguetinhos com os potinhos. Quero fazer isso com meu filho.”**

### **Entrevista individual - Helena**

Helena apresenta uma história composta de muitas perdas e danos, mas também de muitas conquistas. Seus olhos parecem que a qualquer momento estarão invadidos por lágrimas; mas as lágrimas não acontecem, embora ela mencione sua forte tendência ao choro.

Ao iniciar a narrativa de sua vida, respira fundo, preparando-se para trazer à tona a paisagem de seu mundo interior: **“Nasci prematura . . . de sete para oito meses. Sei que nasci de parto normal e que não mamei. Sei também que minha mãe passou muito mal e que teve febre alta de quarenta graus.”**

Acredita que nasceu prematura por causa da **“pressão do avião”**: relata que seus pais viajaram de avião quinze dias antes de seu nascimento. Refere também que a mãe teve **“depressão pós-parto”**.

Em decorrência dos estudos de seu pai, viveu em outros países tendo experimentado sucessivas mudanças de residência.

Essas mudanças são avaliadas por ela como algo muito negativo para o seu desenvolvimento: mal estava se adaptando num lugar e uma nova mudança acontecia; com isso não conseguia desenvolver laços de amizade e foi crescendo sozinha, sem outras crianças para brincar; enclausurava-se, passando grande parte de seu tempo sem a companhia de outras crianças; além disso, sofreu com os preconceitos e as disposições discriminatórias que percebia no convívio com outras crianças no estrangeiro.

A mãe é descrita como pessoa doente: tem diagnóstico psiquiátrico de **“psicose maníaco-depressiva”**: sofre desmaios freqüentes, tem fortes crises de enxaquecas, já foi internada várias vezes e faz uso permanente de medicamentos psiquiátricos: **“Ela sofre muito, vive se remoendo, só fala do passado.”**

Sua mãe batia-lhe constantemente. Já na adolescência a mãe agrediu-a com um sapato de salto alto, ferindo-lhe a cabeça, tendo sido necessário um atendimento médico hospitalar com anestesia e sutura.

A convivência com a mãe foi se tornando tão insuportável que resultou em sua saída da casa dos pais por volta dos seus dezoito anos. Foi morar sozinha e, desde então, começou a se organizar, construindo um espaço onde pudesse “sentir prazer em viver”.

Quando saiu da casa dos pais arranhou um gato que se tornou “um companheiro querido” de grande estimação, com quem compartilhava o seu precioso espaço doméstico. Detém-se em falar dele por algum tempo: das brincadeiras, dos hábitos de proximidades, da sua singular significação afetiva. Quando ele morreu, vivenciou forte depressão; ainda mais porque sua morte aconteceu alguns dias após a sua primeira separação de Alberto.

Descreve o pai como sendo pessoa compreensiva e de atitudes carinhosas. Afirma que é dele que lhe advém as forças amorosas para suas tentativas de reestruturar-se e de desenvolver-se com mais equilíbrio e satisfação. Ele a tem apoiado bastante durante a gravidez. Ele já não vive mais com sua mãe e atualmente, depois que se separou de Alberto, ela foi morar com ele.

Os planos relacionados com o casamento e a maternidade sofreram alterações no decorrer de seu desenvolvimento:

“Eu sempre tive o sonho de ser mãe, desde bem pequena. No começo era essa espécie de sonho próprio de quando fazemos parte do mundo de nossos pais, mas depois foi mudando. Minha mãe é aquele tipo de princesa e idealizava pra mim, também, vida de princesa. Queria que eu me casasse virgem, de véu e grinalda. Sabe, ela se prende

**muito em etiquetas. Acha terrível uma mulher que se senta com as pernas abertas. Tem que ser assim . . . (faz o gesto de cruzar as pernas) cruzadas . . . delicadamente. Eu até alimentei esse sonho durante uns tempos: esse sonho de princesa que quer que um príncipe apareça montado num cavalo branco.”**

Fala isso sorrindo e acrescenta: **“Acho que o que eu queria mesmo era escapar daquela família horrorosa.”**

A relação com Alberto é revelada como um envolvimento afetivo cheio de frustrações: experimentou sempre uma sensação de que **“isso não vai durar”**.

Conheceram-se durante uma viagem e num encontro ligeiro, trocaram breves palavras; afirma que não sentiu-se atraída por ele nesse primeiro encontro.

Uma semana depois dessa viagem, seu pai menciona-lhe ter sido apresentado a um rapaz, filho de um conhecido: era exatamente Alberto. Seu pai passa-lhe o telefone e ela interessa-se em revê-lo.

Passados alguns dias, ela telefona para Alberto e o convida para sair para mostrar-lhe fotos dos lugares visitados por ambos; encontram-se, conversam, bebem cerveja e iniciam uma série de encontros que ela prefere não nomear como uma relação de namoro: **“Hoje, está fazendo exatamente três anos que aconteceu esse nosso primeiro encontro. Eu nem estava me lembrando. Foi ele que se virou para mim dando os parabéns e rememorando a data.”**

Quando se conheceram já não moravam mais nas casas de seus pais: **“Ele também morava sozinho, mas o apartamento dele não era tão organizado como o meu.”**

A partir dos primeiros encontros a relação foi se intensificando e, conforme ela

ressalta, tendo em vista certas comodidades - inclusive econômicas - resolveram morar juntos. Ele muda-se para o apartamento dela.

Mas o amor entre eles revelou-se assimétrico desde o início. Para Helena, a pessoa de Alberto comporta a especificidade de seu desejo. Mas, para Alberto, os sentimentos manifestam-se numa outra ordem: quer outros corpos, empreende outras buscas.

Após um ano de convívio ele comunica-lhe que não quer mais morar com ela e que fará uma viagem com uma amiga. Um dia, ela chega em casa, e os objetos pessoais dele já não se encontram mais no apartamento. Em seguida, seu gato morre - como já foi relatado - e ela entra em depressão muito forte. Opta por fazer um tratamento psicoterapêutico e psiquiátrico, e chega a fazer uso de medicação. Eles acabam voltando e compondo uma trajetória de rompimentos e reconciliações.

Ela cuidava-se para não ser fertilizada usando pílulas anticoncepcionais. Mas a sexualidade poligâmica de Alberto despertou-lhe receios. Fizeram exames de sorologia para HIV: o resultado foi negativo para ambos e eles passaram a usar preservativos. Ela o aconselhava a utilizá-los com suas outras parceiras também, e chegou a oferecer-lhe alguns para uma de suas viagens.

A gravidez acabou acontecendo mesmo com a constância no uso do método. E, ao falar dela, Helena comete um lapso, para retificá-lo em seguida: **“A gravidez não foi proporcional . . . quer dizer, proposital.”**

Tem sofrido uma série de críticas vindas dele e sente-se magoada com isso: **“Ele pega no meu pé em coisas imbecis. Por exemplo, hoje eu estava falando no telefone, ele estava do meu lado e ficou implicando só porque eu tenho o costume de falar Ah ! . . .”**

Magoa-se também quando ele fica implicando com o fato dela ter que ir muitas

vezes ao banheiro em consequência de seu estado grávidico.

Mas, diante de tudo isso, ela reafirma uma mudança: deseja superar seus “complexos de inferioridade” calcados a partir de julgamentos severos que lhe foram dirigidos pela sua mãe e por Alberto também. Está tentando reagir e percebe-se hoje mais fortalecida. E procura valorizar-se: “Não acho que sou tão porcaria assim como querem.”

Em relação à mãe diz que já não se sente mais subjugada: “Já não me sinto mais culpada pela sua doença. Ela não consegue mais me deter.”

Mas, tratando-se de Alberto, assinala o seguinte: “Agora me vejo irremediavelmente presa a ele, através desse filho.”

Quanto às perspectivas relacionadas com o exercício da paternidade em Alberto diz: “Ele poderá vir a ser um bom pai para meu filho. Mas ele tem manias que eu não gosto... Mas também são manias como as de todo mundo. Quando ele quer, ele consegue ser equilibrado. É... no fundo eu acho que ele será um bom pai.”

Mas teme que o filho seja como Alberto em suas características narcísicas de buscar constantemente seu bem-estar próprio, sem renúncias e sem dedicar-se aos outros. Não quer que seu filho seja má pessoa e siga tendências egoístas. Conversou com o psiquiatra de sua mãe e ele lhe passou uma mensagem no sentido de que ela não poderá controlar todas as influências que seu filho receberá das tantas pessoas diferentes com as quais ele irá conviver. Considera sábia a colocação do psiquiatra.

Sente-se esperançosa com o futuro e dentre suas últimas colocações expressa o seguinte: “Espero ter com meu filho o que não tive com a minha mãe.”

Ao final, conta também um sonho:

“Sonhei como se minha barriga ficasse transparente e eu pudesse ver a criança. Eu estava no banho e vi seu rosto e sua mão estendida. Foi nítido. Estava no meu banheiro, não estava num banheiro qualquer. Acho que fiquei bem no sonho ... me senti alegre. Fico ansiosa, está tão perto e tão longe ...O sonho deve ser consequência da ansiedade.”

### **Segunda entrevista do casal**

Iniciam falando sobre uma consulta médica no pré-natal, em que ele pôde participar. Ele comenta que não visualizou o exame ginecológico porque este foi realizado atrás de um biombo, mas que pôde escutar Helena em suas reclamações e em seus “ais”, quando lhe foi colocado o “aparelho”. Ela diz: “Ah! é que eu sou verbal mesmo. Se alguma coisa me dói, eu reclamo.”

Em seguida, ela fala sobre a dor do parto. Diz que no “Grupo de Preparação” pôde pensar na dor do parto como uma dor diferente: “É uma dor de alegria, única dor de alegria. A significação da dor é outra. Pensar nisso foi incrível e bom.”

Ela diz também que pôde compreender que cada contração será a conquista de mais uma etapa para se chegar até o nascimento e que, durante o parto, ela quer comunicar-se com seu bebê: ir explicando-lhe sobre o que está acontecendo, ir falando e preparando-o para o nascimento.

Ele diz que sua comunicação com o bebê não tem sido feita assim, “diretamente”, mas “através do pensamento”. Não acredita que possa existir receptividade na criança;

acredita que **“talvez a vibração da voz tenha algum efeito”**.

Ela discorda, pois, para ela, sua experiência de comunicação com o bebê é intensa: está sempre falando com ele e percebe que ele responde. Dá exemplos: às vezes não consegue dormir, fica andando de um lado para o outro acordada e o bebê começa a **“manifestar o seu descontentamento”**, dando-lhe **“uns chutinhos”**. Quando está irritada e triste também costuma dirigir-se para o bebê dizendo-lhe: **“Não é nada com você, filhinho, são problemas aqui da sua mamãe.”**

Mas ambos concordam que a criança só se movimenta quando eles colocam a mão na barriga e se qualquer outra pessoa interfere a criança pára.

A sensibilidade das crianças torna-se pauta da entrevista por certo tempo. Uma sensibilidade tão especial que se perde. O que determinaria essa perda? Talvez o processo educativo? Ficam as interrogações.

Eles começam a falar da televisão e da influência tão nociva que exerce nas crianças. Ela entusiasma-se com o tema e fala do **“embotamento na capacidade criativa das crianças”** provocada pela televisão: **“não há diálogo, são só imagens lançadas para as mentes das pessoas.”**

Falam de seus planos de evitar televisão para o filho e do desejo de proporcionar-lhe outras situações mais saudáveis. Consideram muito importante, por exemplo, o hábito de contar ou ler histórias para as crianças. Ela, principalmente, fala sobre isso com entusiasmo pois entende como muito boa a prática de **“repetir as histórias”** e acha importante não modificá-las, ou seja, ler exatamente como estão escritas.

Ambos percebem-se intensamente voltados para **“as coisinhas de criança”** e para as atividades mais lúdicas. Ela diz: **“Sempre gostei de filmes violentos, mas agora não suporto.”**

**Quando aparece uma cena violenta, eu escondo o rosto. Estou mais zen”.**

Ele, por sua vez, lembra que ganhou de seus pais, no Dia dos Pais, um livro de história infantil intitulado “Uma surpresa para o papai”. O livro narra a história de um menino que resolveu dar um presente especial para o seu pai, no Dia dos Pais, e fica pensando no que poderia ser: compartilhar com o pai um jogo de bola ou um passeio de bicicleta? ou talvez, um livro, um disco, uma caixa de ferramenta? Até que o menino tem a idéia de dar ao pai um aquário com peixinhos e, por falta de dinheiro, vende suas bolinhas de gude e alguns de seus brinquedos; compra material e ele próprio confecciona o aquário. Na última página do livrinho o pai aparece recebendo o presente e nada diz; sua figura está desenhada com uma lágrima no rosto e está escrita a seguinte pergunta: Por que será?

No final da narrativa da estória, Helena apressa-se em dizer que também deu-lhe um presente no Dia dos Pais: “O guia dos curiosos”. E parece justificar-se: “Eu dei o presente para ele porque no Dia das Mães ele também me presenteou, me deu um CD do Led Zepelin.” E acrescenta: “Nada próprio para um bebê, mas gostei: queria muito essas músicas.”

Sobre o parto aparece ainda que ambos já viram filmes de partos pela televisão, mas ele assinala que, com o filho, será diferente: “Não sei como será ver meu filho nascendo, deve ser outra emoção.” Fala que já socorreu pessoas acidentadas com sangramento e manteve-se em equilíbrio, ativo, tomando iniciativas; ao que ela comenta. “Nossa, que potência hein? O cara é potente mesmo.” Ele mantém-se sério e não faz comentários a essas observações dela.

Ele diz que uma pessoa, ao saber de sua intenção de participar do parto aconselhou-o a não olhar a saída da criança e Helena acrescenta: “É para não ver o grosso, porque não é bonito.” Mas ele protesta: “Eu não acho não, não imagino fealdade no nascimento

de uma criança.” Ela adiciona: “Mas não é uma coisa visual. Mas talvez, como aquela coisa de pensar na dor boa, podemos também pensar no bom sangue.”

Outra questão que ela traz sobre o parto é que não consegue imaginá-lo porque vive sempre mais voltada ao presente: “Não consigo pensar no futuro porque o presente é tão intenso e tudo é tão surpreendente. Nada é previsível. Quando penso que vou dormir perco o sono, quando penso que não vou dormir o sono vem.”

Ao final da entrevista aparecem ainda algumas manifestações em relação ao bebê: ela diz que sente o filho como um ser totalmente independente. Ele interfere: “Não, ele é dependente sim.” Ela responde: “Em certos aspectos sim, mas eu o sinto como uma pessoa totalmente diferente. Tenho bem a sensação de ter em mim uma outra pessoa.”

## 6. A INTERAÇÃO DO CASAL E OS AFETOS CIRCUNDANTES: TEMPOS E RÍTMOS RUMO À PROcriação

*"Quando te vi amei-te já muito antes.  
Tornei a achar-te quando te encontrei.  
Nasci pra ti antes de haver o mundo.  
Não há cousa feliz ou hora alegre  
que eu tenha tido pela vida fora,  
que o não fosse porque te previa,  
porque dormias nela tu futuro."*

Fernando Pessoa <sup>1</sup>

*Eu gosto de você com uma força bruta que  
não entendo bem.  
Gosto quase tanto como de mim.  
Mas que pena você não ser também  
minha filha.  
Que pena você não ser minha filha, minha  
irmã e minha mãe, tudo ao mesmo tempo.*

Murilo Mendes <sup>2</sup>

Quando um homem e uma mulher fazem uma escolha mútua para compor uma parceria amorosa, vivenciam em um momento inicial um reconhecimento de mentes e de corpos acerca das potencialidades deste intento. Há, em seguida, uma série de encontros

---

<sup>1</sup> Fernando Pessoa. Poemas dramáticos. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.480.

<sup>2</sup> Murilo Mendes (1925-1929). Poemas. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.119.

que confirmam essa possibilidade e os laços se fortalecem: emergem afeições e acordos, e o projeto de ter filhos, consciente ou inconscientemente, vai tomando corpo. E, quando a gravidez se concretiza, um turbilhão de sentimentos mistura os tempos passados, presentes e futuros, e um estado crítico conduz às mudanças necessárias e reestruturantes, dando lugar a um novo ritmo.

Neste capítulo, são apresentadas e analisadas três etapas do relacionamento dos casais estudados e a inserção da gravidez em suas vidas, dentro de um trajeto histórico onde as significações afetivas vão se configurando em vínculos e atos compartilhados, resultantes de suas experiências evolutivas e atuais, ou seja: o enamoramento e os nexos de compromisso; o desejo de ter um filho, com seus antecedentes no desenvolvimento de cada um e como um projeto do casal; e as mudanças ocorridas nos mecanismos intrapsíquicos e no inter-relacionamento afetivo do casal - entre si e com suas famílias de origem - a partir da gravidez.

### **6.1. Tempo de paixão e de criação de vínculo: enamoramento, vicissitudes e amor**

*“Para que um amor seja inesquecível,  
é preciso que os acasos se juntem desde o primeiro instante,  
como os passarinhos sobre os ombros de São Francisco de Assis.”*

Milan Kundera<sup>3</sup>

Dois seres se enamoram. Em algum lugar de suas almas está abrigado um desejo que delinea o haver, o estar e o fazer. Um enamoramento que parece iniciar-se a partir de

---

<sup>3</sup> Milan Kundera (1983). *A insustentável leveza do ser*. 66.cd. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1994. p.55.

um encontro de olhares e que tece, paradoxalmente, uma rede de invisíveis marcas.

Um enamoramento que, na verdade, anterior a esse encontro, já contém em si uma história de busca e de espera: a busca de uma antiga unidade, como em conformidade ao mito platônico: “*metades ambulantes*”, desejosas de união dos corpos, descobrem-se em momentos que potencializam emoções, sensações e sentimentos; há, nos ares, uma comunicação de sedução transmitida “... *no olhar que atinge e que adivinha o desejo do outro, no toque (quase sem querer), na fantasia, no afeto, na poética, na metáfora...*”.<sup>4</sup>

Um enredo antigo emerge, pronto para ser novamente encenado. E a memória brinca. Memória de algum dia, de algum lugar. Memória de doces palavras que, em instantes, traz um forte apelo de união, como uma música conhecida desde sempre. Das profunduras da alma desses seres em busca ressurgem peregrinos que estiveram lá nas terras, onde a alegria está no círculo desenhado em volta do fogo, em volta dos sorrisos e dos ruídos suaves. Amoráveis sons que entram pelas frestas do corpo e suavizam as angústias do mundo: ser querido que chega trazendo em seus pertences as canções do vento com acordes cheios de promessas de um tempo feliz.

**Márcia**      Ele avistou-a primeiro, assim que chegou à cidade, vindo de longe, de mudança. Ele  
**e**                estava na carroceria de um caminhão, no meio dos móveis e objetos da família, com  
**Raul**           seus dezesseis anos, tendo seu irmão como companheiro. Navegava atento no  
sentido das descobertas e das escolhas. Seus olhos, bem ativos, registram uma cena  
- a primeira imagem - ela e a amiga caminhando pela rua, ambas vestindo roupas  
pretas, muito parecidas uma com a outra. Ele a escolheu, mas parece confundir-se  
com a escolha e sugere ao irmão a outra: talvez como um meio de aproximar-se

<sup>4</sup> Amparo Caridade. Sexo, reprodução, amor e erotismo. *R.B.S.H.*, 6(1): 53-4, 1995.

também desta outra, ou, talvez, como um meio de fortalecer-se para a conquista. Procede, assim, como um adolescente que é, arregimentando adeptos.

Quando um novo encontro acontece nos corredores da escola, em nova trilha, em nova pista, tudo parece predizer o futuro: “Não tem jeito, vai ser ela mesma”.

Mas aproximar-se dela exige coragem e ele escolhe “ficar” com a amiga, aquela que foi vista também no primeiro encontro: faz de tal maneira a parecer um desbravador que, percebendo pela frente um importante e difícil percurso, aporta em alguma ilha, em algum lugar provisório, como que para descansar da ansiedade que o impulsiona a atingir o destino. “Fica-se” numa ilha, “fica-se” com a amiga, temporariamente, até alcançar a terra firme, a terra prometida. Mas as paragens, embora momentâneas, podem resultar prazeres significativos, e, assim, a separação deixa marcas e impõe um emudecimento: a amiga nunca mais falou com eles.

Chegando, finalmente, ao lugar sonhado, a primeira reação é de cautela: “Não era bem um namoro...não era muito freqüente”. Há, de início, um tatear, uma sondagem: “só beijos e abraços”. Nada ainda de totalidade: afinal, “sempre foi difícil freqüentar a casa de alguém”.

O enamoramento, no dizer de Alberoni, acontece como um processo: o que é imediato e instantâneo é o aparecimento do “objeto puro de eros”, que surge como uma revelação. E, nesse processo, o objeto puro de eros pode executar uma movimentação de idas e vindas, até reaparecer em sua forma mais rica e mais concreta e, daí, impor-se fortemente.<sup>5</sup>

Para Barthes, o enamoramento aparece primeiro através da visão de um quadro, e é este quadro que consagra aquele que será amado. O outro, por uma lógica singular,

---

<sup>5</sup> Francesco Alberoni (1979). *Enamoramento e amor*. 3.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1986, p.18.

parece comportar um “*Tudo*”, que se produz dentro de uma visão estética.<sup>6</sup>

Um enfoque mais psicanalítico sobre esse assunto remete-nos para a pergunta sobre as origens do poder do objeto que é amado à primeira vista, ou como interroga Meltzer: “*Como o inconsciente faz julgamentos tão imediatos?*”. E, em uma explicação criativa e atraente, ele nos dá a seguinte resposta:

“...o inconsciente faz um sonho envolvendo a outra pessoa, o estranho. Mas qual é então o conteúdo deste sonho? Ora, é o nosso sonho primal de amor ou ódio, no qual colocamos o estranho como protagonista e estimamos sua adequação ao papel, como faz um diretor de teatro ao escolher os atores para os papéis”.<sup>7</sup>

Mas quais seriam as condições que tornariam as pessoas capazes de perceber mais prontamente e conceber a primeira impressão de forma instantânea? Talvez algo que as libertasse das amarras habituais e colocasse os seus sentidos em prontidão e mais receptivos para as potencialidades amorosas do seu eu e do seu próximo.

Para Meltzer, em certos períodos da vida esse fenômeno ocorre mais frequentemente como, por exemplo, entre as crianças e entre os adolescentes, cujas impressões evidenciam-se mais pelo imediatismo, por seguirem seu curso “*sem grades nos olhos*”. Ou, ainda, entre as pessoas que se enamoram quando, nas trocas de olhares, captam o outro, realizando movimentos de “*olhar para*” e de “*olhar para dentro de*”, reunindo e imprimindo os sinais do outro num panorama total: a arquitetura da vestimenta,

<sup>6</sup> Roland Barthes, *op. cit.*, p.168.

<sup>7</sup> Donald Meltzer & Meg Harris Williams (1988). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Rio de Janeiro, Imago, 1994, p.61.

a geologia do corpo sob as vestimentas, a música do ser que fala, sua canção e sua dança.<sup>8</sup>

**Beatriz**            Ele seguia a sua vida dentro de um projeto bem estabelecido, com base nos  
**e**                        estudos. Vinha de uma família numerosa onde vivenciava-se carências materiais  
**João**                e, portanto, os planos de estudar e de formar-se para ter uma profissão, eram  
prioridades absolutas. E, tendo todo o apoio dos pais para isto, mais ainda,  
percebendo os seus esforços e suas renúncias no sentido de ajudá-lo a atingir os  
objetivos pertinentes, mergulhou na experiência do colégio interno com a  
intensidade necessária para os grandes empreendimentos. Deu seguimento aos  
estudos até que, um dia, encontrou-a: **“Ela é uma síntese do que eu esperava  
encontrar numa mulher. Geralmente tem-se um modelo de um físico, de um  
rosto, de um determinado tipo de cabelo e ela veio ao encontro desse ideal.  
Fui atraído pela sua imagem que se enquadrava perfeitamente dentro do  
modelo desejado”**

Para Freud, a escolha amorosa inicia-se com uma idealização. O objeto amoroso tem características altamente valorizadas, sem merecimento de críticas, e é tratado de tal maneira, como o próprio ego. Há, portanto, uma libido narcisista que se transborda para o ser amado e, nessa escolha, vigia um *“ideal do ego de nós mesmos”*: o outro, indiretamente, irá satisfazer a busca da perfeição compreendida nesse ideal.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.60.

<sup>9</sup> Sigmund Freud (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v.18. p.142-3.

*“No auge do sentimento amoroso, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.”*<sup>10</sup>

No processo de dilação, tão rigoroso que é, o enamorado só retém o “Único”:  
*“Foram precisos muitos acasos, muitas coincidências surpreendentes (e talvez muitas procuras), para que eu encontre a Imagem que entre mil, convém ao meu desejo.”* E há, em tudo, uma esperança: a de que a pessoa, objeto do desejo, corresponda e se ofereça também para a união.<sup>11</sup>

No relacionamento entre um homem e uma mulher, para que um significado essencial aconteça, é preciso que ambos os lados possam comprometer-se um com o outro na possibilidade de se aproximar cada vez mais da complementaridade narcísica. Eu e somente eu e a satisfação que eu transmito é tudo o que o meu companheiro deseja. Esse companheiro, e somente ele, tem tudo o que eu desejo.<sup>12</sup>

Livia	Desde o começo sentiram-se muito atraídos um pelo outro. Ele percebia que com ela
e	o seu desejo era ir além de um “namorico à toa”. Moravam em cidades diferentes e,
Miguel	por isso, ele empreendia-se em uma longa e cansativa viagem para poder vê-la, e fazia-o com alegria: “Quando a gente gosta não tem distância, né?”
	Para ela a figura dele despertou-lhe, de imediato, o reconhecimento de uma possibilidade: a de concretizar o antigo sonho de ser mãe: “Quando eu conheci ele,

<sup>10</sup> Sigmund Freud (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.21, p.83.

<sup>11</sup> Roland Barthes, *op. cit.*, p.14.

<sup>12</sup> Vesa Manninen, *op. cit.*, p.37.

**pensei - é a pessoa que eu queria. Ele foi me cativando, sempre me apoiando e fui ficando encantada. Imaginei - ele pode ser o pai do meu filho.”**

Surge, então, uma pergunta. Por que “Esse” e somente “Esse” é o escolhido? Por que em meio a tantos encontros e tantos desejos a escolha restringe-se a um, e somente a um, de forma tão absoluta, em determinado momento?

Dentre os fatores que determinam o modo de ser de uma pessoa, no campo da escolha amorosa, faz-se muito influente a história de vínculos afetivos que estiveram estruturando-se e conformando-se desde os primórdios.

Segundo a Psicanálise, essa escolha se estrutura através de motivos profundos e inconscientes relacionados com a história de vida de cada um. Os sentimentos de um homem ao escolher uma mulher, por exemplo, são fortemente influenciados pela ligação original com sua mãe.<sup>13</sup>

Assim também acontece com a mulher, de tal forma que ela conserva um tanto de impressões sobre o seu pai como admiração, confiança e outras qualidades, que podem desempenhar uma grande motivação sobre o seu processo de escolha de um companheiro. E, mesmo quando aparentemente as semelhanças nas características não são evidentemente expostas, por serem mais ou menos conscientes, algo das impressões primitivas faz-se presente. Ou ainda, quando há fortes defesas para se livrar das fixações em relação à figura paterna, a escolha pode recair sobre uma pessoa que apresenta um

---

<sup>13</sup> Sigmund Freud (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: \_\_\_\_\_ . *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1970. v.11, p.152. Melanie Klein, A escolha do parceiro amoroso. In: Melanie Klein & Joan Riviere, *op. cit.*, p.121-3.

absoluto contraste dela.<sup>14</sup> Neste caso, são mais as diferenças do que as analogias que retêm a atenção, e parece que, para se proteger dos desejos incestuosos, a mulher escolhe um companheiro que contraria francamente as preferências de sua família, ou mesmo de seus ideais, de sua cultura ou de sua religião. No entanto, todas essas precauções e as distâncias enormes que “*certas mulheres percorrem para se assegurar de estarem definitivamente protegidas do pai, tudo isso prova apenas uma coisa: que elas continuam a pensar nele*”.<sup>15</sup>

Outras figuras podem também, freqüentemente, assumir o lugar dos pais, ou seja, parentes ou amigos, e isto acontece muitas vezes em função de conflitos e desapontamentos nas relações parentais; nestes casos, a procura se dirigirá às imagens com conteúdos semelhantes aos dessas pessoas investidas, que foram assumidas como predileções. No entanto, essas relações nem sempre são absolutas e podem existir entre os adultos escolhas influenciadas por outros fatores, onde buscam-se novos sentimentos e experiências genuínas.<sup>16</sup>

As diversas inscrições de vínculos com as figuras parentais e, depois, com outras figuras que vão adquirindo significações, formam “*acordos e pactos inconscientes*” que indicam a maneira e o tipo de objeto a ser escolhido: escolhe-se um determinado outro e oferece-se para ser escolhido por ele.<sup>17</sup>

Nos momentos iniciais da escolha amorosa, transfigurada nesse jogo de sedução

<sup>14</sup> Melanie Klein, A escolha do parceiro amoroso, *op. cit.*, p. 121-3.

<sup>15</sup> Gérard Pommier (1994). *Do bom uso erótico da cólera e algumas de suas consequências...* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996, p. 159.

<sup>16</sup> Melanie Klein, A escolha do parceiro amoroso, *op. cit.*, p. 121-3.

<sup>17</sup> Janine Puget & Isidoro Berenstein. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 136.

e idealização, é recriada, segundo Puget e Berenstein, “*a primeira organização objetal ainda revestida de narcisismo originário*”; há um desejo de fusão com um objeto de qualidades onipotentes, onipresentes e oniscientes, um objeto que tem a forma de um “*objeto único*”.<sup>18</sup>

Esses autores falam desse vínculo como algo peculiar, sem o qual a pessoa sente uma ameaça de aniquilamento<sup>19</sup>: exatamente como o bebê se sente sem a proteção da mãe que o acolhe e o sustenta.

*“O Objeto Único é aquele que, inicialmente, fornece a ação específica, discrimina mundo interno e mundo externo, ego/não-ego, dá os primeiros índices de realidade e possui a capacidade de se antecipar ao desejo - prevê-lo -, bem como de subministrar, ao ego inerte e desamparado, um ego auxiliar capaz de significar.”*<sup>20</sup>

Eles falam também da “*busca da sensação oceânica e de fusão*”<sup>21</sup> com esse objeto, que deriva do estado de anseio de completude: idéias que têm suas raízes em concepções freudianas.

Ao fazer uma reflexão sobre os significados dessa sensação oceânica, Freud reporta-se, inicialmente, ao entendimento que seu amigo Romain Rolland fazia sobre esse assunto: ou seja, Romain Rolland considerava a sensação oceânica como um sentimento cuja verdadeira fonte seria a religiosidade, “*um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras*”<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.138.

<sup>19</sup> *Loc. cit.*

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.138-9.

<sup>21</sup> *Loc. cit.*

<sup>22</sup> Sigmund Freud. O mal-estar na civilização. *op. cit.*, p.81.

Mas Freud formula um outro conceito, onde reconhece o desenvolvimento egóico como base para a compreensão desse fenômeno:

*“Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos. Ela deve ficar fortemente impressionada pelo fato de certas fontes de excitação, que posteriormente identificará como sendo os seus próprios órgãos corporais, poderem provê-la de sensações a qualquer momento, ao passo que, de tempos em tempos, outras fontes lhe fogem - entre as quais se destaca a mais desejada de todas, o seio da mãe -, só reaparecendo como resultado de seus gritos de socorro. Desse modo, pela primeira vez, o ego é contrastado com o ‘objeto’, sob a forma de algo que existe ‘exteriormente’ e que só é forçado a surgir através de uma ação especial.”*<sup>23</sup>

Nesse estado primitivo a criança tende a isolar do ego tudo o que pode causar desprazer e cria um *“puro ego em busca de prazer”* e, só de forma gradual, é que começa distinguir entre o que é interno - pertencente ao ego - e o que é externo, ou seja, que emana do mundo exterior. Desse modo, aos poucos, vão sendo dados os primeiros passos *“no sentido da introdução do princípio da realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro.”*<sup>24</sup> Mas fica uma saudade, a saudade desse paraíso perdido por onde viveu um ego, puro, que só admitia o prazer. Para Freud, portanto, esse sentimento oceânico seria o desejo de voltar a esse lugar onde as sensações prazerosas fluíam generosamente, ou seja,

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.84-5.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.85.

teria como papel a restauração desse narcisismo ilimitado.<sup>25</sup>

**Cíntia e Antônio** Para ele a vida estava envolta em desilusões, com marcas profundas devidas às disposições paternas para o alcoolismo e para as atitudes agressivas com toda a família. Seus irmãos, e ele mesmo, seguiram o caminho do pai e tornaram-se alcoólatras também. Ele, já com a idade de oito anos, começou “a tomar uns goles”, quando era mandado ao bar para comprar bebidas alcoólicas.

Cresceu “perdido no mundo, bebendo, fumando, bagunçando”, até que um dia, ao ser levado para uma igreja evangélica com o propósito de se regenerar, conheceu-a: lembra-se bem desse dia e de sua localização no tempo e no espaço, e anuncia, orgulhosamente, a data de tão importante acontecimento: “Não posso esquecer esse detalhe nunca”.

Ela, com quinze anos na época em que se conheceram, embora originando-se de uma família sem as manifestações que caracterizavam a família dele, ou seja, de alcoolismo e de evidentes agressões, estava já há dois anos em um estado que denominou de “depressão aguda”. Para ela, este estado originou-se de sua dificuldade de comunicar seus sentimentos. O encontro com ele trouxe-lhe novas motivações e fez renascer em seu corpo a vontade de se comunicar e de se alegrar.

O vínculo do casal inicia-se, portanto, com um modelo ilusório - o enamoramento apaixonado - que abriga uma tentativa de recuperar um estado de completude. Mas esse início amoroso, onde predomina um sentimento incondicional baseado na idealização, tende a desaparecer.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p.90.

Como é descrito por Barthes, o trajeto amoroso segue três etapas: a captura instantânea, seguida de encontros, telefonemas, no decorrer dos quais o enamorado explora, extasiado, a feição do amado: é o tempo do idílio; num segundo tempo, surgem limitações, angústias, embaraços e a ameaça de uma separação; e, num terceiro período, o relacionamento encaminha-se ou para uma saída dialética, "*conservando-se o amor, mas livrando-se da hipnose*" ou, então, acontece um rompimento inevitável.<sup>26</sup>

Desse início transitório também nos fala Alberoni: "*o estado nascente*", como ele denomina esse tempo, tende a desaparecer e, se o amor for bem sucedido, produz-se "*uma instituição*". Este autor usa a metáfora das flores e dos frutos para ilustrar suas idéias:

*"Quando o fruto aparece, a flor desaparece. E na verdade não faz sentido perguntar se a flor é melhor que o fruto ou vice-versa, assim como não faz sentido perguntar se é melhor o estado nascente ou a instituição. Sem um não existe o outro, e vice-versa. A vida se constitui de ambos."*<sup>27</sup>

Na transição desse início de enlevo apaixonado para um relacionamento não tão compreendido em ilusões, pode resultar a aventura de se conhecer mais e mais profundamente o objeto amado. Há uma substituição, semelhante ao que ocorre na infância quando a criança aceita "*a desilusão de suas expectativas onipotentes e oniscientes em relação aos pais*"; o amor por eles se transforma e, pela qualidade dos afetos, eles continuam a merecer a confiança, agora não mais por uma idealização mas pelas qualidades reais.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Roland Barthes, *op. cit.*, p.84-5.

<sup>27</sup> Francesco Alberoni, *op. cit.*, p.37.

<sup>28</sup> Donald Meltzer & Meg Harris Williams, *op. cit.*, p.62.

Passar do estado de enamoramento para um vínculo de maior complexidade é tarefa difícil e exige muitos esforços, e a trajetória do casal perpassa, portanto, por vários períodos de mudanças. Algumas mudanças são sutis, quase imperceptíveis, elas que fazem, a cada momento, uma dialética de reconhecimentos e renascimentos múltiplos: pequenas e breves cenas constituídas de alegrias e frustrações do dia-a-dia.

Há, no entanto, mudanças outras, necessárias, devidas a múltiplos momentos que chegam, às vezes, com vicissitudes de desentendimentos mais complexos; é preciso, então, um esforço para a construção do novo e para a arquitetura de um espaço criativo e fértil.

Mas, quando os esforços não são suficientes, ou inexistem, ou quando modificam-se os desejos, a falência é decretada e impõem-se a separação.

**Helena** Parece que o primeiro encontro não despertou-lhes um encantamento imediato.  
**e** Conheceram-se durante uma viagem e, num ligeiro contato, trocaram breves  
**Alberto** palavras. Devem ter se reconhecido de uma mesma procedência, mas há indícios de que nem sequer passaram os endereços um para o outro. No entanto, logo após a volta da viagem, os acasos começam a dar sinais de alerta: ela descobre que seu pai conhecia o pai dele e o desejo de um reencontro se manifesta; seu pai passa-lhe o telefone dele e ela o procura para lhe mostrar algumas fotos dos lugares onde estiveram. Iniciam a partir daí, um relacionamento que, apesar de contínuo, não é assumido com a passividade da entrega: o compromisso não é nomeado e há uma sensação, constante, de que “isso não vai durar”. Tanto assim que, até mesmo a resolução de morar juntos baseia-se mais numa “comodidade econômica” do que em motivações relacionadas com a constituição de uma união mais sólida. Entretanto, eles permanecem juntos durante três anos, numa convivência de idas e vindas, demonstrando, claramente, a ambivalência. Mas a separação é inevitável

c. em pleno rompimento, considerado definitivo, acontece a gravidez. Não sendo mais possível partilhar, concretamente, o mesmo espaço físico e psíquico de ligação, encontram um meio de eternizar o elo, como demonstram as palavras dela: **“Agora me vejo irremediavelmente presa a ele, através desse filho”**.

E, apesar da separação, eles ousam fazer uma tentativa para criar uma relação de convivência para a preservação dos lugares onde poderão ser construídos os papéis que envolvem a paternidade: ele quer acompanhá-la durante o parto para ver o nascimento do filho e ela manifesta permissão para que isso aconteça.

A passagem de um estado do relacionamento para outro dependerá de outras representações, além daquela primitiva que se relaciona com a completude narcisista: ou seja, a representação dos pais, enquanto casal, e a representação social de casais que são percebidos fora do contexto familiar, onde estão incluídos homem, mulher e filhos, e que comportam uma série de códigos e sinais.<sup>29</sup>

A conjugação dessas representações estabelecem os parâmetros definitórios da constituição do casal que vão designar *“o enquadramento, seu sentido e os significados circulantes na diade”*.<sup>30</sup>

Puget e Berenstein apresentam quatro especificações para esses parâmetros definitórios: cotidianidade, a qualidade das relações sexuais, tendência monogâmica e projeto vital compartilhado.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Janine Puget & Isidoro Berenstein, *op. cit.*, p.6.

<sup>30</sup> *Loc. cit.*

<sup>31</sup> *Loc. cit.*

A “*cotidianidade*” relaciona-se com a convivência nos espaços do dia-a-dia e com os lugares ocupados e fixados na organização da casa: ativa modalidades relacionais primárias ligadas aos ritmos, formas de comida, ordem e limpeza, que se incorporam precocemente à identidade. Essas modalidades podem constituir-se em algo compartilhável e, às vezes, não-compartilhável ou até mesmo incompartilhável.<sup>32</sup>

Esse tipo de relação pode ser fonte de angústia e deverá ser revitalizada pelo “*predomínio de Eros*”, com possibilidades para o crescimento. Por outro lado, pode prevalecer “*Tanatos*” registrando-se, então, tédio e aborrecimento, ou pode ainda, acontecer uma “*tentativa maniaca, em geral de curto alcance*”.<sup>33</sup>

**Helena** Quando se conheceram já não moravam mais na casa de seus pais, moravam e  
**e** sozinhos, cada qual em seu próprio apartamento, e ela enfatiza: “...mas o  
**Alberto** apartamento dele não era tão organizado como o meu”. E parece que esta questão sobre a ordem tornou-se um campo de desacordos, evidenciando-se dificuldades em superá-los: “Ela é muito metódica. O lençol tem que ser sempre de determinado jeito. Fico preocupado que ela possa passar essas manias para o nosso filho. Ela tem muitas preocupações com a higiene corporal. Acho isso um exagero...”.

As divergências do convívio diário poderão ser transpostas também com o auxílio dos outros parâmetros definitórios, como a “*qualidade das relações sexuais*” ao fundamentar meios de fortalecimento do vínculo. E a satisfação nas relações sexuais dependem da aceitação da diferença e do reconhecer-se incompleto. “*Quando a noção de*

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.7.

<sup>33</sup> *Loc. cit.*

*diferença está associada a fortes angústias de castração (no homem) ou de esvaziamento (na mulher), teremos toda a gama das dificuldades sexuais de uma vida de casal (matrimonial). ”*<sup>34</sup>

Também em consequência das satisfações sexuais, além de outros fatores, a “*tendência monogâmica*” se solidifica transformando a relação em uma união criativa de afetos e permeada de constantes boas descobertas. De outra forma, configuram-se modos de vida conjugal cerceantes no qual a monogamia é cumprida por obrigação e de onde busca-se fugir para livrar-se do aprisionamento.

<b>Helena</b>	O amor entre eles revelou-se assimétrico desde o início. Para ela, a pessoa dele
<b>e</b>	comportava a especificidade de seu desejo mas, para ele, os sentimentos
<b>Alberto</b>	manifestavam-se numa outra ordem: quis outros corpos, empreendeu outras
	buscas: comunica-lhe um dia que não quer mais viver com ela e que fará uma
	viagem com uma amiga. Ficam, portanto, as mágoas e os sofrimentos
	decorrentes do abandono. Ela deixa transparecer estes sentimentos no olhar que
	lhe dirige e no modo como se apresenta diante dele: distancia-se, destina-lhe
	poucas palavras, faz ironias e sorri tristemente quando ele comenta: “O nosso
	problema é que ela gosta mais de mim do que eu dela”.

Quando a assimetria vai se reproduzindo nos mínimos detalhes, o resultado não comporta uma transformação no vínculo de tal forma a levá-lo para uma complexidade maior. É preciso que ambos se destinem para uma relação de partilha da linguagem, dos ideais e que as diferenças possam se transformar em uma comunicação que, ainda que por vezes tensa, traga em outros momentos até um certo tom de brincadeira que provoca risos e alegrias.

---

<sup>34</sup> *Ibidem.* p.9.

No dizer de Rubem Alves, há dois tipos de casamentos: os do tipo tênis e os do tipo frescobol. Os primeiros são fonte de raivas e ressentimentos, busca-se sempre ganhar a qualquer preço, “recebe-se o sonho do outro para destruí-lo”. Já no segundo tipo, “o sonho do outro é um brinquedo que deve ser preservado(...) é coisa delicada, do coração”: brinca-se, não há perdedores e nem ganhadores, e o amor cresce.<sup>35</sup>

Beatriz	A relação conjugal entre eles tem sido através de um tratamento respeitoso e de
e	delicadezas, como enfatizam. Casaram-se no dia de Natal, numa escola de
João	significação afetiva para ambos, em clima de singeleza e tranquilidade.
	Consideram-se um casal “sem crises”. Ele diz: “Nunca fizemos escândalo, somos mais comportadinhos. Não queremos aquela volúpia toda para não acabar em nada”.

Para Vera Lamanno, no encontro do casal ocorre um cruzamento entre a vivência atual e a vivência virtual (onde estão compreendidas as representações internas das figuras parentais), produzindo o que ela denomina de “*núcleo de vivência mútua*”. E, se por um lado é importante romper vários encaixes entre a vivência atual e a vivência virtual, sempre restará a opção de não se livrar de alguns outros de forma definitiva. Tanto assim que a transformação de uma relação conjugal não se faz de forma ascendente e linear, mas num constante ir e vir, ir mais além e retornar. “*A aniquilação dessa variação e instabilidade inerentes ao ser e às relações leva, inevitavelmente, à decadência e à degeneração.*”<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Rubem Alves (1992). *O retorno e termo*. Campinas. Papirus, 1992, p.51-3.

<sup>36</sup> Vera Lúcia C. Lamanno (1994). *Repetição e transformação na vida conjugal: a psicoterapia do casal*. São Paulo, Summus, 1994, p.12-23.

Os reverses da cotidianidade serão, portanto, parcialmente superados, e dão margem a um tipo de relacionamento mais amadurecido onde é preciso um certo grau de tolerância frente ao aumento gradual da intimidade e à conseqüente liberação dos aspectos primitivos e difusos da personalidade, havendo necessidade de certos pré-requisitos, tais como: *“aceitação dos riscos implícitos no ato de abandonar-se plenamente na relação com o outro, mas sem perder o sentido do eu (...) capacidade de empatia contínua, mas não de um estado primitivo de fusão característica de um casamento com uma organização psicótica”*; e a tolerância da perda do estado ilusório primeiro e a constatação de sua impossibilidade como tal.<sup>37</sup>

É exatamente na cotidianidade onde podemos realizar uma existência de verdades: onde se aprende a olhar o outro, a ouvi-lo, a viver uma vida de eventos banais, simples, mas grandiosos e heróicos, porquanto de esforços íntimos realiza-se para a construção amorosa: *“O heroísmo de repetir todos os dias o mesmo gesto; o heroísmo daqueles e daquelas que a cada dia precisam retomar sem cessar as mesmas tarefas em casa, na escola, na fábrica ou no campo.”*<sup>38</sup>

E, por último, destaca-se também o quarto parâmetro definatório proposto por Puget e Berenstein, de grande importância na transformação do vínculo do casal, que eles denominaram de *“projeto vital compartilhado”*; ou seja, aquilo que compreende uma série de ações que reúnem possíveis e desejosas realizações na dimensão de um tempo futuro. Compartilha-se um espaço, um tempo, uma linguagem e também um trajeto que se organiza e que se pensa para ser concretizado mais adiante, e o paradigma desse projeto é a criação de filhos reais ou simbólicos.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.23.

<sup>38</sup> Moacir Gadotti, *op. cit.*, p. 27.

<sup>39</sup> Janine Puget & Isidoro Berenstein, *op. cit.*, p.8.

Sobre este assunto detenho-me no próximo item deste capítulo para refletir sobre como a vinda de um filho é sustentada por desejos e planos que nem sempre acontecem de forma consciente, que carregam uma carga afetiva das experiências evolutivas e, ainda, que nem sempre são nomeados como intenções profundas e essenciais: verifica-se que os casais podem ou não perceber o desejo de ter um filho como parte do projeto vital compartilhado, trazendo-o ou não para seus diálogos e tratando-o como fonte de seus planejamentos.

## **6.2. Do filho sonhado ao filho real: variações do desejo e projeto de vida compartilhado.**

*“Bendita seja a hora em que conheci o pai de meu filho!  
Foi ele quem pelo tato me demonstrou meu corpo – e me fazendo sofrer  
me revelou minha alma.  
Eu não existia antes de o conhecer.  
Ele sabia mais de mim do que meu pai.  
Ele explorou todos os átomos de minha pele,  
e atravessou todos os meus segredos.  
Assistindo-o viver eu tive a idéia do poder divino: atrás daquele homem  
deve haver uma força maior que criou tudo.  
Bendita seja a hora em que conheci o pai de meu filho!”*

Murilo Mendes<sup>40</sup>

Quais seriam os motivos que levariam as pessoas desejar ter filhos? Quando é que esse desejo aparece? Quais seriam as principais modificações que poderiam acontecer na qualidade desse desejo no transcorrer da evolução de uma pessoa?

<sup>40</sup> Murilo Mendes, *O sinal de Deus, op. cit.*, p.745.

Assim como acontece na escolha do parceiro, a relação com os pais, desde os primórdios, estará também influenciando a qualidade do desejo de procriação.<sup>41</sup>

O desejo de ter um filho pode fundamentar-se na possibilidade de reconquistar as experiências profundas originadas nos primórdios do estado de ego ideal, ou seja, a relação simbiótica que uma vez foi formada com a mãe. A pessoa, agora como um ser adulto, está aparelhada para reproduzir um bebê com quem poderá recriar o paraíso perdido: aquela interação inicial que foi, e ainda é, geradora de um desenvolvimento contínuo<sup>42</sup>. Abriga uma perspectiva que promete a possibilidade de reconquistar o amor fusional, desprovido de ambivalência e ilimitado<sup>43</sup>. Um filho pode significar recuperar a própria mãe e as tendências reparatórias de sua imagem, e um meio de recriar a identificação com ela.<sup>44</sup>

Além disso, as imagens dos pais nos desempenhos de seus papéis maternos e paternos são introjetadas como modelos e tornam-se fontes de inspiração para a construção das funções reprodutivas. E, dessa maneira, de forma direta, as meninas baseiam-se nos modelos de suas mães e os meninos nos modelos de seus pais.

Em um momento biográfico literário, muito comovente, o escritor Kafka com a idade de trinta e seis anos, tenta constituir suas teorias sobre o mundo exterior, falando de suas relações familiares. Trata-se de uma carta dirigida à figura paterna onde ele traz à

---

<sup>41</sup> O desejo, na concepção dinâmica freudiana, diz respeito, quase sempre, ao inconsciente, e tende a realizar-se restabelecendo os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. Mas, por vezes, o uso do termo feito por Freud relaciona-se também com outras realizações. Ele fala, por exemplo, do desejo de dormir ou do desejo em nível pré-consciente. J.Laplanche & J.-B.Pontalis, verbete "desejo", *op.cit.*, p.158-9.

<sup>42</sup> Vesa Manninen, *op. cit.*, p.37.

<sup>43</sup> Michael Diamond, *op. cit.*, p.455.

<sup>44</sup> Marie Langer, *op. cit.*, p.198. Raquel Soifer, *op. cit.*, p.30.

tona muitas mágoas sofridas pelas atitudes sempre tão despóticas e incompreensivas de seu pai, presentes no seu desenvolvimento e processo educativo. Ao final, ele fala de suas dificuldades em contrair núpcias como parte daquilo que o modelo paterno lhe imprimiu:

*“... de forma ostensiva sou espiritualmente incapaz de casar-me. (...) desde o instante em que tomo decisão de me casar não posso já conciliar o sono, a cabeça me arde de dia e de noite, já não é vida, cambaleio desesperado de um lado e de outro. (...) É o peso geral do temor, a debilidade, o auto-menosprezo. (...) se bem que casar-se é o máximo da independência mais completa de dignidade também está simultâneamente na relação mais estreita contigo. Querer afastar-se disto tem, por isso, algo de loucura e cada tentativa recebe como castigo essa loucura.”<sup>45</sup>*

Durante quase todo o transcorrer da carta de Kafka, as palavras traduzem o seu estado de amargura, devido a humilhações, ironias e depreciações que seu pai constantemente lhe dirigia. Mas, em um determinado momento, Kafka fala das exceções de felicidade no convívio com o pai, suscitando especial emoção:

*“Acontecia raras vezes, mas era maravilhoso. Por exemplo, quando te via no escritório, nos cálidos meios-dias de verão, rressonar um pouco, cansado depois do almoço, (...); ou quando minha mãe estava gravemente doente, e tu, tremendo em prantos, te seguravas ao caixote de livros; ou quando estive a última vez doente e chegaste silenciosamente ao meu quarto, paraste no umbral, esticaste o pescoço para ver-me na cama e, por consideração, me*

<sup>45</sup> Franz Kafka (1919). *Carta a meu pai*. São Paulo, Livraria Exposição do livro, 1964, p.82-3.

*saudaste apenas com a mão. Nesses instantes punha-se a gente a chorar de felicidade, e hoje volta a chorar, enquanto o descreve.*

*Tens, além do mais, um modo de rir extraordinariamente belo e pouco comum, calmo, pacífico e bondoso, que pode fazer inteiramente feliz a quem o recebe.*<sup>46</sup>

Não há notícias de que Kafka tenha se casado ou tido filhos, porém sua procriação aconteceu em uma outra ordem, através da literatura; de tal forma que pôde deixar emergir, de sua interioridade, um desejo amoroso como fonte da universalidade do ser. Demonstrando, portanto, juntamente com tantos outros exemplos, que outras conexões invisíveis movimentam as representações parentais e que, além disso, as fontes diversas das experiências de vida estarão criando também outras possibilidades.

**Antônio** Se dependesse somente do exemplo paterno apresentado, poderia pressupor-se que seus afetos estariam condenados ao caos e à desestruturação: “Tive pouco contato com meu pai. Ele era um sujeito esquisito. Pra começar ele não soube educar a gente. Não quero nem lembrar. Minha infância foi um pesadelo. (...) Era só droga, bebedeira e bagunça. Eu não tinha compromisso com nada, nem com a própria vida.” No entanto, outras fontes significativas vieram proporcionar-lhe a descoberta de um outro caminho para a sua existência, e a base de todas elas parece ter sido sua própria mãe, referida como pessoa sofredora, como aquela que tem lutado imensamente para manter uma certa dignidade na família e para quem ele dedica sua transformação: “Minha mãe é aquela pessoa que se preocupa pra caramba; faz o possível e o impossível pelos filhos. Criou sozinha todos nós,

---

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.33-4.

porque meu pai trocou ela pela bebida. (...) Mas hoje ela está feliz. Ela olha pra mim e diz que sou uma outra pessoa. E meus irmãos me vêem como exemplo.”

O encontro amoroso foi também importante para a sua transformação existencial e a experiência com o casamento tem fortalecido o seu ego. Mas é sobre a conversão à crença evangélica que recai a ênfase maior de seu discurso, e é com alegria e entusiasmo que ele fala dela: “Minha infância começou em noventa e dois, porque antes foi tudo um pesadelo. Meus companheiros daquela época estão embaixo da terra. Praticamente eu renasci. Comecei a sentir o impulso de viver e veio a vontade de mostrar para as pessoas o que é isso.”

Para ele, o renascimento tem lhe trazido uma nova palavra com um sentido revitalizado, assim como uma nova forma de olhar, harmonizando-se em uma linguagem perdida e que é recuperada para preencher um vazio: a falta de um nome: o nome do pai: “Meu sogro é meu pai na fé. Ele corrige meus erros no falar. (...) Até a hora de parar de falar a gente precisa aprender. Não se deve falar muito. A mesma coisa o olhar. Um olhar pode levar à morte. Uma palavra também pode levar à morte.”

A experiência religiosa possui, segundo Freud, um protótipo infantil relacionado com um estado de desamparo que as crianças de tenra idade vivenciam com os pais: um misto de temores e de desejos de proteção contra os perigos de aniquilamento, reais e fantasiados, que a própria natureza pode trazer. Com o decorrer do tempo, as experiências de observação da regularidade e da conformidade trazem um amadurecimento, mas o desamparo do homem permanece e, “*junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses.*”<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Sigmund Freud (1927). O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.21. p.28-9.

Fica, portanto, um espaço de carências a ser preenchido por objetos amorosos possíveis, como uma vocação que atinge finalmente a sua materialização, como fruto dos entretécidos dos desejos, dos atos e da criação: algo novo, mas ao mesmo tempo muito antigo em sua intimidade e em sua construção.

*“Bem que poderíamos denominar a conversão de ‘metamorfose da subjetividade’. Estruturas inteiras caem por terra. Centros emocionais se deslocam. (...) Ser convertido é morrer para nascer de novo. (...) A consciência ressuscita, transfigurada, como uma nova estrutura em que tanto os conteúdos emotivos quanto os cognitivos são radicalmente novos. (...) Nada foi acrescentado ou subtraído. As mesmas coisas, os mesmos céus e campos, as mesmas pessoas e cenários, as mesmas tarefas e sofrimentos. Mas tudo se organiza de forma nova. Experiência caleidoscópica: os fragmentos feios e destituídos de significação se revelam como estruturas simétricas e permanentemente belas quando contempladas através de um novo meio de reflexão. Mudaram as coisas? Não. Mudou a maneira de ver as coisas.”<sup>48</sup>*

As necessidades de pais reais, de pais substitutos ou de pais simbólicos, assim como as necessidades perenes de ser cuidado e de ser protegido pelos laços religiosos ou por laços afetivos internalizados, configuram o ser humano como um ser de espera e de prontidão para as inúmeras possibilidades que podem se revelar a qualquer momento,

<sup>48</sup> Rubem Alves (1984). *O enigma da religião*. 3. ed. Campinas, Papirus, 1984, p. 118 e 146-7.

como meios para o preenchimento da falta.

**Helena** Ela teve com sua mãe uma relação sofrida e, em toda a sua expressão, não há nada que denote uma possível reconciliação com a figura materna. Mas, apesar dessa imagem ser revelada de forma tão destruída, o desejo de maternidade está preservado em um canto guardado de sua memória, nos idos de sua infância: **“Eu sempre tive o sonho de ser mãe, desde bem pequena. No começo era essa espécie de sonho próprio de quando fazemos parte do mundo de nossos pais, mas depois foi mudando.”**

E faz coro com esse seu desejo um outro desejo, acalentado em comunhão com os designios maternos: **“Minha mãe é aquele tipo de princesa e idealizava pra mim, também, vida de princesa. Queria que eu me casasse virgem, de véu e grinalda. (...) Eu até alimentei esse sonho durante uns tempos: esse sonho de princesa que quer que um príncipe apareça montado num cavalo branco. (...) Acho que o que eu queria mesmo, era escapar daquela família horrorosa”.**

E assim, ao sair de casa, ela põe em prática os seus projetos de liberdade, mas também enfrenta sofrimentos: depara-se com o desencanto amoroso, experimenta a solidão e o desprezo social no transcurso de uma gravidez que assume na condição de solteira, deprime-se e chora as perdas e os medos do desconhecido. Posteriormente ela faz um retorno ao abrigo parental que, estando esvaziado da presença materna, surge-lhe configurado na afeição do pai, que se mostra compreensivo, carinhoso e pronto para apoiá-la em sua reestruturação.

O desejo de procriação, portanto, forma-se através do relacionamento com os

pais, mas também através de algo mais que transcende esse próprio relacionamento e que resulta de um manancial de fatos passados e de experiências vividas, perceptíveis e imperceptíveis, de forma a anteceder a formação do vínculo do casal, aparecendo já na infância, de forma mais consciente nas meninas e de forma mais oculta nos meninos.

Assinalei anteriormente que, durante o desenvolvimento das meninas, segundo uma visão psicanalítica, há uma substituição do desejo que elas têm de ter um pênis pelo desejo de ter um filho. Num primeiro momento é com seu pai que ela fantasia ter o seu bebê e, só posteriormente, com o princípio da realidade proclamando o interdito das relações incestuosas, é que outras figuras masculinas vão tendo acesso ao campo de suas escolhas objetais. O desejo de ter bebês é, então, claramente manifestado entre as meninas que, não tendo porque escondê-lo, por toda a aprovação e incentivo que a sociedade lhes reserva no trato com a maternidade, fazem dele seu dileto companheiro pela vida afora.

- Lívia** Para ela, ter um filho foi, desde menina, um desejo bem consciente. Sempre  
**e** gostou de crianças e acha “delicioso” estar com elas. Para ele, o processo foi  
**Miguel** diferente. Antes de conhecê-la nunca havia pensado em se casar e ter filhos.
- Karina** O desejo de ter um filho só apareceu nele por volta dos vinte e dois anos. Com  
**e** ela foi diferente: lembra-se de que desde os nove anos já pensava em ter filhos -  
**Mauro** ficava olhando para as mulheres grávidas e sempre gostou muito de crianças.
- Luciana** Ele, até recentemente, não pensava em ter filhos. Começou a pensar, realmente,  
**e** dentro do contexto da própria gravidez. Antes, isto nem lhe “passava pela  
**Marcos** cabeça”. Nela, o desejo de ser mãe apareceu quando “era bem menina”.

Mas, o que aconteceria com os meninos? Por que esse desejo de procriar aparece geralmente encoberto entre eles, durante a infância? Por quais vicissitudes passariam no seu caminho rumo à paternidade?

Já apresentei também, no segundo capítulo, a concepção psicanalítica que fala da existência precoce, nos meninos, do desejo de ter bebês. E, pelo fato desse desejo relacionar-se primeiramente com uma identificação do menino com a mãe<sup>49</sup> e vir acompanhado de um outro desejo que é o de assumir o lugar dela e ser amado pelo pai<sup>50</sup>, a constituição que aí se configura ocasiona uma circunstância complexa, de orientação dupla, bissexual,<sup>51</sup> levando o menino a experimentar aquilo que Freud analisa em um de seus estudos clínicos ou seja, o temor à atitude feminina: uma das pré-condições ou reforços da neurose, além do medo direto da punição e da castração.<sup>52</sup>

*“A atitude do menino com o pai sofre repressão tão logo ele compreende que sua rivalidade com uma mulher pelo amor do pai tem, como pré-condição, a perda de seus órgãos genitais masculinos - em outras palavras: a castração. (...) Entre as observações feitas pela psicanálise sobre a vida mental das crianças, dificilmente existe alguma que soe tão repugnante e inacreditável a um adulto normal quanto a da atitude feminina de um menino para com o pai e a fantasia de gravidez que dela surge.”*<sup>53</sup>

<sup>49</sup> Sigmund Freud, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, *op. cit.*, p.100-1.

<sup>50</sup> *Idem*, *A dissolução do complexo de Édipo*, *op. cit.*, p.196.

<sup>51</sup> *Idem*, *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, *op. cit.*, p.279.

<sup>52</sup> *Idem* (1928[1927]). *Dostoievski e o parricídio*. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.21, p.212-3.

<sup>53</sup> *Idem* (1923[1922]). *Uma neurose demoníaca do século XVII*. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1. reimp.1988. v.19, p. 106.



Esse temor à atitude feminina que o menino poderia experimentar parece ser, portanto, um dos fatores que afastaria o seu desejo de ter filhos do campo das manifestações conscientes, durante a infância.

A fantasia que os meninos mantêm com o pai, numa relação feminilizada, dura um certo tempo e tende a desaparecer: será combatida dando lugar à afirmação de sua virilidade que emerge, inclusive, graças a essa passagem pela feminilização.<sup>54</sup>

O que se observa, portanto, é uma dupla identificação do menino com as figuras parentais, ou seja com seu pai e com sua mãe, relacionada com aquilo que Freud chamou de complexo de Édipo completo. Se por um lado existe uma relação edípica positiva onde o menino deseja a mãe e identifica-se com o pai, existiria também o inverso, ao qual Freud denominou de complexo de Édipo negativo. Esse modelo dúplice, presente nas crianças de ambos os sexos devido a bissexualidade original, avançaria de uma forma ou de outra de acordo com as disposições presentes no desenvolvimento infantil, resultando em uma determinada configuração do ego, onde estão consolidadas as duas identificações originais, com o predomínio de uma ou de outra. Se por um lado o menino é orientado a ser como seu pai, essa orientação inclui também uma outra mensagem: a de que ele não poderá fazer tudo o que seu pai faz, visto que certas coisas são prerrogativas dele somente; o mesmo acontecendo com a menina em relação à sua mãe.<sup>55</sup>

Há, portanto, um processo de reconhecimentos, escolhas, identificações e renúncias que vão dando forma ao desejo de procriação desde a infância, partindo de um

<sup>54</sup> Gérard Pommier, *op. cit.*, p.153.

<sup>55</sup> Sigmund Freud (1923). O ego e o id. In: \_\_\_\_\_ . *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1987, 1.reimp.1988.v.19. p.44-7.

desejo de ter um filho “como” a mãe ou “para” a mãe e encaminhando-se às atitudes mais amadurecidas, que comportam eleições mais voltadas para a realidade da vida adulta. Mas, no enredo do inconsciente, algo da experiência infantil perdura e os sinais de tais desejos aparecem, algumas vezes, de forma patente.

**Pedro** Sua mãe é destaque em muitas de suas falas. Ela está bastante empenhada na recepção da gravidez, manifestando-se sempre em clima de alegria e com boas expectativas; e, para ele, apesar de sua mãe estar também esperando a vinda de um neto, o seu entusiasmo maior está voltado para a gestação de seu filho e, ao falar disso, ele comete um ato falho, corrigindo-se imediatamente: **“Ela sempre falou que eu ia dar um filho pra ela, quer dizer, um neto. Ela dizia também que o caçula é que ia dar esse neto.”**

É parece que o “caçula”, ou seja ele próprio, resolveu se empenhar para valer no sentido de satisfazer os desejos maternos, tanto assim que, contrariamente ao que se costuma observar sobre o desejo de ter filhos nos homens, ele precocemente foi percebendo em si os planos de fecundar uma mulher. Mesmo antes de conhecer sua esposa, ou seja anterior aos seus treze anos, já cogitava a idéia de ser pai; e, depois, desde as experiências iniciais de namoro, os projetos de ter filhos ocuparam a comunicação do casal e reverberaram conjuntamente na sua intenção.

As duas configurações infantis - ter um filho “como” a mãe ou ter um filho “para” a mãe - ativam fortes sentimentos ambivalentes no menino em relação à figura de seu pai, durante a formação de sua identidade e masculinidade, que serão conservados de certa maneira ao longo de sua vida: por um lado, uma hostilidade e um desejo de eliminar o

rival, mas por outro, o desejo amoroso e terno, e a necessidade de reparação.<sup>56</sup>

**Pedro** Quando ele se manifesta sobre o seu desejo de ter filhos faz, em paralelo, uma explícita reclamação sobre a idade de seu pai, considerando-o já muito velho com os seus cinquenta e dois anos: vendo-o muito cansado e incapaz de acompanhá-lo em seus jogos de bola mais ousados. E, portanto, quer superar o pai, recriando uma convivência com o seu próprio filho, de maior proximidade e igualdade: **“Eu sempre pensei em ter filhos cedo, até antes de namorar com ela. Eu pensava: eu não quero ser pai muito vovô. Quero ser pai jovem. Quando meu filho tiver dez anos eu vou ter vinte e a gente vai ser próximo, vai jogar bola juntos, vai sair e conversar”**.

Mas, parece que lhe bate uma nesga de remorso diante dos juízos não tão positivos que destina ao pai, de tal forma que faz brotar-lhe imediatamente uma deliciosa declaração do mais puro amor filial: **“Acho que não existe um pai tão bom como o meu”**.

As experiências infantis deverão facilitar a sublimação dos desejos incestuosos e abrir espaço para a independência do ser e para o vigor de escolhas amorosas outras.

Nos meninos, a descoberta dos genitais femininos e todo o processo de triangulação edípica, mobiliza o medo da castração e afirma a sua identificação fálica com seu pai e, conseqüentemente, os impulsos ativos masculinos de fertilizar uma mulher podem assumir o lugar dos desejos homossexuais. Então, ele deverá sacrificar o seu desejo de gerar um bebê, tal como a menina tem que renunciar ao seu desejo de ter um pênis.

---

<sup>56</sup> Paulo Roberto Ceccarelli. A construção da masculinidade. *Percurso*, 19(2):53, 1997.

Essa construção é considerada, dentro da teoria psicanalítica, um pré-requisito para o desenvolvimento subsequente do desejo do homem por ter filhos e para a sua atitude paternal na vida adulta.<sup>57</sup>

Os meninos necessitam, portanto, afastar-se da identificação com a mãe, intensificando-se, por isso, suas exibições de masculinidade e uma certa depreciação da figura feminina.<sup>58</sup> A mãe castradora que ameaça a conquista da liberdade e das prerrogativas masculinas deve ser afastada sob pena de contaminar o mundo dos varões.

**Mauro** Ele fala com alegria de suas atividades lúdicas no bairro onde passou a infância. Foram-lhe momentos preciosos, com boas experiências de prazer em tempos de esconde-esconde e bolinhas de gude.

Mas, é sobre uma determinada brincadeira que se detém mais, aquela que chamou de “mamãe da rua”, e explica como é: trata-se de um jogo ambientado na rua onde só participam meninos; é escolhido por sorteio um dos meninos que fica sendo a “mamãe da rua” e que deverá permanecer no meio da rua; os outros meninos ficam nas calçadas e tentam passar de um lado para outro sem se deixar pegar pela “mamãe da rua” que se agita o tempo todo tentando capturá-los; se isto acontecer, o menino que é apanhado passará, também, a ocupar o meio e dali para frente ajudará a “mamãe” a pegar os outros. Se a “mamãe” ou um dos seus agregados tentar invadir uma das calçadas, são expulsos e levam “camisadas”.

Assim, após a fase edípica, as crianças entram no período da latência que se

---

<sup>57</sup> Michael Diamond. *Becoming a father: a psychoanalytic perspective on the forgotten parent. Psychoanal. Review*, 73(4):451.

<sup>58</sup> Joan M. Ross, *op. cit.*, p.305.

caracteriza, principalmente, pelos avanços cognitivos e atividades lúdicas de maior engenhosidade. E, se por um lado a menina brinca com a boneca e constrói cenas domésticas cheias de detalhes, o menino, por outro, além dos jogos mais ativos e de maior excitação, demonstra interesse em cuidar e alimentar plantas e animais. Fica também preocupado e mais atento com os cuidados voltados para os irmãozinhos mais novos. A paternidade, portanto, já é pressentida na infância, em muitos atos reais e imaginários, e suas raízes se tornam evidentes na luta incessante para a preservação da vida; principalmente quando predomina uma tutela paternal amorosa e continente, onde a função do mentor ajuda o menino, realmente, a desenvolver habilidades concretas e específicas dentro das necessidades do lar e da relação com o mundo.<sup>59</sup>

**Miguel** Ele faz ressaltar por diversas vezes, em suas falas, a figura de sua mãe. Entende que foi ela quem lhe “dava educação”, pois seu pai vivia muito ocupado com o trabalho: “A educação ativa mesmo foi minha mãe que deu. Era ela quem resolvia tudo, na escola, em casa. Meu pai nunca falava nada. Se a gente pedia alguma coisa pra ele, ele falava: vê com a sua mãe. E era ela quem decidia tudo. Ela é meio mandona mesmo, mas é super legal”. No entanto, a imagem do pai não é de omissão; ao contrário, Miguel o vê como “**peessoa bondosa**” e recorda-se o quanto foram plenas de satisfações as experiências lúdicas com ele, durante períodos de férias na praia ou na fazenda de seu avô. Ele e seu pai sempre gostaram muito de animais e partilhavam juntos, durante horas, os “**cuidados às criações**”. E foram boas também as experiências quando seu pai ajudava-lhe nas tarefas da escola: ele tinha sempre muita paciência para ensinar-

<sup>59</sup> John M. Ross. *op. cit.*, p.301; Luis Zayas. *op. cit.*, p.445.

lhe, principalmente matemática, a disciplina onde estavam suas maiores dificuldades.

**Raul** A imagem que apresenta do pai é muito boa. Lembra-se de quando, por volta dos seus oito a nove anos, sentava-se no seu colo, no automóvel, para ele ensinar-lhe a dirigir. Lembra-se também, do gosto bom e comum que tinham - ele e o pai - e têm até hoje, pelo cantor Roberto Carlos. Aos doze ou treze anos esperava o pai para gravarem fitas do cantor e depois apreciavam suas canções no carro. Não se lembra de algo mais especial que seu pai lhe tenha dito, mas essas lembranças do pai ensinando-lhe a dirigir e das canções do Roberto lhe são muito gratificadoras.

Passada a fase da latência, as mudanças pubescentes invadem e trazem uma nova significação para a vida reprodutiva do ser. Meninos e meninas, marcados pela primeira ejaculação e pela primeira menstruação, percebem, consciente ou inconscientemente, uma nova organização com novos poderes que, ao mesmo tempo assustam, mas que também prevêem possíveis satisfações.

Helene Deutsch afirma que quase podemos falar de um conhecimento inconsciente da significação biológica da menstruação, nas meninas, relacionado com a reprodução; e que isto pode ser percebido dentre os conteúdos da vida intrapsíquica no processo de análise. Ela considera, também, que as reações frente à primeira menstruação tendem a ser negativas não por causa da ignorância intelectual, mas como resultado de uma repressão: tal "ignorância" se produz, geralmente, como conseqüência de uma intensa e precoce curiosidade em relação aos segredos maternos que tiveram que ser reprimidos. Além disso, essa autora nos fala que, mesmo inexistindo problemas mais profundos, a

menstruação é recebida com ressalvas pois traz mais um encargo de cuidados com a higiene corporal e denota a aproximação de um estado adulto e de uma experiência com a sexualidade, sentida como perigosa e ameaçadora.<sup>60</sup>

**Livia** Sua menarca foi aos treze anos e já sabia o que era através das conversas com a mãe. Desejava muito “ficar mocinha” e antes de ficar menstruada pela primeira vez “brincava” de colocar “carefree”, que pegava escondido na gaveta de sua tia. Mas quando ficou menstruada realmente, não gostou: achou “desagradável”.

**Karina** Sua menarca foi aos treze anos e sua mãe deu-lhe explicações e falou-lhe que “isso é normal”, e que não precisava ter medo. Mas sentia-se envergonhada de conversar sobre “assuntos sexuais” com a mãe e chegava mesmo a evitá-los. Entre as coleguinhas ficava curiosa tentando ouvir as conversas, mas não se pronunciava, e não gostava que falassem de forma grotesca e nem “tirassem sarro”.

**Cíntia** Sua menarca foi aos doze anos, já tendo sido orientada pela sua mãe que costumava dizer-lhe “o dia que você ficar mocinha tem que se comportar, tem que parar de ser espoleta”. No dia de sua primeira menstruação, procurou sua mãe para contar o ocorrido e tem a lembrança boa da acolhida amorosa, do abraço carinhoso e das palavras ditas: “Não é pra você se assustar, agora você já é uma mocinha”. Sua mãe falava-lhe também das relações sexuais e dos cuidados que deveria ter, alertando-a sobre doenças e gravidez; mas essas conversas com a mãe provocavam-lhe vergonha.

---

<sup>60</sup> Helene Deutsch (1925). *La psicología de la mujer*. Buenos Aires, Ed. Losada, 1947, p. 145-51.

**Vanda** Sua menarca foi aos doze anos e não sabia o que era: “...quando vi o sangue na calcinha, gritei, fiz escândalo, chamei minha mãe. Daí minha mãe me explicou.”

A primeira menstruação vem, muitas vezes, acompanhada de sentimentos ambivalentes que correspondem, por um lado, à alegria sentida pela manifestação da maturidade e futura maternidade e, por outro, à sensação de ter sido ferida, de ter sofrido uma agressão, como um castigo pelas atividades sexuais proibidas – ou seja, as fantasias incestuosas e a masturbação. No entanto, somente uma análise detalhada irá permitir diagnosticar a situação mais a fundo.<sup>61</sup>

E a primeira ejaculação? Quais os principais acontecimentos que a cercam? É notório que a menarca é bem mais noticiada do que a primeira ejaculação, que tem geralmente uma recepção mais secreta e menos nomeada.

Segundo Içami Tiba, o adolescente de treze anos, aproximadamente, experimenta as novas emoções com seu corpo de maneira solitária. Dificilmente falará sobre o assunto, a não ser para os amigos e, muito raramente para o pai. “Com a mãe, nem pensar, por mais aberto e saudável que tenha sido tratado o assunto sexualidade, durante a infância.”<sup>62</sup>

O que determina esse silêncio? Poderíamos dizer que seriam aqueles mesmos fatores culturais que excluem o homem do processo reprodutivo?

No próprio meio acadêmico, por exemplo, observa-se que as experiências

<sup>61</sup> Marie Langer, *op.cit.*, p.101 e 110.

<sup>62</sup> Içami Tiba (1994). *Adolescência: o despertar do sexo*. São Paulo, Editora Gente, 1994, p.51.

femininas no ingresso à vida reprodutiva - tanto orgânicas como psicológicas - são muito mais estudadas e analisadas do que as experiências masculinas.

Há, no entanto, um crescente interesse em estudar esse assunto, principalmente nas últimas duas décadas, entre profissionais da Saúde e da Educação. Um interesse que se revela ainda pequeno, mas que acredito que tende a se expandir.

Em um estudo sobre a caracterização da “espermarca” - idade na qual o adolescente começa a eliminar espermatozóides - é apresentada uma série de questões muito interessantes sobre o assunto. Partindo de uma revisão bibliográfica detalhada sobre aspectos médicos, a autora, Marta Leal, assinala a dificuldade que parece ter sempre existido quanto a estabelecer-se a época em que o adolescente do sexo masculino está fisicamente maduro e com capacidade de se reproduzir; diferentemente da menina que tem, na menarca, um marco fisiológico mais claro. É somente a partir da década de 80 que começam a surgir publicações com a preocupação de se estabelecer um marco biológico para a maturação gonadal masculina e é quando o termo espermarca começa a ser utilizado.<sup>63</sup>

A população desse estudo foi constituída por 126 adolescentes do sexo masculino, entre 10 a 19 anos, e os dados foram coletados através da aplicação de um questionário, de um exame físico e de um exame de urina para detectar a presença de espermatozóides. Além de objetivos médicos, esta tese tem também objetivos voltados para a análise de alguns aspectos psicossociais relacionados à ocorrência da primeira

---

<sup>63</sup> Marta Miranda Leal. *Caracterização da espermarca: um projeto piloto*. São Paulo, 1994. [Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo], p.2-6. O termo “espermarca” refere-se ao início do fluxo de espermatozóides, através de dois indicadores: a primeira ejaculação e a espermatúria (técnica que envolve a pesquisa ao microscópio óptico, de espermatozóides no sedimento urinário), *loc. cit.*

ejaculação, e os resultados sobre esta temática revelaram o seguinte: dos 83 adolescentes que referiram já ter ejaculado, a masturbação foi a situação mais frequentemente referida como aquela na qual aconteceu a espermarca (42% dos casos), seguida da poluição noturna (35%); a metade da população estudada referiu ter recebido informação sobre a ejaculação antes da sua primeira ocorrência; a primeira ejaculação foi um fato pouco comunicado a outrem, e a principal justificativa dada pelos adolescentes do estudo, foi a vergonha em se falar sobre isso; quanto aos sentimentos a ela relacionados, predominaram os positivos em 60% dos adolescentes.<sup>64</sup>

É interessante detalhar, entre os resultados dessa tese, sobre quem o adolescente procurou para compartilhar a experiência da primeira ejaculação: apenas 21(25,3%) adolescentes compartilharam com alguém esta ocorrência: seis adolescentes contaram para a mãe, quatro para o pai, cinco para um colega, cinco para o irmão, dois para um primo e um para seu médico, e um adolescente contou para mais uma pessoa sobre esse evento; observando-se, portanto, que mais da metade (12) contou para um colega ou primo, provavelmente indivíduos de idades próximas à sua.<sup>65</sup>

Esses são dados importantes que podem nos levar a reflexões e indagações sobre o modo de proceder masculino: Por que silenciar tanto as emoções? Por que essa vergonha e esse constrangimento com o corpo e com a sexualidade e a função de procriar?

Dentro de uma compreensão psicodinâmica pode-se observar o seguinte: o aparecimento do sêmen tem, muitas vezes, relação direta com a masturbação e, quando as

---

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.94-7, 129 e 152.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p.133.

atividades masturbatórias são acompanhadas por fantasias proibitivas - fato que acontece freqüentemente - o adolescente é tomado por sentimentos de culpa; principalmente por que, agora, torna-se maturo para a união genital e para a função procriativa.<sup>66</sup>

Além dos aspectos psicodinâmicos, em que mais poderíamos pensar como determinantes dessa atitude de silêncio do menino? Determinantes culturais? Repressão? A verdade é que essas indagações desafiam nosso espírito no sentido de estudar mais o assunto, principalmente para se desvelar possíveis fontes de sofrimento dos jovens e transformar atitudes.

Uma outra situação especial que se observa, também, é que, com a chegada das mudanças fisiológicas e conseqüentes transformações corporais, os adultos preocupam-se em cercar os jovens com alertas sobre prenúncios de gravidez e risco de doenças assustadoras - muitas vezes bem intencionados mas quase sempre desalentadores, unicamente, e bem pouco reconfortantes, fortalecendo ainda mais os sentimentos persecutórios.

**João** As orientações sexuais sempre lhe chegaram restritas às falas sobre os perigos da sexualidade: "Meu pai sempre fez bagunça e foi muito castigado por isso. Experimentou na pele algumas doenças".

Outros meios de "aprendizagem sexual" foram as conversas e as brincadeiras entre os "moleques" e as "exibições coletivas do líquido seminal", que estava relacionado com a medida de uma superioridade e não com a reprodução.

---

<sup>66</sup> Mauricio Knobel (1970). A síndrome da adolescência normal. In: Arminda Aberastury & Mauricio Knobel. *Adolescência normal*. 6. ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1988. p.50.

- Miguel** As orientações sobre sexualidade vieram-lhe de seus pais e restringiram-se, basicamente, aos alertas que faziam sobre os perigos de transmissão das doenças nas relações sexuais.
- Mauro** Sua “educação sexual foi na rua” e seus pais nunca lhe falaram nada sobre os assuntos sexuais; mas acha que isso não lhe trouxe prejuízos, embora considere que hoje é importante falar aos filhos “por causa da AIDS”. Na rua, quando a conversa girava em torno de sexo, ele ficava atento, bem curioso, tentando escutar, e geralmente falava-se sobre “o que podia e o que não podia fazer”. E, em algumas situações, algumas coisas ficavam totalmente incompreensíveis: “...a palavra masturbação era um bicho-de-sete-cabeças. Não sabia o que era, só sabia que era alguma coisa que não podia fazer”. Um outro assunto veiculado na rua era sobre o líquido seminal e foi lá que descobriu que “ele engravidava uma mulher”.
- Raul** Os assuntos sexuais nunca foram mencionados pelo seu pai e sua mãe falava-lhe “por cima”. Dizia-lhe coisas como: “toma cuidado, vai devagar”, ou ainda “não vai chegar aqui com uma barriguda porque eu ponho os dois pra fora”.

Os adolescentes merecem ser informados adequadamente sobre aspectos reais de sexo, gravidez, nascimento, métodos anticoncepcionais e serem esclarecidos também sobre possíveis riscos de vivências negativas que podem resultar das experiências sexuais. No entanto, a maioria dos pais, assustados com as transformações de seus filhos e com as transformações do mundo, além de suas próprias limitações para falar sobre o assunto, não conseguem, ou conseguem com muita dificuldade, dialogar com eles de forma afetiva,

tranqüila e alegre, sobre temas sexuais e relações amorosas. Ou ainda, em muitas situações suas próprias relações sexuais têm lhes trazido insatisfações, dúvidas, angústias e mesmo impotência quanto às possíveis transformações e melhorias, dificultando também, de certa maneira, a formação de boas representações psíquicas da sexualidade em seus filhos.

Os programas educativos destinados a abordar as temáticas da sexualidade, que muitas escolas têm desenvolvido, motivam-se, principalmente, no sentido de preencher essa falta que se instituiu nas famílias, criando-se um espaço especial para as informações e para as reflexões sobre o tema. Sem entrar na discussão da validade desses programas e na eficácia das técnicas empregadas, percebe-se que muitos adolescentes valorizam esses momentos e consideram que estão sendo cuidados através deles.

Mas é notória a existência de várias lacunas nos processos de educação sexual destinados aos jovens, e uma delas está relacionada com a sua preparação para a interação com as crianças, em relação a qual julgo oportuno tecer alguns comentários por tratar-se de um aspecto que está diretamente relacionado com o presente tema.

Alguns adolescentes cuidam de seus irmãos mais novos, mas geralmente como tarefas impostas e vivenciadas de forma desagradável, não lhes restando, na maioria das vezes, outras opções mais favoráveis para se relacionarem com as crianças e para perceberem as necessidades próprias do mundo infantil: como algo que traz preocupações, responsabilidades, renúncias, paciência, mas também amadurecimento e crescimento e muita alegria.

Em uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro sobre o exercício da paternidade, com adolescentes do sexo masculino, procedentes de área de baixa renda,

observou-se o seguinte: inexistia, no grupo estudado, a prática do cuidar - quer seja de um irmãozinho, de qualquer outra pessoa e até de si mesmo - e, mais ainda, essa prática era considerada como algo que iria contribuir para a efeminação do rapaz, sendo, portanto altamente repudiada.<sup>67</sup>

No entanto, os jovens adolescentes podem ter interesse e curiosidade pelas crianças, mas pelas demandas internas e sociais, acabam neutralizando qualquer tipo de manifestação nesse sentido. E esse interesse tem ligação, em parte, com suas perspectivas de ter filhos e um próprio lar. Eles se mostram identificados emocionalmente com as crianças pequenas e com os bebês, e embora a ansiedade de ter um lar e filhos aparentemente desempenhe um papel mais importante na psicologia das moças do que na dos rapazes, é também verdadeiro que eles se ocupam com essas perspectivas. Assim, uma educação que ajudasse os adolescentes a conhecer mais os bebês e suas necessidades poderia contribuir para o exercício futuro da paternidade e, antes mesmo, poderia contribuir para uma atitude mais responsável diante da gravidez e do sexo.<sup>68</sup>

Na adolescência, o desejo de ter um filho traz em seus conteúdos um forte componente ligado aos sentimentos ambivalentes frente ao processo de tornar-se independente dos pais. Entre as pessoas mais adultas esse tipo de ambivalência também existe, porém, na adolescência, esse acontecimento é intenso e bem marcado pelas transformações próprias do período.

As necessidades de dependência dos pais estão ainda bem fortes nos adolescentes

---

<sup>67</sup> Irene Loewenstein & Gary Baker (1998). De onde vem o bom pai? Reflexões a partir de uma pesquisa qualitativa com adolescentes. In: Paulo Silveira (org.), *Exercício da paternidade*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 151-63.

<sup>68</sup> Mariha Harris et. al. (1969). *Seu filho adolescente*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 114-20.

e entram em conflito com as aspirações contrárias do ego, que começa também a se fortalecer concebendo o anseio pela liberdade. E, ao reconhecerem essas tendências de dependência, assim como as dificuldades em superá-las, subestimam os próprios valores, podendo surgir daí o desejo de procriação, como defesa narcísica, para reassegurar ao rapaz a sua masculinidade e à moça, a sua feminilidade.<sup>69</sup>

Portanto, ao experimentarem a dualidade, os adolescentes expressam um lado infantil de negação da capacidade de procriar e outro que busca as provas que vão outorgar-lhes a condição de legítimos integrantes do mundo adulto com sua competência para gerar filhos. E, às vezes, quando uma gravidez se concretiza, o medo da punição que poderá vir dos pais por tamanha ousadia, assume o comando absoluto da situação.

**Vanda** Ela teve outros namorados antes dele, mas foi com ele que teve a primeira  
**e** relação sexual. Preocupava-se com a gravidez, mas ele estava sempre  
**Roberto** tranquilizando-a, dizendo que ela não ia engravidar. Ela desconhecia métodos anticoncepcionais e foi ele quem ficou responsável pelo controle da concepção: “ele tirava fora”.

Depois de alguns meses de relacionamento sexual eles começaram a pensar e a falar em gravidez e resolveram parar de evitar a vinda de um filho. Estavam solteiros quando ela engravidou e logo surgiram os temores em comunicar à família sobre a gravidez. Ela postergava a comunicação e temia ser descoberta: escondia da mãe seus enjões e os desejos pelos alimentos, e quando trocava de roupa na frente dela, virava-se para encobrir os mamilos escurecidos: uma evidência da transformação que já ocorria em seu corpo gravídico.

---

<sup>69</sup> Michael J. Diamond, *op. cit.*, p.453.

**Luciana**            Iniciaram as relações sexuais quando ela estava com treze anos e nunca fizeram  
**e**                            uso de métodos anticoncepcionais. Ela não sabe bem o porquê mas sempre  
**Marcos**            achou que não iria engravidar: **“Eu nunca fui no ginecologista pra tomar  
remédio porque eu achava que não podia ter filhos”**.

E quando a gravidez aconteceu, inesperadamente, vieram os receios: **“Foi legal,  
mas eu assustei um pouco. Na hora eu pensei que ela estava brincando, não  
acreditei”**.

**Marina**            Iniciaram as relações sexuais logo após o principio do namoro. Usaram  
**e**                            preservativo durante três meses, mais ou menos, mas pararam: **“Ah! Não era  
Pedro**            bom”. Passaram, então a **“não fazer em período fértil”**, ou seja, **“no décimo  
quarto dia após a menstruação”**.

Durante meses usaram esse método mas, às vezes, até se esqueciam de **“fazer a  
coisa direitinho”**, e mesmo assim não engravidavam: o que acabou provocando-  
lhes um certo desconforto: **“A gente achava até que a gente não podia ter  
filhos”**.

Mas não é somente entre os adolescentes que o desejo de ter um filho desempenha um papel importante no processo de independência dos pais, pois entre as pessoas mais adultas isso também é verdadeiro: busca-se a independência e a concretização dos ideais de feminilidade e de masculinidade através da procriação de um filho.

O casamento e o compromisso para com o parceiro, e a intensificação dos elos através do projeto de ter um filho, marcam um significativo rito de passagem para a fase

adulta, à medida que separam e individualizam as pessoas de sua família de origem. A própria procriação como ato criador, representa a oportunidade de desenvolvimento das potencialidades da personalidade e do humano, alimentando a expansão do eu.<sup>70</sup>

Entre os homens existe um caminhar constante no sentido dos ideais de masculinidade e uma das mais importantes manifestações desse ideal é, justamente, o desejo de ser capaz de oferecer à sua companheira escolhida a satisfação de ser mãe: com a paternidade, o homem, como um “*deus benevolente*”, dá à sua mulher, bem como a si mesmo, a complementaridade narcísica e a satisfação mais substancial de sua onipotência: é sob “*o seu poder e sua graça*” que uma nova vida será por ele concebida e criada.<sup>71</sup>

E sendo a construção desse desejo feita de forma mais oculta - conforme já foi assinalado - é no casamento que ele vem à superfície; principalmente, entre aqueles homens que já conseguiram superar a inveja da capacidade reprodutiva da mulher e sentem por suas esposas admiração e amor.<sup>72</sup>

**Beatriz** Durante toda a infância e a adolescência ele não reconhece a presença do desejo  
**e** de ter filhos nos seus projetos de vida: “Vivia movido pelo desejo de estudar e  
**João** melhorar a condição de vida de minha família, ajudando meus pais.”  
Chegava mesmo a temer essa possibilidade, pela experiência de ter convivido  
com um colega deficiente no colégio. Mais tarde, já adulto e casado, reconhece  
outras influências que o levaram a sentir até mesmo uma certa “repulsa” em ter  
um filho: por um lado, as privações sofridas pela família resultantes da

<sup>70</sup> Michael J. Diamond, *op. cit.*, p.455-6.

<sup>71</sup> Vesa Manninen, *op. cit.*, p.36.

<sup>72</sup> Michael J. Diamond, *op. cit.*, p.452.

precariedade financeira e, por outro, a idéia extraída dos conhecimentos na área da educação que os estudos foram lhe proporcionando, no sentido de que o levaram às “leituras rebeldes” e à concepção marxista da sociedade, com sua recusa ao casamento como núcleo de “posse e conservadorismo”.

No entanto, ao conhecê-la e enamorar-se dela, seus pensamentos foram se transformando e ela começou a lhe mostrar “que dá para ser mais maleável”. Ela sempre desejou muito ter um filho e o casal acabou se encaminhando para a opção da gravidez pelas persistentes manifestações dela, e ele, apesar das recusas anteriores, sentiu uma satisfação diante do resultado positivo do teste de gravidez.

O processo de individuação e de separação da família de origem, que se almeja alcançar através do avanço para a vida reprodutiva, traz em seu bojo também, um sentido de reparação: o desejo de dar aos pais uma criança que já não se pode mais ser e que, portanto, deixou um vazio: dar um neto que poderá revitalizar e fornecer numerosas gratificações narcísicas para o poder em declínio que a vida de ser mais velho tem trazido.<sup>73</sup>

Para Freud, essa questão está relacionada com um sentimento que tem o significado de retribuir aos pais a dádiva de sua própria existência. A criança, desde pequena, ouve dizer que deve sua vida aos pais, ou que sua mãe lhe deu a vida; assim, cria-se um sentimento de ternura e de gratidão que se materializa em uma nova vida: uma criança em relação a qual se tem a maior semelhança: um filho igual a si próprio.<sup>74</sup>

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.457.

<sup>74</sup> Sigmund Freud. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. *op. cit.*, p.156-7.

Um duplo que virá para a revivescência e a reprodução das funções dos pais, e a quem serão atribuídas todas as perfeições e as realizações não alcançadas:

*“A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. (...) O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.”<sup>75</sup>*

Em nível inconsciente, portanto, os filhos são para seus pais sempre parte deles próprios e irão representar através de seu desenvolvimento uma adição a suas potências e suas lutas. O crescimento da criança em direção à sua própria autonomia e capacidades repete o projeto de vida de seus pais, fortalecendo e valorizando o desenvolvimento do ser humano.<sup>76</sup>

**João** Os ideais de transformação da sociedade para uma organização mais justa e de respeito aos direitos humanos o têm acompanhado desde a adolescência. Assim, quando aceitou ser pai, começou a perceber que essa transformação almejada está sendo construída, e que seu filho, ao fazer o seu próprio caminho, poderá também contribuir nessa construção.

<sup>75</sup> *Idem* (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v.14, p.107-8.

<sup>76</sup> Vesa Manninen, *op. cit.*, p.39.

Enfim, aqueles que se ocupam em estudar e analisar o desejo de procriação demonstram concordância sobre os vários significados que apresentam como motivações que levam as pessoas a terem filhos. Algumas dessas idéias já foram levantadas aqui, nesta tese, e em relação as quais, por vezes, são claras as evidências cotidianas contidas nas diversas expressões humanas - além daquelas ocultas em fantasias inconscientes. E são apresentadas a seguir como meio de sintetizar o assunto.

A questão do narcisismo sinalizada por Freud - que o filho seja um espelho que reflita as imagens parentais, aquele que realizará os sonhos que se foi impedido de concretizar ou que a ele seja dado o que não se teve - é analisada em diversos trabalhos, como por exemplo, nos de Langer e de Maldonado<sup>77</sup>. Esse conteúdo psíquico abriga também em seu âmago a percepção dos sentidos da transitoriedade e do medo da morte, e a subsequente necessidade de dar continuidade e perpetuar a existência humana<sup>78</sup>. Há estudos que, ao analisarem esse aspecto, apresentam dados demonstrativos do aumento da taxa de natalidade na segunda guerra mundial, quando muitos homens partiram para longe e deixaram suas companheiras grávidas para se reassegurarem de sua continuidade através de seus futuros filhos<sup>79</sup>.

Ter o filho como sucessor e aceitá-lo como aquele a quem será legado um lugar para cumprir funções e para dar continuidade aos ideais, pode ter o significado profundo de uma compreensão do filho como um ser que permite um elo na cadeia de gerações. O filho, então, não será sentido como um ameaça, como uma punição retardada por desejos

---

<sup>77</sup> Marie Langer, *op.cit.*, p.198. Maria Tereza Maldonado, *Nós estamos grávidos*, p.10.

<sup>78</sup> Gérard Pommier, *op. cit.*, p.139.

<sup>79</sup> Michael J. Diamond, *op. cit.* p.454.

edipianos proibidos, mas como consequência de uma ordem e de um lei universal.<sup>80</sup>

Além de motivos existenciais inconscientes, o desejo de ter um filho pode representar tentativas mais conscientes e racionais, no sentido de aprofundar e de dar novos significados ao vínculo do casal<sup>81</sup>. Há, no entanto, algumas situações dentro desse aspecto, em que predominam posturas mais infantilizadas, e essas tentativas se convertem em apelos desesperados para segurar o parceiro e para buscar solução para a desarmonia, o que encontraria um paralelo nas atitudes de escolher ter um filho para seguir os padrões sociais segundo os quais todos os casais devem procriar como prova de que estão funcionando bem, dando, assim, mostras de fertilidade e solucionando possíveis rivalidades construídas no meio<sup>82</sup>.

O desejo de procriação abriga, portanto, motivações inconscientes e conscientes, de ordem complexa, geradoras de um estado de angústia latente que, muitas vezes, dificulta a sua percepção e o seu reconhecimento íntimo como algo ponderável e próprio da natureza e da felicidade humana e, assim, ele vem cercado de culpas, de dívidas e de ameaças que comprometem a sua verdadeira expressão e a sua melhor organização psíquica e social. As pessoas, mesmo desejantes do projeto comum de terem um filho, falam com dificuldades sobre isso - quando falam - e as gestações acontecem, na maioria das vezes, como resultado de “esquecimentos” ou da postura de “deixar acontecer”.

Os casais estudados, conforme já dito, reúnem algumas características que os distinguem da maioria das pessoas que atendemos: a tentativa de união entre si, a

---

<sup>80</sup> Paulo Roberto Ceccarelli, *op. cit.*, p.54.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p.53.

<sup>82</sup> *Loc. cit.*

manifestação de alegrias e compromisso e a capacidade de refletir sobre si e sobre a existência humana frente aos desafios dos novos papéis.

No entanto, vale ressaltar que, em vários deles, a gravidez acontece como algo que não passou por um planejamento explícito; com exceção de dois casais, em que ambos manifestaram o desejo de ter um filho e referiram a interrupção da contracepção quando já estavam casados (Hist.5 e Hist.6).

As outras situações são diversas. Aparecem aqueles que desejavam a gravidez e, ainda solteiros, engravidaram (Hist.3 e Hist.7); ou aqueles que, também ainda solteiros, pareceram querer testar a própria fertilidade (Hist.8 e Hist.9) experimentando, todos eles, nestes quatro casos, temores frente às possíveis reações negativas da família logo que perceberam a gravidez.

Em dois casais observou-se que o desejo se manifestou mais intensamente em um dos parceiros verificando-se, nestes casos, reações diferentes quando a gravidez se concretizou: o marido não-desejante que se tornou receptivo (Hist.2) e o marido desejante que se retraiu (Hist.4).

E, finalmente, a história de uma separação que desencadeou um estado ligante, elo perpétuo, desafiando esquemas esperados e ordens de sustentação (Hist.1).

O desejo de se ter um filho, pela diversidade de motivos que abriga em sua formação e em sua concretização, desfaz nossa onipotência de conhecimento pois matizes muito sutis contornam sua forma. Podemos dizer, quase certamente, que não há gravidez totalmente desejada ou totalmente indesejada – acepção já tantas vezes dita e redita – mas que é bom que dela sempre nos lembremos, de tal forma a estarmos com ela em nossas

avaliações em saúde reprodutiva: algo subjacente deste outro que acolhemos e do nosso próprio eu. Sejam cautelosos nessas avaliações e nos cuidados que destinamos às pessoas que atendemos, e busquemos não impor técnicas e procedimentos que possam desequilibrar a delicada estrutura de um ser, que, muitas vezes, já nos chega tão fragilizado.

### **6.3. A criatura transforma o criador: isolamentos e aproximações no interlúdio da espera.**

*“Fruto do amor ou do encontro dos sexos, o filho é um terceiro ativo que transforma seus genitores de uma maneira curiosa: a jovem se torna mãe e o jovem se torna pai. É a criatura que faz o criador? Por sua simples presença, invisível, inaudível, a criança metamorfoseia seus pais.”*

Bernard This <sup>83</sup>

A anunciação de uma gravidez provoca sempre grandes emoções. Antes mesmo de sua confirmação através de um exame médico, os seus efeitos já podem ser sentidos através de novas reações - tanto no casal como nas pessoas mais próximas de sua intimidade - caracterizadas por uma comunicação articulada sem uma lógica aparente que pode abrigar um aumento repentino de gestos ternos ou, ao contrário, acarretar uma invasão súbita de atitudes ríspidas e cheias de irritação. É uma comunicação de ordem

---

<sup>83</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.34.

inconsciente permeada por uma rede de fatores relacionados com estruturas internas, construídas historicamente, semelhante ao que acontece na escolha do parceiro e no desejo de ter um filho, e atualizada, principalmente, nos laços afetivos mais intensos e significativos.

Mas é a confirmação através do médico, que metaforicamente encarna a figura do anjo Gabriel - ou seja aquele que anuncia - o que vai trazer a grande reviravolta. As palavras do médico sinalizam a existência concreta do filho: há um embrião, um bebê se formando e ele deverá nascer em tal data. E é, através dessas palavras, que a mulher e o homem entram verdadeiramente na gravidez: “estou grávida, serei mãe”, ou “ela está grávida, serei pai”<sup>84</sup>.

A reação mais freqüente no início da gravidez é a que denota uma ambivalência afetiva que aparece tanto no homem como na mulher: alegra-se com a vinda do filho mas também deprime-se pois ela concretiza sonhos, alvoroça alegrias, mas também traz temores do desconhecido e das responsabilidades que certamente chegarão. E o medo das responsabilidades é mais comum no homem devido à função de provedor que a sociedade lhe atribui. Ele pode ficar com a impressão “*de que ser pai está acima de suas forças e que ainda não está maduro nem preparado*”<sup>85</sup>.

**Raul** Já estavam casados quando interromperam a anticoncepção e o desejo de ter um filho foi se intensificando cada vez mais. A gravidez aconteceu depois de meses de tentativa e diante do resultado positivo do exame a reação dele foi de grande

<sup>84</sup> Myriam Szejer & Richard Stewart. *Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997, p.95.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 109.

alegria: “Foi bom demais, eu nem acreditei. Esse exame ficou na minha mão uns dois dias e eu ficava pra lá e pra cá procurando gente pra me explicar...muito ansioso, sem condição de esperar até o dia da consulta médica.”

Mas a preocupação com as responsabilidades tem povoado os seus pensamentos e tem agido com cautela: “Agora a gente pensa duas...três vezes antes de fazer qualquer coisa”. E há também a preocupação com a sua capacidade de ser pai representada em um sonho, onde faltam-lhe palavras a serem ditas ao seu filho: “Sonhei com um menino que já estava grande. Foi estranho. Ele estava do meu lado e eu tentava falar com ele mas não conseguia”.

**Marcos** Ele preocupa-se com a responsabilidade e pensa “muito na condição financeira”. Antes não era assim, pouco lhe importava se tinha ou não tinha dinheiro, mas agora inquieta-se com a idéia de como irá sustentar o filho. Ele é músico e como tal não tem estabilidade de trabalho, e o conjunto musical do qual faz parte não está passando por um bom momento: “E justamente agora, que eu tenho de comprar o berço”.

O homem pode experimentar excitação e orgulho ao descobrir que sua parceira está grávida: sente-se mais masculino e as preocupações com sua virilidade e sua potência tendem a diminuir. Mesmo aqueles homens que se vêem forçados ao vínculo por causa da gravidez, depois da raiva inicial podem aceitar e acolher a criança que está vindo.<sup>86</sup>

Mas também pode acontecer o contrário: homens que se apresentavam desejantes

---

<sup>86</sup> Howard Osofsky. Expectant and new fatherhood as a developmental crisis. *Bull. Menninger Clin.*, 46(3):221. 1982.

de um filho revelam-se confusos, afastam-se de suas companheiras e ficam incapazes de promover apoio e carinho no contato com elas. É como se colocassem nelas todas as responsabilidades pelas mudanças que vigem em suas vidas e que os obrigam a refazer sentimentos e ações: há uma sensação de estranheza que provoca medo em alguns ou até sentimentos de rivalidade em relação ao bebê em outros <sup>87</sup>.

**Helena**

e

**Alberto**

O casal estava num processo de separação quando ele soube da gravidez. Sentiu-se estranho, afastou-se dela e custava-lhe acreditar na real existência de uma gestação. Isolava-se grande parte do seu tempo, com o pensamento fixo na idéia de que teria um filho e de que isso traria muitas conseqüências para sua vida: “Meus pensamentos estavam ligados durante todo o tempo na vinda do filho, onde quer que eu estivesse – viajando, dirigindo um automóvel, entre amigos, nas atividades de estudo. Sentia uma transformação psicológica muito grande. Era muito perturbador”.

Tudo até então parecia ter acontecido segundo sua vontade, mas a nova sensação era de “perda de controle”. As vivências emocionais foram tão intensas que ele resolveu submeter-se a uma psicoterapia.

No início, nas ocasiões em que se encontravam, ele detinha-se em olhá-la querendo desvendar indícios da gravidez em seu corpo e, com o passar do tempo, à medida em que as modificações físicas gestacionais foram se tornando mais evidentes, ele pode sentir mais a concretude da gravidez. Inicia-se a partir daí uma mudança em seus sentimentos: intensificam-se as motivações que o impeliam a assumir a paternidade e ele passa a experimentar alegria e esperança com a vinda do filho.

---

<sup>87</sup> *Loc. cit.*

**Karina** Para ela, os conflitos existentes na relação conjugal parecem intransponíveis. A  
**e** gravidez foi idealizada como uma possibilidade de resolução dos  
**Mauro** desentendimentos mas, no entanto, a sua concretização não trouxe a harmonia esperada. Ela parece convencida de que ele está com dificuldades em aceitar a gravidez, mas isso lhe é muito estranho pois o desejo dele, manifesto, preponderou na decisão do casal no sentido de que ela engravidasse. Ela queixa-se de que, quando foi confirmada a gravidez, ele revelou-se intolerante com seus mal-estares físicos, como enjôos e dores de cabeça, qualificando-os como "frescuras". Ela queixa-se ainda, de que ele tem se recusado a comprar o enxoval para o bebê e não queria ir ao "chá de bebê", e só foi mesmo depois dela ter insistido muito: "Ele não gosta de falar disso, mas ele tem ciúme até do nenê. Fica implicando, dizendo que eu só penso no nenê".

Mas ele também faz seus protestos: "Tem hora que ela fica muito apegada na mãe, só quer a mãe e se esquece de mim. Fica buscando apoio só na mãe".

A inveja infantil que o menino sente da mulher pela sua capacidade reprodutiva pode ser, realmente, reativada no período da gestação. Entre os homens onde inexiste uma elaboração mais adequada desse desejo, podem surgir sensações de impotência frente às demandas da paternidade e dos novos papéis, ou investimentos intensamente narcísicos em relação ao filho que se manifestam através de atitudes competitivas com suas esposas em tudo que compõe a preparação para a chegada do nenê. Mas entre aqueles homens que já conseguiram dominar esse sentimento, pelo menos em parte, a inveja pode se transformar em algo positivo e ser sublimada através de trabalhos criativos ou de atitudes

cuidadosas para com sua mulher.<sup>88</sup>

**Antônio** Além da religião, também o casamento tem-lhe significado uma outra fonte de bem-estar e satisfação: gosta imensamente de conviver com a esposa e está tendo muitos cuidados com ela, agora, na gestação: “**Eu cuido dela em tudo: no modo de se deitar, de andar, porque têm muitas pedras no chão, e precisa andar na linha certa, olhando pra frente pra não tropeçar**”.

**Roberto** Ele está sempre ajudando-a em casa, para que ela não se esforce em demasia; mas também porque gosta do trabalho doméstico: ajuda a lavar roupa, a limpar a casa, ajuda até na feitura de um bolo. Ele se preocupa com ela e tem-lhe sempre muitos cuidados: “**Compro tudo o que ela tem vontade: maçã, pizza, alface. Eu nunca descobri o que é essa vontade. Todo mundo fala de desejo, desejo, mas eu não sei o que é**”.

**Pedro** O relacionamento deles é bom, mas às vezes acontecem algumas “**briguinhas**”: principalmente agora, com a gravidez, onde ele sente que precisa cuidar dela: “**Ela é teimosa, eu fico brigando com ela pra ela pôr o chinelo. Eu acabo tendo dois filhos, ela e o bebê. Tenho que cuidar dos dois. Fico vendo se ela está agasalhada, se comeu, essas coisas aí**”.

Por outro lado, a mulher pode também apresentar mudanças de atitude em relação ao parceiro, afastando-se dele ou, em certos casos, apresentando até um sentimento de repulsa. O afastamento pode significar um recolhimento narcísico que faz a

---

<sup>88</sup> Michael J. Diamond, *op. cit.*, p.453.

gestante voltar-se para dentro de si própria para reconhecimento de suas mudanças e de seu bebê<sup>89</sup>. Ou ainda, principalmente quando trata-se da experiência de aversão, parece que entram em jogo fatores primitivos edípianos que sustentam a gravidez simbolicamente, em nível inconsciente, como algo proibido, e a figura do parceiro, conseqüentemente, como responsável pela situação.

- Marcia** No início, a figura dele tornou-se indesejada para ela: **“Ao mesmo tempo que eu e queria ficar perto dele, queria ficar longe”**. Ela brigava com ele por qualquer coisa e ele **“...tinha que manter a paciência no lugar”**. E até mesmo essa paciência a irritava: **“Ele não reagia, ficava quieto, eu queria que ele reagisse”**.
- Cíntia** Embora a gravidez tenha sido desejada e planejada, ela estranhou muito no e começo e, durante os primeiros meses, ficou **“muito irritada”** com ele; tudo **Antônio** nele, nos mínimos contatos, provocava-lhe impaciência.
- Vanda** No início ela experimentou uma alteração de seus sentimentos em relação a ele: e **“Tomei raiva dele, olhava pra cara dele e dava raiva. Brigava com ele por qualquer coisa. Olhava pra cara dele e dava vontade de vomitar”**.
- Roberto**

Esses sentimentos relacionam-se com a ambivalência afetiva e tendem a desaparecer após o primeiro trimestre da gravidez, à medida que a adaptação ao novo estado vai se processando e a disposição para a maternidade supera os temores que

---

<sup>89</sup> Maria Tereza Maldonado (1992). Psicossomática e obstetrícia. In: Júlio de Mello Filho *et.al.* *Psicossomática hoje*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1992, p.210.

envolvem a vinda do filho. Esses temores continuarão existindo, de certa maneira, mas com características atenuadas pelo desejo de ser mãe e deixam marcas que demonstram como essas experiências do início da gravidez são perturbadoras, e como a mulher merece receber apoio e cuidados nessa fase introdutória<sup>90</sup> - tanto através da família como também através de uma assistência profissional.

Mas, muitas vezes, esse apoio não acontece pois grande parte das mulheres começa a fazer o pré-natal após esse período e, por outro lado, as pessoas de sua família também perturbam-se e mostram-se ansiosas com a novidade. Resta à gestante, portanto, principalmente a “sorte” de escolher um parceiro que consiga “manter a paciência no lugar”. Um lugar que representa o amadurecimento dos sentimentos amorosos e a tolerância que daí decorre, a crença de que isso vai passar e que, ao final, as gratificações vindouras provarão que valeu a pena esperar e fazer um certo sacrifício. A interação do casal, daí para frente, pode ganhar em qualidade após essas tempestades iniciais que, como verdadeiras provas de fogo, estimulam o fortalecimento da confiança e do vínculo e, conseqüentemente, favorecem a experiência comunicativa e as respostas emocionais em relação à criança - onde vão sendo construídas configurações que determinarão o ambiente psicológico.

Outro campo de transformação significativa propiciada pela gravidez é a interação com as famílias de origem. Alguns familiares, principalmente o pai da gestante, podem apresentar uma reação negativa quando a gravidez acontece fora do casamento ou mesmo dentro de situações esperadas: trata-se, geralmente, de reações iniciais que tendem

---

<sup>90</sup> Raquel Soifer, *op. cit.*, p.27.

a evoluir para um sentido contrário, quando passa-se a valorizar sobremaneira a chegada do bebê.

**Vanda** Os familiares, em geral, reagiram bem, com exceção do pai dela que teve uma  
**e** reação bem negativa: esbravejava e ameaçava matá-los. Depois ele mudou de  
**Roberto** atitude radicalmente: tornou-se um dos mais interessados na gravidez: “está cheio de cuidados e é muito ciumento, e fez questão de comprar tudo para o nenê, como o carrinho, as roupinhas e até um baú para guardar o enxovalzinho”.

**Livia** Desde que estão juntos perceberam-se mutuamente receptivos quanto à idéia da  
**e** vinda de um filho e, após o noivado, passaram a falar mais sobre isso. No  
**Miguel** entanto, inicialmente, ficaram angustiados de ter que comunicar à família dela pois temiam possíveis reações hostis, visto que ainda não estavam casados. Ela sentia-se “muito culpada”, principalmente em relação ao pai: “Ele podia esperar isso dos meninos, não de mim”.

Quando, finalmente, fizeram a comunicação, tiveram uma experiência que não foi das mais agradáveis e assim ele se expressa: “Foi uma situação horrível, fiquei com muito medo”. O pai dela, no início da conversa, ficou realmente muito bravo; em seguida permaneceu em silêncio e concluiu: “Agora que não tem jeito mesmo vamos em frente”.

Ela soube depois, através de sua mãe, que ele sensibilizou-se com a notícia e ficava repetindo: “Minha menina, minha filhinha”. Assim, ela percebe que seu pai, apesar de sua rudeza em alguns aspectos, torna-se emotivo e terno em determinados momentos: “Ele chorou até com o especial da Xuxa; chorou no meu casamento e depois, quando viu a fita de vídeo do meu casamento”.

Há todo um especial enlevo nessas emoções paternas que parecem abrigar-se perfeitamente nas palavras do poeta: *“A porta do quarto nupcial fecha-se. Um homem fica do lado de fora soluçando. Este homem não tem o traje nupcial. Este homem ama a recém-casada desde a infância. Amou-a de cachos, (...) brincando com o arco, jogando peteca, namorando no portão e tocando piano.”*<sup>91</sup> E agora é como se ele visse sua mulher ressurgir nas novas formas da filha. Uma e outra formam imagens tão semelhantes que confundem os limites do sonho, e com a mistura de seus gestos, não se sabe muito bem onde acaba uma e onde começa a outra: *“o tempo desenrolando olhares e movimentos, vontades, curvas e cheiros”*<sup>92</sup>, o tempo delineando uma paisagem para a *“dilatação da poesia”*<sup>93</sup>.

É notória a existência das influências de padrões culturais nessas reações mas, anterior a isso, em nível mais profundo, na teia dos aspectos psicodinâmicos, a vinda dos netos reativa a angústia de separação e promove experiências de dor psíquica que a percepção da transitoriedade traz. A continuidade da existência para um estado de maior fruição requer verdadeiros lutos que, sendo bem sucedidos, podem encaminhar a pessoa para a renúncia do que se perdeu, tornando a libido mais livre *“para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos”*<sup>94</sup>.

Os mitos populares que retratam os avós como bonzinhos e periféricos aos eventos críticos podem significar, na realidade, uma reestruturação dentro de um marco de

<sup>91</sup> Murilo Mendes, O sinal de Deus, *op. cit.*, p.753.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p.200-1.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p.199.

<sup>94</sup> Sigmund Freud (1916[1915]). Sobre a transitoriedade. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14. p.348.

desenvolvimento revitalizante, com reassesuramentos da conexão biológica e psicológica com a vida. Isto pode permitir a expressão de atitudes mais passivas e mais suaves, que poderão ser muito próprias para neutralizar o excesso de demandas do pai por ação, competitividade e outros ideais masculinos<sup>95</sup>. Toda a preocupação que permeia a educação dos filhos no que tange a questão dos limites leva os pais a assumirem posturas mais rígidas e menos descontraídas no convívio familiar, e os avós podem proporcionar um alívio dessas tensões.

Uma outra importante transformação nas relações com as famílias de origem é que surgem, entre aqueles que esperam filhos, maiores tolerâncias para com os “defeitos” de seus pais, que outrora pareciam terríveis e imperdoáveis. Durante um tempo, a partir da adolescência, há um esforço consciente no sentido de se ignorar a família e de se afastar das reuniões e das celebrações, mas a gravidez vai promovendo uma reaproximação e uma reavaliação das posições, com sentimentos reais positivos e reconfortadores: é um verdadeiro reconhecimento das dificuldades e dos limites contidos na humana missão de ter e de educar um filho<sup>96</sup>. As imagens paternas e maternas são então ressuscitadas em seus aspectos positivos, como emergentes das fontes de sabedoria e capacidade de cuidar. Os pais passam a ser mais procurados e, apesar da importância conferida ao grupo de amigos, fortalece-se a idéia de que cuidar de uma criança é assunto de família, ou seja, campo dos laços de sangue<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> Stanley Cath. *Fathering from infancy to old age: a selective overview of recent psychoanalytic contributions. Psychoanal. Review*, 73(4):71, 1986.

<sup>96</sup> Howard Osofsky, *op. cit.*, p.213. Luis H. Zayas, *op. cit.*, p.541-2.

<sup>97</sup> Tania Salem, *op. cit.*, p.59.

**Beatriz** Eles estão distantes geograficamente de suas famílias e têm uma idéia de que  
**e** isso é bom: "...assim estamos livres do contágio e isentos das influências". No  
**João** entanto, a falta começa a ser sentida: "Às vezes dá um vazio e vem a  
**necessidade da orientação familiar**"; como, por exemplo, quando quase usaram  
**"chá de boldo"** para aliviar os enjoos que ela sentia no início da gravidez. E,  
quando foram alertados de que esse **"chá teria componentes abortivos"**  
surpreenderam-se com os próprios desconhecimentos: **"Cuidaríamos do  
estômago e provocaríamos um aborto"**.

Além de sentirem a falta das orientações familiares, ele percebe também que tem se tornado mais benevolente com a **"maneira de vida"** de seus pais. Apesar de ter presenciado muitas brigas e poucos carinhos entre eles, reconhece que os pais conseguiram passar-lhe **"uma confiança muito benéfica para o seu desenvolvimento"**. Tem se lembrado de uma situação em que sua mãe foi viajar sem seu pai e que seu pai ficou incomodado, querendo-a de volta e, bem antes do término da viagem, foi buscá-la. Ele percebe que esse episódio marcou-o porque pôde pressentir a ligação emocional entre eles.

Enfim, toda essa recomposição familiar torna-se possível pelo processo de amadurecimento coletivo que a gravidez desencadeia e que vai trazendo alegrias de divisar o novo que está por vir: a mulher vibra com as mudanças do marido, principalmente por percebê-lo em condições de assumir a paternidade; o homem vibra com as mudanças da mulher e quer protegê-la, cuidar dos seus passos; e ambos reverberam com as mudanças de seus próprios pais que se revelam com um novo brilho no olhar. Buscam informações sobre gravidez, parto e como cuidar de bebês: com suas famílias, em livros e revistas, e nos atendimentos à saúde - como um meio de incorporar os papéis que lhe são destinados.

Mas, acima de tudo, tornam-se receptivos em relação à semente, cuidam da existência com a delicadeza de um bom jardineiro, e preservam-se dos perigos e da contaminação do mundo, pois querem ver e usufruir o tempo das floradas.

**João**

Como ele não desejava ter um filho, o casal vivia postergando uma gravidez. As pessoas mais próximas - parentes e amigos - insistiam e cobravam deles a vinda de um filho, mas ele **“levava tudo na brincadeira”**. No entanto, algo de sua intimidade fazia-o lembrar-se de um conto do dramaturgo Nelson Rodrigues, onde um personagem estéril era tripudiado pela mulher que lhe jogava na cara: **“...você não serve nem para isso”**.

A notícia da gravidez causou-lhe uma **“certa repulsa”**, mas um contentamento também; e, com o tempo, foi percebendo que seus sentimentos foram se transformando gradativamente, no sentido da aceitação, **“como um gráfico que mostra uma ascensão”**.

Juntamente com a gradativa aceitação, ele foi percebendo em si uma outra mudança que julga de grande importância: intensificaram-se as idéias com sua própria preservação: **“Não quero morrer, sinto um instinto protetor! Se depender de mim eu não morro”**.

Esse sentimento novo, diferente dos seus antecedentes de ousadia que o colocavam em situação de risco, principalmente devido às suas posições políticas, vem tomando conta do seu viver, trazendo-o para um encantamento que se desdobra e que transmuta as mensagens do seu modo de ser: **“O componente medo passou a existir para mim e está ligado à responsabilidade e à curiosidade de querer ver”**.

As pessoas precisam de poucos segundos para se tornarem genitores, mas precisam do resto de suas vidas para dar subsistência ao filho, educá-lo e amá-lo. E tudo começa, concretamente, no momento em que a mulher é fecundada - quando ela exercita sua capacidade de deixar que algo seja recebido, em si mesma. As transformações já começaram a acontecer nessa convivência, nesse instante, nesse ato sexual, com seus rudimentos e suas encantações.

Depois, vem a anunciação da gravidez e o homem e a mulher vivem sucessivas manobras afetivas frente aos novos significantes.

A criatura transforma o criador. Antes mesmo, a criatura dá existência ao criador, como as árvores fazem existir as florestas. A terra macia acolhe a semente e as flores configuram as paisagens.

## 7. O FUTURO DE UMA ESPERANÇA: FAZER NASCER E FAZER CRESCER

*“O futuro talvez conte alguma coisa.  
O futuro  
não é arrancar alegria ao futuro,  
mas no hoje,  
nesse agora,  
a alegria de descobrir o descobrir e descobrir  
que as estrelas não caberiam nunca dentro de um pote  
e que o arco-iris não tem fim,  
alegria de descobrir  
que o rio vem de um rio que vem de um rio  
que vem de outro que nasce de um olho,  
dentro do cão mora o sonho,  
dentro do demônio mora a esperança,  
(...)  
o tempo é a maior medida:  
saber tudo é mentira,  
este século terá que aprender a morrer  
este século terá que aprender a nascer  
a verdade é tão simples  
o rio vem de um rio que vem de um rio  
que vem de um rio que nasce de um olho  
d'água.”*

*Eliana dos Santos<sup>1</sup>*

Uma angústia permanente acompanha muitos pais nos dias de hoje. Tendo em vista os grandes perigos e constantes ameaças em que vivemos, algo leva-os a vasculhar, sem tréguas, os espaços concretos e simbólicos onde seus filhos poderão

---

<sup>1</sup> Eliana dos Santos & Severino Antônio (1990). *Alguma poesia*. São Paulo, Lumiar, 1990, p. 72.

estar a salvo: algo que os deixa em sobressalto e os tira do sono. E sempre aparecem indagações como: será que esta angústia é maior do que aquela de outras épocas? Será que toda essa gente padecendo das perseguições de um meio hostil e destrutivo compõem uma tragédia nunca antes encenada? Há algumas pessoas que acreditam que sim, que o mundo está muito mudado, com características destrutivas sem precedentes. Mas há outras pessoas que consideram essa questão muito difícil de ser avaliada porque, como podemos perceber, o que se vive de intenso em um determinado momento, sendo nos campos das depressões ou das alegrias, é sempre tão perturbador e tão completo que parece não existir similares nem em outros tempos e nem em outros espaços. É algo que aparece de forma tão avassaladora que nos remete ao caos ou, por outro lado, ao bem supremo de existir.

No entanto, mesmo sem sabermos se os nossos problemas são maiores do que os de nossos antepassados, é bem verdade que vivemos hoje, em nossas experiências diárias, a constatação de uma anomia que toma conta dos vários segmentos da sociedade e que fabrica um modo de viver acelerado, em meio a um estado permanente de uma severa competição, onde vale tudo e onde o domínio tecnológico é exercido com onipotência e sem preceitos éticos.

Como Freud assinalou, as raças primitivas quando voltavam vitoriosas de suas batalhas não pisavam em suas aldeias e nem tocavam em suas esposas até que tivessem expiado os assassinatos que perpetraram, através de longas penitências; diferentemente do homem civilizado que volta alegre e triunfante de um combate, para a sua família, sem se perturbar com pensamentos sobre o inimigo morto. A atitude do selvagem pode

ser atribuída à superstição e aos temores dos espíritos vingativos. “*Mas os espíritos de seus inimigos mortos nada mais são do que a expressão de sua consciência pesada por causa de sua culpa de homicídio; por detrás dessa superstição jaz oculta uma veia de sensibilidade ética que foi perdida por nós, homens civilizados.*”<sup>2</sup> E, mesmo quando ocorre um sentimento íntimo de remorso, ele só poderá ser vivido reservadamente no âmbito individual, sem condição de aparecer como expressão dentro de um contexto coletivo.

Assim, existem pessoas que, povoadas por muitos temores em relação a esta sociedade e ao seu futuro, optam por não ter filhos. Em suas consciências, a idéia de engendrar novos seres fica contaminada por uma descrença em relação a um mundo melhor; mais ainda, em casos drásticos, as idéias ficam tomadas pela previsão de que a Humanidade se encaminhará para a destruição. E daí a inquietação: por que pôr filhos em um mundo de tantas agruras e sofrimentos?

Mas para muitas outras pessoas, a quem a natureza dos desejos fala mais alto, os filhos chegam e, embora esses temores possam também existir, um canto reservado para a esperança suaviza as angústias e faz crer que ainda é possível uma evolução. E, durante a gestação, com a perspectiva de que em breve se encontrará o filho, os pensamentos se alvoroçam a imaginar momentos futuros. Detêm-se em pensar como essa esperança se concretizará e como acontecerão as inúmeras passagens que, intuídas a partir de um reservatório da psique, são pressentidas como necessárias a ser vividas e a ser experimentadas no desenvolvimento da capacidade para o amor.

---

<sup>2</sup> Sigmund Freud (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: \_\_\_\_\_, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14, p.334.

A primeira passagem é o nascimento e a visualização desse filho até então oculto. E as idéias durante a gravidez se agitam e interrogam-se: Como ele será? O que trará em sua bagagem? O nascimento terá bons êxitos? E depois, tendo o filho nos braços, como cuidar da sua existência e como tornar viável a sua felicidade? Como enfrentar as tantas outras passagens - pequenas ou grandes, diárias, perceptíveis ou não - e compor as atitudes amorosas de alimentar, de limpar, de prover o sustento físico e emocional dessa nova pessoa em relação a qual se terá total responsabilidade?

Neste capítulo, são abordadas as temáticas referentes às idéias e às fantasias que envolvem o parto e as expectativas com os próximos tempos, quanto ao processo de educação do filho - referidas com associações às capacidades próprias de exercer as funções parentais e às condições do meio ambiente que possibilitarão ou não um bom processo educativo. Essas manifestações aparecem envoltas por um novo clima que se caracteriza, principalmente, pela chegada de uma nova percepção ou, talvez, poderíamos melhor dizer, pelo seu retorno: ou seja, a redescoberta do referencial infantil.

### 7.1. Representações de um nascimento: fantasias de dor e de luz.

*“Amadurecer que nem bicho.  
As águas vindo.  
Os ventos indo.  
Salta de dentro do olho outro olho.  
Enxergaremos mais?  
Amadurecer que nem bicho:  
uma porteira infantil  
arrebenta por entre um vão de saudade.  
Atravessaremos mais esse tempo?  
(...)  
Amadurecer que nem bicho  
é isso,(...),  
NASCER  
ou  
tornar-se possível:  
Talvez um mar...”*

Eliana dos Santos<sup>3</sup>

Segundo Freud, o nascimento é o primeiro de todos os perigos e torna-se o protótipo de todos os subsequentes: é a experiência do nascimento, provavelmente, o que “nos legou a expressão de afeto que chamamos de *ansiedade*”.<sup>4</sup>

Na visão psicanalítica, portanto, a angústia do nascimento acompanha o indivíduo pela vida afora e, nos tempos que antecedem a vinda do filho, ela é reativada de forma especial. Há uma identificação do homem e da mulher com esta criança que está para nascer, no sentido de que ela passará pelo mesmo caminho já percorrido por eles e que marcou a

<sup>3</sup> Eliana dos Santos & Severino Antônio, *op. cit.*, p.68 e 70.

<sup>4</sup> Sigmund Freud. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens, *op. cit.*, p.157.

definitiva transposição para o campo de luzes do mundo dos humanos. Esta criança experimentará a difícil separação de uma vida de estreita comunhão materna e deixará um meio ambientado na continuidade das águas, que envolveram e aqueceram a nudez do corpo: experimentará um corte, uma cesura cuja memória eternizará o sentimento de solidão. E, em fantasia inconsciente, subjaz o desejo de reencontrar-se em simbiose com a mãe, numa espécie de útero, representado simbolicamente através do encontro com a morte, com o paraíso, ou com uma figura protetora na qual o princípio de prazer seja básico<sup>5</sup>.

Durante o processo psicoterapêutico podem acontecer rememorações do próprio nascimento através de sua representação em fantasias, em sonhos ou associações livres.<sup>6</sup> E no atendimento clínico psicológico - tanto de uma mulher como de um homem - durante o período da gestação de um filho, essas rememorações tornam-se ainda bem mais exacerbadas e podem aparecer em formas mais conscientes. Embora existam casos em que nada se sabe sobre o próprio nascimento, em outras situações observa-se que há um clima propício para comunicações, principalmente entre os familiares, sobre os acontecimentos que envolveram os nascimentos desses que agora se tornarão pais e mães. E, as histórias podem surgir mais livremente e com conteúdos especiais de alegria, pois há necessidade de se falar, de se ouvir e também de se comemorar. E mesmo tendo existido situações problemáticas, os relatos podem também aparecer revestidos de um certo regozijo, exatamente pelo sentido de vitória que encerram.

---

<sup>5</sup> Roosevelt M.S. Cassorla (1991). Considerações sobre o suicídio. In: \_\_\_\_\_ (coord.). *Do suicídio: Estudos brasileiros*, Campinas, Papirus, 1991, p.23.

<sup>6</sup> Fantasia é definida, dentro do referencial psicanalítico, como encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia pode se apresentar de forma consciente ou inconsciente. Laplanche & Pontalis, verbete "fantasia", *op. cit.*, p.228.

**Alberto** Seus pais sempre lhe contaram episódios de sua infância: de quando ele começou a andar, dos passeios que faziam na praça. São histórias das quais ele não se lembra, mas lhe dá muito prazer ouvir seus pais relató-las, principalmente porque são acompanhadas de um contentamento que traz satisfação. E entre essas histórias está a do seu nascimento, que lhe chega e que lhe remete para uma comparação com a sua própria experiência de tornar-se pai: “Eu quase nasci num fusquinha. Conforme meus pais contam foi tudo certinho; já estavam casados, programaram a vinda dos filhos. Não é como está acontecendo comigo. Eles tinham base para cuidar de uma criança”.

**Lívia** Ela sempre ouviu dizer que nasceu “muito feia”, pois já havia ultrapassado o tempo previsto para o seu nascimento: “eu nasci amarelada e estava fazendo fezes”. Assim, devido a esse seu estado feioso ao nascer, o médico do hospital achando que seu pai pudesse ficar muito chocado com sua aparência, mostrou-lhe outra criança. Só depois, então, isso foi revelado. Esse assunto tem sido objeto de brincadeiras na família, sobre o qual se fala como algo bizarro e pitoresco, e Lívia trata-o com aparente tranquilidade.

**Márcia** Quando fala de seu nascimento, sorri, depois suspira e descreve o seguinte: “Minha mãe diz que morreu e viveu de novo porque eu tive muita dificuldade pra nascer. Ela ficou três dias desacordada. Os médicos desenganaram, avisaram meu pai. Ela teve que trocar de sangue, por isso hoje ela é muito nervosa. Os médicos falaram pro meu pai que ela ia ser nervosa por causa dessa troca de sangue”.

Sua mãe pôde se recuperar e após uma internação puerperal mais prolongada, durante a qual Márcia ficou sendo cuidada por sua avó, voltou para casa e conseguiu, inclusive, amamentá-la. Mas a recuperação parece que não foi total e conforme a previsão do médico, assumida pela família, a mãe de Márcia tornou-se realmente uma mulher muito nervosa, com crises de desmaios, tremores, crises de choro, e em permanente estado de

ameaça: “Os médicos dizem que aí está o perigo – ela desmaiar e não voltar mais”.

Há, portanto, uma dupla mensagem: por um lado, o júbilo por uma sobrevivência, mas por outro, a convivência desconfortável com seqüelas.

E Márcia vive agora sua própria escolha no sentido de ser mãe, com a ambivalência correspondente e com as marcas pessoais de sua história com a figura materna: ela tem tido uns sintomas físicos de formigamento e dores nas mãos, e embora os exames médicos não tenham revelado anormalidades, ela tem estranhado muito essas sensações - que parecem simbolizar uma forma de inquietar-se quanto à sua capacidade de dar conta de sua escolha e de ter mãos suficientemente boas e fortes para sustentar o seu bebê: “Parece que estão arrancando minhas mãos. Estou sem firmeza, vou pegar alguma coisa e derrubo. Estou achando muito estranho, nunca me deu isso”.

As memórias dos próprios nascimentos podem trazer, portanto, dramas e algumas felicidades: a criança nascida prematura que sobreviveu, a mãe quase morta que ressuscitou, o patinho feio que se transformou em cisne. Enfim, memórias que podem desencadear a compreensão da possível transfiguração dos sofrimentos em ganhos e evocar a percepção de um elo humano e também sobre-humano, porquanto carrega de mistério e de inefável sentimento.

Além das representações dos próprios nascimentos, a gestação de um filho reativa também as lembranças de eventos significativos relacionados com histórias de concepções, principalmente acontecidas no âmbito familiar, ou seja: a mãe ficando grávida, as explicações sobre uma gravidez, o nascimento de um irmãozinho.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Howard Osofsky, *op. cit.*, p.212.

**Alberto** Ele é filho primogênito e lembra-se dos nascimentos de seus irmãos. Estava com três anos quando nasceu o primeiro e com quatro anos quando nasceu o segundo. Em relação ao primeiro, lembra-se que foi visitar sua mãe na Maternidade e deitou-se em sua cama no hospital, o que o levou a experimentar uma sensação muito boa. Soma-se ainda às suas recordações o fato de ter recebido de presente, na ocasião, um brinquedo que desejava muito - um Forte Apache - através do qual parece que pôde projetar suas lutas e suas defesas, e assim elaborar a perda definitiva de um colo somente seu.

Quando essas recordações emergem, dependendo de como são recepcionadas, podem significar meios importantes para elaborações psíquicas adequadas ao processo de amadurecimento das funções parentais. O acolhimento amoroso e a afetividade a elas dispensadas através do meio familiar, do grupo social e do acompanhamento profissional, podem facilitar a construção de um sentimento de confiança em relação à capacidade para bem desempenhar os futuros papéis, à medida que boas experiências puderam fazer parte dos conteúdos introjetados; e também, em específico às idéias relacionadas com o parto, podem desenvolver a confiança quanto a um final coroado de êxitos.

Essas questões são de extrema importância visto que, em nosso meio, as expectativas em torno do parto são geralmente manifestadas com conteúdos de medos. Dependendo das condições individuais esses medos se apresentam de forma mais ou menos intensa e relacionam-se com os temores da dor e da morte. Além da percepção dos riscos reais que acompanham um parto, somam-se angústias que, segundo a Psicanálise, baseiam-se em sentimentos primitivos ligados a essa perda da unidade com a mãe - já mencionada - acontecida durante o próprio

nascimento<sup>8</sup> : simbolicamente, morre-se para a vida intra-uterina e a dor psíquica é imensa.

Posteriormente, durante o desenvolvimento psicosssexual, a rivalidade e a hostilidade experimentadas na relação com os pais engendram sentimentos de culpa que vão contribuir também para a intensidade dessas angústias pois, em nível de fantasias inconscientes, teme-se que as figuras parentais retornem para executar uma vingança no momento exato em que se concretizará o antigo desejo de assumir os seus lugares, ou seja, de atingir o “status” tão almejado de reais procriadores. Nessas fantasias egocêntricas, portanto, não existe possibilidade para o espaço criativo do outro, que no caso constitui-se das figuras parentais. Esse dinamismo psíquico, mais ou menos intenso, ao qual associam-se os fatores físicos e ambientais, configura um estado de ansiedade permanente. Com a proximidade do parto, ele se manifesta com toda a sua força e, evidentemente, com sua relatividade.

As vivências inerentes ao parto estão pautadas também em uma tensão gerada pela perspectiva de enfrentar-se algo desconhecido em vários sentidos: o parto em si, a ação médica sobre o corpo da mulher, o bebê abrigado no corpo mas nunca visto (depositário de fantasias de esperanças e de temores), a própria conduta e as expectativas quanto a portar-se bem ou não, a vida e a morte, o tudo ou o nada. Em poucos minutos pode acontecer o melhor ou o pior.<sup>9</sup> Algo que existirá com toda a certeza, mas do qual se deseja fugir.

**Beatriz** A hora do parto já está se aproximando e ela tem pensando muito no bebê: “É esse o estado real da gravidez: a gente só tem bebê na cabeça. Passo as horas falando do bebê, escolhendo roupinhas, arrumando seus objetos...” Ela fala

---

<sup>8</sup> Helene Deutsch, *op. cit.*, p.200.

<sup>9</sup> Denise Defey. *Mujer y maternidad*. In: \_\_\_\_\_ *et. al. Mujer y maternidad: aportes a su abordaje desde la Psicología Médica*. Montevideo, Roca Viva, [s.d.], p.113-4.

também de seus temores em relação ao parto e que “preferia pular essa parte”; mas, ultimamente, tem se sentido um pouco mais tranqüila: “No começo eu pensava mais na hora das dores, mas agora, com as conversas, o medo está mais distante.”

**Cíntia** Para ela, a gravidez tem trazido boas mudanças: sente-se “mais adulta” e tem estado “mais pensativa”. As palpitações em seu ventre são sentidas em conformidade com o desejo de acolhimento: “Quando sinto ele mexer, converso com ele. Acho bonito barriga, acho bonito amamentar (...) Falo pra ele coisas assim: que bom que você veio na hora certa ... não vejo a hora de você nascer. Fico falando um monte de tontice e ele entende. Lógico que ele entende. Ele responde mexendo.”

Mas, às vezes, a sua experiência de serenidade é quebrada por uma onda de preocupações: “Por mais que eu pense coisas boas tem hora que eu começo a ficar com medo. Eu tenho medo que dê um treco em mim na hora do parto.”

**Vanda** Os seus temores em relação ao parto intensificam-se com a chegada do término da gravidez: “Tá chegando no final e eu tô com medo. Tenho medo de tudo, da anestesia...Da agulha, então, nem se fala.”

Fica pensando também em como deve ser uma sala de parto e a idéia que faz é de uma “sala escura como uma UTI, com uma cama e um monte de faca.”

As idéias arquitetadas em torno do desconhecido é de que ele contém algo de implacável. Ambientado nas trevas, não permite defesa e carrega consigo a cruel ameaça de dilaceração. O desejo, portanto, é de que o tempo pare e adie esse encontro tão

desfavorável. Mas, com o conhecimento sobre a evolução da gestação e do parto que se vai adquirindo, essa idéia tende a ser suavizada. Inclusive observa-se, freqüentemente, como os casais demonstram interesse em obter esse conhecimento e saem em busca de informações através de atitudes de ver filmes sobre o assunto, de ler revistas e livros, e também através de toda uma manifestação de curiosidade apresentada durante o pré-natal.

No entanto, o que os impulsiona para pensamentos mais positivos é uma disposição interna, a qual Helene Deutsch denomina de fé e que sustenta a imagem de que a vida pode vencer a morte<sup>10</sup>. Talvez seja exatamente esse recurso interno o que possibilita a movimentação no sentido de ir buscar informações e ir ao encontro de exposições que, para outras pessoas sem esse recurso, poderiam ser extremamente persecutórias. Freqüentemente, observa-se nos procedimentos educativos, inseridos nos atendimentos à saúde, que em algumas pessoas existe um bloqueio às informações. Esse bloqueio é, principalmente, de ordem psicológica e podemos observar, nesses casos, uma verdadeira negação no sentido de entrar em contato com as informações, manifestada algumas vezes através da recusa de participar dos grupos educativos, ou quando detectamos, com surpresa, um desconhecimento acerca das informações veiculadas nos grupos dos quais ela participou: há um temor, consciente ou inconsciente, em relação ao que essas informações poderão provocar nos fetos.

Havendo, então, essa disposição interna para a fé, o caminho para a construção de sentimentos mais esperançosos, nos futuros pais, estará mais aberto e mais facilitado para acontecer. E os pensamentos ligados à boa nova que os aguarda, ou seja, um filho saudável

---

<sup>10</sup> Helene Deutsch, *op. cit.*, p.206.

vindo ao mundo sem acidentes de percurso, ajuda - principalmente a mulher - a diminuir o temor da separação que o parto impõe, visto que alegrias futuras são profetizadas<sup>11</sup>.

Embora de uma outra forma - pois ele não estará passando pelas dores físicas - o homem também tem temores em relação ao parto: as ameaças de perigo estão presentes em sua mente e ele busca uma forma de apaziguá-las. Esse perigo poderá atingir sua esposa ou seu filho, ou ambos, e ele se angustia com sua impotência em não poder controlar a situação e garantir que tudo corra bem. Ele sabe que sua esposa passará por dores, está vendo-a perder o sono e observa o quanto ela está ansiosa com a proximidade do parto. Ele sente-se com as mãos atadas e sofre muito com isso: gostaria de colocar-se no lugar dela.

**Lívia** Nos primeiros meses Lívia passou muito mal devido às intensas crises de enjôos e  
**e** vômitos, tendo sido necessário até o uso de soro. Miguel sentia-se mal vendo-a  
**Miguel** nesse estado: “Eu sofria muito vendo ela sofrer, vendo ela emagrecer. Ficava  
agoniado sem ter o que fazer.”

Agora, no final da gravidez, ele está preocupado com o que ela passará no parto. Ele imagina que o parto seja muito difícil para a mulher: “Ela deve sofrer pra caramba.” E quando ela relata um sonho em que estava no hospital tendo o seu bebê, e que nesse sonho o parto acontece muito facilmente, ele comenta brincando “só poderia ser um sonho mesmo.”

**Luciana** Sob a orientação de uma profissional do ambulatório, juntamente com outras gestantes,  
**e** Luciana visita o Centro Obstétrico durante sua participação em uma atividade educativa  
**Marcos** do pré-natal. A experiência traz-lhe muita inquietação: depara-se com uma realidade

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.207.

que faz brotar em sua consciência a idéia de que passará pela experiência de dar à luz. Parece que, até então, essa idéia estava ausente ou pouco presente em seus pensamentos, mas agora aflora de modo explícito, trazendo-lhe perturbação. Ela encolhe-se e diz: “Estou com medo da hora do parto, dessa dor que todo mundo fala.” Ele, por sua vez, parece também incomodar-se: mostra um semblante preocupado, tenta consolá-la, faz um gesto carinhoso tomando suas mãos suavemente e diz: “É... pra mulher deve ser muito dolorido.”

Para alguns homens, a experiência de presenciar o estado de ansiedade de sua mulher pode se tornar intolerável e provocar um afastamento afetivo e, às vezes, até físico; principalmente pelos sentimentos de inveja e de culpa, reativados e configurados de tal forma que podem se tornar insuperáveis.

Mas as experimentações de estar junto de sua mulher e acompanhar com interesse as transformações em seu corpo gravídico, mesmo com as dificuldades em articulá-las pelo sentimentos de culpa e/ou de inveja que podem também estar presente, serão oportunidades fundamentais para a formação de seu papel como pai e para a sua inserção na unidade dual psicológica da mãe com o bebê. Serão momentos propícios para tentativas de assegurar cuidados à família, de prover sustento material e emocional, de comunicar seus sentimentos; enfim, de desenvolver suas capacidades através de vários comportamentos que são denominados comportamentos de nidificação<sup>12</sup>.

A partir do desencadeamento desse processo na gravidez é que pode vir à tona o desejo de acompanhar a esposa durante o parto: estar com ela, dar força e, acima de tudo,

---

<sup>12</sup> John Munder Ross, *op. cit.*, p.311.

ter a experiência fantástica de ver o nascimento do filho, como se estivesse ele mesmo fazendo um ritual de passagem e assim ingressando, concretamente, na paternidade. Mesmo quando, para alguns homens, entrar na sala de parto torna-se um enfrentamento impossível de ser realizado - fato que é analisado como sendo resultado do horror à castração<sup>13</sup> - eles podem, de outra forma, demonstrar empatia com as tensões, forças e agonias de trazer-se ao mundo uma criança, experimentando em seu próprio corpo sensações dolorosas ou de contração, e permanecer andando de um lado para outro na espera da grande notícia.

As representações mentais de um parto contêm cenas de sangue, que se constituem em um dado de realidade mas, com frequência, contêm também algumas associações com acidentes de trânsito que parecem simbolizar fantasias de perda de controle da direção e de morte. Muitos homens, ao serem questionados sobre sua capacidade de tolerância para acompanhar suas esposas no parto e presenciar o nascimento do filho, referem-se às suas experiências de bem socorrer vítimas de acidentes como indicativos da afirmação dessa capacidade. Observam-se aí, francamente, as idéias de morte e de dilaceração que envolvem o parto.

- Alberto**            Ele já viu filmes de partos pela televisão, mas imagina que com o filho será diferente: "Não sei como será ver meu filho nascendo, deve ser outra emoção."
- e**
- Helena**            E para reforçar a idéia de que se sente com estrutura para acompanhar Helena durante o parto, refere-se ao fato de que já socorreu pessoas acidentadas e manteve-se ativo e em equilíbrio, com plenas condições de tomar iniciativas. Essas colocações dele parecem provocar em Helena sentimentos de rivalidade e ela reage ironicamente: "Nossa, que potência, hein? O cara é potente mesmo."

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.312.

**Miguel** Ele tem grandes expectativas quanto à sua participação no parto de Livia: “Estou e um pouco nervoso, pensando se vai correr tudo bem, mas eu quero muito estar do lado dela.” Comenta que já viu parto pela televisão e acredita que irá se sair bem, ao que ela acrescenta: “Ver pela televisão é diferente, né?” Mas ele traz ainda um outro argumento a seu próprio favor: “Não sou muito impressionado. Já vi acidentes, fico assustado mas não perco o controle.”

**Raul** Eles estão olhando revistas, livros e enciclopédias, para buscar informações e ver e fotos sobre o parto, exatamente como um meio de preparação dele para presenciar o nascimento do filho. Já viram algumas fotos detalhadas e ele não se sentiu perturbado: “Eu olho normal, não me dá frio na barriga.” Imagina, portanto, que ficará bem na situação, mesmo porque, quando trabalhava como caminhoneiro, via acidentes nas estradas com muita frequência e “agüentava firme.”

**Márcia** Mas ela tem dúvidas sobre o que pode acontecer com ele se assistir ao parto, e longe da sua presença comenta: “Acho que ele ao mesmo tempo quer, e não quer. Ele fala que não quer olhar o parto. Acho que vai mexer muito com ele.”

As imagens terrificantes que acompanham as idéias do parto levam as mulheres a sentirem-se ambivalentes quanto à entrada do parceiro na sala de parto. Algumas estão propensas a considerar esta possibilidade como algo que trará, realmente, pontos positivos que contribuirão para o amadurecimento do casal. Outras necessitam da presença do marido pois acreditam que assim serão melhor valorizadas, denotando, portanto, uma certa insegurança sobre os sentimentos de estima que já conseguiram despertar nele. E outras, ainda, têm dúvidas sobre a capacidade do marido de presenciar o parto e resistir

heroicamente às cenas de cortes e de sangue. Tanto assim, que algumas “têm pena” dos homens e acham mais prudente preservá-los de tais cenas.

No entanto, pode-se pensar também que o que elas realmente querem preservar é a si próprias, pois surgem inquietações no sentido do que a visualização do ato do nascimento poderá acarretar no homem: A cena poderá chocá-lo muito? Que sentimentos surgirão nele em relação ao corpo feminino? A cena terá repercussão na sexualidade do casal?

Há mitos que falam da proibição imposta ao homem de ver a nudez feminina ou de ver nascer a criança.<sup>14</sup> Se em alguns casos essa proibição tem a função de preservar o corpo feminino para que não se esvaia todo o seu mistério, em outros tem o objetivo de salvaguardar o homem do contato com a impureza das secreções e impedir que ele seja tomado por demônios que possam surgir daí.<sup>15</sup>

Estudos antropológicos observaram esse aspecto nos costumes de povos primitivos que, com a proximidade do parto, colocam em ação um esquema organizado na casa da parturiente para esse fim: o marido e todos os homens que se encontram na casa têm que sair, enquanto entram parentas maternas para assistir a mãe.<sup>16</sup>

Alguns outros estudos de culturas primitivas referem-se também a esse afastamento do pai no momento do nascimento, e acrescentam dados sobre o “couvade” como uma atitude que se relaciona com essa exclusão masculina. Há tribos onde a parturiente, acompanhada de outras mulheres, dirige-se à floresta para ter seu bebê e, algumas horas depois, já se levanta do repouso e retoma o trabalho. O pai, por sua vez, logo que a criança nasce, instala-se em uma maca,

---

<sup>14</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.59.

<sup>15</sup> Helene Deutsch, *op. cit.*, p.195.

<sup>16</sup> Bronislaw Malinowski, *op. cit.*, p.238.

abstém-se de todo o trabalho, não come carne e alimenta-se de raras papas de farinha de mandioca. Além disso, não fuma, não se lava e, sobretudo, não toca em armas. Este estado pode prolongar-se durante dias e, às vezes, até durante semanas.<sup>17</sup>

A função desse costume pode representar o estabelecimento da paternidade no âmbito do social. Mas pode também ter um significado psicológico ligado à inveja do homem em relação à capacidade reprodutiva da mulher, visto que ele mostra-se sem compaixão ao permitir que ela vá logo trabalhar, sem prolongar mais o seu descanso. O homem deseja conhecer o sentimento que se experimenta no parto e tenta, inclusive, diminuir a importância da mulher no processo imitando-a em suas funções: mas essa imitação só poderá ser feita no que concerne aos traços superficiais, pois os traços essenciais ele é efetivamente incapaz de duplicar. A mulher, por outro lado, plenamente satisfeita por ter dado a vida, está assegurada de sua capacidade e aceita o “couvade” como se compreendesse a necessidade do homem de preencher o vazio afetivo provocado pela sua incapacidade de dar à luz a uma criança.<sup>18</sup>

O “couvade” em nossa cultura pode estar sendo representado - conforme já foi dito no terceiro capítulo - por esse desejo do homem querer participar do parto. E, mesmo admitindo-se a existência dos seus sentimentos invejosos percebe-se que, certamente, um tanto de superação desses sentimentos já foi conseguido quando ele se propõe a acompanhar o parto e, efetivamente, cumpre com tarefas para concretizar o seu intento de forma adequada e amorosa, com manifestações de recursos internos e externos para as necessárias elaborações. No entanto, não restam dúvidas de que esta situação é controvertida e essa idéia de que a visualização do parto

---

<sup>17</sup> Bruno Bettelheim (1954). *Feridas simbólicas*. Lisboa, Moraes Editores, 1979, p.90.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.90-1.

pode destruir a imagem feminina é não raro, observada nas manifestações das gestantes.

**Helena** Ele diz que uma pessoa, ao saber de sua intenção de participar do parto, aconselhou-o a  
**e** não olhar a saída da criança e Helena acrescenta: “É para não ver o grosso, porque  
**Alberto** não é bonito.” Mas ele protesta: “Eu não acho não, não imagino fealdade no  
nascimento de uma criança.” E ela adiciona: “Mas não é uma coisa visual.”

Há, portanto, um impasse entre eles sobre a visualização do parto, que é projetado, inclusive, no presente que ela lhe deu no dia dos pais, ou seja, um livro: “O guia dos curiosos”. Este presente poderia estar simbolizando também a inquietação dela sobre os verdadeiros motivos que estão levando-o ao desejo de participar do parto: será que a atitude dele é de simples curiosidade?

**Beatriz** Ela fala de um fato que lhe trouxe preocupação: “Um marido foi assistir o parto da  
**e** mulher e depois ficou com nojo dela.” Ele protesta, acha que isso não acontecerá entre  
**João** eles: “Eu não vou ficar bisbilhotando. Vou me restringir mais à cabeça de Beatriz.”

Muitos homens que se apresentam desejosos de presenciar o parto parecem realmente amadurecidos e com capacidade de transformar a experiência em ganhos. Querem compartilhar do momento para ajudar a companheira em seus esforços para dar à luz e ajudar a si próprios a percorrer o caminho da paternidade. No entanto, os motivos que os impulsionam a participar do parto deverão ser sempre investigados, no transcurso do atendimento psicológico para a preparação do casal, durante o pré-natal e, assim, serem trabalhados para uma possível elaboração dos conflitos existentes e atenuação das ansiedades persecutórias, que em alguns casos são bem evidentes.

**Marina** Pedro expõe sua vontade de estar com Marina no momento do nascimento do filho  
**e** e pede permissão para entrar na sala de parto. Sua intenção é estar ao lado dela  
**Pedro** para ver como o médico estará agindo. Fica imaginando “o monte de médicos desconhecidos” que ficam circulando pelo hospital e o que pode acontecer se alguém, que não tenha competência, vir a fazer o parto de Marina: “A gente não sabe nem quantos já morreram na mão dele. Passou no jornal que foram caçados cinco mil diplomas de médicos.”<sup>19</sup>

Algumas dificuldades principais, portanto, deverão ser superadas e dar lugar a melhores condições e respostas mais adequadas tanto no homem como na mulher, como parte de um processo de amadurecimento que denote a capacidade e os recursos internos existentes neles para a adaptação à nova situação da gravidez e do parto. Trata-se, obviamente, de dificuldades possíveis de serem elaboradas através de intervenções técnicas mais breves, com características menos críticas daquelas situações onde registram-se problemáticas de complexidade maior, e cujas resoluções necessitam de tratamentos mais intensos e mais prolongados que ultrapassam o período de uma gestação.

Uma outra questão relacionada com o parto é que algumas mulheres desejam ser acompanhadas por sua mãe, durante o nascimento do filho, ao invés do marido. Há nisso a fantasia em que a mãe dá seu lugar à filha no universo da maternidade, abençoando-a: algo que pode ser observado em francas manifestações ou em experiências oníricas.

---

<sup>19</sup> As manifestações de desconfiança deste casal foram trabalhadas, posteriormente, num atendimento psicológico no Pré-Natal de Adolescentes. Pedro pôde participar do parto e, de acordo com seu depoimento e com o relato da equipe de profissionais, ele comportou-se de forma tranqüila e colaboradora.

**Livia**

Em um trecho de um de seus sonhos, ela está tendo o seu nenê em um lugar especial.

Não se trata de uma sala de parto comum, mas sim de uma sala diferente onde havia

**“muita luz, muita claridade, com um tipo de sol e o nenê estava na bolinha do sol.”**

Tudo transcorre com facilidade, com exceção do fato de terem colocado uma roupa no seu bebê que não é do seu agrado, ou seja, um cueiro (peça de roupa que faz parte, realmente, do enxoval do bebê e que foi um presente de sua sogra).

Mas parece que esse incômodo é superado quando se aproxima dela uma mulher desconhecida com **“feições de mãe”** e que fica ao seu lado **“em silêncio”**: **“Ela era bem meiga, carinhosa, protetora e usava uma roupa bege. Tinha uns trinta e dois anos.”**

A imagem da mãe aparece, portanto, como um ideal de continência, que só acolhe, que não impõe roupagens e nem rivaliza. Uma mãe dadivosa que deixa nascer e fazer acontecer, que pode ser representada pela mãe ideal, pela mãe real ou por uma terapeuta que lhe dê apoio e assistência durante a gestação e o parto.

Mas há situações, também, onde se configuram relações mais regredidas, em que a gestante clama pela presença da mãe ao invés do parceiro. É como se o considerasse sem força suficiente para ajudá-la e para dar conta de sustentar uma passagem tão difícil. A gestante encontra-se num estado de fragilidade, tal qual o seu próprio bebê, e sente que somente quem já cuidou de uma criança é que pode mesmo contê-la - por isso busca a proteção da figura materna. E, em alguns casos, pelos vestígios edípicos, essa força é também computada à figura paterna que, até mais do que a mãe, é imaginada com toda a potência para abarcar os corpos agitados pela dor e protegê-los do perigo.

- Vanda** Ele não quer acompanhá-la quando ela estiver dando à luz: ouviu uma história desagradável sobre um homem que foi ver o parto e não agüentou e desmaiou.
- e**
- Roberto** Ele prefere, portanto, “ficar do lado de fora.” Mas, apesar disso, ele tem estado bem próximo dela e muito contente com a gravidez: cuida bastante dela, é paciente, e quando ela não consegue dormir à noite, ele acaba perdendo o sono também: fica preocupado, andando de um lado para outro, procurando descobrir o que poderia fazer para ajudá-la.
- Contudo, ela parece não sentir-se garantida com o apoio dele. Sente muito medo do parto, tal qual a sua mãe que, no entanto, era salvaguardada pelo vigor de seu pai, de forma que, quando o medo apertava, ela agarrava-lhe as mãos: “Meu pai é fortão, agüentava, mas o Roberto não dá conta não.”

A despeito da controvérsia de opiniões e dos sentimentos ambivalentes que normalmente estão presentes na avaliação sobre a entrada do parceiro na sala de parto, alguns relatos sobre essa experiência, ainda que de caráter empírico, têm demonstrado que ela pode ter um resultado positivo, principalmente para o vínculo do casal e para a construção dos sentimentos paternais. E, talvez, essa prática possa vir a tornar-se parte dos costumes da nossa cultura à medida que esses resultados forem se confirmando e sendo difundidos nos meios acadêmicos e em outros grupos sociais, trazendo realmente uma mudança importante para o desenvolvimento dos papéis parentais, com uma nova dimensão da paternidade.

Se alguns estudos antropológicos nos falam do afastamento do homem em relação à sua parceira no momento do parto, outros nos relatam exatamente o contrário e demonstram rituais de integração e participação paterna, que trazem elementos

interessantes para uma reflexão sobre os nossos próprios hábitos.

Da Índia antiga, por exemplo, sabe-se de um costume em que o pai participava do parto e antes do corte do cordão umbilical ele se inclinava sobre a criança e lhe soprava três vezes, invocando os Vedas. E, diante daqueles que presenciavam a cena, umedecia os lábios da criança com uma mistura de leite, mel e água, desejando-lhe longevidade, inteligência, sabedoria, prosperidade, força física, bem como a proteção dos deuses. Por último, murmurava-lhe baixinho, no ouvido direito, o nome que tinha sido escolhido para ele, em comum acordo com sua esposa, mas que permaneceria secreto por um tempo; esse nome era inscrito numa folha de palmeira, que depois era lançada ao vento. O pai aspergia a criança com água sagrada e levava-a para os braços da mãe e, em seguida, procedia ao enterro do cordão e da placenta. Durante dez dias os pais, com o bebê, recolhiam-se em sua casa, retirando-se da vida pública. Após esse tempo, eles retomavam à vida normal e, ao prepararem-se para a primeira saída de casa, banhavam-se e colocavam roupas novas. Ao saírem, o pai fazia o bebê olhar o sol e dirigiam-se, então, para a capela da aldeia. Posteriormente, os primeiros passos, as primeiras palavras, a primeira comida sólida, enfim tudo o que marca os progressos da criança, era ocasião para ritos cuja iniciativa cabia ao pai, cercado mãe e filho com os cuidados necessários.<sup>20</sup>

Alguns desses gestos, obviamente, pelas características de nossa atual organização social e cultural, ficam impossibilitados de serem reproduzidos hoje entre nós; mas outros encerram uma mensagem vívida de uma comemoração humana e resplendorosa do nascimento, universal e atemporal, que se assenta latente no imaginário coletivo: a própria participação do homem e a apresentação do bebê à mãe pelo pai, ato normalmente assumido

---

<sup>20</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.171-2.

hoje, em nosso meio, por um profissional; a fala do pai para o filho através de murmúrios amorosos e delicados; a escolha do nome do bebê como uma atitude do âmbito da exclusividade e da intimidade dos pais; enfim, a encenação de ritos onde o pai está colocado como um real protagonista e não como um mero coadjuvante.

O nascimento irá acontecer. É preciso que se instale urgente uma confiança antes que tudo se torne muito persecutório. É preciso, de certa forma, “a crença na magia”, tão presente em nossos ancestrais, mas que hoje está bem mais encoberta; apesar de que, quando necessário, ela fica pronta para emergir. Uma crença que hoje está revestida com novas roupagens, mas que ainda, vez por outra, evoca a proteção da Nossa Senhora do Bom Parto ou a proteção dos “deuses humanos” - os médicos.

Mas, acima de tudo, é preciso ter esperanças e esperanças são construídas a partir de boas palavras que insistem em tornar-se possíveis: palavras ouvidas de um amigo amoroso, ou tiradas das próprias histórias, das imagens memoráveis e dos conteúdos oníricos.

**Helena** Ela diz que no “grupo de preparação” pôde pensar na dor do parto como uma dor diferente: “É uma dor de alegria, única dor de alegria. A significação da dor é outra. Pensar nisso foi incrível e bom.”

Ela pôde compreender também que cada contração será a conquista de mais uma etapa para chegar até o nascimento. E é assim que vai imaginando algumas possibilidades de vir a ser. Durante o parto ela quer comunicar-se com seu bebê: ir explicando-lhe o que está acontecendo, ir falando e preparando-o para o nascimento.

- Beatriz** Ela tem medo do parto, mas algumas conversas estão tranquilizando-a e o nervoso diminuiu bastante: “Falaram pra mim que é muita dor mas é tranquilo e, depois, quando vem o nenê, tudo compensa.”
- Marcos** O desejo dele é que o filho seja um menino, mas acolherá bem caso venha uma menina.
- e** Teve um sonho com o nascimento do filho e nesse sonho os seus ansios são acomodados num cenário asséptico, onde tudo transcorre além do humano, como no mundo mágico dos contos de fadas: “Sonhei que nasceu um homem e eu falava pra todo mundo – não falei que ia ser um homem? Quem fez o parto foi eu e um colega.
- Luciana** Nós cortamos a barriga de Luciana. Não saiu sangue. Logo ela estava boa e o nenê apareceu trocado no meu colo.”
- Márcia** Há um contorno de esperança que envolve o casal e que está sendo desenhado pelas mensagens que lhes chegam de vários cantos, seja de si mesmos como de seus objetos
- e** mais íntimos: o apoio e a alegria da família em relação à gravidez, as boas perspectivas que estão tendo de como serão como pais, e até da experiência de rever um espaço que representa muito para a felicidade de existir, como aconteceu, recentemente, durante uma rápida viagem que Raul fez com seu pai para a sua cidade natal. Chegando lá, eles se empenharam em passar defronte da maternidade onde Raul nasceu, e deixaram brotar em si a cumplicidade de uma emoção alegre e gostosa de recordar e reconhecer que está valendo a pena.
- Raul**

Dessa maneira, as pessoas vão buscando e encontrando meios de tomar a vida pelo lado bom. Cada dia está mais próximo do momento em que a criança passará através do corpo da mãe e, mais do que nunca, com a proximidade da hora de tê-la finalmente entre os braços, o casal se

entenece ao receber o apoio daqueles que compartilham de sua felicidade e daqueles que demonstram acolhimento ao novo ser que virá, com sentimentos fraternos e especial atenção.

Certamente não faltará quem faça notar que o parto não será fácil, que é uma prova, uma passagem difícil de ser vivenciada; ou a própria experiência poderá trazer um desapontamento e a renúncia do sonho de um parto ideal. E, nestas circunstâncias, pela importância transcendental do momento, o casal deve ser ajudado, acolhido amigavelmente e reassegurada a sua confiança, pois toda uma sociedade se encontra preocupada no nascimento de uma criança.<sup>21</sup>

Vale ressaltar, mais uma vez, aspectos relacionados com costumes da Índia a nos falar dos rituais sagrados do nascimento que, desprezados e ridicularizados pela nossa sociedade moderna tecnocrata, são hoje colocados de lado em atitudes que banalizam o ato do nascimento e negam, provavelmente como mecanismo de defesa frente às fantasias de morte, impotência e destruição, a emoção e o afeto.

*“Dez dias antes da data prevista para o parto, o pai observava as regras de abstinência e purificação. Quando as primeiras contrações apareciam, a mãe se retirava para um quarto isolado e purificado para desbaratar os planos demoníacos dos deuses ladrões de crianças, enquanto que o pai procedia a rituais destinados a oferecer a sua mulher um parto rápido. Enchia de água uma taça pouco profunda que nunca tinha sido usada e esvaziava-a no sentido que corria o rio, no fundo de seu jardim. Desatava todos os nós que pudesse haver em casa. Retornava para junto de sua mulher e depositava a seus pés uma planta e, próximo de sua cabeça, uma vasilha cheia de água. Tocava-a no abdome e aspergia-a para que as divindades se inclinassem sobre a mãe e sobre a criança.”<sup>22</sup>*

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.219.

<sup>22</sup> *Loc. cit.*

O nascimento se inscreve num cenário de luz e de sombra: a luz que retrata, que reedita, que é desejada e temida; e a sombra que encobre, que rompe, que contém o mistério de uma natureza infinita e incorruptível. A separação - corte de uma simbiose nunca mais recuperada - imprimirá uma angústia perene, como é compreendida na visão freudiana; mas que pode ser suavizada ou até mesmo combatida, através da acolhida amistosa ao recém-nascido, franca decorrência da acolhida amistosa aos seus pais, e que irá estabelecer o sentimento básico de confiança na primeira hora de vida, no momento exato em que a criança ingressa no mundo dos significantes. Estando seus pais bem presentes, não ausentes fisicamente e nem entorpecidos por drogas materiais e/ou simbólicas, a comunicação de olhares se estabelece como memória de uma cumplicidade perpétua. Uma presença de carinho, alegria, fortificação dos ânimos e dos vínculos marcarão as primeiras horas após o parto dentro daquilo que é denominado “*período sensitivo*” ou período durante o qual o apego dos pais ao bebê floresce<sup>23</sup>. O bebê longe dos pais, principalmente da mãe, experimentará o deserto afetivo, a solidão completa. É, portanto, imprescindível que a equipe hospitalar se torne bem consciente do poder que tem uma atitude sua que, sendo benevolente, vai promover o desenvolvimento e a integração do afeto entre essas pessoas que nesse momento vivem um tempo de tão grande importância em suas existências.

Os pais sonham o nascimento do filho, suas feições e como será o convívio com essa criatura que logo despontará com total fragilidade e dependência mas que, em pouco tempo, crescerá e mostrará a que veio.

---

<sup>23</sup> Marshall Klaus & John Kennell. Parto, nascimento e formação do apego. In: \_\_\_\_\_ *et. al. Pais/bebês: a formação do apego*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, p.58.

Durante a gravidez emergem muitos pensamentos sobre como educar uma criança e é incrível como esses pensamentos referem-se, principalmente, à educação e ao relacionamento com o filho adolescente: Ele será bondoso? Será bonito? Respeitará os pais? Qual será a melhor escola para ensiná-lo? Em que mundos confiáveis ele poderá circular? Enfim, uma sucessão de idéias e inquietações dos pais frente ao futuro dos filhos e de si próprios que, guardando-se a devida proporção das diferenças individuais contabilizadas pelas histórias de cada um, é observada com certa constância e similitude entre os casais; e é justamente sobre essa temática que estará pautado o próximo item deste capítulo.

## **7.2 A geração de um próximo tempo: conviver e ser nas moradas do terceiro milênio.**

*“Talvez as futuras gerações descrevam a nossa época com espanto e admiração como sendo o tempo em que o homem se redescobriu como um ser utópico – tempo no qual deixou de se envergonhar de seus desejos, proclamando ao mundo que estava apaixonado pelos seus sonhos e tornando assim as suas visões mais importantes do que a realidade.”*

Rubem Alves<sup>24</sup>

As expectativas dos pais em relação aos filhos que virão encaminham-se em vários sentidos: Como ele será? Como estarão configuradas as relações internas na família no convívio afetivo e educacional? Como estará a ordem do mundo em um próximo tempo? Como dar conta de algo sentido como estranho, inexorável, em relação ao qual se é

---

<sup>24</sup> Rubem Alves (1972). *A gestação do futuro*. 2.ed. Campinas, Papirus, 1987, p.109.

impotente e para o qual é requerida uma complexa adaptação? Essas preocupações seguem mais ou menos em direção de um ou de outro sentido, de acordo com o grau de consciência sobre as próprias responsabilidades no processo interno familiar e também no processo social. Para muitas pessoas, o destino da Humanidade como um todo dependerá de fatores sobre os quais não se têm a mínima participação tornando-se, portanto, um campo de idéias propício para depositar-se e aliviar-se as angústias acarretadas pela percepção de que o modo de ser do filho estará diretamente relacionado com o modo como será tratado e educado. Assim, o que está externo, aquilo sobre o qual não se tem controle, é o que poderá moldar no filho os aspectos mais negativos.

Mas, em tudo existe uma esperança, sonhos de transformação, utopia, expressões dos anseios da alma que são muito mais do que expressões da lucidez intelectual: seremos pais mais perfeitos, mais compreensivos, com filhos bonitos e bem educados, e a Humanidade, no fundo, traz dentro de si a tendência de se regenerar.

E é assim, em meio às esperanças, que o período da gestação se viabiliza como o tempo da sementeira: *“Se o nosso filho não pode nascer neste tempo, podemos ao menos fazer de nosso presente o momento da concepção.”*<sup>25</sup> É, portanto, a estação escolhida por muitos pais para semear palavras amorosas sobre as quais se deposita as crenças mais íntimas e através das quais se inicia uma comunicação com o filho ainda invisível. Para a mulher, tendo-o dentro de si, a comunicação é direta e pode acontecer mais livremente, principalmente se o seu estado de angústia for sendo aliviado. Mas, no entanto, resta ainda uma curiosidade imensa que a leva ao desejo de contemplar o interior de seu corpo - como um impulso

---

<sup>25</sup> *Ibidem.*, p.188.

infantil de explorar todas as coisas<sup>26</sup> - ou como resultado da necessidade de aliviar a ansiedade de ter que conviver com o mistério.

**Helena** Sua experiência de comunicação com o bebê é intensa: está sempre falando com ele e imagina que ele responde. Quando está irritada e triste também costuma dirigir-se para o bebê dizendo-lhe: “Não é nada com você, filhinho, são problemas aqui da sua mamãe.”

Com a perspectiva de aproximação do parto fica evidente a sua ambivalência. Diz que evita pensar no futuro, mas reconhece sua ansiedade em relação à chegada do parto e o seu desejo de ver o bebê, como aparece na manifestação de um dos seus sonhos: “Sonhei como se minha barriga ficasse transparente e eu pudesse ver a criança. Eu estava no banho e vi seu rosto e sua mão estendida. Foi nítido. Eu estava no meu banheiro, não estava num banheiro qualquer. Acho que fiquei bem no sonho...me senti alegre.”

O exame ultra-sonográfico veio trazer às mães, e também aos pais quando estes têm a oportunidade de acompanhar a esposa nesse procedimento, uma certa visualização do interior do corpo e em relação ao qual se criam grandes expectativas. No entanto, as observações têm mostrado que este exame pode provocar efeitos controversos: ele é desfavorável quando interrompe as fantasias sobre a futura criança, “*introduzindo uma realidade com excessiva dureza e precocidade no delicado equilíbrio de seus processos mentais*”, podendo, inclusive, afetar os humores e, conseqüentemente, a relação com o feto; mas por outro lado, esta visualização do bebê no útero parece, em muitos casos, tornar-se um meio de reassegurar aos pais o bom estado do bebê

---

<sup>26</sup> Helene Deutsch, *op. cit.*, p.202.

e experimentá-la pode facilitar a criação do vínculo.<sup>27</sup>

O fato é que, durante a gravidez, uma comunicação consciente e inconsciente vai se processando entre os pais e o bebê, e sobre a qual é possível observar-se vários aspectos.

No homem, por exemplo, para que essa comunicação aconteça, será preciso que, além da elaboração dos conflitos mais perturbadores, sua parceira lhe dê permissão para que ele possa aproximar-se do seu ventre, sentir os movimentos do bebê, e ocupar os espaços para que as suas disposições parentais possam se manifestar.

**Miguel**            Ele está cada vez mais feliz com a gravidez: **“Tô meio bobo. Não vejo a hora de pegar e ele na mão. O bercinho já está pronto e eu ponho uma banquetinha do lado e fico olhando, imaginando o bebê dentro.”** Aproxima-se bastante da barriga de Livia, passa-lhe a mão, conversa com o bebê e acredita que já está havendo algum reconhecimento mútuo. entre ele e o filho. E ela concorda com essa idéia: **“No momento em que ele põe a mão na minha barriga o nenê se move, dá a impressão que ele acompanha, parece que ele dá um sinal. Eu acho que tem ligação mesmo.”**

**Roberto**            Ele refere-se à gravidez com muita alegria: **“Estou feliz pela primeira vez...por ser pai.”** Gosta de aproximar-se da barriga dela e falar ao bebê chamado-o pelo nome que ele mesmo já escolheu. Essas suas falas são permeadas por brincadeiras ou tentativas de aliança com o bebê: **“Tem dia que ele não mexe, fica quietinho. Daí eu chego e pergunto pra ele: o que você está sentindo aí dentro? Está com raiva da mamãe?”** Ele acredita que o bebê realmente tem um jeito de se comunicar, e refere-se a um episódio onde pôde reforçar a sua crença: ele escolheu uma roupinha de criança e

---

<sup>27</sup> Alessandra Piontelli (1992). *De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago. 1995. p.25.

mostrou-a para Vanda, e o bebê começou a “pular na barriga”, tão fortemente, que os movimentos podiam ser observados com facilidade.

Alguns homens, no entanto, só conseguirão sentir-se verdadeiramente como pais quando estiverem com o filho nos braços e outros, somente quando o filho deixar de ser um bebê e desenvolver a linguagem falada e os movimentos mais ordenados. É assim que, com esta disposição, pode acontecer-lhes dificuldades de se comunicar concretamente com o seu bebê ainda no ventre da mãe, o que não os impede de ir formulando mentalmente, já durante a gravidez, algumas imagens do filho e da possível relação que se estabelecerá com ele.

**João** Ele ainda não se vê como pai e entende que só se sentirá pai, realmente, “quando tiver o filho.” Gosta de crianças, mas de “crianças maiores”, que já saibam conversar e “ver as coisas.” Ele tem dificuldade em imaginar-se com um bebê e pensa que só pegará o seu filho após os três meses: “Já vieram me trazer bebê pra segurar e eu não queria nem ver. Eu gosto mais crescidinho, mais fortinho, mais parecido com gente.”

No entanto, parece-lhe que isto tende a mudar: “Acho que vou arranjar uma forma delicada de me relacionar com o bebê. É que sempre me vem aquela história que o bebê é muito frágil (...). Eu gosto de criança, mas depois de grandinha. De uma forma abstrata eu gosto não sendo minha.”

Além disso, percebe-se mais atento em relação aos problemas que envolvem a educação de filhos: observa, por exemplo, programas na televisão com adolescentes e preocupa-se com o evoluir dos costumes; acredita que será mais difícil conduzir a educação, futuramente, e inquieta-se com isso.

**Alberto**

Ele participou de um exame ecográfico do bebê e gostou muito. Ele gravou o exame numa fita de vídeo e viu o filme várias vezes: **“Um bebezinho na barriga da mãe pode parecer tudo igual, mas não é não. Quando trata-se do filho da gente é diferente.”**

Tem pensado muito no filho: já sabe que é um menino e fica pensando nos lugares que irá passear com ele. Pretende mostrar-lhe os lugares que mais frequenta: quer levá-lo para ver estrelas, tomar banho de cachoeiras; quer conduzi-lo para a escola e preocupa-se muito com o tipo de escola em que irá colocá-lo. Tem filmado alguns lugares de sua estimação para futuramente mostrar ao filho: **“para ajudá-lo na compreensão das transformações do espaço e do meio.”**

A comunicação com seu bebê, portanto, tem sido feita assim: **“através do pensamento.”** Percebe-se muito alegre com esses planos e deseja ser para seu filho **“o melhor pai que puder ser.”** Não quer sentir-se culpado pelas reações iniciais de rejeição ao filho, pois acredita que o amor se edifica e vê em suas mudanças os indícios para essa edificação: **“Estou meio bobão. Começo a lembrar das brincadeiras de criança. Quando tomo Yakult, lembro que fazia uns foguetinhos com os potinhos. Quero fazer isso com meu filho.”**

O relacionamento que os casais vão desenvolvendo com o feto é, portanto, uma movimentação diferenciada pelas condições pessoais, mas que acontecerá geralmente através de um processo contínuo, de espécie lenta, sem uma prontidão imediata. Com o passar do tempo da gestação, o homem e a mulher vão sentindo o feto como uma pessoa real e desenvolvendo o apego em sua direção e entre si, como uma relação afetiva ímpar com desejos de acariciar, de beijar, de aconchegar. Trata-se de um sentimento crucial para a sobrevivência e desenvolvimento do bebê, pois o poder desse

apego é tão grande que capacitará a mãe e o pai a fazerem sacrifícios extraordinários e necessários, através de atos que comportarão os seus cuidados: cuidar de sua higiene várias vezes ao dia, atender ao seu choro, abrigá-lo do perigo e alimentá-lo - inclusive no meio da noite - apesar da necessidade desesperada de dormirem; um apego cuja força e cujo caráter influenciarão, sobremaneira, os laços futuros<sup>28</sup>.

Assim, através da formação do apego e do vínculo afetivo, os sentidos da responsabilidade vão se tornando mais claros pois a percepção da existência concreta do filho traz aos pais a constatação de que já não se pode mais voltar atrás e que já não cabem mais só atitudes contemplativas sendo necessário, portanto, realizar uma série de ações e, conjuntamente, elaborações mentais sobre os novos papéis. Intensificam-se, então, as expectativas em torno do ser pai e do ser mãe, e aparecem dúvidas, anseios ou algumas certezas sobre as próprias capacidades e sobre as capacidades dos respectivos parceiros para o desempenho das funções parentais.

Evidentemente, que essas expectativas estarão se encaminhando para um sentido mais positivo de acordo com a predominância de bons sentimentos de auto-estima e do que foi possível construir no vínculo afetivo do casal através de um relacionamento mais amadurecido; ou, até mesmo, de acordo com sentimentos que possam estar sendo manifestados como resultantes de uma idealização temporária, que poderá sucumbir diante das grandes exigências, ou que poderá transformar-se em algo para valer. Por outro lado, se a auto-confiança estiver enfraquecida e o relacionamento do casal estiver com sinais de conflitos difíceis de serem superados naturalmente, a tendência é colocar-se dúvidas sobre as

---

<sup>28</sup> Marshall Klaus & John Kennell. A família durante a gravidez. In: \_\_\_\_\_ *et. al. Pais/bebê: a formação do apego*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, p.22-3.

condições do desempenho parental, e os pontos de insegurança próprios e as discordâncias interpessoais, principalmente aquelas que se referem às características inaceitáveis da personalidade do outro, são as que mais preocupam.

**Helena** As grandes dificuldades que Helena teve no relacionamento com sua mãe, e depois  
**e** no relacionamento com Alberto, deixaram-lhe marcas que ela tenta superar. Hoje,  
**Alberto** percebe-se mais fortalecida e sente-se esperançosa com o futuro junto ao filho:  
**“Espero ter com meu filho o que não tive com minha mãe.”**

Quanto às perspectivas relacionadas com o exercício da paternidade em Alberto ela parece lutar consigo mesma no sentido de reconhecê-lo como capaz: **“Ele poderá vir a ser um bom pai para meu filho. Mas ele tem manias que eu não gosto. Mas também são manias como as de todo mundo. Quando ele quer ele consegue ser equilibrado. É ... no fundo eu acho que ele será um bom pai.”**

**Pedro** Ele está preocupado com a educação do filho. Teme que possa vir a ocorrer  
**e** discordância entre ele e Marina: **“Eu tenho medo de eu falar uma coisa e ela  
**Marina** outra.”** Situação que ele considera muito prejudicial para a educação de uma criança. E isto, de certa maneira, reflete-se também nas avaliações que ele faz das atitudes dela com os cuidados com a gravidez: **“A Marina tem a cabeça meio fraca. Ela corre, não quer sentar no banco de trás do carro e também eu me preocupo com a alimentação dela.”** Ele considera que ela não se alimenta bem, pois vive com medo de engordar demais e **“deformar o corpo.”**

Emergem também entre os futuros pais reflexões em torno da evolução da Humanidade e configuram-se preocupações bem específicas com as práticas educativas, tais

como: criar os filhos dentro dos limites da obediência (para que não se torne uma “criança mimada”), desenvolver suas potencialidades intelectuais (para “multiplicar sua inteligência”), dar suporte religioso (ensinando-o dentro do “caminho da verdade evangélica”), e acima de tudo, que eles sejam bondosos, bonitos e que não sejam tragados pelo universo das drogas.

**Pedro** O fato de tornar-se pai tem lhe trazido um novo sentido em sua vida: percebe-se mais responsável, está trabalhando na fábrica de seu pai e o tipo de trabalho que tem desempenhado lá leva-o a sentir-se mais masculino, mais homem: “...é um trabalho sujo, trabalho de peão, mas eu gosto.” Tem observado seus colegas e impressiona-se com o caminho que eles têm assumido, ou seja, o caminho da droga: “Tenho um amigo que roubou o videocassete da própria casa pra arranjar dinheiro pra comprar maconha (...) essa coisa de droga está demais (...) Eu não quero me envolver com isso não, já peguei maconha na mão, mas não me envolvi. Minha mãe vive me dizendo pra ficar longe disso.”

Tem feito renúncias, principalmente tornando-se mais caseiro e deixando os hábitos de perambular com sua “motinho” pelas ruas e de freqüentar “boites”. Pensa bastante no filho mas ainda não se sente como pai. Acha que vai curtir o filho quando “ele sair da barriga”. Considera que será um pai um pouco rígido e justifica-se: “Antigamente não precisava ser muito rígido, mas agora precisa sim, por causa das amizades, da escola, das saídas... tudo pode levar pro mau caminho e o mau caminho pode levar às drogas.”

Assim, sendo ainda um adolescente e em estado de busca de sua própria identidade, o filho que lhe chega parece significar-lhe uma salvação, uma proteção contra os perigos internos: seus desejos inconscientes de onipotência e suas angústias depressivas, próprias de sua idade, geradas pela separação das figuras parentais.

É assim que muitos pais, ao falarem sobre a futura educação de seus filhos, manifestam grande preocupação com o período da adolescência; além do período que compreende a fase do bebê. Os pais, aguardando a chegada dos filhos no mundo, temem por momentos de tormenta que a adolescência possa trazer. Alguns por estarem ainda bem próximos deste tempo ou até mesmo vivendo a própria adolescência, como a ilustração acima; e outros, por rememorarem fatos que fizeram parte das experiências do tornar-se jovem, principalmente relacionadas com a separação dos pais, com o ingresso na atividade sexual capaz de reproduzir um novo ser e com as tentativas e os atos de lançar-se no mundo e para o mundo.

Os nascimentos múltiplos que psicologicamente conhecemos e reconhecemos em nossas vidas, dos quais nos fala Bachelard<sup>29</sup>, pode orientar nossa reflexão sobre esse assunto. Entre as descobertas diárias, pequenas até, que empreendemos durante nossos atos cotidianos e que nos promove a evolução, estão os momentos de grande mudança, as fases específicas de maturação: algumas que fazem parte da natureza e outras decorrentes de situações inesperadas.

A compreensão da adolescência, como é bem sabido, remete-nos para o conhecimento dessas fases de evolução e, como tal, é considerada como aquela em que se processam as transformações mais drásticas, sobre as quais já se tem falado tanto: transformações que nos levam a um verdadeiro renascimento.

Rousseau, já no século XVIII - embora sem usar a denominação de adolescência -

---

<sup>29</sup> Gaston Bachelard, *A poética do devaneio*, p.106.

falava desse período como um tempo de grandes turbulências, quando se configura um segundo nascimento: “*Nascemos, por assim dizer, em duas vezes: uma para existirmos, outra para vivermos; uma para a espécie, outra para o sexo.*”<sup>30</sup> Françoise Dolto, por sua vez, retoma o pensamento de Rousseau e nos fala do adolescente como um recém-nascido, que é colocado no mundo como um ser bastante frágil: “*...extremamente sensível ao que toma com fiscalização e interpreta como murmúrios sobre ele.*”<sup>31</sup>

Para melhor compreendermos o que é a fragilidade do adolescente, Dolto usa o exemplo dos lagostins quando perdem sua casca. Nessa época, eles se escondem sob rochedos para segregarem uma nova casca e, se forem golpeados no período em que estão vulneráveis, ficarão marcados para sempre - cura-se o local do ferimento, mas a cicatriz jamais de apagará.<sup>32</sup>

A elaboração das perdas inerentes à adolescência como fase evolutiva, a reativação das ligações edípicas, as mudanças corporais e na sexualidade, a hostilidade em relação aos pais, enfim, toda a invasão de novos sentimentos e novos afetos, são elementos que poderão predispor, eventualmente, a quadros depressivos e a pensamentos de morte. Até a adolescência a morte era vista como algo reversível, mas agora torna-se irreversível e natural dentro do desenvolvimento.<sup>33</sup>

Os bebês e os adolescentes vivem, portanto, igualmente, o drama da ameaça da

---

<sup>30</sup> Jean-Jacques Rousseau (1762). *Emílio ou da Educação*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968, p.233.

<sup>31</sup> Françoise Dolto (1988). *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p.19.

<sup>32</sup> *Loc. cit.*

<sup>33</sup> Roosevelt M.S. Cassorla (1987). Comportamentos suicidas na infância e na adolescência. In: \_\_\_\_\_ (coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, Papirus, 1991, p.67-9.

morte precoce e a dependência das potencialidades criativas que os envolvem; necessitam também, para sua sobrevivência, de seus próprios esforços no sentido de mobilizar-se para assumir o risco da realidade que os aguarda da outra margem do rio.

Essas equivalências podem nos ajudar a compreender porque as duas fases mais preocupantes para aqueles que esperam um filho referem-se, primeiro, ao nascimento do bebê e sua sobrevivência nos primeiros meses e, segundo, à adolescência. Trata-se de momentos cruciais para a entrada no mundo e em seus significantes e, como tal, vida e morte se entrelaçam apascentando sonhos e virtudes.

O que acontecerá com o filho adolescente? Como será relacionar-se com ele e enfrentar as dificuldades decorrentes da incompreensão? Como será separar-se dele no futuro? E o futuro mesmo, como será?

Como desempenhar essa tarefa tão difícil de educar filhos? Como ensiná-los a serem livres, numa sociedade que ensina as pessoas a possuírem objetos?<sup>34</sup>

Será possível soltar o filho na vida sem que ele saiba que nem tudo é bom, justo e imutável? Como saber dar liberdade ao filho quando percebe-se que se é incapaz de ocupar-se dela para transformar a própria vida?<sup>35</sup>

**Marcos** Ele tem pensado muito na educação do filho e crê que tudo correrá bem: “Eu não tenho preocupação. Não fumo, não bebo, acho que ele não vai ter problema.” Mas, em seguida, traz em associações livres, uma história que parece mexer com suas próprias expectativas em torno do ser pai: a história de um primo de dezenove anos, que tem um filho de dois meses: “Ele começou a fumar droga, pegou arma querendo matar a

<sup>34</sup> Moacir Gadotti, *op. cit.*, p.25.

<sup>35</sup> Janusz Korczak (1915). *Como amar uma criança*. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p.135-6.

minha tia” (ou seja, a sua própria mãe).

Ele tem tentado conversar com esse primo, dar-lhe conselhos, e chegou até a presentear-lhe com “um tênis novo” para agradá-lo; mas o primo encontra-se em um estado “muito alterado” e as tentativas têm sido em vão. E, para Marcos, os problemas do primo parecem relacionar-se com o fato de ter se tornado pai: “Ele ficou desnordeado, deve ser por causa do filho também.”

Há em tudo, na verdade, um misto de projeções, idealizações, sentimentos persecutórios; mas há, também, a influência das idéias e das tendências ambientais e culturais sobre os sentidos da adolescência.

A disposição de ver a adolescência como um período muito crítico, excepcional e misterioso, que adorna o jovem com uma roupagem única, artificialmente ambientada em um estado de inquietação e desequilíbrio - ao invés de considerá-la como mais uma parte da vida com passagens difíceis - acaba por contribuir imensamente para que esse tempo venha a ser vivido como um confronto com um inimigo cuja importância foi extremamente valorizada.<sup>36</sup>

A perspectiva do filho adolescente encerra muitos aspectos afetivos próprios, advindos da relação com os pais e da vivência da sexualidade, mas também resultantes de muitos estereótipos que a nossa sociedade impõe como normas. Teme-se a entrada do filho na adolescência em decorrência dos próprios sofrimentos que a descoberta de um mundo hostil e medíocre pôde provocar em si mesmo. Mas isto acontece, também, em decorrência da ilusão de que é nesta fase que se vai conhecer o amor, que é nesta fase que tudo vai

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.143-4.

acontecer, quando na verdade este sentimento já faz parte da história e esteve presente desde os primórdios.

Teme-se a entrada do filho na adolescência assim como teme-se o seu nascimento, o ato de amamentá-lo e de cuidar do seu corpinho indefeso; teme-se tudo sob fortes influências de experiências pessoais, mas também de uma comunicação cultural que manipula os sentidos dos desejos das pessoas e encobre as verdadeiras possibilidades, em atitudes de desaboná-las ou idealizá-las ao extremo; o que pode transformar-se em atitudes autoritárias de imposição que, ao invés de ajudar, acabam por atrapalhar, pois deixa-se de considerar os aspectos individuais e as motivações ocultas que, se forem percebidas, poderão ser cuidadas.

Uma idéia não pode ser inflexível e é preciso, portanto, que a adolescência não seja apresentada como um tempo rígido de crise, mas como um momento importante de transição e de grandes possibilidades para corpos e desejos que se misturam entre águas e areias, entre prédios e automóveis, entre o vazio e o caos, em atos de busca e de espera de um abrigo bom e humano para florescer, em meio a uma aflição e a uma impaciência, mas também com o vigor de quem quer existir.

As preocupações com o filho adolescente associa-se um outro pensamento concernente à educação futura do filho que é, conforme já foi dito, a preocupação com os tempos vindouros: as experiências passadas na infância, principalmente as que se referem às atividades lúdicas, parecem impossíveis de serem reproduzidas no contexto atual, e isto traz uma angústia aos pais, que se reflete em sentimentos de impotência e de profunda perda.

**Márcia**

Ela sente um afeto muito especial por sua avó paterna, pois foi dela que recebeu os primeiros cuidados após o seu nascimento, visto que sua mãe teve problemas obstétricos e ficou internada durante vinte e três dias após o parto. Essa avó faleceu aos oitenta e seis anos de idade e para Márcia ela sempre foi um bom exemplo de vida: **“Hoje, não se chega mais até essa idade. Hoje, tem muita droga, muita doença. Antes as comidas eram mais saudáveis. Hoje, está totalmente diferente... o ar está poluído.”**

Sua descrença quanto ao mundo atual reflete-se também na nostalgia sentida pela infância perdida, onde suas memórias guardam boas recordações dos momentos lúdicos vividos mas que, infelizmente, são irrecuperáveis para si mesma, que já cresceu, e para seu filho, pois que os dias de hoje não mais permitem tais experiências.

Sua brincadeira preferida era fazer **“comidinha de verdade”**: catava latinha de leite, lavava e colocava arroz e batatinha; improvisava **“fogãozinho de lenha com tijolos”**: **“Hoje, se uma criança fizer isso, ela se queima toda. Naquela época a gente não se machucava, era sadio.”**

Preocupa-se muito com **“o perigo que existe hoje (...): penso na educação do meu filho. Hoje as crianças estão rebeldes. Tenho medo do crescimento dele e da educação que ele vai ter lá fora.”** Considera que o mundo está sofrendo **“uma grande transformação”** e acha muito difícil uma recuperação: **“Antigamente um brinquedo era a coisa mais difícil. O meio era catar pauzinho, latinha. Eles não aprenderam a brincar do modo como a gente brincava.”**

**Mauro** Ele fala das brincadeiras no bairro onde passou a infância e dos momentos preciosos e prazerosos que elas lhe trouxeram. Recordar-se do jardim público próximo da casa onde passou a garotice, como um lugar onde pôde experimentar um alívio das tensões sofridas, no dia-a-dia, pelas atitudes agressivas e descontroladas de seu pai quando este se embriagava. Era para lá que se dirigia e era lá o lugar onde refugiava-se buscando viver experiências reparadoras: “**Ih! Era bonito! Eu ficava na balança, tinha banda no coreto, um chafariz lindo.**” Mas a sua fala entusiasmada de repente é invadida por um certo tom de desânimo: “**É pena que hoje está tudo mudado por lá. No jardim não tem mais banda... só dá fumeiro. É só skate, boite, menino de brinco, moto... No meu tempo malemá tinha mobilete.**”

Mas no “seu tempo” havia também um jeito de ser “**pra frente**”, e é assim que ele se coloca: gostando de “**blues, rock, esporte**”, e tendo frequentado lugares “**que você nem imagina**”. Uma forma de ser que parece contribuir para que ele se identifique projetivamente com o filho que virá: uma pessoa que poderá surpreender com atitudes “**inimagináveis**” e que é sentida como uma ameaça - se for um menino é perigoso, porque homem é “**respondão...se bobear agride até o pai**”; se for menina pode ser mantida “**mais em casa... é mais compreensiva**”. Porém, o contato que já teve com “**meninhas de três anos**”, levou-o a ficar perplexo frente à precocidade sexual que observou entre elas: “**...já falavam de beijo na boca, pintavam a boca, tiravam a roupa pra mostrar os genitais...falavam que papai e mamãe não dormiram juntos porque brigaram. E eu fico pensando que eu vou passar por isso, se não for pior.**”

Há, portanto, lutos a serem elaborados: a renúncia ao mundo de dependência infantil, tendo que se assumir um papel parental; a convivência com as ameaças misteriosas que a representação mental do filho abriga (ele poderá se queimar, o seu crescimento é perigoso,

ele poderá ser rebelde); e a incerteza da capacidade, em si mesmo, de proteger o filho de tantos riscos, inclusive dos próprios conteúdos negativos e desvitalizantes.

Durante todo o tempo da concepção e do nascimento de uma criança, há uma luta onde misturam-se mistérios, bagagens psíquicas, crenças culturais e espirituais, desejos, morte e vida. Enfim, um grande empreendimento onde tantos e tantos envolvem-se, mas que muitos passam sem se darem conta dos sentidos que a vinda de um filho pode trazer para suas vidas. Passam sem que possam perceber aquilo que estão vivendo, sofrendo, usufruindo, descobrindo; e que, no entanto, têm guardado nas profundezas de seu inconsciente um modo de ser que permanece encoberto e que se movimenta dinamicamente, sustentando as energias vitais.

**Mauro**           É através de suas idéias religiosas e humanísticas que suas esperanças fazem um contraponto com a descrença: **“A tendência é a raça humana ir pro brejo. É uma interpretação bíblica. Os homens estão muito materialistas. Não existe mais amigos verdadeiros. Está tudo virando pra baixo. Hoje é preciso ser muito forte de espírito pra sair limpo. Mas eu acho que enquanto a gente está vivo, está recebendo vida, tem onde morar, o que comer, a gente precisa lutar. (...) Se todos ajudarem poderá haver uma mudança no rumo da Humanidade. (...) Eu sei que vou morrer, mas a gente está aqui para evoluir espiritualmente. Se o sol não aparecer mais, o que será da gente?”**

Há uma crônica de José Saramago – História para criança - belíssima, que em mim reverbera especialmente por seus sentidos próprios e figurados, perfeitos, relacionados com ritos de iniciação. E, embora sem transcrevê-la com toda a sua força de expressão e encanto literário que o autor nos oferece, ousei aqui falar sobre ela como metáfora da procriação.

Conta a história que, certo dia, um menino resolve aventurar-se sozinho, além dos limites das terras que lhe eram conhecidas. Fica, de início, com dúvidas e interroga-se se deve mesmo ir ou não. Mas escolhe ir, finalmente. Afasta-se, passa por bosques e misteriosas sebes, sobe encostas, até que avista uma flor, pequenina flor, solitária e bela, mas tão murcha, tão cansada, que o menino resolve salvá-la. Empreende-se em inúmeras caminhadas em busca de água para poder ajudá-la a reviver. Vai e vem, percorre mundos, montanhas e rios, inúmeras vezes, trazendo do pouco da água que conseguia encontrar. Daí então, muito cansado, o sangue nos pés descalços, percebendo que a flor já se aprumava, adormece debaixo de sua sombra. Seus pais, que já sentiam muito a sua falta, vão à sua procura:

*“Saiu toda a família e mais vizinhos à busca do menino perdido. E não o acharam. Correram tudo, já em lágrimas tantas, e era quase sol-pôr quando levantaram os olhos e viram longe uma flor enorme que ninguém se lembrava que estivesse ali. Foram todos de carreira, subiram a colina e deram com o menino adormecido. Sobre ele, resguardando-o do fresco da tarde, estava uma grande pétala perfumada, com todas as cores do arco-íris.*

*Este menino foi levado para casa, rodeado de todo respeito, como obra de milagre. Quando depois passava nas ruas, as pessoas diziam que ele saíra da aldeia para ir fazer uma coisa muito maior do que o seu tamanho e do que todos os tamanhos. E essa é a moral da história.”<sup>37</sup>*

---

<sup>37</sup> José Saramago (1986). *A bagagem do viajante*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p.66-7.

## 8. CONCLUSÕES

*“O ato de escrever é muito parecido com o ato de amor.  
Há o prazer do momento, o enlevo da experiência, em si mesma.  
Mas, para quem deseja, há a esperança de que o amor se transforme  
em semente e vire gravidez.”*

*Rubem Alves*<sup>1</sup>

*“Em resumo: existe uma luta constante entre vida e morte. No ser humano individual,  
essa última acaba sempre vencendo. Mas, em termos de espécie, a vida continua. Não  
sabemos até quando... Nem como ela começou. Aqui a ciência deixa-nos exasperados  
com suas limitações, e somos obrigados a encontrar outros referenciais: a fé, a  
religião, as ideologias, a própria 'ciência' como religião etc.*

*Não suportamos o não-saber...”*

*Roosevelt Cassorla*<sup>2</sup>

Buscamos saber, empreendemos caminhadas munidos com palavras para desvelar mundos, sofremos com as ilusões pois não suportamos viver sem respostas. E, de repente, descobrimos que há mistérios. Mas de repente, também, descobrimos, em nós, o desejo de criar, o desejo de transformar.

É preciso reinventar novas formas de amor, diz o psicanalista Jurandir Freire Costa. É preciso reinventar novos modos de ser, pois estando os seres humanos hoje, imersos numa

---

<sup>1</sup> Rubem Alves. *A gestação do futuro*, p.14.

<sup>2</sup> Roosevelt Cassorla. *Considerações sobre o suicídio*, *op. cit.*, p.19.

cultura onde imperam fantasias narcísicas de felicidade totalmente voltadas para a realização imediata do desejo, onde se propaga o consumo de drogas e quinquilharias e onde prepondera a idealização da sexualidade e da relação amorosa, acabam por tornar-se profundamente infelizes. E, querendo escapar do sofrimento, querendo escapar do não, os seres humanos buscam, de maneira onipotente, o controle positivista de previsibilidade dos objetos e acabam criando os seus próprios infernos.<sup>3</sup>

É preciso, portanto, buscar-se meios para se aprender a esperar, para se aprender a ver o mundo como um lugar em permanente evolução, em movimento constante, dialético e reflexivo, um mundo de sim e de não, onde o sofrimento da perda faz o caminho do aprendiz e o aproxima da tolerância à frustração e da possibilidade grandiosa de reparação - e o converte em um ser de crenças e de esperança.

É voz corrente que escrever e produzir uma tese é a mesma coisa que gestar e parir uma criança. E assim pensando, a criança vem ao mundo com todas as devidas necessidades de complementação: saída do ventre materno chega à luz para ser mostrada ao universo dos significantes, em total disponibilidade para o verbo; mas já traz consigo alguma invenção, algum jeito especial de fazer história.

Nestas últimas palavras, procuro reunir alguns retratos que refletem a conjunção de aspectos teóricos, de elementos compreendidos no material clínico observado e de reflexões sobre a prática de atendimento.

1. A maternidade e a paternidade, como laços de parentesco e de afetos que unem os pais aos filhos, abrigam uma rede complexa de determinantes psicológicos e

---

<sup>3</sup> Jurandir Freire Costa. O presente de nossas ilusões. *Folha de S. Paulo*, 11 set. 1994, Caderno 6, p.12.

culturais, além dos biológicos. As suas condições de formação e desenvolvimento são modeladas no trajeto da história pessoal, desde os primórdios, em um processo contínuo. Durante a gestação do primeiro filho uma transformação radical dispõe o casal em um círculo de luzes e sombras, medos e coragem, isolamentos e aproximações. A mulher, pelas suas condições biológicas e culturais, vive a maternidade como algo em si mesma; o homem, por sua vez, bem mais distante dos propósitos da paternidade, necessita empreender-se em uma busca para perceber e ocupar espaços disponíveis, internos e externos, que possibilitem o exercício da função paterna.

2. O desejo de ter filhos vai se formando desde a infância e tem íntima ligação com as figuras parentais e com a qualidade dos afetos que se configura no relacionamento com eles. Os pais, fontes primeiras de identificação, propiciam a internalização de imagens para o desempenho das futuras funções maternas e paternas de seus filhos. No entanto, percebe-se que existem outras fontes, mais ou menos notáveis, dentro ou fora da família, que podem contribuir também para a introjeção de bons sentimentos e para a construção da amorosidade na relação com os filhos que virão. Entre as meninas o desejo aparece mais claramente e entre os meninos o desejo configura-se mais ocultamente.
3. A escolha do parceiro amoroso é, também, um outro processo onde predominam fortes influências das figuras parentais, principalmente em nível inconsciente, e pode iniciar-se com um encontro pleno de encantamentos e paixão, onde subjaz o motivo essencial de que aquele novo ser que se aproxima pode significar a

possibilidade de completude narcísica. Depois, é possível encaminhar-se para um fortalecimento do vínculo afetivo, com ideais de inseparabilidade e perpetuação, onde desenvolvem-se compromissos mais reais e um projeto vital compartilhado, relacionado, principalmente, com a vinda de um filho.

4. A gravidez acontece, por vezes, de forma aparentemente inesperada. No entanto, percebe-se que a moção do desejo subjaz dando sentido aos atos: é a fertilidade a ser testada, é a possibilidade de criar-se ou reforçar-se vínculos afetivos, é o meio de ingressar-se no matrimônio, é o meio de dar-se à continuidade da vida.
5. Anunciada a confirmação da gestação, tanto a mulher como o homem passam a vivenciar grandes mudanças psíquicas. Na interação do casal grávido pode acontecer um afastamento de ambas as partes: a mulher sente-se plena e satisfeita, e isola-se para dedicar-se à nova experiência numa espécie de retraimento narcísico; o homem, tendo que lidar com os sentimentos de ciúme e inveja, pode tornar-se mais intolerante e pouco compreensivo. No entanto, ambos assustam-se com os pensamentos de morte e destruição e buscam permanecer unidos: acomodam a luta pelo poder, a inveja, o narcisismo e acolhem a percepção profunda de que um precisa do outro para preencher suas próprias faltas, o que pode levá-los a tentar um equilíbrio. E é assim também que se descobrem capazes de amar e de construir a própria felicidade. Além disso, a gravidez pode desencadear também uma mudança importante no relacionamento com as famílias de origem, no sentido de uma reconciliação com as figuras parentais, que passam a ser reconhecidas como pessoas sujeitas a limites e

vulnerabilidades humanas.

6. O parto, pressentido como um momento de dor, é muito temido pelas gestantes. Algo totalmente desconhecido acontecerá para o casal que espera o primeiro filho. É uma caminhada sem retorno e haverá uma determinada hora em que uma passagem - o nascimento - certamente acontecerá. As fantasias em relação ao parto referem-se, freqüentemente, à dor, à dilaceração, à perda e à persecutoriedade. No entanto, os recursos internos e externos mobilizam sentimentos de esperança e impulsionam a organização do conhecimento, dos cuidados corporais e dos afetos.
7. A formação do apego em relação ao filho tem suas origens no entretecido dinâmico da história de cada um, mas é durante a primeira gravidez que se iniciam as confrontações das identidades parentais com o real. E, não sendo um processo instantâneo e automático, não acontecendo da noite para o dia, ele vai se construindo em um caminhar contínuo, em meio aos sentimentos ambivalentes que refletem, principalmente, as próprias imagens como figuras parentais capazes ou não de amar, de cuidar e de educar. Além disso, o filho começa a ser imaginado como fonte de preocupações e de alegrias, assim como acontece uma sucessão dolorida de atos reflexivos sobre sua inserção num mundo onde se projetam hostilidades, violências, mas também alguma esperança.
8. A figura do homem tem sido excluída do processo de reprodução: *“a nossa cultura aceita com tranqüilidade a importância da mãe e a insignificância do pai.”*<sup>4</sup> Torna-se

---

<sup>4</sup> Rubem Alves. O vitral. *Correio Popular*, 10 maio 1998, Caderno C, p.6.

urgente, portanto, o desenvolvimento de novas atitudes que possam transformar essa situação, de tal forma a ressignificar as relações familiares e os papéis que aí se destinam. A função paterna é concebida com as seguintes acepções: prover a família de recursos externos para a sua sustentação; proteger e cuidar do espaço doméstico contra os perigos físicos e morais; cuidar da esposa para que ela possa discorrer as suas funções maternas; introduzir a interdição na relação simbiótica da mãe com o bebê, realizando um corte no estado fusional dominante; lançar o filho para as possibilidades do mundo externo, discriminando com mais objetividade o momento certo para isso. Mas é preciso que seja inserida, também, entre os significantes da função paterna, a possibilidade do homem expandir-se em ternura e de sensibilizar-se com a vinda do filho, através de vivências que deixem de ser exclusividades femininas: de tal forma que as qualidades com os cuidados educativos - que incluem gestos delicados e amorosos - resplandeçam também, mais amiúde, no universo masculino dos afetos aos filhos:

*“Mãe é um sopro misterioso que toca mulheres e homens e cria neles um jeito de dar colo, de espantar o medo, de cantar canções de ninar, de fazer dormir, de abraçar, de agradar, de não fazer cobranças e nem pedir explicações, de repreender com severidade e ternura, de consolar em silêncio, de escutar, de respeitar, de conduzir sem empurrar ou puxar. Ninguém é mãe sempre. Uma pessoa é mãe quando é tomada pelo sopro da maternidade. Pode ser mulher. Pode ser homem.”<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup> *Loc. cit.*

9. O melhor recurso para bem adquirir-se o papel de pai ou de mãe é, certamente, a liberdade de conhecer a si mesmo e ao mundo infantil; além, evidentemente, dos recursos somados através da história pessoal. Nesse sentido, o espaço de atendimento à saúde pode constituir-se em um campo inteligente e afetivo de continência ao casal grávido: é primordial que o homem e a mulher tenham a possibilidade de dizer o que pensam e o que desejam no transcurso da gestação de um filho, através de um diálogo verdadeiro, de palavras vivas, que permitam uma abertura para o confronto consigo mesmo e com a cultura, e que tenham um papel singular e decisivo para a compreensão e para a reparação dos modos de vida; além disso, e acima de tudo, é preciso que esse diálogo concretize um exercício para a aprendizagem da difícil e complexa arte de saber ouvir o outro.
10. No atendimento psicológico do casal, visando a sua preparação para o parto e maternidade/paternidade, é útil investigar-se: as identificações necessárias para realizar a escolha do parceiro; a força das influências familiares e sociais para a constituição dessa escolha e dos acordos que a compreendem; a construção do vínculo; as vicissitudes da sexualidade e a sustentação da procriação; as alternâncias entre fragilidade e estabilidade vincular; e as possibilidades de um movimento psíquico para se construir uma relação reflexiva ao longo da vida. O atendimento do casal pode propiciar um espaço importante para que um conheça o outro e aí trabalhar-se as reservas onde abrigam-se os segredos e a exclusão, e aceitá-las como espaço de liberdade e individualidade: *“Cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vós estar sozinho, assim como as cordas da lira*

*são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia* <sup>6</sup>.”

11. A presença do homem na sala de parto no ato do nascimento do filho pode significar um meio importante para a consolidação da sua identidade como pai, mas para que isso tenha bons efeitos deve-se investigar os verdadeiros motivos que levam o casal a fazer essa opção: a palavra de ordem para assistir ao parto pode encerrar caprichos femininos ou invejas masculinas, além de julgamentos inadequados no sentido de considerar o homem menos amoroso em relação ao seu filho ou à sua companheira, quando ele não quer participar do parto. Além disso, é necessário que se promovam discussões e reflexões sobre o atendimento ao parceiro da gestante, para se empreender modificações nas estruturas ambulatoriais e hospitalares, de tal forma que os profissionais se tornem, realmente, mais disponíveis para a recepção do homem e deixem de considerá-lo um estorvo - e evitem a forclusão do ser para se ocuparem de um corpo de palavras e gozo.
  
12. Trabalhar com a gestação e com o nascimento de crianças é adentrar no emaranhado complexo das pulsões de vida e de morte, é confrontar-se com a transcendência do ser ou do não ser, é ter olhos para a subjetividade, além de exercer os cuidados com o corpo. A Medicina criou uma especialidade, a mais antiga de todas, a Obstetrícia: palavra que vem do latim e que significa parteira, e cuja raiz etimológica seria “estar diante de” <sup>7</sup>. E, sendo essa especialidade uma

---

<sup>6</sup> Gibran Khalil Gibran (1923). *O profeta*. Rio de Janeiro, Record, 1981, p.14.

<sup>7</sup> Bernard This, *op. cit.*, p.45. Rubem Alves (1998). *Concerto para corpo e alma*. Campinas, Papirus, 1998, p.130.

das que nos parece ter avançado mais na proposta interdisciplinar, desde todos os tempos, é bom verificar-se o tanto de esforços que ela reúne para ajudar a nascer e para conter a angustiante passagem à luz do mundo, em contrações físicas e simbólicas, humanizando-se em atitudes de “**estar diante de**”... “**ter olhos para**”:  
*“Eu sei dar por isso muito bem...Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras...Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do Mundo...”*<sup>8</sup>

Finalizar, concluir, fazer proposta, passar de um estado para outro. Perceber a necessidade urgente de renunciar, de separar, de romper e...de sonhar. Contra a miséria do mundo, contra a peste emocional, contra o consumismo louco e destruturante, fazer ressoar a reinvenção das formas de amor, recriar a existência e buscar capacidades latentes na comunhão das forças, dos ideais e das utopias, e fazer reviver, no cotidiano do mundo, na luminosidade das sombras, a leveza e a alegria de conviver.

---

<sup>8</sup> Fernando Pessoa. Poemas completos de Alberto Caeiro. In: \_\_\_\_\_, *Obra poética*, 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, p.204.

## SUMMARY

In health care situations, pregnancy and delivery topics are almost always discussed only between the pregnant woman and the medical staff. The present work studied some emotional aspects in nine couples expecting their first child. These couples received prenatal care at the obstetrics unit of a university hospital. One of own assumptions was that the observation of the paternity psychodynamics' is a basic condition for an understanding of the affective process as a whole, during pregnancy. The clinical method was chosen for effecting this study, with the aim of obtaining an understanding of the specifics of each phenomenon, rather than obtaining generalizations. Psychoanalytic theory was used as theoretical framework for latent and manifest content analysis. Psychological interviews were conducted in order to observe such contents. Among all studied phenomena, an understanding was achieved of maternity's and paternity's psychodynamics as a process that harbors a complex network of psychological and cultural determinants, in addition to the biological ones. This process starts in early childhood, with parental figures as the main identification sources. As couples had the opportunity of recounting their lives in interviews, they were able to express their thoughts in several different ways concerning the choice of a loving mate, the wish of having a baby, the shared conceptional project, the expectations about the child's birth and the act of being a parent take. The affective isolation of men from the gestational process decreases possibilities for their integration and equilibrium. A discussion and a reflection about ambulatorial and hospital structures are recommended, so that they become more receptive to men in reproductive health care situations.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. (1978) - A paternidade. In: ABERASTURY, A.& SALAS, E.J. - **A paternidade: um enfoque psicanalítico**. Trad. de Maria Nestrovsky Folberg. 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985. p.68-87.
- ALBERONI, F. (1979) - **Enamoramento e amor**. Trad. de Ary Gonzalez Galvão. 3.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- ALVES, R. (1972) - **A gestação do futuro**. Trad. de João-Francisco Duarte Junior. 2.ed. Campinas, Papirus, 1987.
- ALVES, R. (1981) - **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ALVES, R. (1984) - **O enigma da religião**. 3.ed. Campinas, Papirus, 1984.
- ALVES, R. (1992) - **O retorno e terno...** Campinas, Papirus, 1992.
- ALVES, R. (1995) - **O quarto do mistério**. Campinas, Papirus, 1995.
- ALVES, R. - O vitral. **Correio Popular**, Campinas, 10 maio 1998, Caderno C, p.6.
- ALVES, R. (1998) - **Concerto para corpo e alma**. Campinas, Papirus, 1998.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. (1901) - **Eros**. Trad. de Manuel Alberto. Lisboa, Relógio D'água, [s.d.].

- ARRUDA, S.L.S. - **Vivências clínicas de grupos de mães, cujos filhos estão em ludoterapia**. Campinas, 1991. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas].
- BACHELARD, G. (1938) - **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.
- BACHELARD, G. (1960) - **A poética do devaneio**. Trad. de Antonio de Padua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, R. (1977) - **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. de Hortência dos Santos. 9.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- BARTRA, A. (1982) - **Diccionario de mitología**. Barcelona-Buenos Aires-México, D. F. Grijaldo, 1985.
- BETTELHEIM, B. (1954) - **Feridas simbólicas**. Trad. de Maria Antonieta Miguel. Lisboa, Moraes Editores, 1979.
- BETTELHEIM, B. - **O coração informado: autonomia na era da massificação**. Trad. de Celina Cardin Cavalcanti. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- BETTELHEIM, B. (1987) - **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Trad. de Maura Sardinha e Maria Helena Geordane. 22.ed. Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- BLEGER, J. (1979) - **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. Trad. de Rita Maria M. de Moraes. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- BRANDÃO, C.R. (1982) - **Diário de campo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

- BRANDÃO, J.S. (1985) - **Mitologia grega**, 8.ed. Petrópolis, Vozes, 1993. v.1.
- BRANDÃO, J.S. (1987) - **Mitologia grega**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1989. v.3.
- BRECHT, B. (1938-1939) - Vida de Galileu. In: \_\_\_\_\_. **Teatro completo**. Trad. de Roberto Schwarz. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. v.6. p.51-170.
- CALIL, V.L.L. (1987) - **Terapia familiar e de casal**. 3.ed. São Paulo, Summus, 1987.
- CAPLAN, G. (1964) - **Princípios de psiquiatria preventiva**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- CARIDADE, A. - Sexo, reprodução, amor e erotismo. **R.B.S.H.**, 6(1):51-59, 1995.
- CASSORLA, R.M.S. (1991) - Comportamentos suicidas na infância e na adolescência. In: \_\_\_\_\_ (coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas, Papyrus, 1991. p.61-87.
- CASSORLA, R.M.S. (1991) - Considerações sobre o suicídio. In: \_\_\_\_\_ (coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas, Papyrus, 1991. p.17-26.
- CATH, S. - Fathering from infancy to old age: a selective overview of recent psychoanalytic contributions. **Psychoanal. Review**, 73(4):469-79, 1986.
- CECCARELLI, P.R. - A construção da masculinidade. **Percurso**, 19(2):49-56, 1997.
- CHATEL, M-M. (1993) - **Mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução**. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Campo Matêmico, 1995.
- CHODOROW, N. (1978) - **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.

- COSTA, J.F. - O presente de nossas ilusões. **Folha de São Paulo**, 11 set.1994, Caderno 6, p.5.
- DEFEY, D. - Mujer y maternidad. In: DEFEY, D. *et. al.* - **Mujer y maternidad: aportes a su abordaje desde la Psicología Médica**. Montevideo, Roca Viva, [s.d.],p.97-118.
- DEUTSCH, H. (1925) - **La psicología de la mujer**. Buenos Aires, Ed. Losada, 1947.
- DIAMOND, M.J. - Becoming a father: a psychoanalytic perspective on the forgotten parent. **Psychoanal. Review**, 73(4):444-68, 1986.
- DOLTO, F. (1982) - **No jogo do desejo: ensaios clínicos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- DOLTO, F. (1982) - **Sexualidade feminina**. Trad. de Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- DOLTO, F. (1988) - **A causa dos adolescentes**. Trad. de Julieta Leite. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- DOR, J. (1989) - **O pai e sua função em psicanálise**. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991.
- DUPUIS, J. (1987) - **Em nome do pai: uma história da paternidade**. Trad. de Antonio de Padua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- ERIKSON, E.H. (1950) - **Infância e sociedade**. Trad. de Gildásio Amado. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- FATHALLA, M.F. (1992) - Reproductive health in the world: two decades of progress and the challenge ahead. In: KHANNA J.; VAN LOOK, P.F.A.; GRIFFIN, P.D. **Reproductive health: a key to a brighter future**. Geneva, World Health Organization, 1992. p.3-31. (Biennial Report 1990-1991. Special anniversary issue).
- FAÚNDES, A. - Gênero, poder e direitos sexuais e reprodutivos. **Femina**. 24(7):661-70, ago.1996.
- FERREIRA, A.B.H. - **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [São Paulo], Folha de São Paulo, out. 1994 - fev. 1995, (obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de São Paulo).
- FIGUEROA, J.G.P. & ZIGNONI, E.L. (1995) - La presencia del varón en la salud reproductiva. In: HARDY, E.; DUARTE, M.J.; CRESPO, E.R. (ed.). **Ciências Sociais e Medicina. Atualidades e perspectivas latino-americanas**. Campinas, SP, CEMICAMP, 1995. p.193-226.
- FIORINI, H.J. - **Teoria e técnica de psicoterapias**. Trad. de Carlos Sussekind. 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- FREIRE, P. (1970) - **Pedagogia do oprimido**. 8.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- FREUD, S. (1905) - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.7. p.116-230.
- FREUD, S. (1908 [1907]) - Escritores criativos e devaneios. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v.9. p.133-43.

- FREUD, S. (1909) - Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, [s.d.]. v.10. p.11-154.
- FREUD, S. (1910) - Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1970. v.11. p.145-57.
- FREUD, S. (1913 [1912-13]) - Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1995. v.13. p.11-163.
- FREUD, S. (1914) - Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14. p.83-119.
- FREUD, S. (1915) - Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14. p.309-41.
- FREUD, S. (1916 [1915]) - Sobre a transitoriedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14. p.343-8.
- FREUD, S. (1916-17 [1915-17]) - Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.15.
- FREUD, S. (1921) - Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.18. p.87-179.

- FREUD, S. (1923 [1922]) - Dois verbetes de enciclopédia. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.18. p.283-307.
- FREUD, S. (1923) - O ego e o id. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988. v.19. p.13-80.
- FREUD, S. (1923 [1922]) - Uma neurose demoníaca do século XVII. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988. v.19. p.81-120.
- FREUD, S. (1924) - A dissolução do complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988. v.19. p.189-99.
- FREUD, S. (1925) - Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1.reimp.1988. v.19. p.271-86.
- FREUD, S. (1927) - O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.21. p.11-71.
- FREUD, S. (1928 [1927]) - Dostoievski e o parricídio. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.21. p.201-23.

- FREUD, S. (1930 [1929]) - O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. 21. p.73-171.
- FREUD, S. (1933 [1932]) - Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1994. v.22. p.11-177.
- FRIEDMAN, J. & GASSEL, S. (1952) - Odysseus: the return of the primal father. **Psychoanal. Q.**, 21:215-23, 1952.
- GADOTTI, M. - **Dialética do amor paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças**. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1986.
- GIBRAN, G.K. (1923) - **O profeta**. Trad. de Mansour Challita. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- GIDE, A. (1891) - **O tratado de narciso: teoria do símbolo**. São Paulo, Ed. Notre Bas de Lane, [s.d.].
- GINZBURG, C. (1979) - Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. de Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p.143-79.
- HARRIS, M. *et. al.* (1969) - **Seu filho adolescente**. Trad. de Maria Celina Romeu Cialdini. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- JAPIASSU, H. (1976) - **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

- KAFKA, F. (1919) - **Carta a meu pai**. Trad. de Torrieri Guimarães. São Paulo, Livraria Exposição do Livro.[s.d.].
- KLAUS, M.H. & KENNELL, J.H. - A família durante a gravidez. In: KLAUS, M.H. & KENNELL, J.H. *et. al.* **Pais/bebê: a formação do apego**. Trad. de Daise Batista. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. p.21-41.
- KLAUS, M.H. & KENNELL, J.H. - Parto, nascimento e formação do apego. In: KLAUS, M.H. & KENNELL, J.H. *et. al.* - **Pais/bebê: a formação do apego**. Trad. de Daise Batista. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. p.42-117.
- KLEIN, M. (1932) - **Psicanálise da criança**. Trad. de Pola Civelli. 2.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- KLEIN, M. (1937) - Maternidade: ser mãe. In: KLEIN, M. & RIVIERE, J. - **Amor, ódio e reparação**. Trad. de Maria Helena Senise. 2.ed. São Paulo, Imago/USP, 1975. p.107-11.
- KLEIN, M. (1937) - Paternidade: ser pai. In: KLEIN, M. & RIVIERE, J. - **Amor, ódio e reparação**. Trad. de Maria Helena Senise. 2.ed. São Paulo, Imago/USP, 1975. p.113-4.
- KLEIN, M. (1937) - Escolha do parceiro amoroso. In: KLEIN, M. & RIVIERE, J. - **Amor, ódio e reparação**. Trad. de Maria Helena Senise. 2.ed. São Paulo, Imago/USP, 1975. p.121-3.
- KORCZAK, J. (1915) - **Como amar uma criança**. Trad. de Sylvia Patrícia Nascimento Araujo. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

- KNOBEL, M. (1970) - A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. - **Adolescência normal**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. 6.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981, p.24-62.
- KNOBEL, M. (1986) - **Psicoterapia breve**. São Paulo, E.P.U., 1986.
- KUNDERA, M. (1983) - **A insustentável leveza do ser**. Trad. de Teresa B. Carvalho da Fonseca. 66.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- LAFORGUE, J. (1887) - Hamlet ou as conseqüências do amor filial. In: \_\_\_\_\_.  
**Moralidades lendárias: fábulas filosóficas**. Trad. de Haroldo Ramanzini e Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo, Iluminuras, 1989. p.11-43.
- LAMANNO, V.L.C. (1994) - **Repetição e transformação na vida conjugal: a psicoterapia do casal**. São Paulo, Summus, 1994.
- LANGER, M. (1951) - **Maternidade e sexo**. Trad. de Maria Nestrovsky Folberg. 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- LAO-TZU (ca. séc. VI a.C.) - **Tao-te King**. 10.ed. São Paulo, Pensamento, 1995.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967) - **Vocabulário da psicanálise**. 5.ed. Santos, Martins Fontes, 1979.
- LAYLAND, W.R. - In search of a loving father. **Int. J. Psycho-Anal**, 62:215, 1981.
- LEAL, M. M. - **Caracterização da espermarca: um projeto piloto**. São Paulo, 1994.  
[Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo].

- LOEWENSTEIN, I. & BARKER, G. (1998) - De onde vem o bom pai? Reflexões a partir de uma pesquisa qualitativa com adolescentes. In: SILVEIRA, P. (org.). - **Exercício da paternidade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.151-63.
- LYTH, I.M. - Considerações sobre o papel materno na sociedade atual. **Revista do Centro de Estudos das Relações Mãe-Bebê-Família**, São Paulo, 1991. v.3, p.65-76.
- MALDONADO, M.T. (1976) - **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MALDONADO, M.T.P. (1982) - **Maternidade e paternidade: preparação com técnicas de grupo**. Rio de Janeiro, Atheneu, 1982.
- MALDONADO, M.T. (1992) - Psicossomática e obstetrícia. In: MELLO FILHO, J. *et. al.* - **Psicossomática hoje**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992. p.208-14.
- MALDONADO, M.T.; NAHOUM, J.C.; DICKSTEIN, J. (1981) - **Nós estamos grávidos**. 3.ed. Rio de Janeiro, Bloch, 1981.
- MALINOWSKI, B. (1929) - **A vida sexual dos selvagens**. Trad. de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- MANNINEN, V. - For the sake of eternity. **Scand. Psychoanal. Rev.**, 16:35-46, 1993.
- MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. (1989) - **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo, Ed.Moraes, E.D.U.C, 1989.
- MELTZER, D. & WILLIAMS, M.H. (1988) - **A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte**. Trad. de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

- MENDES, M. (1925-1929) - Poemas. In: \_\_\_\_\_. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.85-124.
- MENDES, M. (1935-1936) - O sinal de Deus. In: \_\_\_\_\_. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.743-67.
- MIOTO, R.C.T. - **Famílias de jovens que tentam suicídio**. Campinas, 1994. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas].
- MITCHEL, J. (1974) - **Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e mulheres**. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- MORAIS, V. - **Para viver um grande amor**. São Paulo, Círculo do Livro, 1980.
- NEUBAUER, P.B. (1986) - Efeitos recíprocos da "paternagem" sobre genitor e criança. In: FOGEL, G.I.; LANE, M.F.; LIEBERT, R.S. *et. al.* - **Psicologia masculina: novas perspectivas psicanalíticas**. Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p.191-203.
- OLIVEIRA, R.D. & OLIVEIRA, M.D. (1981) - Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C.R., (org.) - **Pesquisa participante**. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.17-33.
- OSOFSKY, H. - Expectant and new fatherhood as a developmental crisis. **Bull. Menninger Clin.**, 46(3):209-30, 1982.
- PAZ, O. (1956) - **O arco e a lira**. Trad. de Olga Savary. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, O. (1993) - **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. de Wladyr Dupont. São Paulo, Siciliano, 1994.

- PELLEGRINO, H. (1987) - Édipo e a paixão. In.: Cardoso, S. *et. al.* - **Os sentidos da paixão**. 9.reimp. São Paulo, Funarte-Companhia das Letras, 1995. p.307-27.
- PESSOA, F. - Mensagem. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética**. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.69-89.
- PESSOA, F. - Cancioneiro. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética**. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.101-94.
- PESSOA, F. - Poemas completos de Alberto Caeiro. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética**. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.195-250.
- PESSOA, F. - Poemas dramáticos. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética**. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.431-90.
- PINTO E SILVA J.L.C. & NOGUEIRA, C.W.M. - A multigravidez na adolescência. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, 8:247-51, 1986.
- PINTO E SILVA, J.L.C. & SARMENTO, R. - Gravidez. In: Comissão de Saúde do Adolescente - **Adolescência e saúde**. São Paulo, Paris Editorial, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 1988. p.131-42.
- PIONTELLI, A. (1992) - **De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico**. Trad. de Joana Wilhelm; Nícia Lyra Gomes; Sonia Maria de Godoy. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- PLATÃO (ca 384 a.C.) - O banquete. In: \_\_\_\_\_. **Diálogos**. Trad. de Jorge Paleikat. 19.ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996. p.75-127.
- POMMIER, G. (1994) - **Do bom uso erótico da cólera e algumas de suas conseqüências...** Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

- PUGET, J. & BERENSTEIN, I. - **Psicanálise do casal**. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- PUGET, J. (1997) - O casal: uma entidade psicanalítica. In: ZIMERMAN, D.E. & OSÓRIO, L.C. *et. al.* - **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p.283-92.
- RILKE, R.M. (1902) - **Rodin**. Trad. de Daniela Caldas. 2.ed. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.
- ROSS, J. M. - Father to the child: psychoanalytic reflections. **Psychoanal. Review**, 70(3): 301-20, 1983.
- ROUSSEAU, J.-J. (1762) - **Emílio ou da Educação**. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- SABATINO, H.; CORDEIRO, S.; RODRIGUES, M.; SABATINO, L.C. - Avaliação psicomotiva do casal grávido. **Rev. Ginecol. Obstet.** 5(4):208-17, 1994.
- SALEM, T. (1985) - A trajetória do casal grávido: de sua constituição à revisão de seu projeto. In: FIGUEIRA, S.A. - **Cultura da Psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.35-61.
- SANTOS, E.& SEVERINO, A. (1990) - **Alguma poesia**. São Paulo, Lumiar, 1990.
- SARAMAGO, J. (1986) - **A bagagem do viajante**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SARMENTO, R. - **Gravidez na adolescência: amor, busca, desencontro?** Campinas, 1990. [Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas].

- SÓFOCLES. (ca. 430 a.C.) - **Rei Édipo**. In: **Teatro Grego**. Seleção, introdução, notas e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, [s.d.].
- SOIFER, R. (1971) - **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Trad. de Ilka Valle de Carvalho. 6.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- SULLEROT, E. (1992) - **Que pais? Que filhos?** Trad. de Manoel Alberto. Lisboa, Relógio D'água, 1993.
- SZEJER, M. & STEWART, R. - **Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento**. Trad. Maria Nuryrmar Brandão Benetti. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.
- THIS, B. (1980) - **O pai: ato de nascimento**. Tradução de Mário Fleig e Luiz Carlos Petry. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- TIBA, I. (1994) - **Adolescência: o despertar do sexo**. São Paulo, Ed. Gente, 1994.
- VILARINO, J.F. - **Estudo perinatal do parto em posição de cócoras na UNICAMP**. Campinas, 1989. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas].
- VIZZOTO, M.M. - **Psicodinâmica da paternidade: um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho**. Campinas, 1994. [Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas].
- WHITMAN, W. (1855) - **Folhas das folhas de relva**. Trad. de Geir Campos. 4.ed. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- WINNICOTT, D.W. (1957) - **A criança e seu mundo**. Trad. de Álvaro Cabral. 5.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

- WINNICOTT, D.W. (1960) - Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação** . Trad. de Irineo Constantino Schuch Ortiz. 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. p.38-54.
- WINNICOTT, D.W. (1963) - O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação** . Trad. de Irineo Constantino Schuch Ortiz. 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. p.70-8.
- ZAYAS, L.H. - As son becomes father: reflections of expectant father on their fathers in dreams. **Psychoanal. Review**, 74(4):443-64, 1987.

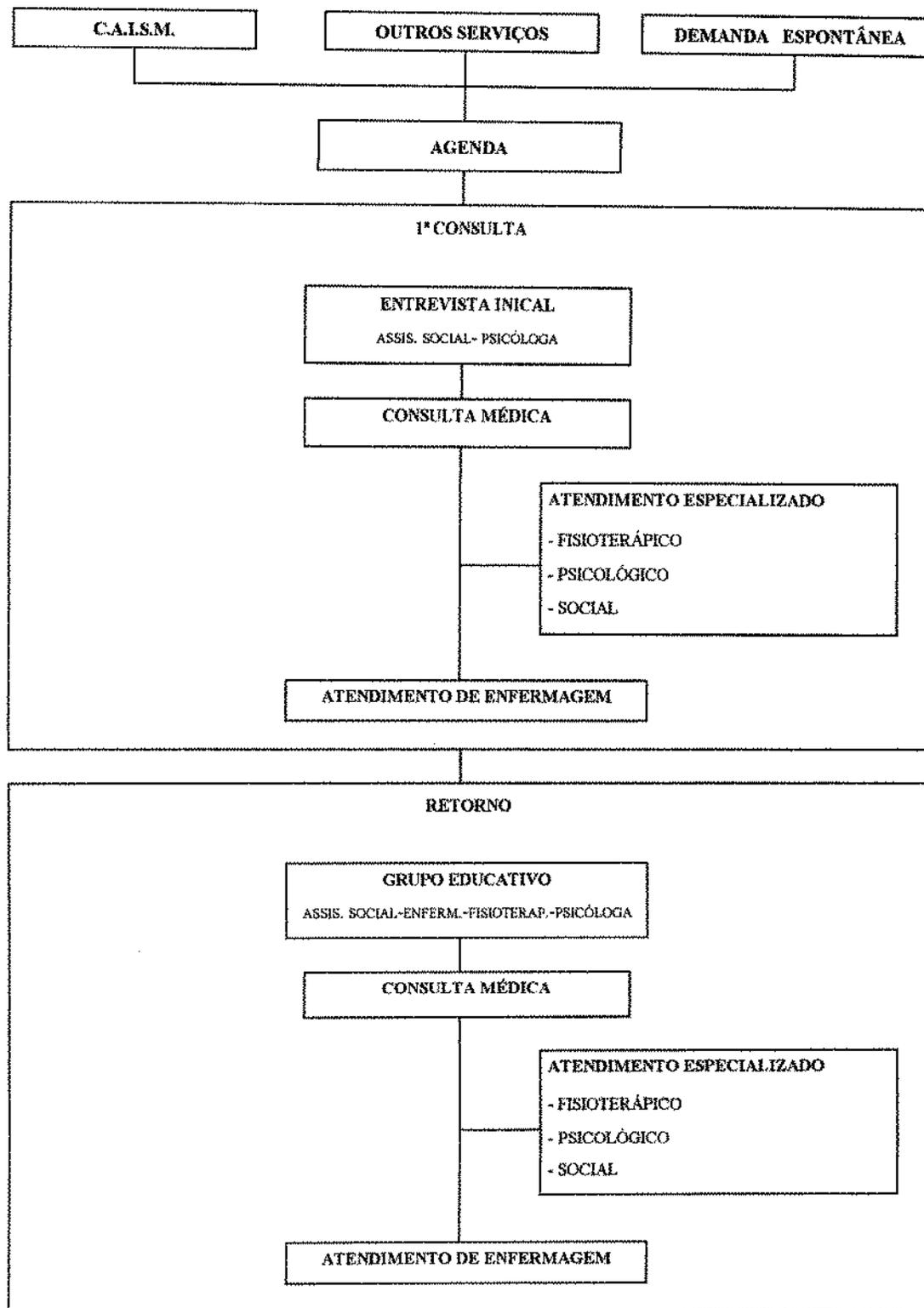
## **BIBLIOGRAFIA DE NORMATIZAÇÕES**

**HERANI, M.L.G. - Normas para apresentação de dissertações e teses. BIREME, São Paulo, 1991.**

**Normas e procedimentos para publicação de dissertações e teses. Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP. Ed. SAD - OF. CIRC./06/95 - Normas ABNT, 1995.**

# **ANEXOS**

# I - Fluxograma do Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes - CAISM -



## II - Relatos das entrevistas

### Beatriz e João (História 2)

Ela: 24 anos

Escolaridade: 3º grau completo

Ele: 33 anos

Escolaridade: 3º grau completo

Período de gestação durante as entrevistas: 28 a 30 semanas

#### Primeira entrevista do casal

São casados há cinco anos e estão morando em Campinas há cinco meses. Estão vivendo aqui temporariamente e pretendem voltar para a cidade de origem, em outro estado, onde permanecem suas famílias. Eles vieram para cá a propósito dos estudos dele.

A gravidez aconteceu mais por um desejo manifesto dela: “Eu sempre quis mais o filho, do que ele.” Mas, apesar disso, ela teve sensações de estranheza no começo. Teve muito enjôo e sentiu-se “muito insegura”.

Estão participando do “Grupo de Preparação” e ela, em especial, comenta que está sendo muito bom, principalmente porque está podendo “estabelecer comparações”. No entanto, estão chegando à conclusão de que “não há uniformidade e nada é constante”; estão realizando descobertas continuamente e, ao dialogarem em função dessas descobertas, estão “reconstruindo a relação”.

Eles entendem que têm um universo próprio por estarem distantes de suas

famílias e ele assinala: “assim, estamos livres do contágio e isentos das influências”. Entretanto, reconhecem também que isso tem seus efeitos negativos: “Às vezes, dá um vazio e vem a necessidade da orientação familiar”; e esse vazio tem forçado a ambos no sentido de empreenderem uma busca, entre os conhecidos e amigos, de soluções para as dúvidas que surgem, principalmente como aquelas dos primeiros meses da gestação.

Ele ilustra suas “confusões iniciais” contando que, devido aos intensos enjôos que ela sentia, procuraram entre si uma resolução medicamentosa como tentativa para aliviar o sintoma, e elegeram o “chá de boldo”, usado tradicionalmente pelas famílias para os problemas estomacais. Antes de comprar o “remédio” ele resolveu conversar com o marido de uma amiga, por ele ser da “área das ciências”, e essa pessoa acabou por alertá-los de que esse “chá teria componentes abortivos”. Surpreenderam-se com os próprios desconhecimentos e ele acrescenta, ao finalizar a narrativa: “Cuidaríamos do estômago e provocaríamos um aborto.”

Em seguida, falam de suas reações iniciais frente à gravidez. Ele confirma que realmente não desejava um filho e que, por isso, viviam postergando uma gravidez. Menciona um conto do dramaturgo Nelson Rodrigues em que a mulher queria um filho e o homem era estéril e que a mulher, em momentos de ira, jogava na cara do marido: “Você não serve nem para isso”. Ele faz essas referências sorrindo e diz que havia muitas cobranças da parte dos amigos e dos familiares para que Beatriz engravidasse, mas que ele “levava tudo na brincadeira”.

O fato dele não ter querido a gravidez, e de ter “sentido até certa repulsa”, não o impediu de experimentar uma satisfação ao ver o resultado positivo do teste de gravidez. Percebe que seus sentimentos têm mudado gradativamente “como um gráfico que mostra

uma ascensão.”

Acredita que “sua repulsa” em ter um filho deve-se, por um lado, pelo “excesso de conhecimento que a ciência” lhe traz, fazendo-o perceber as limitações do processo educativo que criam homens que se tornam “pseudos-pais”; por outro lado, estão as influências das próprias experiências familiares que se configuraram muito difíceis, pelo número grande de irmãos e pelas privações decorrentes da situação financeira da família. Acredita também que foram determinantes os fatores ligados à sua opção política, iniciada já na sua adolescência, que o levou às “leituras rebeldes”, à concepção de uma “versão mais marxista da sociedade” e, conseqüentemente, a uma visão contrária ao casamento como núcleo de “posses e conservadorismos”. No entanto, ao conhecer Beatriz e enamorar-se dela, seus pensamentos vão transformando-se: “Ela começa a me mostrar que dá para ser mais maleável”. E, assim, pôde perceber que o mundo transformado que tanto almeja, de maior justiça e respeito aos direitos humanos, está aí sendo construído, e que seu filho fará seu próprio caminho, podendo também contribuir nessa construção.

A relação conjugal entre eles tem sido através de um tratamento respeitoso e de delicadezas, como enfatizam. Casaram-se no dia de Natal, numa escola de significação afetiva para ambos, em clima de singeleza e tranqüilidade. Consideram-se um “casal sem crises”. Ele diz: “Nunca fizemos escândalo, somos mais comportadinhos. Não queremos aquela volúpia toda para não acabar em nada.”

Falam ainda sobre a gravidez e as sensações experimentadas em relação ao nenê. Ela diz que tem muito medo do parto e que “preferia pular essa parte”. Ele comenta que percebe o nenê como “bem ativo” pelo tanto que parece movimentar-se na barriga de Beatriz.

### Entrevista individual - João

A pauta da entrevista, ou seja, falar sobre a própria história de vida, provoca-lhe certa excitação: “Ótimo, eu acho história ótima”. Vem à tona uma experiência gratificante vivenciada por ele ao desenvolver um trabalho acadêmico que objetivou realizar um memorial: tendo como pano de fundo sua evolução emocional, foi feita uma contextualização de cada período de sua vida na política em vigor em cada uma das diversas épocas. E, dentro dessa mesma linha de pensamento, ao evocar esse memorial, ele introduz o relato do seu nascimento e faz questionamentos como: o que estaria acontecendo no social e que influências teria tido a movimentação política da época, que antecedeu o golpe militar, na sua comunidade de origem e no seu grupo familiar, tanto do ponto de vista externo como interno ?

Fala do ato de seu nascimento e diz que “tudo transcorreu normalmente”: o parto foi em casa, numa quarta-feira, às nove horas da manhã. Seu pai acompanhou o parto e foi ele quem cortou o cordão umbilical: “minha mãe diz que eu dei trabalho par nascer porque eu era grandão”. Não vê queixas nessas palavras da mãe, ao contrário, acredita que o que ela está querendo manifestar é uma “empolgação” pelo fato dele ter nascido grande e bem saudável.

É o filho mais novo de uma prole de cinco filhos (quatro homens e uma mulher). Tem uma boa imagem de seus pais: “A melhor possível”, como diz. Sente por eles profunda gratidão pelo fato, principalmente, de eles sempre terem se esforçado para garantirem-lhe os estudos. Apesar de constituírem-se em uma família pobre, os pais nunca

mandaram os filhos para o trabalho, enquanto crianças e adolescentes, dando prioridade aos estudos, essencialmente.

Quando ele estava com dezessete anos, foi estudar num colégio agrícola, em outra cidade bem distante do lugar onde morava. Sua mãe, apesar de ter sofrido muito com a separação, “fez a renúncia” e deu-lhe todo o apoio para seguir caminho e realizar os seus planos de estudo. Ficou nessa escola durante três anos (o equivalente ao segundo grau) e refere-se a essa experiência como algo muito bom em sua vida.

O relacionamento entre seus pais sempre pareceu-lhe distante dos desvelos: nunca presenciou carinhos mútuos, ao contrário, o que mais via eram brigas constantes nas mínimas situações do cotidiano: **“Parecia que tudo era inconciliável entre eles, minha mãe pedia uma coisa e meu pai fazia exatamente o contrário. Parecia implicância de criança”**. Mas, atualmente, ele tem se tornado mais benevolente em relação a essas atitudes dos pais; acha que isso é **“uma maneira de vida”** e que, por mais paradoxal que possa parecer, **“eles passaram uma confiança muito benéfica para o meu desenvolvimento”**. Tem se lembrado de uma vez em que sua mãe foi viajar sem seu pai e que seu pai ficou incomodado, querendo-a logo de volta e, bem antes do término da viagem, foi buscá-la. Esse episódio marcou-o porque pôde perceber a ligação emocional entre eles.

Apesar dessas suas considerações acha muito estranha essa forma de viver: **“Uma forma que eu jamais copiaria. Tanto assim que eu e a Beatriz somos muito diferentes.”**

Seu pai sempre foi de poucas palavras para com os filhos. As orientações sexuais restringiram-se às falas sobre os perigos da sexualidade: **“Meu pai sempre fez bagunça e foi muito castigado por isso. Experimentou na pele algumas doenças.”** A orientação sexual, portanto, vinha sempre através de palavras de alerta: mensagens formuladas com o

sentido de que se deveria ter precaução; e sempre vindas do pai. A mãe nada falava sobre os assuntos de sexo.

Outros meios de “aprendizagem sexual” eram as brincadeiras entre os “moleques”, suas conversas e as “exibições coletivas do líquido seminal”, relacionado por eles com uma superioridade e não com a reprodução. Somente aos quatorze ou quinze anos é que, através de leituras, pôde “ampliar o nível de consciência sobre a sexualidade” e, percebendo o quanto seus pais tinham sido privados desse tipo de orientação, passou então a trazer para casa o que ia aprendendo fora, compartilhando, assim, os seus novos conhecimentos. Empolgava-se e dava “verdadeiras aulas sobre o processo da reprodução”.

Durante a adolescência os seus grandes projetos de vida estavam voltados basicamente para os estudos. Não acompanhava os colegas nas grandes farras: “Vivia movido pelo desejo de estudar e melhorar as condições de vida de minha família, ajudando meus pais.” Não pensava em ter filhos e chegava até temer essa possibilidade: influenciado, principalmente, pela convivência com um colega deficiente, durante sua permanência no colégio agrícola.

O encontro com Beatriz, no entanto, trouxe-lhe algumas mudanças: “Ela é uma síntese do que eu esperava encontrar numa mulher. Geralmente tem-se um modelo de um físico, de um rosto, de um determinado tipo de cabelo e ela veio de encontro a esse ideal. Fui atraído pela sua imagem, que se enquadrava perfeitamente dentro do modelo desejado.” E, da atração física inicial, foram ampliando-se as satisfações e o relacionamento entre eles foi se fortalecendo num “processo contínuo de construção”.

Atualmente, com a gravidez, tem percebido em si algumas modificações: “Há abalos, mas nada de grande rupturas”. Considera que, se estivesse no lugar de um homem

sem situação estável profissional e em desorganização afetiva, aí o estado crítico seria bem mais intenso.

Ainda não se vê como pai e entende que só se sentirá pai, realmente, “quando tiver o filho”. Reconhece que não é muito dengoso com a gravidez e Beatriz cobra-lhe isso. Gosta de crianças, mas de “crianças maiores”, que já saibam conversar e “ver as coisas”.

Não refere preferência por um determinado sexo, mas comenta: “Parece que os depoimentos são mais favoráveis para as meninas”. Percebe-se mais atento aos problemas que envolvem a educação de filhos: observa por exemplo, programas na televisão com adolescentes e preocupa-se com o evoluir dos costumes; acredita que será mais difícil conduzir a educação, futuramente, e inquieta-se com isso.

Uma outra mudança que tem notado em si, e que julga de grande importância, é a intensificação das idéias em relação à sua própria preservação: “Não quero morrer, sinto um instinto protetor! Se depender de mim eu não morro.” Esse sentimento é novo e difere daqueles existentes em seus antecedentes de ousadia, quando assumia publicamente críticas políticas que o colocavam em posição de risco e, até mesmo, de risco de vida: “O componente medo passou a existir para mim e está ligado à responsabilidade e à curiosidade de querer ver”. Começa também a perceber um desejo grande de voltar para sua terra natal e aí está uma das poucas divergências com sua parceira: ela prefere viver nos grandes centros. Ele pondera que as pequenas cidades propiciam vida mais saudável e que são ambientes mais adequados para se criar os filhos.

### Entrevista individual - Beatriz

Beatriz foi criada pela avó paterna. Seus pais se separaram quando ela era ainda bebê e ela ficou com seu pai, que por sua vez passou-a para os cuidados da avó. Só depois de muitos anos é que foi reencontrar sua mãe e, praticamente, conhecê-la. Sua mãe constituiu outra família: casou-se e teve filhos. Seu pai também se casou e ela chegou a morar com o pai, dos treze aos dezessete anos.

Nada sabe sobre o seu nascimento: nunca ninguém lhe falou sobre esse assunto. O seu desenvolvimento foi “normal” e sempre foi “muito bem tratada por todos; até mesmo mimada.”

A orientação sexual chegou-lhe através de palestras na escola. Quando ficou menstruada pela primeira vez já sabia o que era e comunicou-se com uma tia.

Atualmente, tem contato com a mãe, esporadicamente, mas o relacionamento afetivo é distante: “Pra mim ela é só uma pessoa normal. E pensar que eu fiquei na barriga dela”!

Ter um filho sempre foi um grande desejo seu. Está feliz com a gravidez e tem se dedicado bastante ao seu estado gestacional: cuidando-se, preparando-se e deleitando-se em devaneios. Não trabalha fora: tem uma profissão, na área educacional, e já trabalhou em sua cidade.

Tem algumas preocupações com a gravidez: “aquela que toda mãe tem, se vai ser tudo normal”. Preocupa-se também com a educação do filho: “Sinto que é uma grande responsabilidade, uma pessoa que vai vir e, às vezes, penso: será que vou dar conta? Fico pensando também se o bebê vai chorar e essas coisas da parte da saúde.”

Interessa-se pelo desenvolvimento, especialmente dos zero aos seis meses e busca conhecimento para “multiplicar a inteligência” de seu bebê.

Fisicamente sente-se bem e não tem experimentado grandes transformações: “me sinto normal, com exceção dos enjôos que incomodaram bastante no começo”.

Sentiu grande vontade de comer caju e associa esse fato às experiências lúdicas infantis em torno de um cajueiro existente no quintal da casa de seus avós.

Vê João como um bom pai: “Parece que ele está super empolgado. Acho que ele vai ser um pai muito responsável com o bebê, muito cuidadoso.”

Tem preferência por ter uma menina: “Eu sei que isso é muito relativo, mas parece que menina é mais carinhosa, dá pra pôr uma fita no cabelo, é mais companheira. Parece que menina é melhor de se lidar.”



### Segunda entrevista do casal

Ela inicia dizendo que está “com o bebê o tempo todo na cabeça”. “É esse o estado real da gravidez: a gente só tem bebê na cabeça. Passa as horas falando do bebê, escolhendo roupinhas, arrumando seus objetos.”

Mas com ele não acontece o mesmo porque ocupa-se bastante em pensar no seu trabalho, como ele próprio ressalta.

Ela volta a falar do medo que tem do parto, já exposto nas outras entrevistas, e que tem estado mais tranqüila em relação a isso: “No começo eu pensava mais na hora das

dores, mas agora, com as conversas, o medo está mais distante.” Ela diz que era muito nervosa em relação ao parto. Ele retruca: “Ainda é”. Ela responde: “Mas diminuiu bastante. Falaram pra mim que é muita dor mas é tranquilo e, depois, quando vem o nenê tudo compensa.”

Ele ri e completa: “Só sendo mulher mesmo pra ter uma dor desgraçada e achar que compensa só por causa do nenê. Não sei se o homem teria esse altruísmo todo.”

Ela fala de um fato que lhe trouxe preocupação: “um marido foi assistir o parto da mulher e depois ficou com nojo dela”. Ele protesta, acha que isso não acontecerá entre eles: “Eu não vou ficar bisbilhotando. Vou me restringir mais à cabeça de Beatriz.”

João tem dificuldades em imaginar-se relacionando-se com um bebê: “A visão que eu tenho de criança é depois de algum tempo; não me vejo pegando uma criancinha pequenininha.”

Ele tem a idéia de que só pegará seu bebê após os três meses: “Já vieram me trazer bebê pra segurar e eu não queria nem ver. Eu gosto mais crescidinho, mais fortinho, mais parecido com gente.”

Comenta ainda que, com Beatriz, é diferente: não espera que peçam a ela para segurar um bebê pois ela mesma adianta-se em fazê-lo. Mas, com ele, acontece o contrário: se ocorre de alguém entregar-lhe um bebê, passa-o rapidamente para Beatriz.

No entanto, parece-lhe que isso tende a mudar: “Acho que vou arranjar uma forma delicada de me relacionar com o bebê. É que sempre me vem aquela história que o bebê é muito frágil (...) Eu gosto de criança, mas depois de grandinha. De uma forma abstrata eu gosto não sendo minha.” Acredita que essas suas dificuldades possam ter sido determinadas, em parte, pelo fato de ser “filho caçula”, ou seja, de não ter tido irmãos

mais novos para cuidar.

O assunto sobre crianças monopoliza o decurso restante da entrevista. Tanto João como Beatriz reconhecem-se mais atentos às crianças, mas assinalam que, antes da gravidez, já sentiam-se atraídos pelas conversas, histórias e criatividades do mundo infantil. Os pequenos, em geral, aproximam-se deles e, para ambos, o convívio com a infância é deleitoso. Impõem-se agora as preocupações em torno de como será esse convívio com o próprio filho.

### **Lívia e Miguel (História 3)**

Ela: 21 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Ele: 24 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Período da gestação durante as entrevistas: 29 a 32 semanas

#### **Primeira entrevista do casal**

Estão casados há alguns meses e a gravidez aconteceu quando ainda estavam noivos e, embora inesperada, foi bem aceita.

Desde que estão juntos percebem-se mutuamente receptivos quanto à idéia da vinda de um filho e, após o noivado, passaram a falar mais sobre isso.

No entanto, inicialmente, ficaram angustiados por terem que comunicar à família sobre a gravidez, pois temiam possíveis reações hostis, principalmente em relação ao pai dela: pessoa rigorosa nos costumes, já tendo demonstrado muita insatisfação com o fato de um irmão dela ter engravidado uma namorada e, ainda mais, por terem optado por não se casar.

Ela sentia-se “muito culpada” em relação ao pai: é a única filha mulher e acha que não deveria tê-lo decepcionado: “Ele podia esperar isso dos meninos, não de mim.” O pai, apesar de seu jeito reservado e pouco carinhoso, sempre passou-lhe a sensação de estar sendo protegida por ele e, pelas condições da gravidez, ela temia perder essa proteção.

Depois de alguns ensaios decidiram, finalmente, que falaria com o pai dela e

Miguel expressa-se: **“Foi uma situação horrível, fiquei com muito medo.”** O pai, inicialmente, ficou bastante bravo, em seguida permaneceu uns instantes em silêncio e, ao término, falou: **“Agora que não tem jeito mesmo, vamos em frente.”**

Livia soube depois, através de sua mãe, que ele sensibilizou-se com a notícia e ficava repetindo: **“Minha menina, minha filhinha”**. Ela percebe que seu pai, apesar de sua rudeza em alguns aspectos, é pessoa emotiva e terna em determinados momentos: **“Ele chorou até com o especial da Xuxa; chorou no meu casamento e depois quando viu a fita de vídeo do casamento.”**

Passada a tensa configuração do princípio, o casal foi se tranquilizando e chegando a um estado de permissividade para desfrutar, afinal, o que era o produto dos seus desejos.

Desde o começo sentiram-se muito atraídos um pelo outro. Moravam em cidades diferentes e conheceram-se na casa de uns parentes dele, vizinhos dela, numa das ocasiões em que ele lá estava hospedado. Ela diz: **“Quando eu conheci, ele pensei: é a pessoa que eu queria. Ele foi me cativando, sempre me apoiando e fui ficando encantada. Imaginei: ele pode ser o pai do meu filho.”**

Para ela, ter um filho foi, desde menina, um desejo bem consciente. Gosta muito de crianças e acha delicioso estar com elas. E, no relacionamento com Miguel, a idéia foi se fortalecendo.

Para ele, o processo foi diferente. Antes de conhecê-la nunca havia pensado em se casar e ter filhos. Depois, relacionando-se com ela, **“a cabeça foi mudando”** e ele foi percebendo que, com Livia, seu desejo era ir além de um **“namorico à toa”**. Empreendia-se em uma viagem cansativa para poder vê-la, mas fazia-o com alegria: **“Quando a gente**

**gosta não tem distância, né ?”**

A mãe dele, ao conhecê-la também, simpatizou-se “com o seu jeito” e quando ia à casa desses parentes, perguntava. **“E aquela menina alegre, não vem hoje aqui?”**

O casal está, portanto, cercado pelo apoio familiar e no momento, todos festejam a vinda do bebê.

Miguel está cada vez mais feliz com a gravidez: **“Tô meio bobo. Não vejo a hora de pegar ele na mão. O bercinho já está pronto e eu ponho uma banquetinha do lado e fico olhando, imaginando o bebê dentro.”**

Aproxima-se bastante da barriga de Livia, passa a mão, conversa com o nenê e acredita que já está havendo algum reconhecimento mútuo, entre ele e o filho. E Livia reforça essa idéia: **“No momento em que ele põe a mão na minha barriga o nenê se move, dá a impressão que ele acompanha, parece que ele dá um sinal. Eu acho que tem ligação mesmo.”**

A gravidez está num momento de estabilidade sem grandes mal-estares físicos. Nos primeiros meses, Livia passou **“muito mal”** devido as intensas crises de enjões e vômitos, tendo sido necessário até o uso de soro. Miguel sentia-se mal vendo-a nesse estado: **“Eu sofria vendo ela sofrer, vendo ela emagrecer. Ficava agoniado sem ter o que fazer.”**

Já estão sabendo do sexo do bebê: é um menino. Ele não tinha preferência, mas ela confessa que desejava uma menina e que, ao saber o sexo pelo resultado do exame ecográfico, reagiu negativamente: **“Não foi aquele choque, mas fiquei murcha e chorei. Depois achei bom saber porque senão eu ia ficar na esperança e, sabendo, eu estou me preparando.”**

Ela diz, ainda, que tem medo do parto mas que no “Grupo de Preparação” está podendo falar sobre isso, o que a tem ajudado a ficar “menos ansiosa”.



### Entrevista individual - Miguel

Para falar de seu nascimento, Miguel enfatiza, em seu discurso inicial, a figura de sua mãe, descrevendo-a e expondo algumas de suas idéias e atitudes. Ele tem percebido que, com o acontecimento da gravidez, ela tem lhe falado mais sobre crianças, educação de filhos e especialmente sobre o seu nascimento (dele), sobre o qual, até então, nada havia mencionado: “Ela disse que eu nasci de uma cesárea, porque o osso dela era muito pequeno e não dava pra passar. Ela disse que não sentiu nada.”

Tem observado o quanto a sua mãe está empolgada com a gravidez: “Ela vai ser aquela avó que vai querer fazer tudo pelo neto. Mas com a gente ela era super durona, trazia a gente num cortado. Agora, vamos ver como ela vai ser com o neto.”

Sua mãe tem lhe dito que “filho não pode pegar confiança, senão depois não obedece”. Ele próprio fica pensando nessas idéias: espera não deixar o filho crescer mimado, egoísta; no entanto, teme que isso possa acontecer, pois acha muito difícil a tarefa de educar filhos: “A gente não sabe ainda o que é certo e o que é errado.”

Ele diz que sua mãe sempre foi muito severa com os filhos e considera que o resultado disso foi positivo: “Ela não era de espancar, mas dava chinelada na bunda; e foi bom porque a gente não teve frescura.” Hoje os irmãos se dão bem e respeitam os dois, o

pai e a mãe.

Miguel entende que quem lhe “dava educação” era realmente sua mãe, pois faltava tempo ao seu pai, que dedica-se bastante ao seu trabalho como engenheiro: “A educação ativa mesmo foi minha mãe que deu. Era ela quem resolvia tudo, na escola, em casa. Meu pai nunca falava nada. Se a gente pedia alguma coisa pra ele, ele falava: vê com a sua mãe. E era ela quem sempre decidia tudo. Ela é meio mandona mesmo, mas é super legal.”

No entanto, a imagem que tem do pai não é de omissão; ao contrário, Miguel o vê como “pessoa bondosa” e recorda-se o quanto foram plenas de satisfações as experiências lúdicas com ele, durante períodos de férias na praia ou na fazenda de seu avô. Ele e seu pai sempre gostaram muito de animais e partilhavam juntos, durante horas, os “cuidados às criações”.

Refere-se também às boas experiências vivenciadas quando seu pai ajudava-lhe nas tarefas da escola: ele tinha sempre muita paciência para ensinar-lhe, principalmente matemática, a disciplina onde estavam suas maiores dificuldades.

Ele tem dois irmãos: um mais velho e outro mais novo, com pouca diferença de idade entre eles. São solteiros e sem filhos.

Ele e Livia, depois de casados, foram morar numa casa no mesmo terreno de seus pais e sentem-se à vontade lá. Insiste em dizer que a casa é independente, que eles fazem suas próprias refeições e que procuram “manter limites”.

Retorna às suas preocupações em relação a como será seu filho: teme ter um filho “malcriado” : “Gostaria que meu filho fosse igual aos meus irmãos e a mim. Minha mãe conta que eu era um menino legal, que eu fazia arte, mas que era bonzinho.” Quer que o filho tenha “respeito pelos pais” e assinala que ele nunca maltratou os pais, ou ainda, que nunca

“xingou ninguém”. E acredita, que para uma criança crescer assim, bem educada e boa, tudo depende da educação que recebe da mãe.

Quanto às orientações sobre sexualidade afirma que vieram-lhe de seus pais e restringiram-se, basicamente, aos alertas que faziam sobre os perigos de transmissão das doenças nas relações sexuais.

Salienta ainda que, desde o início, seus pais demonstraram muita receptividade à gravidez. Foi sua mãe quem deu a notícia ao seu pai e ele ficou “radiante” : “deu pulos de alegria”.



### Entrevista individual - Livia

Ocupa-se em falar, inicialmente, de sua infância. Lembra-se que “fazia muita molecagem”: adorava brincar e quando sua mãe chamava-a para recolher-se, disfarçava e sumia. Uma das brincadeiras que ela mais gostava era a de empinar pipas e seu pai achava isso um absurdo, ou seja, “menina brincar com pipas”.

Sobre o seu nascimento apresenta uma história que por diversas vezes ouviu sua mãe contar: que ela nasceu “muito feia”, pois já havia ultrapassado o tempo previsto para o seu nascimento. “Eu nasci amarelada e estava fazendo fezes”. Assim, devido a esse seu estado feioso ao nascer, o médico do hospital, achando que seu pai pudesse ficar muito chocado com sua aparência, mostrou-lhe outra criança. Só depois, então, isso foi revelado. Esse assunto tem sido objeto de brincadeiras na família, como algo bizarro e

pitoresco, e Livia trata-o aparentemente com tranquilidade.

Quando foi gerada, seus pais desejavam muito uma menina pois já tinham três filhos homens e haviam decidido que essa seria a última gravidez, como foi realmente. Assim, a sua vinda foi festejada e ela foi criada com especial zelo e muito carinho.

Seu pai, como já foi dito, é pessoa reservada e pouco falava com os filhos. A mãe foi quem sempre mediou a comunicação entre eles. Livia tem conhecimento de que seu pai freqüentemente interessava-se em saber sobre seus passos, principalmente naquilo que se referia ao seu namoro com Miguel, pois sua mãe contava-lhe sobre isso. Sabe que seu pai preocupava-se, especialmente, com sua orientação sexual e “mandava” a mãe sondar se ela estava esclarecida sobre os assuntos de sexualidade.

Sua mãe sempre “conversava abertamente sobre sexo”, inclusive sobre as relações sexuais; mas ela confessa que sentia-se constrangida, “com vergonha”, e preferia ir buscar as informações nos livros.

Sua menarca foi aos treze anos e já sabia o que era através das conversas com a mãe. Desejava muito “ficar mocinha” e antes da menarca “brincava” de colocar “carefree”, que pegava escondido na gaveta de sua tia. Mas quando ficou menstruada, realmente, não gostou: achou “desagradável”.

As relações sexuais iniciaram-se com Miguel, durante o período de noivado. Ela não usou pilulas anticoncepcionais porque ele achava que poderia prejudicar a saúde: optaram pelo uso de outro método, ou seja, a “camisinha”.

Atualmente ela encontra-se em um “período bom da gravidez”. Sente-se “muito bem” com Miguel e gosta muito da família dele, especialmente da sogra. Miguel lhe dá

segurança: ele é terno, carinhoso, bem tranquilo e está feliz com a gravidez. Percebe-o aberto e amoroso com as crianças e acha que ele será muito cuidadoso com o filho, além de grande protetor; gosta do jeito dele brincar com as crianças e com os animais. No momento ele está fazendo um aquário e ocupa-se disso com prazer e alegria.



### **Segunda entrevista do casal**

Miguel tem grandes expectativas quanto a sua participação no parto: “Estou um pouco nervoso, pensando se vai correr tudo bem, mas eu quero muito estar do lado dela.” Comenta que já viu parto pela televisão, e ela observa: “Ver pela televisão é diferente, né?”

Ele acha que irá “se sair bem” : “Não sou muito impressionado. Já vi acidentes, fico assustado mas não perco o controle.”

Os familiares sabem da intenção dele em participar do parto e “todos acham legal”.

Ele imagina que o parto seja muito difícil para a mulher: “Ela deve sofrer pra caramba.”

Ela também pensava assim e sempre foi muito temerosa quanto ao parto: “Eu morria de medo, não podia nem ouvir falar.” No entanto, a sua participação no “grupo de preparação” a tem ajudado a ficar mais tranquila. Tem estado muito atenta às orientações, principalmente sobre os sinais de parto e sobre as respirações. Ele também já participou de reuniões do grupo e gosta de ajudá-la em casa com as respirações e os exercícios.

Sua mãe também tem contribuído para sua tranquilização: “Ela nunca passou coisa ruim. Eu encucava porque escutava os outros.” Sua mãe tem lhe dito que no parto “tudo depende da pessoa” e que “não precisa ter medo”; lhe diz ainda que depois é muito recompensador, assim como foi para ela quando a teve. Conforme já foi relatado, foi grande a satisfação de sua mãe por ter tido uma menina: “Quando ela soube que era uma menina, começou a rir tanto que a barriga balançava e os médicos não conseguiam nem dar pontos . Ela chorava e ria ao mesmo tempo.”

Livia tem sonhado com bebês e destaca um dos seus sonhos, apresentando a seguinte narrativa: “Eu estava no hospital. O parto foi super fácil.” Ele interfere brincando, dizendo que “só poderia ser um sonho mesmo”. Ela continua: “O nenê era cabeludo, ficava com a lingüinha pra fora. Era recém-nascido. Estava embrulhado num cueiro e eu reclamei que não queria meu filho assim.” Comenta que sua sogra deu-lhe uns cueiros para o enxoval do nenê, mas que não gosta desse tipo de roupa e pretende não usá-los no seu filho. Ainda conta que, no sonho, a sala onde estava tendo o filho não era uma sala de parto. Tratava-se de uma sala diferente onde havia “muita luz, muita claridade, com um tipo de sol e o nenê estava na bolinha do sol”. Aproximou-se dela uma mulher desconhecida, com “feições de mãe e ficou do seu lado, em silêncio”: “Ela era bem meiga, carinhosa, protetora e usava uma roupa bege. Tinha uns trinta e dois anos.”

Refere-se também a um outro sonho onde seu sobrinho corria perigo de vida. Fala que esse sobrinho tinha-lhe muito apego e que sofreu com a separação decorrente de seu casamento. Comentam que se trata de uma criança que solicita muito, insistente, e Miguel assinala que não tem muita paciência com ele.

Livia pondera sobre essa impaciência do marido, reconhecendo os aspectos

perturbadores do sobrinho, salientando que é bem raro Miguel ter essa atitude com crianças. Tanto assim que é o seu jeito amoroso de tratar as crianças o que a leva a pensar o quanto ele será bondoso com o filho: “Ele vai ser super carinhoso, vai querer cuidar do filho. Quando chegar do trabalho vai querer ficar com ele, dar banho, dar comida.”

Miguel também tem a idéia de que Livia será uma mãe ótima: “Ela vai querer dar tudo pra ele. Vai ser bem cuidadosa. Nossa! Ela trata tão bem as pessoas e tem tanta paciência com as crianças, imagina com o filho então.”

No entanto, apesar das boas perspectivas, concomitantemente aparecem as preocupações com possíveis dificuldades financeiras. Desejam dar “uma boa educação” para o filho e nisso estão incluídos, necessariamente, os estudos numa “boa escola”.

Ao término, voltam a falar com alegria das experiências que estão tendo de comunicação com o bebê, dando preferência a reservá-las aos seus momentos íntimos; notam que o bebê retrai-se quando outras pessoas aproximam-se e referem-se, particularmente, a ma parente um tanto quanto invasiva. Há, entre eles, uma aliança cordial e afetuosa, de confiança mútua, que os coloca na interioridade dessa reserva e do gozo da criação.

## **Karina e Mauro (História 4)**

Ela: 21 anos                      Escolaridade: 2º grau incompleto

Ele: 27 anos                      Escolaridade: 2º grau completo

Período da gestação durante as entrevistas: 36 a 37 semanas

### **Primeira entrevista do casal**

Entram para a entrevista visivelmente tensos. Ela, principalmente, tem um olhar muito aflito, fica passando a mão na barriga e inicia a comunicação falando do parto: está ansiosa e temerosa com a proximidade do parto e refere que os sinais já estão bem evidentes; ou seja, já observou a perda do tampão mucoso e também já está sentindo as primeiras contrações.

Procedo com um acolhimento desses sentimentos emergentes, objetivando diminuir a carga da marcante aflição e, após um tempo, ao serem detectadas expressões mais tranquilas, passo à temática da entrevista.

Eles estão casados há um ano e meio. Conheceram-se há cinco anos, durante uma excursão promovida pela escola onde ela estudou. Ele, na época com vinte e dois anos e já sendo, portanto, maior de idade, foi contratado pelos organizadores dessa excursão para ajudar a tomar conta dos alunos. Nessa ocasião a mãe dela foi até a escola para saber quem tomaria conta da filha durante a viagem e assim ficou conhecendo-o.

Depois disso, Karina e Mauro passaram um período de três anos num relacionamento de amizade: faziam parte do mesmo grupo social e, às vezes, saíam juntos para festinhas e outras diversões. Nesse intervalo de tempo mantiveram-se como amigos e ambos estiveram envolvidos em outras relações de namoro.

Foi ele quem primeiro começou a sentir-se atraído por ela, mas ela, no começo, não se interessava por ele: achava-o “**muito sério**”.

Ficaram assim durante um tempo, ou seja, ele tentando conquistá-la e ela esquivando-se até que, finalmente, ela aceitou-o como namorado.

Ela conta que no início do namoro Mauro trouxe-lhe aspectos positivos pois adquiriu “**maior liberdade**”. Até então, tinha sido muito presa pelos pais e com ele passou a ter maior permissão para saídas. Mauro sempre inspirou “**muita confiança**” nos pais de Karina e, portanto, a acolhida ao namoro foi muito boa. Mostravam-se bastante satisfeitos e desejosos de que “**tudo desse certo**” e, para isso, procuravam cooperar e colaborar.

Mas logo no começo as diferenças foram se acentuando e os conflitos foram emergindo em várias situações. A maior liberdade adquirida pouco servia à Karina pois Mauro revelou-se pouco propenso a sair.

Entre os conflitos destacam o gosto diverso em relação ao carnaval, por exemplo. Para ele, pelas convicções religiosas, “**carnaval é coisa ruim**”. Para ela, ao contrário, carnaval é fonte de alegria e prazer. Contam, então, um episódio relacionado a esse assunto: certa vez, quando já estavam noivos, em um dos carnavais, estando Mauro trabalhando, Karina foi com sua família a um baile em um clube, sem comunicá-lo. Depois, ao ficar sabendo, ele ficou “**muito revoltado**” e rompeu o noivado.

Transcorrido um mês após o rompimento, eles acabaram voltando e resolveram casar.

Quando já estavam com a data marcada para o casamento, ocupando-se com todos os preparativos, ela descobriu que estava grávida. A gravidez provocou nela intensa angústia e perturbação: temia muito a reação de seu pai. Já havia acontecido de duas de suas irmãs terem engravidado solteiras e a atitude do pai foi muito negativa e radical: expulsou-as de casa. Com uma delas, mesmo ela se casando, o pai ficou sem falar-lhe mais de um ano; e com a outra, pelo fato dela não ter se casado, ele nunca mais dirigiu-lhe a palavra.

Essas experiências familiares foram marcantes para Karina e, ao reeditar a história das irmãs, vivencia um estado emocional desesperador. Mauro tentava ajudá-la, mas entre eles foram se intensificando os desentendimentos. Ele sustentava a opinião de que deveriam comunicar as famílias sobre a gravidez; ela, ao contrário, rejeitava completamente essa idéia. Ele diz que ela foi entrando num estado de muito nervosismo: “Estava à flor da pele, não podia nem encostar nela. Parecia que ela ia explodir.” Ele diz, também, que percebia que ela ia abortar e que isso o angustiava muito; e por mais que tentasse não viabilizava meios para transpor as barreiras e as amarras em que se encontravam.

A evolução da gravidez resultou, realmente, em um aborto espontâneo.

Eles casaram-se na data marcada e desde o início do casamento buscaram uma nova gravidez. Como ela não engravidou imediatamente, sentiam-se frustrados. Todos os meses faziam exames para ver se ela já tinha engravidado e era grande a decepção quando

percebiam a negativa de seu intento.

Na verdade, as tentativas para engravidar duraram quatro meses, mas foram sentidos por eles como intermináveis. Após esses quatro meses ela, finalmente, engravidou.

Mas a gravidez não trouxe a harmonia esperada e seus desentendimentos continuaram e, no decorrer da entrevista, as discordâncias vão sendo manifestadas em diversas vezes.

Há um momento em que ele refere-se a um conflito atual, dizendo o seguinte: **“Tem hora que ela fica muito apegada na mãe, só quer a mãe e se esquece de mim. Fica buscando apoio só na mãe.”**

Ela, por outro lado, reclama que ele é muito ciumento. Diz: **“Ele não gosta de falar disso, mas ele tem ciúmes até do nenê. Fica implicando, dizendo que eu só penso no nenê.”**

Ele discorda, não se reconhece ciumento e atribui suas querelas ao fato de estar desempregado. Ele perdeu o emprego há dois meses e o dinheiro que tinha de reserva está acabando, por isso sente-se confuso, sem saber como agir.

Ele destaca que ela também deixou de trabalhar: tinha um berçário, mas devido à gravidez acabou encerrando a atividade por sentir-se limitada fisicamente para cuidar de bebês.

Sobre a gravidez falam pouco. Ele comenta que o exame ecográfico revelou que o bebê é um menino e que já escolheu o nome: será Júnior. Ela manifesta insatisfação com a escolha, mas ele não demonstra perturbar-se com isso, parecendo até nem ter ouvido o seu comentário. Ela acrescenta: **“É, não tem jeito, acho que vai ser Júnior mesmo.”**

Assim, num clima de inquietação, transcorre a entrevista, configurando-se um discurso entrecortado de palavras dele e dela: ele numa atitude mais impassível e ela revelando expressões de descontentamento e, em determinados momentos, até de uma certa irritação. Transparecem mágoas, não acontecem sorrisos e nem olhares mais serenos e enternecidos.



### Entrevista individual - Mauro

Ao ser informado sobre o tema da entrevista ele diz: “Tem lenço aí ?” E sorrindo, com o rosto cheio de brilho, acrescenta: “Estava brincando.”

Assim, logo de início, ele revela um lado mais alegre e mais descontraído, diverso daquele apresentado na entrevista anterior.

Sobre a pauta da entrevista, escolhe falar primeiro das vivências lúdicas de sua infância e diz: “Nossa, foi muito bom, graças a Deus. Eu aproveitei bastante. No meu tempo tinha brincadeiras que hoje eu não vejo mais: esconde-esconde, burquinha ...”

Nomeia, também, uma outra brincadeira sobre a qual passa a falar com entusiasmo - “mamãe da rua” - e explica como é: trata-se de um jogo, ambientado na rua, onde só participam meninos; é escolhido por sorteio um dos meninos que fica sendo a “mamãe da rua” e que deverá permanecer no meio da rua; os outros meninos ficam nas calçadas e tentam passar de um lado para outro sem se deixar pegar pela “mamãe da rua” que agita-se o tempo todo tentando capturá-los; se isto acontecer o menino que é

apanhado também passará a ocupar o meio e dali para frente ajudará a “mamãe” a pegar os outros. Se a “mamãe” ou um dos seus agregados tentar invadir uma das calçadas, são expulsos e levam “camisadas”.

Mauro estendeu-se falando das brincadeiras no bairro onde passou a infância e dos momentos preciosos e prazerosos que elas lhe trouxeram. Mas a sua fala entusiasmada de repente é invadida por um certo tom de desânimo: “É pena que hoje está tudo mudado por lá. No jardim não tem mais banda... só dá fumeiro. É só skate, boite, menino de brinco, moto... No meu tempo malemá tinha mobilete.”

Sua fala nostálgica sobre um tempo que para ele é “irrecuperável”, contém um lamento, uma expansão da angústia de perda. Algo que, como ele assinala, “não voltará mais”: um modo de vida que ao ser extinto rouba do homem certas maneiras simples de ser feliz.

Ainda sobre sua infância, conta que nasceu em Campinas e que sempre morou aqui. É filho único e nada sabe sobre o seu nascimento: sua mãe nunca lhe falou sobre isso.

Estudou até o segundo grau, completando-o, e gostaria de ter dado continuidade aos estudos.

Sua “educação sexual foi na rua” e seus pais nunca lhe falaram nada sobre sexo, mas acha que isso não lhe prejudicou em nada. Mas considera que hoje é importante falar aos filhos “por causa da AIDS”.

Na rua, quando os meninos falavam sobre os assuntos relacionados com a sexualidade, ele ficava atento, bem curioso, tentando escutar. Geralmente falavam “o que podia e o que não podia fazer”(…) “a palavra masturbação era um bicho-de-sete-cabeças.

**Não sabia o que era, só sabia que era alguma coisa que não podia fazer.”**

Um outro assunto veiculado na rua era sobre o líquido seminal e foi de lá que lhe veio a informação que “ele engravidava uma mulher”. Mas, apesar de toda a curiosidade, Mauro ressalta que foi “mesmo pensar em sexualidade bem mais para frente”. Aos doze e treze anos o que mais queria era ir para a rua encontrar os amigos, brincar e jogar bola. Somente aos dezesseis anos é que começou “a pensar mais em sexo”.

O desejo de ter um filho só apareceu por volta dos vinte e dois anos. E agora, prestes a concretizar esse desejo, reconhece-se feliz e faz planos: “Quero ensinar ao meu filho tudo o que sei. Gostaria muito que ele fosse como eu. Não precisa ser um Mauro na vida, mas gostaria que ele tivesse os meus ideais.” Quer mostrar ao filho “como a realidade é difícil” e pretende conduzir sua educação “como os antigos faziam”: no respeito aos adultos.

Deseja muito que seu filho siga as mesmas crenças religiosas nas quais tem se pautado até hoje: “Eu sempre fui muito religioso... religioso praticante. A religião não salva ninguém, ela só abre um caminho diferente, um caminho não materialista, e ela tem me ajudado muito, me faz bem.”

No entanto, atualmente, afastou-se mais das práticas religiosas e atribui isso ao casamento. Diz: “A própria Bíblia fala que quando um homem se casa ele se afasta da religião.” E cita um trecho bíblico sobre o casamento, inserido na carta do apóstolo Paulo aos Coríntios: “Lá é dito que se você não consegue segurar os desejos, então deve se casar. E eu não nasci pra ficar só. Sempre quis ter uma família, dois ou três filhos, depois ficar velho e não ficar sozinho. No domingo ter os filhos juntos... mas nunca depender deles.”

Mas, apesar de suas boas perspectivas, Mauro fala, em seguida, sobre suas

preocupações e temores com a educação do filho: “Eu fico com medo de não saber educar... dele não aceitar... A gente fica ouvindo as conversas e vê que hoje está muito diferente: menino de quinze anos já tem sua vida, usa brinco, cabelão, sai de casa cedo... Engravida e não tá nem aí.” Cita exemplos; ilustra sua fala trazendo a figura de um menino de sete anos, parente de Karina, que é muito “mal-educado”, denominando-o de “respondão” e “boca-dura”.

Isso tudo deixa-o perplexo e, apesar de não ser “careta” - como ressalta - considera essas atitudes dos jovens “um absurdo”. “Eu sou um cara pra frente, gosto de blues, rock, esporte, já fui em cada lugar que você nem imagina, mas agora está demais”.

Fala também sobre o que observava no grupo de crianças bem pequenas que freqüentavam o berçário de Karina: “Menininhas de três anos já falavam de beijo na boca, pintavam a boca, tiravam a roupa pra mostrar os genitais... falavam que papai e mamãe não dormiram juntos porque brigaram. E eu fico pensando que eu vou passar por isso, se não for pior. E sorrindo conclui: “Vou acabar ficando ainda mais careca”.

Em seguida fala das figuras parentais dando destaque ao fato de seu pai ser alcoólatra: “Ele sempre bebeu demais, teve várias internações, vivia aprontando. Coitada da minha mãe.” Relata situações em que seu pai quebrava tudo na casa: episódios que marcaram tristemente sua infância e sua adolescência e que compunham o cotidiano das relações familiares.

Porém, em meio às recordações ruins, traz a lembrança de um dia especial, cuja imagem ainda tem bem clara em sua mente: foi o dia em que seu pai levou-o ao cinema pela primeira vez, quando ele estava com nove anos: “Foi a primeira e única vez”, ressalta. Tratava-se de um filme censurado para menores de dez anos e, como ele ainda tinha nove,

sentiu um gosto bom ir ao com o pai a um “lugar proibido”.

Recorda-se, também, que entre as amarguras sofridas no dia-a-dia sobravam-lhe momentos bons no jardim público próximo de sua casa, já mencionado anteriormente: **“Ih! Era bonito! Eu ficava na balança, tinha banda no coreto, um chafariz lindo.”**

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas com o pai, não sente mágoas em relação a ele. Hoje seu pai **“está melhor da bebida”** mas, paradoxalmente, distanciou-se dele: **“Perdi a paciência”**.

Em relação ao bebê sua preferência sempre foi por uma menina: **“A mulher você mantém mais em casa. Ela é mais compreensiva. O homem não. É respondão... se bobear agride até o pai”**.

Volta a criticar a **“juventude atual”** e manifesta um lado pessimista: **“A tendência é a raça humana ir pro brejo. É uma interpretação bíblica. Os homens estão muito materialistas. Não existe mais amigos verdadeiros... Está tudo virando pra baixo. Hoje é preciso ser muito forte de espírito pra sair limpo. Mas eu acho que enquanto a gente está vivo, está recebendo vida, tem onde morar, o que comer, a gente precisa lutar.”**

E assim, Mauro retorna às esperanças e dança com elas novamente. Fala que gosta de ajudar as pessoas e de **“dar conselhos”** e acredita que **“se todos se ajudarem poderá haver uma mudança no rumo da Humanidade.”** (...) **“Eu sei que vou morrer, mas a gente está aqui para evoluir espiritualmente. Se o sol não aparecer mais, o que será da gente?”**

### **Entrevista individual - Karina**

Suas palavras iniciais referem-se à morte recente de um irmão de trinta e oito anos. Ele morreu há dois meses de câncer e Karina chora a perda desse irmão; lamenta, ainda, que seu marido nunca tenha tido um bom relacionamento com esse irmão falecido. Na verdade, a relação entre eles sempre foi muito tensa, cheia de intolerâncias e críticas.

Karina expressa suas mágoas a esse respeito. Entende que as dificuldades entre eles foram decorrentes, principalmente, das atitudes “intransigentes” do marido para com esse irmão. Uma atitude que Karina vê repetir-se na relação que ele estabelece com outras pessoas. Ela mesma sente-se vítima dessa intransigência e enfatiza o quanto tem sofrido com isso.

Para ela, Mauro teve dificuldades para aceitar a gravidez e, de certa maneira, ainda as tem. Ele queria muito que ela engravidasse, insistia mesmo. Se dependesse dela, eles teriam esperado mais para engravidar. Ela temia uma nova gravidez devido a experiência com o aborto, e também devido aos próprios desentendimentos que se configuravam entre eles. Mas ela acabou concordando e depois, confirmada a gravidez, ele começou a revelar muita intolerância para com os mal-estares físicos experimentados por ela no início da gravidez, como enjôos e dores de “cabeça”, qualificando-os como “frescuras”.

Ele tem se recusado a comprar enxoval para o bebê e não queria ir ao “chá de bebê”; só foi mesmo depois dela ter insistido muito.

Ela tem estranhado tudo isso e, apesar de avaliar que ele está mudando, sente-se

mal e triste com essa situação, e já pensou em separação.

A mãe de Mauro tenta tranquilizá-la. Disse-lhe que isso passará e que, depois que a criança nascer, ele deverá mudar. Mas Karina gostaria que ele já demonstrasse afeição pelo bebê: “Ele é pai desde já.” Ela acredita que essas reações de Mauro sejam decorrentes do fato dele “ser ciumento demais”, além de ser “muito nervoso”: “Ele vive puxando o passado, tem ciúmes do nenê, da família... Tivemos um tipo de educação muito diferente, acho que é isso. Ele não se interessa por datas, não comemora, isso é muito chato.”

Karina refere que sua família é numerosa: tem cinco irmãos. Sempre foram muito unidos, encontravam-se com frequência, mas atualmente com a morte de seu irmão, o inter-relacionamento familiar foi acometido de certa perturbação que gerou um distanciamento e até um estado de desunião.

Ela é filha caçula, “temporão”, como assinala. Ressalta também que sua mãe tinha mais de quarenta anos quando ela nasceu; o parto foi normal e aconteceu exatamente na mesma data de nascimento de sua mãe; e assim a família passou a comemorar o duplo aniversário.

Nasceu em outra cidade e veio para Campinas quando estava com dois anos, e desde então, sempre morou aqui.

Fala que sua mãe sofreu muito enquanto estava gestando-a pois seu pai era alcoólatra e agrediu-a diversas vezes. Sua mãe conta também que ele, além de agredir, quebrava “tudo que encontrava pela casa”.

Depois de seu nascimento seu pai parou de beber. Foi muito severo com os filhos mas com Karina foi especialmente carinhoso: “Comigo sempre foi aquele xodó”. Ele nunca lhe bateu e nem gritava com ela; e foi após o seu nascimento que ele parou de beber. Mas,

mesmo assim, sempre temeu o pai: “Acho que esse medo veio da gravidez da minha mãe, por tudo que ela passou de nervoso com ele.”

Hoje ele é “uma pessoa normal”, está muito contente com a gravidez: “está, até mesmo, meio bobão”.

Karina desenvolveu-se, portanto, recebendo carinho dos pais mas, ao mesmo tempo, teve restrições sobre as quais se queixa: eles proibiam muito, principalmente saídas e passeios.

Sua menarca veio aos treze anos e sua mãe deu-lhe explicações e falou-lhe que “isso é normal”, e que não precisava ter medo. Sentia-se envergonhada de conversar sobre “assuntos sexuais” com a mãe e chegava mesmo a evitá-los. Entre as coleguinhas ficava curiosa tentando ouvir as conversas, mas não se pronunciava, não gostava de que falassem de forma grotesca e nem “tirassem sarro”.

Lembra-se que desde os nove anos já pensava em ter filhos. Ficava olhando para as mulheres grávidas e sempre gostou muito de crianças. Pensava, também, que não gostaria de ter filhos com idade avançada como sua mãe a teve. Considera que é melhor ser mãe mais jovem porque assim o convívio com o filho é mais próximo: “se é mais velha a cabeça não evolui.”

Além de Mauro, ela teve um outro namorado entre seus quinze e dezoito anos. Esse namorado era muito amigo de Mauro e até hoje transparecem seus ciúmes desse relacionamento. E os ciúmes são tão intensos que ele ficou bravo quando o médico anunciou que a data provável do parto seria começo de dezembro, pois esse ex-namorado de Karina faz aniversário exatamente nessa época.

O tema sobre ciúme volta a ser pauta na entrevista e Karina desabafa: “Se for

**para ter uma relação com tanta briga todo dia eu prefiro separar.”**

Queixa-se novamente da indiferença dele com a gravidez e acha que a criança sente isso. Ela tem se “desanimado” com o jeito dele e tem “esfriado” na relação.

Queixa-se também que ele não a tem acompanhado nas consultas médicas; somente agora, no final da gravidez, é que tem mostrado um pouco mais de interesse e tem manifestado a vontade de estar presente ao seu lado durante o parto.

Além disso, um outro problema enfrentado, é que Mauro só aceitava uma criança do sexo feminino: ele só falava em menina, só escolhia nomes femininos. E após o exame ecográfico, ao ser constatado que se trata de um bebê do sexo masculino, Karina ficou temerosa pela possível reação negativa de Mauro e procurou ser bastante cautelosa ao lhe dar a notícia, escolhendo bem as palavras: “Fui chegando com jeitinho ... falei: parece que o nosso bebê vai ser Júnior mesmo.”



### **Segunda entrevista do casal**

Essa entrevista não foi feita, pois ela deu à luz antes do dia marcado para a sua realização.

## Márcia e Raul (História 5)

Ela: 22 anos                      Escolaridade: 1º grau incompleto

Ele: 20 anos                      Escolaridade: 1º grau incompleto

Período de gestação durante as entrevistas: 29 a 31 semanas

### Primeira entrevista do casal

Estão casados há dois anos. Conheceram-se há cinco anos, na escola. Estudavam em classes diferentes, mas encontravam-se pelos corredores e olhavam-se com interesse, desde sempre.

Ele notou-a primeiro e conta que, vindo de mudança, de outro estado, avistou-a no seu primeiro dia em Campinas, assim que chegou à cidade, do alto de um caminhão, em meio aos móveis e objetos da família. De lá de cima, estando ele com seu irmão, apontou-a. Ela estava caminhando pela rua com uma amiga, ambas de “conjunto preto”, muito parecidas uma com a outra. Escolheu-a e sugeriu ao irmão a outra, mas o irmão não se interessou.

Alguns dias depois ele descobriu-a estudante no mesmo colégio onde havia se matriculado e pensou: “Não tem jeito, vai ser ela mesma.” Mas, faltando-lhe coragem para chegar até ela diretamente, resolveu chegar até a amiga, aquela que também foi vista no primeiro dia. A amiga gostou dele e acabaram “ficando” algumas vezes juntos: “umas três

ou quatro vezes”. Ele, afinal, decidiu dar margem ao seu antecedente impulso e buscou aproximar-se dela. A amiga ficou muita brava, rompeu a amizade com ambos e, desde então, não conversou mais com nenhum deles.

No início só “ficavam” juntos: “não era bem um namoro... não era muito freqüente”; e assim ele define as primeiras proximidades: “só beijos e abraços”.

Somente depois de algum tempo é que iniciaram “um namoro verdadeiro”. Ela começou a freqüentar a casa dele, mas ele não freqüentava a casa dela. Segundo ela, seu pai é “muito rígido” e este seu jeito afastava Raul de sua casa. Ele não concorda muito com isso; diz que tem também “suas coisas” e que “sempre foi difícil freqüentar a casa de alguém”, referindo-se, principalmente, às situações de namoro.

Após algum tempo de namoro começaram a ter relações sexuais. Ela estava com dezoito anos e ele com dezesseis. Ela fez uso de pílulas anticoncepcionais desde o início das relações, dando continuidade ao uso durante três anos. Parou porque ele insistia muito para que ela parasse: ele sempre foi contra o uso da pílula, não porque já quisesse uma gravidez - como manifesta-se - mas porque considera que os anticoncepcionais orais são maléficos à saúde.

Já estavam casados quando interromperam a contraceção e o desejo de ter um filho foi se intensificando cada vez mais. Acontece que ela não engravidava e as tentativas, sem êxito, foram sucedendo-se durante um ano. Todos os meses ela imaginava-se grávida e era muito decepcionante para ambos quando ela ficava menstruada. Durante esse período, em dois momentos, tiveram o que ele denominou de “alarme falso”.

Aos poucos ela foi desanimando e “desistiu” de ter filhos; foi quando, enfim,

engravidou.

Quando tiveram a confirmação da gravidez, através de um exame laboratorial, ficaram radiantes. Ele diz: “Foi bom demais, eu nem acreditei. Esse exame ficou na minha mão uns dois dias e eu ficava pra lá e pra cá procurando gente pra me explicar; muito ansioso sem condição de esperar até o dia da consulta médica.”

Ela ficou feliz também com a notícia mas, já desde o início, começou a sentir-se mal, com muito enjôo o que a impediu de ficar mais à vontade e curtir melhor o preâmbulo da gravidez.

Outra coisa ruim para a experiência dela, no princípio, foi que a figura dele tornou-se indesejada: “Ao mesmo tempo que eu queria ficar perto dele, queria ficar longe.” Ela diz que brigava com ele por qualquer coisa e ele acrescenta: “E eu tinha que manter a paciência no lugar.” Ele afirma, também, que não ficava bravo, ao que ela protesta, rapidamente, dirigindo-lhe algo como: “Ah! você ficava bravo sim”.

Mas, em seguida, ela se contradiz ao destacar que uma das atitudes dele que mais a irritava, era o fato de que ele não esboçava reações diante do seu nervosismo: “Ele não reagia, ficava quieto, eu queria que ele reagisse.”

Esse período mais crítico durou cerca de uns três meses e depois foi tudo se normalizando.

Atualmente eles têm uma preocupação: ele está desempregado. Estava trabalhando como ajudante de motorista em uma firma de transporte, há pouco mais de dois anos, tendo sido demitido recentemente. Embora morem com a família dele e estejam recebendo ajuda dos pais, sentem-se “muito mal” com as dificuldades financeiras, principalmente pelo fato de estarem esperando um filho.

Não sabem o sexo do bebê. Ela ainda não fez ecografia e, mesmo quando fizer, preferem continuar não sabendo. Ele diz que ficou com curiosidade mas parou, em respeito a ela. Ambos negam preferência por algum dos sexos; no entanto, ele afirma: “ela acha que vai ser melhor pra mim se vier um menino”. Além disso, toda a família, tanto da parte dela como da parte dele, querem um menino, porque até agora só existem crianças meninas na última geração.

Para ambos, a gravidez tem trazido transformações em suas maneiras de pensar. Ele diz: “Eu penso muito, penso nela, fico preocupado se está tudo bem.” Ela diz: “Mudou bastante, eu também fico pensando muito, fico pensando que tem uma vida dentro de mim.”

Nenhum deles refere vontades extravagantes. Conversam com o bebê, mas ele diz que não se sente muito à vontade. Ela reclama que ele é “meio seco” nesse particular. Mas o que ele gosta mesmo de fazer é encostar o ouvido na barriga dela e ficar “ouvindo os ruídos”.

Ele conta um sonho: “Sonhei com um menino que já estava grande, com uns seis anos. Foi estranho. Ele estava do meu lado e eu tentava falar com ele mas não conseguia.”

Em seguida ela também conta um sonho: “Eu sonhei com um bebê e no sonho eu não conseguia amamentar o bebê.”



### Entrevista individual - Raul

Entra e elege, para sentar-se, uma cadeira escolar, dizendo que é “pra matar a saudade”.

Refere que estudou até a sexta série, mas parou “por molecagem”. Sentia-se mal na sala de aula, sem interesse, não gostava de “ficar parado, imóvel”, pois isto dava-lhe “sono e preguiça”. Lança alguns questionamentos sobre o ensino: “Mas como será que a escola poderia ser? Como será que a escola poderia atrair mais os estudante?” E acrescenta: “Eu não tenho idéia !”

De sua infância fala sorrindo: “Foi jóia, tenho boas lembranças da infância. Sempre brincando, me divertindo”.

Seus pais são descritos como carinhosos e delicados. Afirma nunca ter apanhado nem do pai e nem da mãe. E a mãe costuma dizer-lhe, atualmente, nos momentos em que ele personifica a teimosia: “Ah! isso é porque você nunca apanhou.” Reconhece-se, mesmo, como realmente teimoso e refere-se à compra de um carro, em relação à qual seus pais discordaram.

Seus pais são separados há dezesseis anos, mas “vivem em paz, são amigos e, às vezes, até saem juntos.” Nenhum dos dois contraiu novo casamento. A mãe tem quarenta e cinco anos e o pai tem quarenta e nove.

Ele tem três irmãos: duas irmãs (uma mais velha e outra mais nova do que ele), e um irmão mais velho, de vinte e quatro anos, que é casado e tem uma filha. Com os irmãos também tem um bom relacionamento.

Os pais estão muito contentes com a gravidez, principalmente sua mãe, que tem aparentado muito entusiasmo: compra roupinhas, fala bastante do bebê e já escolheu o nome.

Ainda sobre sua infância fala que nasceu numa cidade do interior do estado de São Paulo, tendo morado em mais três outras cidades antes da família fixar residência em

Campinas.

Sobre o seu nascimento, sua mãe costuma dizer que foi o melhor parto que ela teve: foi normal e que o amamentou, embora ele não saiba por quanto tempo. Atualmente sua mãe tem falado muito de quando ele era bebê, mas faz esses comentários à Márcia, não diretamente a ele. Mas ele confessa que se interessa e também presta atenção.

Quanto ao pai, a imagem referida é muito boa. Lembra-se de quando, por volta dos seus oito a nove anos, sentava-se no seu colo, no automóvel, para ele ensinar-lhe a dirigir. Lembra-se também, do gosto bom e comum que tinham, ele e o pai, e têm até hoje, pelo cantor Roberto Carlos. Aos doze ou treze anos esperava o pai para gravarem fitas do cantor e depois apreciavam suas canções no carro. Não se lembra de algo mais especial que seu pai tenha lhe dito, mas essas lembranças do pai ensinando-lhe a dirigir e das canções do Roberto são referidas como muito gratificantes.

Assuntos sexuais nunca foram mencionados pelo seu pai. Sua mãe falava-lhe “por cima”. Dizia-lhe: “Toma cuidado, vai devagar.” Ele expõe ainda falas de sua mãe sobre isso: “Eu saía para um baile e ela dizia - não vai chegar aqui com uma barriguda porque eu ponho os dois pra fora.”

Teve orientação sexual na escola, aqui em Campinas, e acha que isso foi bom.

O desejo de ter um filho apareceu por volta dos dezoito anos, quando já estava casado.

Tem estado preocupado com a vinda do filho em dois aspectos principais: por estar desempregado e com as condições em que o nenê nascerá: “Fico pensando se ele vai nascer bom, perfeito, sem problema nenhum.”

Sente que a responsabilidade é muito maior: “Agora a gente pensa duas ... três

vezes antes de fazer qualquer coisa.”

Sobre a educação do filho ainda não se deteve em pensar, mas tem uma grande expectativa: “Queria poder dar tudo pra ele, que não faltasse nada.”

Tem prestado mais atenção nas crianças e em objetos infantis, mas estranha que suas sobrinhas, antes muito apegadas a ele, afastaram-se e estão, agora, ligadas em Márcia.

Acha que Márcia está normal na gravidez e que “não tem idéia” de como ela será como mãe: “Mas, às vezes, eu fico imaginando que será o nenê em primeiro lugar.” Acha isso muito bom e não se sente enciumado: “Não incomodo, acho super legal que ela seja bem dedicada ao bebê.”

Como ele próprio se vê como pai? - “Não sei dizer... mas me agrada bastante pensar”.



### Entrevista individual - Márcia

Inicia queixando-se de formigamento e dores nas mãos. Nas consultas tem sido dito-lhe que são problemas circulatórios normais na gravidez, mas ela tem estranhando muito essas sensações: “Parece que estão arrancando as minhas mãos. Estou sem firmeza, vou pegar alguma coisa e derrubo. Estou achando muito estranho, nunca me deu isso.” Já apresentou essa queixa na consulta médica e o médico, após algumas verificações, comunicou-lhe que não observou anormalidades e que isso pode acontecer na gravidez

sem maiores problemas. Ela chega a pensar que pode ser realmente alguma coisa normal, mas acha muito incômodo.

Dando seguimento, fala de algumas de suas auto-percepções atuais advindas da evolução da gravidez: **“Sinto que amadureci demais, as responsabilidades são cada vez maiores e eu penso bastante nas coisas.”**

Dentro da temática da entrevista, faz uma narrativa de sua infância, com certo tom de tristeza: **“Lembro que a gente tinha uma vida muito difícil de finanças. Eram quatro filhos e faltava comida e roupa. Mas tinha sempre o carinho das pessoas que ajudavam.”**

Quando fala do seu nascimento, sorri, depois suspira e descreve o seguinte: **“Minha mãe diz que morreu e viveu de novo porque eu tive muita dificuldade pra nascer. Ela ficou três dias desacordada. Os médicos desenganaram, avisaram meu pai. Ela teve que trocar de sangue, por isso hoje ela é muito nervosa. Os médicos falaram pro meu pai que ela ia ser nervosa por causa dessa troca de sangue.”**

Durante a internação de sua mãe, que durou vinte e três dias, ela foi levada, recém-nascida, para os cuidados da avó paterna. A mãe, depois, ao sair do hospital, passou a amamentá-la.

A avó, que a cuidou em seus primeiros dias durante a internação de sua mãe, é mencionada como pessoa muito querida: **“Ela foi uma mãe pra mim.”** Essa avó faleceu há cerca de uns quatro anos, aos oitenta e seis anos de idade, e Márcia comenta: **“Hoje não se chega mais até essa idade. Hoje tem muita droga, muita doença. Antes as comidas eram mais saudáveis. Hoje está totalmente diferente ... o ar está poluído.”**

Seus pais vivem juntos: sua mãe tem quarenta e nove anos e seu pai tem sessenta e um. Tem três irmãos: uma irmã e dois irmãos. São todos mais velhos que ela, casados,

com filhos.

Os nascimentos de seus irmãos, diversamente do seu, transcorreram sem problemas. Nasceram em casa e sua mãe diz que foram “bons partos”, “partos bonitos”. A mãe teve também um bebê, o primeiro, que nasceu morto. A família considera que foi erro da parteira que, ao aplicar uma “injeção para dar contração, matou o nenê.”

A mãe é descrita como pessoa muito nervosa: tem crises, desmaia, tem fortes choros, tremores. “Os médicos dizem que aí está o perigo: ela desmaiar e não voltar mais.”

O pai, ao contrário da mãe, é descrito como pessoa calma, mas muito fechado: “Ele é reservado, calado, guarda as coisas pra ele.”

Sobre o seu desenvolvimento menciona a menarca acontecida aos treze anos e diz que foi “tranquilo”. Sabia o que era por informações recebidas fora de casa: sua mãe e sua irmã mais velha nunca lhe falaram sobre esse assunto. Os temas sexuais foram abordados com as amigas e na escola, nas “aulas de orientação sexual.”

A primeira relação sexual foi aos dezoito anos, com Raul.

A família está contente com a gravidez. Gostam muito de seu marido e seu pai, sempre comedido nas manifestações dos afetos, revela-se muito amoroso com o genro: “Meu pai adora ele, desde a primeira vez. Meu pai tem liberdade com ele, brinca com ele.”

Seu pai, no início da gravidez, pôs-se a se lamentar: dizia que ela era muito nova para ter um filho. A mãe de Márcia lembrou-o que ela mesma tivera os filhos até mais nova e, assim, ele foi se conformando.

Quando ela quis se casar, o pai consentiu: disse-lhe que apoiava se era isso mesmo que ela queria; pediu-lhe que se casasse na igreja, acompanhou-a ao altar e emocionou-se bastante.

Por várias vezes, diz ela, que já viu o pai chorar. Ela acha isso bom. Já com seu marido, o mesmo não acontece. Durante os anos todos que estão juntos, só viu-o chorar uma vez: acha que ele “esconde as emoções”.

A gravidez tem mexido muito com a vida de toda a família (tanto dela, como dele). Todos estão alegres e até sua mãe, que é “cheia de problemas”, parece contente.

Fala também de sua sogra e do bom relacionamento afetivo que vem se configurando entre elas: “Eu adoro ela, ela é minha segunda mãe. Ela é muito bondosa.”

Durante a infância e adolescência, não pensou em ter filhos. Somente depois que se casou é que começou a “colocar na cabeça a idéia de filhos”. Considera que Raul quis ter filhos primeiro e influenciou-a: “Ele foi abrindo minha cabeça pra isso.”

Por alguns minutos detém-se em falar de suas brincadeiras infantis: morava em um sítio no Paraná e depois, quando mudou-se para Campinas, também morou em sítio: “Eu só tive uma boneca, e já estava com treze anos. Ganhei e deixei guardadinha, nem brinquei.” Sua brincadeira preferida era fazer “comidinha de verdade”: catava latinha de leite, lavava e colocava arroz e batatinha; improvisava “fogãozinho de lenha com tijolos”. Diz: “Hoje, se uma criança fizer isso, ela se queima toda. Naquela época a gente não se machucava, era sadio.”

Preocupa-se muito com “o perigo que existe hoje”: “Penso na educação do meu filho. Hoje as crianças estão rebeldes. Tenho medo do crescimento dele e da educação que ele vai ter lá fora.”

Considera que o mundo está sofrendo “uma grande revolução”, “estão surgindo muitas coisas novas”. Assim, expressa-se: “Antigamente um brinquedo era a coisa mais difícil. O meio era catar pauzinho, latinha. Eles não aprenderam a brincar do modo como a

gente brincava.”

Lamenta que isso tudo esteja acontecendo e acha difícil uma recuperação:

“Agora não tem mais volta.”

Fala ainda, mais uma vez, sobre seus sentimentos de rejeição em relação ao marido, na fase inicial da gravidez: “Eu me sentia diferente, totalmente diferente, quando fiquei sabendo que estava grávida. Não tinha vontade de ter relação com ele, mas fazia carinho pra ele não ficar chateado. Implicava com ele por qualquer coisa: se eu ficasse perto dele, eu brigava.”

Agora esses sentimentos passaram e ela está “super bem” com ele. Ela acredita que ele será um ótimo pai: “Nossa! Acho que ele vai ser um pai super legal, muito atencioso.” E, em relação a si mesma, sintetiza: “Eu quero ser uma mãe exemplar.”

Quanto ao desejo dele de acompanhá-la no parto pondera: “Acho que ele, ao mesmo tempo quer e não quer. Ele fala que não quer olhar o parto. Acho que vai mexer muito com ele.”



### Segunda entrevista do casal

Ele reafirma a sua intenção de entrar na sala de parto para ficar ao lado dela. Está ansioso para que chegue o dia e está desejando que seja um parto normal, “sem problema nenhum”.

Ele diz que estão olhando revistas, livros e enciclopédias, buscando informações

e fotos sobre o parto. Tem pensado que “a mulher deve sofrer muito”. Em alguns livros que estão consultando, tudo aparece bem detalhado: “Eu olho normal, não me dá frio na barriga.”

Acha que ficará bem durante o parto porque, quando trabalhava como caminhoneiro, via acidentes na estrada com muita frequência e “agüentava firme”.

Márcia diz que está se “mantendo tranqüila”. O “Grupo” tem ajudado bastante mas só saberá mesmo, na hora, o que vai acontecer. Acha que o parto é uma “grande e boa” experiência para a mulher. Às vezes, fica pensando: “Será que eu vou conseguir?”

Ao final, Raul conta que acaba de fazer uma rápida viagem, com seu pai, à sua cidade natal e empenharam-se em passar defronte da maternidade onde nasceu . Foi uma “experiência emocionante” que os alegrou muito.

## **Cíntia e Antônio (História 6)**

Ela: 20 anos

Escolaridade: 1º grau incompleto

Ele: 31 anos

Escolaridade: 1º grau incompleto

Período de gestação durante as entrevistas: 30 a 32 semanas

### **Primeira entrevista do casal**

As primeiras palavras são dele: apresenta inquietações por ter se ausentado do trabalho, definindo-se como “submisso”, pois teme perder o emprego “nesses dias tão difíceis”. Asseguro-lhe que estará à sua disposição, ao final da entrevista, um atestado de comparecimento ao hospital como acompanhante da esposa, ao que ele agradece, manifestando contentamento.

Passa-se, em seguida, para a história de constituição do casal. Ele menciona a data em que se conheceram - dia, mês e ano - e acrescenta: “Não posso esquecer esse detalhe nunca.” Para ele, conhecê-la foi acontecimento de grande importância, por tudo de bom que lhe tem sucedido desde então.

Ele dá seqüência, monopolizando a palavra e, espontaneamente, inicia uma narrativa sobre sua própria história, enquanto ela permanece calada sorrindo.

Ele vai falando com entusiasmo e alegria. Expõe sua trajetória de conversão à crença evangélica: conta que antes vivia “perdido no mundo, bebendo, fumando,

**bagunçando**". Certo dia, envolveu-se em uma briga num bar e o homem com quem brigava, tentando um apaziguamento, falou-lhe das igrejas evangélicas e convidou-o para ir com ele até uma delas. Aceitou o convite e destaca novamente uma outra data - também com dia, mês e ano - referindo-se agora, ao dia em que pela primeira vez adentrou em uma igreja, com o homem com quem havia se indisposto. Diz: **"Nesse dia eu me converti ao evangelho."**

Considera que, a partir de sua conversão, tornou-se um **"homem liberto"**. Conta que sua mãe, hoje, depois de ter sofrido tantos anos com os descaminhos da família, está muito feliz com sua mudança: **"Ela olha para mim e diz que sou outra pessoa. E meus irmãos me vêem como exemplo."**

Foi nessa mesma igreja onde, alguns meses depois, ele conheceu Cíntia; isso ocorreu há cinco anos, estando ela, portanto, com quinze anos.

Ele e Cíntia namoraram durante três anos antes de se casarem. Ele diz que se sente muito feliz com o casamento: **"A melhor coisa que eu fiz na minha vida foi ter me casado."**

A gravidez aconteceu alguns meses após o casamento. No começo, evitaram gravidez, tendo ela feito uso de anovulatórios. Queriam filhos, mas entendiam que precisavam esperar e, quando julgaram um momento oportuno, ela parou com as pilulas e, logo em seguida, engravidou.

Ficaram contentes com a notícia da vinda de um filho. Ele diz que quer **"ensinar o filho no caminho da verdade evangélica"**.

Hoje, ele percebe-se em melhores condições para criar um filho, antes não. E sua mãe tem lhe dito isso.

Fala um pouco sobre sua experiência com bebidas alcoólicas. Diz que começou a beber com oito anos, nas ocasiões em que um de seus irmãos, mais velho que ele, mandava-o comprar bebida num bar próximo. Ele ia e, no caminho de volta, começou “a tomar uns goles”. Diz que sua família é de “gente que bebe muito” e refere-se em especial a um irmão e a seu pai: “Meu finado pai bebia muito.”

Mas agora ele sente-se “em paz” e acrescenta: “Quando as pessoas se convertem elas começam a ter temor por Deus.” E é assim que ele se coloca: no temor e no respeito a Deus.

Fala, em seguida, do mito bíblico sobre Adão e Eva, do pecado original - a desobediência - e a consequência desse pecado: viviam em paz, mas quando pecaram, tiveram vergonha. Ele crê que a pessoa só poderá viver bem se fizer o bem e que todos têm condições de mudar de vida, convertendo-se, e a conversão depende de cada um porque “o querer e o poder está em nós”.

Cíntia, silenciosa até então, manifesta-se após minha solicitação, falando de sua alegria com a gravidez: “Pra mim foi muito bom porque eu amo criança, qualquer criança que eu vejo eu me interessar; e a melhor coisa desse mundo é estar grávida.” Sempre pensou muito em ter filhos e dizia à sua mãe: “Se eu não puder ter filhos, eu não vou casar.” Diz ainda que sentiu “muita emoção de casar”, sair da casa de seus pais e criar o seu próprio lar.

Antônio novamente assume a palavra: “Vou contar uma verdade: casar e ter filhos é tudo o que a gente quer na vida. Eu não tinha intenção de casar. Tinha medo do casamento. Tinha medo de não dar certo e depois ter que separar. Mas eu vejo o quanto é bom. Nós não somos cem por cento, nós somos oitenta por cento.”

Ele diz mais: “Lá em casa é assim, se ela dá uma opinião quero pensar se vai dar certo, penso pelos dois. Ela é muito teimosa, eu tô criando ela, ainda, porque ela é de menor.”

Ela interfere: “Eu nem faço conta, não ligo. Ele é nervoso e eu acho melhor ficar quieta.”

Ele responde: “É que são dois estágios, eu tô vendo o perigo, mas ela não.”

Na finalização da entrevista, ele pergunta olhando para ela: “Que chance será que eu tenho de ver o parto da minha preta ?”

Ela bate suavemente na cabeça dele com a mão, e diz: “Olha lá, hein. O outro, que era bem calminho, a pressão caiu.” E explica sua fala referindo-se a um depoimento ouvido de um homem que se sentiu mal ao presenciar o parto da esposa.



### Entrevista individual - Cintia

Cintia entra sorridente, aparentando alegria. Acha que seu parto acontecerá antes da data prevista pelos médicos, o que considera muito bom, pois está bastante desejosa de estar com seu bebê nos braços.

Sobre o tema da entrevista, elege, inicialmente, falar de sua família e tece comentários positivos: “Minha família é muito unida, meus pais não brigam, não tenho que me queixar.”

Tem cinco irmãos: dois mais velhos e três mais novos. Os irmãos também são unidos, com exceção de um, de dezesseis anos, que anda “dando uns probleminhas”. O pai

é “bastante severo” : “...basta ele olhar e todo mundo sai de fininho”. Mas, atualmente “parece que está mudando, levando a coisa mais no banho-maria”.

Sobre o seu nascimento não sabe muita coisa: “O pouco que minha mãe fala é que eu nasci bem, parto normal e, por ser a única menina, fui sempre muito mimada.”

Relata que, aos quinze anos, teve uma “depressão aguda”: “Qualquer coisa me abalava, qualquer coisa era motivo de choro.” Passou, mais ou menos, uns dois anos nesse estado. Não fez tratamento mas teve apoio da mãe e, nessa mesma época, conheceu Antônio; dessa maneira, diante de novas motivações, foi se recuperando. Acredita que sua depressão teve origem em sua dificuldade de expressar sentimentos, tanto assim que, agora, está mudada e sente-se bem melhor: “Hoje, quando fico nervosa, falo.”

As memórias de infância são referidas como boas, sem perturbações marcantes. Nasceu em uma cidade próxima a Campinas e, ainda bem pequena, mudou-se para cá, onde vive até hoje. Estudou até a quinta série e parou porque “achava cansativo, difícil”, mas acredita que o principal motivo da interrupção dos estudos tenha sido “preguiça mesmo”.

A menarca foi aos doze anos, já tendo sido orientada pela sua mãe que costumava dizer-lhe: “O dia que você ficar mocinha tem que se comportar, tem que parar de ser espoleta.” No dia de sua primeira menstruação, procurou sua mãe para contar o ocorrido e tem a lembrança boa da acolhida amorosa, do abraço carinhoso e das palavras ditas: “Não é pra você se assustar, agora você já é uma mocinha.”

Sua mãe falava-lhe também das relações sexuais e dos cuidados que deveria ter, alertando-a sobre doenças e gravidez e, quando estava para se casar, sua mãe orientou-a a tomar um banho e colocar uma camisola antes de dirigir-se para a relação sexual, na

primeira noite do casamento. Essas conversas com a mãe provocavam-lhe vergonha: achava um absurdo que as pessoas pudessem “fazer isso”, e ficava com medo das relações, imaginando que iria sentir muitas dores. Durante o namoro, dizia para Antônio: “Não quero que você avance o sinal comigo.” E ela complementa: “Ele me respeitava e tinha o maior sigilo comigo.”

Seu relacionamento com Antônio é bom, no entanto, queixa-se que, em alguns momentos, ele fica “muito nervoso”: ele preocupa-se muito com o trabalho e com seus irmãos. Com ela não tem atitudes agressivas de espécie alguma: “Ele costuma desabafar falando sozinho no quintal.”

Mas com a gravidez ele tem mudado bastante: “pôs a cabeça no lugar”: ficou mais calmo e mais alegre. Ela diz que ele era “louco pra ter um filho” e, quando resolveram parar com a anticoncepção, ficou desconfiado de que ela pudesse estar “tomando o remédio escondida”.

Para ela também aconteceram mudanças: sente-se “mais adulta” e tem estado bem mais “pensativa”. No entanto, embora a gravidez tenha sido desejada e planejada, estranhou muito no começo e, durante os primeiros meses, ficou “muito irritada com Antônio”: tudo nele, nos mínimos contatos, provocava-lhe impaciência.

Depois, passadas as perturbações iniciais, ela foi, aos poucos, conciliando-se com seu estado e serenando-se. Hoje, as palpitações em seu ventre são sentidas na conformidade do desejo de acolhimento: “Quando sinto ele mexer, converso com ele. Acho bonito barriga... acho bonito amamentar. Minha mãe fala que eu sou biruta”.

Outras pessoas também fazem comentários semelhantes aos de sua mãe, mas nada a impede de conversar com seu bebê: “Eu falo pra ele coisas assim: que bom que você

veio na hora certa ... não vejo a hora de você nascer. Fico falando um monte de tontice e ele entende. Lógico que ele entende. Ele responde, mexendo.”

A serenidade que experimenta no momento, por vezes é quebrada por uma onda de preocupações: “Por mais que eu pense coisas boas tem hora que eu começo a ficar com medo. Eu tenho medo que dê um treco em mim na hora do parto.”

Além disso, tem preocupações com a educação: “Eu falo pro pai - você tem que fincar a cabeça porque educação é o mais difícil. Nos dias de hoje está complicado e por mais que o pai ensina, a criança destravia com os amiguinhos da rua e da escola. E além de tudo tem a televisão que estraga ainda mais.”

Dar uma “boa educação” é sua grande meta dentro do cumprimento do papel de mãe: “Acho que vou ser uma mãe muito careta porque tudo o que eu penso é pra ele. Mas na hora de falar sério, tem que ser sério. O filho tem que ser obediente. A obediência é a coisa mais bonita na criança”.

Em relação a Antônio, considera que ele será “um bom pai” e muito cuidadoso também, e comenta sobre os seus zelos com as crianças: “Ele acha que não pode jogar bebê pra cima, fica bravo com essa brincadeira de fazer criança de peteca.”

Está favorável à idéia dele acompanhá-la no parto e acredita que ele possa ajudá-la: “Ele vai se dar bem. De noite ele levanta, acende a luz, está sempre me dando força. Acho que ele agüenta.”

### **Entrevista individual - Antônio**

As narrativas sobre sua família são ponto de partida para a sua comunicação e elege, primeiro, falar do pai: “Tive pouco contato com meu pai. Ele era um sujeito muito esquisito. Pra começar, ele não soube educar a gente. Não quero nem lembrar. Minha infância foi um pesadelo.”

O pai faleceu há uns oito anos. Era alcoólatra, conforme já havia mencionado, e suas recordações são povoadas de sofrimentos que as atitudes do pai provocavam em toda a família.

Nada sabe sobre o seu nascimento.

Tem oito irmãos (cinco mais velhos e três mais novos). São todos solteiros e moram com a mãe, sendo que vários deles são também alcoólatras.

A mãe é referida como pessoa muito sofredora mas, ao mesmo tempo, como alguém que tem lutado imensamente para criar os filhos, tirá-los dos vícios e sustentar uma certa dignidade na família: “Minha mãe é aquela pessoa que se preocupa pra caramba; faz o possível e o impossível pelos filhos. Criou sozinha todos nós, porque meu pai trocou ela pela bebida. Quando ela fechar os olhos eu não sei o que vai ser naquela casa. Mas comigo ela está feliz. Eu tenho certeza que de todos os meus irmãos eu sou aquele com quem ela está mais contente.”

Antônio volta a falar de seus tempos de vícios e desregramentos anteriores: “Era só droga, bebedeira e bagunça. Eu não tinha compromisso com nada, nem com a própria vida.”

Sua mudança, marcada pela conversão religiosa, traz-lhe novos sentidos para sua

existência. É um momento de renascimento, de retomada de antigos desejos vitais: “Minha infância começou em noventa e dois, porque antes foi tudo um pesadelo. Meus companheiros daquela época estão embaixo da terra. Praticamente, eu renasci. Comecei a sentir o impulso de viver e veio a vontade de mostrar para as pessoas o que é isso.”

A crença religiosa tem sido a força motriz de suas transformações e é nisso que estão seus apegos: “A mudança acontece para aquele que quer e para aquele que crê; e o querer e o poder está em nós.”

Além disso, o casamento aparece como outra fonte de bem-estar: gosta imensamente de conviver com Cíntia e tem-lhe muitos cuidados. “Eu cuido dela em tudo: no modo de se deitar, de andar, porque tem muitas pedras no chão, e precisa andar na linha certa, olhando pra frente pra não tropeçar.”

Considera que o filho está vindo na hora certa e sente-se em boas condições para criá-lo. “Eu me sinto preparado. Tenho certeza que sou estruturado para tudo que vier. Só tenho medo de mim numa coisa: sou muito frio, se tenho que falar, falo.”

Expõe seus receios com as palavras ditas no sentido do que podem provocar de malefícios, e tem se preparado para estar mais atento e mais cauteloso com tudo o que vai dizer para as pessoas, desde os mínimos detalhes: “Estou fazendo um curso de... como é o nome? Teologia, isso mesmo, teologia pra minha vida, pra saber falar melhor com as pessoas. Porque eu não me sinto falando bem. É difícil explicar. É que eu sou muito exaltado. Se a pessoa grita comigo, eu revido. Fazia tempo que eu queria conversar com uma psicóloga, inclusive por esse meu jeito de ser muito exaltado, bem ignorante mesmo.”

A importância das palavras, para ele, é assinalada, então, em seu sentido mais dramático e vital: “Até a hora de parar de falar, a gente precisa aprender. Não se deve falar

**muito. A mesma coisa o olhar. Um olhar pode levar à morte. Uma palavra também pode levar à morte.”**

Em suas andanças em busca de novos ensinamentos tem encontrado pessoas especiais com quem tem aprendido muitas atitudes valiosas e destaca, entre elas, as figuras do sogro e da sogra. No entanto, lamenta que isso não tenha acontecido mais cedo em sua vida: **“Meu sogro é meu pai na fé. Ele corrige meus erros no falar. Minha sogra também sempre me deu uns apoios. Pena que isso veio tarde na minha vida. Se eu pudesse ter dezoito anos, com a mesma mentalidade, eu ia longe. O tempo consome. Envelhecemos muito rápido o corpo.”**

Uma vez mais retorna ao seu próprio processo educativo e aflige-se com tudo que passou: **“Se eu não tivesse crescido com tanta revolta, hoje eu era pessoa mais pacífica. Agora eu não sou pacífico, ainda. Eu me preocupo na parte do final do mês. Detesto dever pros outros.”**

Fala também sobre suas percepções de como estão as pessoas no mundo: **“Noventa por cento das pessoas vivem mais na angústia. Nós somos da geração do pecado. Noventa por cento das pessoas sabem da Bíblia, mas não praticam. As escrituras relatam que a gente tem que pregar o evangelho em tempo e fora do tempo, em cima de dois mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao seu inimigo como a ti mesmo.”**

Tudo isso é comunicado com pesar, mas ao reportar-se à gravidez seu semblante transforma-se. Abre um sorriso e seus olhos brilham: **“Nossa, estou muito feliz, sei que vou ser um bom pai. Quero tratar meu filho com o máximo carinho. Tenho preocupações que ele possa nascer com problemas. Eu tento não pensar, mas não consigo. Não falo nada pra ela, pra não perturbar. Só estou comentando agora, aqui.”**

### Segunda entrevista do casal

Ambos denotam convicção de que ele deve acompanhá-la no parto. Estão preparando-se para isso e ele assinala que a preparação deve ser em dois sentidos: “tanto espiritual como material”.

Ele acredita que irá “se comportar bem” : “Já vi coisa pior e nunca me abalou. Vi mortes de muita gente e cenas que... pelo amor de Deus. Mas eu sei que os médicos têm medo que o marido vai extrapolar, por causa dos gritos dela”

Ambos já viram partos pela televisão e acreditam que a presença do marido junto à mulher, durante o parto, pode ajudar bastante, trazendo confiança e união para eles.

Ele diz que pretende colaborar com ela depois, nos cuidados ao bebê: “Só não pode ser como o João-de-Barro. Se ela trai, ele tranca ela na casinha, sem os filhotes, e fecha com barro e ela morre seca. Sérgio Reis tem uma música que fala sobre isso.”

Ela permanece calada e ele continua: “O homem nasceu primeiro e tem arrogância. Não pode, ele não tem direito nenhum. O direito é igual, ainda mais hoje em dia, que tem a delegacia de mulher. Hoje em dia as mulheres estão privilegiadas, a lei favorece mais elas.”

Narram pormenores dos trabalhos domésticos assumidos por ele no preparo da comida e limpeza da casa, e ele salienta: “Só não gosto de mexer com mistura, mas o trivial eu cozinho bem. Já trabalhei em cozinha, fui auxiliar em restaurante.”

Suas expectativas em relação aos papéis maternos e paternos a serem desenvolvidos na criação do filho são boas, e ele finaliza dizendo: “Acredito que ela vai ser mais pai do que eu. Eu gosto de criança, mas o carinho de mãe supera o de pai. Ela é o tempo todo para a criança.”

## Vanda e Roberto (História 7)

Ela: 17 anos                      Escolaridade: 1º grau incompleto

Ele: 21 anos                      Escolaridade: 1º grau incompleto

Período da gestação durante as entrevistas: 31 a 36 semanas

### Primeira entrevista do casal

Casados há dois meses. Conheceram-se há um ano e quatro meses pelas ruas do bairro onde moravam. Desde o início, notaram-se, trocaram olhares e cumprimentavam-se com um “oi”, somente. Pouco tempo, depois iniciaram o namoro, e ela conta os detalhes: “A gente começou a namorar por causa de um cachorro-quente. Um dia a gente se encontrou no carrinho do cachorro-quente e eu disse pra ele - me dá um cachorro-quente, daí ele respondeu - o que é que eu vou ganhar em troca? eu respondi - um beijo no rosto; ele respondeu - só isso eu não quero; aí eu disse - então eu te dou um beijo na boca.”

Ele deu-lhe um cachorro-quente e ela retribuiu-lhe com um beijo na boca, mas sentiu-se muito envergonhada e saiu correndo rapidamente. Alguns dias depois ela ficou sabendo que ele estava “ficando” com outra moça. Teve ciúmes e resolveu armar uma mentira e, para concretizar o seu intento, pediu ajuda a uma amiga e a um amigo (que eram amigos dele também). Eles todos foram a um “salão”, lugar de bailes e brincadeiras, e lá Vanda escreveu um bilhete, com a cumplicidade dos amigos, enviando-o ao líder do

conjunto musical (que lia recados no microfone). Nesse bilhete ela fazia-se passar pela moça com que ele “andava ficando” e depreciava a figura de Roberto, colocando dúvidas sobre sua masculinidade.

Em decorrência desse episódio, Roberto separou-se da moça com quem estava “ficando” e começou a procurar Vanda, mas ela não o aceitou imediatamente, apesar de desejá-lo muito: “Eu comecei a dar uma de difícil, porque senão ele ia descobrir logo o que eu tinha feito.”

Enquanto Vanda vai narrando esses episódios, Roberto permanece em silêncio e sorri o tempo todo.

Outras confusões ainda configuraram-se antes de iniciarem um namoro mais compromissado. Ela soube que ele estava “ficando” também com outra moça e vai pedir satisfações; no entanto, ele nega e diz-lhe: “Eu não tenho nada com ela, eu não quero saber de baba.”

Ele esclarece que se referiu dessa maneira à moça porque tratava-se de alguém muito jovem e que, portanto, “baba como nenê”.

Depois desses rodeios começaram o “namoro sério”. Ela comenta que ele foi muito “apressadinho”, pois com um mês de namoro ele já queria ter relações sexuais e ela tinha que ficar detendo-o.

Ela teve outros namorados antes dele, mas foi com ele que teve a primeira relação sexual. Preocupava-se com a gravidez, mas ele estava sempre tranquilizando-a dizendo que ela não ia engravidar. Ela desconhecia métodos anticoncepcionais e foi ele quem ficou responsável pelo controle da concepção. Ela diz: “Ele tirava fora”.

Depois de alguns meses de relacionamento sexual eles começaram a pensar e a

falar em gravidez e por isso pararam de evitar filhos. Estavam solteiros quando ela engravidou. Os familiares, em geral, reagiram bem, com exceção do pai dela que teve uma reação bem negativa: esbravejava, ameaçava matá-los e justificava sua ira na suposição de que a gravidez iria atrapalhar os estudos de Vanda. Depois, ele mudou de atitude, radicalmente. Hoje ele é um dos mais interessados na gravidez: “está cheio de cuidados e é muito ciumento” (tem ciúmes do outro avô e de Roberto). Fez questão de comprar tudo para o nenê: carrinho, roupinhas e até um baú para guardar o enxovalzinho.

Desde que se casaram foram morar no fundo da casa dos pais dela. Ela continua os estudos apesar da gravidez (cursa a oitava série) e ele já não estuda mais (parou na quinta série, sem completá-la). Os relacionamentos familiares são referidos como bons, sem problemas marcantes.

A gravidez foi bem aceita pelo casal desde o início e estão felizes com a vinda de um filho. Ela apresenta algumas queixas físicas: tem falta de ar, principalmente à noite, e está com orientação médica para fazer repouso, pois teve ameaça de parto prematuro, controlado através de uma internação hospitalar.

Ele mostra-se feliz com a gravidez, no entanto, refere preocupações pelo fato de estar sem emprego.

### **Entrevista individual - Vanda**

Suas primeiras palavras, relacionadas com sua história, são referências aos aspectos negativos da figura de seu pai. Expõe uma infância de sofrimentos motivados por suas atitudes violentas que, tendo sido alcoólatra, marcava o cotidiano com gritos e com agressões físicas à mulher e aos filhos. Atualmente, o pai não faz mais uso de bebidas alcoólicas e **“está transformado”**.

Ela é a filha mais velha e tem quatro irmãos, todos ainda crianças: duas meninas e dois meninos.

Sobre o seu nascimento, diz: **“Fui arrancada a fórceps. Minha mãe fala que ela quase morreu e que eu dei muito trabalho pra nascer. Com os outros foi mais fácil, não doeu nada. Só comigo, mesmo, que foi difícil.”**

Ela nasceu em outra cidade e veio para Campinas quando ainda era bebê. Seus pais fixaram residência aqui, onde residem até hoje.

Sua menarca foi aos doze anos e não sabia o que era: **“quando vi o sangue na calcinha, gritei, fiz escândalo, chamei minha mãe. Daí minha mãe me explicou.”**

Não teve outras orientações sexuais na família e as informações sobre sexualidade ia obtendo entre as coleguinhas.

Sobre a gravidez refere que foi um acontecimento decorrente da escolha e dos acordos mútuos. No início teve problemas com o pai - conforme já mencionado - e consigo mesma, ao perceber-se confusa e em ambigüidade, apesar da opção consciente por engravidar. Sentiu certos desconfortos físicos, como cólicas e enjôos, e alterações em seus sentimentos em relação a Roberto: **“Tomei raiva dele, olhava pra cara dele e dava**

raiva. Brigava com ele por qualquer coisa. Olhava pra cara dele e dava vontade de vomitar. Minha mãe diz que quando a gente toma raiva pela pessoa, a criança nasce com a cara da pessoa que a gente está com raiva.”

E se isso acontecer, ou seja, o bebê parecer-se com Roberto, ela gostará muito pois, passados os tormentos inaugurais, voltou a sentir-se atraída por ele e hoje estão bastante unidos.

Outra dificuldade preliminar enfrentada por ela foi o medo sentido para comunicar à família sobre a gravidez. Postergava a comunicação e temia ser descoberta; assim, escondia da mãe seus enjôos e os desejos pelos alimentos e, quando trocava de roupa na frente dela, virava-se de costas para encobrir os mamilos escurecidos: uma evidência de transformação em seu corpo gravídico.

Roberto, por outro lado, sempre mostrou-se paciente frente às atitudes de rejeição que ela demonstrava e, todo o tempo, tem estado radiante com a gravidez: “Ele compra roupinha para o nenê, compra frutas, se preocupa comigo, fala pra eu ter cuidado. Ele vem na minha barriga, faz carinho. Nossa, ele é muito carinhoso, eu é que fico caçando.”

Acredita que ele será “um pai carinhoso e excelente”. E ela também se vê como “uma mãe carinhosa e excelente”

Roberto está sempre ajudando-a em casa, para que ela não se esforce em demasia, mas também porque gosta do trabalho doméstico: ajuda a lavar roupa, a limpar a casa e outros serviços. Ela está achando isso “super legal”. Seu pai nunca foi assim e ela acredita que são raros os homens que têm essa atitude: “Eu acho que as mães dos homens falam que trabalho de casa é obrigação de mulher”. Até mesmo na feitura dos alimentos ele colabora: “Eu vou pra cozinha fazer um bolo e ele tá logo me ajudando”.

A evolução da gravidez toma agora o rumo para chegar a termo e os temores do parto intensificam-se: **“Tá chegando no final e eu tô com medo. Tenho medo de tudo, da anestesia... da agulha, então, nem se fala.”**

Procura esclarecer-se sobre o parto e busca, com Roberto, informações em revistas, livros e fica atenta quando aparece algo referente a gravidez e a parto na televisão. Ela e Roberto detêm-se, especialmente, em um livro onde aparece o crescimento da criança na barriga da mãe, e **“como a criança nasce”**. Fica pensando também em como deve ser uma sala de parto: a idéia que faz é de uma **“sala escura, como uma UTI, com uma cama e um monte de faca.”**

Acredita que tem tanto medo assim devido ao que as pessoas falam: **“Os outros ficam botando coisa na cabeça da gente. Ficam botando medo. Falam que os médicos são brutos. Algumas mulheres acham que dói muito.”**

Mas, ao mesmo tempo, está ansiosa para ter o filho: **“Não vejo a hora de estar com ele, de deitar na cama e brincar com ele. Eu adoro criança. Só o parto mesmo que eu não gostaria de ter! Eu não sei explicar direito o que eu sinto com o parto.”**

Imagina-se cuidando do seu bebê e passa horas pensando nisso. Quer dedicar-se a ele todo o tempo possível. Não está trabalhando e deverá pedir licença na escola, mas pretende voltar: **“Os professores querem que eu volte, eles falam que eu sou excelente aluna e não querem que eu pare.”**

**Entrevista individual - Roberto**

Sua comunicação inicial refere-se à gravidez: “Estou feliz pela primeira vez... por ser pai”. Tudo está mudando e ele acredita que é para melhor. Sente-se “orgulhoso” por tornar-se pai. Sabe que o bebê é um menino e acha muito bom, mas não tinha preferências: “Vindo com saúde é o que importa.”

Sua história é relatada sem incidentes traumáticos e mais dolorosos: nasceu em Campinas e quando criança morou em outra cidade; seu pai trabalhava na lavoura e a família morava em sítio, onde foi criado.

Sobre o seu nascimento diz o seguinte: “Nasci prematuro, era bem pequenininho, sem peso. Tive que ficar na estufa pegando peso.” Não sabe o tipo de parto.

Tem quatro irmãos: um mais velho (casado, com filhos) e três mais novos (dois rapazes e uma moça). O relacionamento familiar é bom e os pais são especialmente referidos como pessoas bondosas e tranqüilas; quando contou-lhes sobre a gravidez, eles ficavam contentes e disseram: “vamos receber de braços abertos”.

Parou os estudos na quinta série para assumir um trabalho e ajudar o pai nas despesas da casa. Atualmente está sem estabilidade de emprego, o que o deixa inseguro frente ao aumento das responsabilidades por tornar-se pai.

Mas está “muito feliz” com a paternidade e assinala isso várias vezes.

Começou a pensar em ter filhos aos vinte anos, quando já estava com Vanda. Antes disso, nem “passava pela cabeça”.

Percebe uma grande transformação em Vanda a partir da gravidez: “Ela está muito contente por ser mãe pela primeira vez. Está muito madura, mais alegre. Agora só se

dedica pra gravidez. E eu fico feliz com isso porque tem mãe que nem se importa com o filho.”

No entanto, às vezes fica enciumado, ao observá-la sozinha num canto falando com o nenê; sente-se desprezado e imagina que ela será mãe do bebê em dedicação exclusiva. Mas, ao mesmo tempo, acha bom porque, para ele, isso demonstra que ela será uma “mãe ótima”.

Não sabe nada sobre o parto e não quer acompanhá-la quando estiver dando à luz. Diz: “Ela me contou que um homem foi ver o parto, não agüentou e desmaiou. Eu disse que não quero ver não, vou ficar do lado de fora.”

Mas gosta de aproximar-se da barriga dela. Fala com o bebê e chama-o por um nome que escolheu. Essa sua escolha foi motivada pelo fato de ter se apegado a um menino com esse nome, sobrinho de um amigo, e quando convivia com essa criança pensava consigo mesmo: “Se um dia eu tiver um filho, vou colocar esse nome.”

Suas falas com o bebê são permeadas de brincadeiras ou mensagens de tranquilização: “Tem dia que ele não mexe, fica quietinho. Daí eu chego e pergunto pra ele: o que você está sentindo aí dentro? Está com raiva da mamãe?”

Roberto acredita que quando ele está contente ele manifesta-se fazendo movimentos, mas do contrário “fica paradinho”. Roberto percebe também que “ele tem ciúmes de um irmãozinho dela”, um bebê de quase um ano e, então, fala-lhe: “Não precisa ter ciúmes dele não, o colo vai ser só seu.” Assim, “ele volta, a se mexer”.

Conta também um outro episódio que reforça sua crença na comunicação existente entre eles: estava em uma loja com Vanda e tendo escolhido uma roupinha para o bebê, mostrou-a para ela e o bebê começou a “pular na barriga” tão fortemente que os

movimentos podiam ser observados com facilidade.

Ele se preocupa muito com Vanda e tem por ela muitos cuidados. Se ela manifesta vontade por certos alimentos ele corre comprar: **“Compro tudo o que ela tem vontade: maçã, pizza, alface. Eu nunca consegui descobrir o que é essa vontade. Todo mundo fala de desejo, desejo, mas eu não sei o que é.”**

Preocupa-se também com o futuro do filho e como será dar uma boa educação. Teve bastante experiência ao cuidar de seus irmãos mais novos; quando sua mãe tinha que sair, **“fazia leite, dava banho, olhava, pegava no colo”**. Mas acha que isso não é tudo; tem temores relacionados com o que a criança vai enfrentar no mundo fora de casa e também com o tipo de escola onde ficará. Prefere que o filho só entre numa escola quando **“estiver grandinho”** e essa opinião é discordante do que Vanda pensa a respeito: ela acha que será bom colocar o bebê bem cedo numa creche.

Ele finaliza contando um sonho: **“Eu sonhei que estava passeando com ele. Ele já tinha nascido. Foi um sonho bom, ele estava andando.”**



### **Segunda entrevista do casal**

Ela polariza a comunicação apresentando várias queixas de desconfortos físicos: já está com sinais de trabalho de parto como perda do tampão mucoso e contrações.

Manifesta novamente o seu medo do parto e ressalta que o que mais a apavora é pensar na injeção para a analgesia.

Ele sorri e diz: **“Ela tá com muito medo, eu fico falando para ela tirar isso da**

**cabeça, que é bobeira.”**

Mas ela insiste em dar destaque ao seu medo. Fala que sua mãe também era medrosa e agarrava na mão de seu pai: **“Meu pai é fortão, agüentava, mas o Roberto não dá conta não.”** Ele sorri.

Ela queixa-se também de muita falta de ar; já não consegue dormir à noite. Ele também não está dormindo: fica preocupado, acordado, andando de um lado para outro, procurando descobrir o que pode fazer para ajudá-la.

Ela deverá passar pela consulta médica em seguida, e está ambivalente: ao mesmo tempo que teme uma indicação médica para internação, deseja muito que o parto venha logo para livrar-se da aflição que está dando-lhe **“frio na barriga”**; o que mais quer mesmo é estar com seu bebê nos braços.

## Luciana e Marcos (História 8)

Ela: 15 anos                      Escolaridade: 6ª série (cursando)

Ele: 17 anos                      Escolaridade: 5ª série (cursando)

Período da gestação durante as entrevistas: 22 a 25 semanas

### Primeira entrevista do casal

Moram juntos há um ano e dois meses. Conheceram-se há quase cinco anos e começaram a “namorar escondido”. Ela estava com onze anos e ele com treze .

A mãe dela não aprovava o namoro e, por isso, ela mentia e saía às escondidas para encontrar-se com ele. Mas o namoro, apesar de muitas interrupções e voltas, deu prosseguimento até que resolveram morar juntos e ele mudou-se para a casa dela.

Iniciaram as relações sexuais quando ela estava com treze anos e nunca fizeram uso de métodos anticoncepcionais. Ela diz: “Eu nunca fui no ginecologista para tomar remédio porque eu achava que não podia ter filhos.” Não apresenta um motivo concreto que a tenha levado a pensar assim, mas isso sempre lhe passava pela cabeça.

A gravidez, portanto, aconteceu inesperadamente e no início provocou-lhes receios.

Ele diz: “Foi legal, mas eu assustei um pouco. Na hora eu pensei que ela estava brincando, não acreditei.”

Ela diz: **“Não estava planejado. Pegou a gente de surpresa.”**

Os pais de ambos acolheram bem a notícia da gravidez, mas algumas pessoas ao redor deles - parentes e amigos - faziam comentários negativos e recomendaram a ela que fizesse um aborto: indicavam-lhe remédios ou locais para a interrupção da gravidez. Mas sua mãe, especialmente, posicionou-se radicalmente contra o aborto e ela mesma não pensou em fazê-lo.

Assim, passado o impacto inicial, eles foram se adaptando, cercados pelo apoio da família, principalmente de suas mães.

Hoje, percebem o quanto de transformações a gravidez tem trazido em suas vidas. Ele preocupa-se com a responsabilidade e pensa **“muito na condição financeira”**. Antes não era assim, pouco lhe importava se tinha ou não tinha dinheiro, mas agora inquieta-se com a idéia de como irá sustentar o filho.

Ela, por outro lado, fala das transformações em seu corpo e queixa-se disso: **“Sinto muito enjôo, é ruim. Tá saindo colostro e eu já perdi um pouco da cintura.”**

Ele interrompe-a e assinala que as mudanças nela não são só físicas, mas que demonstratambém, mudanças no jeito de ser: **“Ela tá muito chorona. Chora por qualquer coisa. Ontem ela estava abrindo a boca porque a cama quebrou. E fica muito irritada: tem hora que a gente vai conversar com ela, ela está boa e alegre, depois está irritada.”** Ele olha para ela, ela sorri e não diz nada.

Os dois são estudantes do primeiro grau: ela, na sexta série e ele, na quinta série. Estudam na mesma escola e estão sendo alvos de brincadeiras e comentários dos colegas, em decorrência da gravidez. Ele diz: **“Os garotos ficam fazendo gozação comigo, ficam falando - aí papai. Coisas assim. Eu levo na esportiva.”**

As pessoas da escola, em geral, reagiram bem, com exceção de algumas colegas dela que desaprovaram a gravidez e falam coisas como **“É uma loucura ter filho tão nova”**.

Ambos afirmam que não têm preferência por menina ou menino: **“O que vier tá bom.”**

Não conversam com o bebê pois até agora não se sentiram à vontade para fazê-lo. Mas há momentos em que ficam juntos, falando sobre o bebê. Ele diz: **“A gente fica tentando imaginar como ele será, mas a gente não consegue. Fica imaginando se vai parecer com um ou com outro.”**

Ele manifesta, uma vez mais, preocupações com os problemas econômicos. Eles não trabalham e estão sendo sustentados pelas famílias. Ele é músico, integrante de um conjunto musical, mas, como tal, não tem ainda estabilidade financeira.



### Entrevista individual - Marcos

O seu nascimento está envolto por uma desconfiança. Seu pai não quis assumi-lo como filho, pois duvidava ser, realmente, seu legítimo pai. Mas sua mãe conta-lhe que ele estava presente em seu nascimento, acontecido numa casa em uma chácara, e que na hora mesma do parto ele saiu para fora do aposento e, quando voltou, ela apontou-lhe o berço e disse-lhe: **“Olha lá na cama, tem um presente pra você.”** Sua mãe conta-lhe também que a mulher que ajudou no parto estava bêbada. Fala sobre isto não como algo adverso, mas sim como algo pitoresco.

Seu pai, após seu nascimento, afastou-se e só voltou a mostrar interesse e buscar aproximações quando Marcos estava com cerca de seis anos. Conforme ele ia se desenvolvendo, acentuava-se sua semelhança fisionômica com a figura paterna, o que conduziu a uma intensificação no contato entre eles, culminando com o fato de seu pai registrá-lo como filho, quando ele estava com quatorze anos.

Marcos acredita que o fato de serem muito parecidos foi um fator preponderante para a religação e ponto de partida para a construção de um relacionamento amoroso, atual, que lhe traz grande satisfação. **“Hoje eu sou a cara dele, não teve jeito de negar. E eu perdoei meu pai; atualmente a gente tem bastante contato e se dá super bem. Eu ligo direto na casa dele.”**

Marcos fala ainda de algumas características do pai, parecendo apresentar justificativas e embasamentos para o perdão que lhe concedeu: **“Acho que ele não ficou com minha mãe porque ele era muito cobiçado. Ele ganhou o concurso de homem mais bonito. Era muito mulherengo. Ele falou também que naquele tempo ele não tinha condições financeiras. Agora ele está bem situado, é gerente de uma empresa e foi vereador lá na cidade onde mora.”**

Seu pai convidou-lhe várias vezes para morarem juntos, mas ele não aceitou: **“Gosto bem mais da minha mãe.”**

Ele sempre morou em Campinas, com sua mãe. Ela casou-se, teve outros filhos, separou-se. Casou-se novamente e, portanto, Marcos fala sobre dois padrastos. Tanto um quanto outro, são aceitos por ele e, mais que isso, são nomeados como figuras de identificação, como pessoas que o ajudam em seu crescimento e evolução. Tem contato com os dois e fala, especialmente, do segundo padasto, atual marido de sua mãe: **“Ele**

**sempre me tratou como filho e hoje eu sou músico por influência dele.”**

Não queixa-se da infância, ao contrário, diz que foi “legal”. A orientação sexual veio-lhe através da escola, mas ressalta: “**Eu aprendi mesmo foi na rua**”. Sua mãe também costumava dar-lhe “**uns conselhos**” que se restringiam em: “**não vai ter filho cedo**”.

Até recentemente não pensava em ter filhos. Começou a pensar, realmente, dentro do contexto da própria gravidez. Está contente mas, ao mesmo tempo, preocupado: “**É uma sensação de responsabilidade.**”

Não consegue falar com o bebê, mas tem colocado a mão na barriga de Luciana e sente que “**ele começou a chutar**”.

Todos da família estão animados com a gravidez, mas sua mãe, particularmente, é quem mais se interessa e demonstra muito contentamento: “**Nossa, minha mãe gostou muito, é seu primeiro neto. Ela fala direto que vai ser uma menina.**” Mas ele acha que o bebê será “**homem**” e, contrariando o que havia dito na entrevista anterior, fala de suas preferências: “**Eu prefiro homem, mas se vier mulher, sem problema.**” Pensa no filho e faz projetos: “**Se for homem vai tocar samba como eu.**”

O seu trabalho como músico é algo sobre o qual fala com muito entusiasmo: um legado especial que pretende deixar ao filho. Além de samba toca também “**mamonas assassinas, axé music e reggae**”. Atualmente o conjunto não está muito bem; já passou por uma fase “**muito boa**”, mas hoje, sem patrocínio, enfrenta dificuldades: “**E justamente agora, que eu tenho que comprar o berço.**”

Fala também de uma outra preocupação: no próximo ano terá que se alistar no exército, mas quer ser dispensado: “**Não quero fazer de jeito nenhum.**”

Retoma o assunto sobre o sexo do bebê e relata um sonho: “**Sonhei que nasceu**

um homem e eu falava pra todo mundo - não falei que ia ser homem! Quem fez o parto foi eu e um colega. Nós cortamos a barriga de Luciana. Não saiu sangue. Logo ela estava boa e o nenê apareceu trocado no meu colo. Achei interessante esse sonho e falei pra ela e ela me disse - sonho é o contrário, então vai ser mulher.”

Conta também que fizeram “uma sorte” para saber o sexo do bebê: “a sorte do garfo e da colher”. Conforme suas explicações, esse costume compreende o seguinte: são colocados um garfo e uma colher, cada qual embaixo de uma almofada; a gestante deverá, então, escolher uma das almofadas sem saber onde estão os objetos e sentar-se sobre uma delas; se sentar na almofada que esconde a colher, o bebê será uma menina, se sentar na almofada que esconde o garfo, será um menino. E Marcos conclui: “E a Luciana sentou no lugar da mulher.”

Tem pensado na educação do filho e crê que tudo correrá bem: “Eu não tenho preocupação. Não fumo, não bebo, acho que ele não vai ter problema.” Para ele, fumar e beber é muito prejudicial para a saúde, além de péssimo exemplo para a educação de uma criança. Seu padrasto não fuma e não bebe, como enfatiza, mas seu pai tem esses hábitos, e, mesmo sendo em consumo pequeno, costuma aconselhar Marcos a “não entrar nesses vícios”.

Em seguida, já ao final da entrevista, ele fala de um primo de dezenove anos, que tem um filho de dois meses: “Ele começou a fumar droga, pegou arma querendo matar minha tia”, ou seja, sua própria mãe. Ele tem tentado conversar com esse primo, dar-lhe conselhos, presenteou-o com “um tênis novo” para agradá-lo, mas ele está “muito alterado”: “Ele ficou desnorteado, deve ser por causa do filho também.”

**Entrevista individual - Luciana**

A narrativa de sua origem vem contida num destaque: nasceu com um tumor na região glútea, proveniente de uma medicação usada por sua mãe quando estava gestando-a. Essa medicação foi prescrita por um médico para controle de hemorragia e é considerada pela família como causa do seu problema congênito. Devido a esse tumor, ela foi submetida a várias cirurgias: com quatro dias de vida, depois aos três meses, aos dois anos e mais recentemente.

Esse problema deixou-a com uma cicatriz que, por suas características anti-estéticas, tem lhe causado constrangimentos e impede-a de usar determinadas roupas como biquíni ou calça comprida mais justa.

Ainda sobre sua tenra infância refere que foi amamentada até os três anos de idade e que sua mãe costuma dizer-lhe: “Você parecia uma bezerra.”

Nasceu e sempre morou em Campinas. Tem dois irmãos mais velhos (vinte e seis e vinte e quatro anos), que são separados e com filhos; tem também, uma irmã mais velha, de vinte e três anos, casada e com filhos; e um irmão ainda criança, de onze anos.

Seus pais são separados já há alguns anos e a separação aconteceu em decorrência do alcoolismo de seu pai. Ele vivia constantemente embriagado e discutia muito com sua mãe: não agredia ninguém fisicamente, mas seu estado alterado criava um mal-estar permanente na família. Hoje ele vive sozinho e, apesar de continuar bebendo, está mais tranquilo e Luciana relaciona-se bem com ele. Em relação à gravidez, demonstrou boa aceitação, embora tenha comentado que a considera muito nova para

tornar-se mãe.

As outras pessoas da família - mãe e irmãos - também aceitaram a gravidez e estão muito carinhosos com ela e, embora tudo esteja transcorrendo normalmente, mostram-se preocupados e interessados pelo seu estado gestacional, cercando-a de “cuidados e mimos”.

Sua mãe e sua irmã mais velha são descritas com palavras elogiosas. Foram delas que lhe vieram as informações sobre sexualidade. Quando ficou menstruada pela primeira vez, a acolhida de sua mãe foi boa, deu-lhe explicações e orientações quanto à higiene. Outros assuntos sobre sexualidade foram abordados pela irmã, o que Luciana considerou mais apropriado, pois ficava envergonhada de falar “certas coisas” com sua mãe: “Eu não tinha essas intimidades com ela.”

A primeira relação sexual foi com Marcos, aos treze anos, e não teve outros parceiros além dele. Apesar de Marcos ter-lhe afirmado e reafirmado que também “só transou” com ela, ficam-lhe dúvidas: “Ele já falou que só teve comigo, mas eu não acreditei, sabe como é homem, né? A gente já largou muitas vezes e ele ficou com outras meninas. Sabe como é que é, né? Homem é diferente.”

Quando Luciana fala de Marcos seu rosto se irradia; gosta muito dele e nunca interessou-se por outro rapaz. E uma das qualidades que ela mais aprecia nele, é a alegria: “Ele é alegre bastante.”

Agora, com a gravidez, tem mudado no relacionamento com ele. Tem estado muito irritada com tudo e com todos e “ele é o mais atingido, mas ele é também o que tem mais paciência”. Ela não quer ficar assim, mas não consegue controlar-se e é muito importante para ela que ele “mantenha a calma”. Isso, no entanto, não tem levado-a a

rejeitá-lo sexualmente.

Além dessa irritação, uma outra coisa que tem incomodado-a muito são os transtornos físicos: enjôos e dores de cabeça. Ela quer tomar remédios, mas sua mãe impede-a, diz-lhe que “pode dar problemas para a criança”.

Esses enjôos acabam provocando-lhe falta de apetite. Fica buscando o que gostaria de comer e, daí, chegam as vontades. Agora mesmo, tem vindo vontade de comer “carne enrolada com bacon” um prato “delicioso” que sua mãe preparava e que há “muito tempo ela não faz.”

Ela e Marcos têm conversado sobre o nenê e não tem surgido preocupações maiores. Gosta muito quando ele se aproxima, interessado no nenê, e fica acariciando sua barriga.

Apesar das dificuldades está feliz com a gravidez por estar realizando um grande desejo, já percebido em si desde quando era “bem menina”.



### **Segunda entrevista do casal**

É ela quem inicia a comunicação, espontaneamente, relatando a experiência de ter participado de um grupo educativo no Ambulatório de Pré-Natal. Ela e mais outras gestantes que estavam nesse grupo, também adolescentes, foram conduzidas ao Centro Obstétrico para conhecerem o lugar onde terão seus partos; e é de lá, exatamente, que ela acaba de chegar quando entra na sala para a entrevista.

Essa visita ao Centro Obstétrico provocou-lhe muita inquietação: depara-se com uma realidade que faz brotar em sua consciência a idéia de que passará pela experiência de dar à luz. Fala alguma coisa demonstrando que essa idéia estava ausente ou pouco presente no campo da sua consciência e, nesse momento, aflora de modo explícito, trazendo-lhe perturbação.

Retrai-se na cadeira e diz: **“Estou com medo da hora do parto, dessa dor que todo mundo fala.”**

Ele parece incomodar-se, tenta consolá-la, faz um gesto carinhoso tomando suas mãos suavemente e diz: **“É... pra mulher é dolorido”**.

Deixo em aberto o diálogo para a acolhida da manifestação de angústia e, durante algum tempo, ela prossegue falando mais sobre o medo do parto, sempre relacionando-o com a dor, sem fazer outras associações.

Digo a ela que na continuidade do pré-natal existirão oportunidades nos atendimentos, onde pessoas poderão ajudá-la a compreender melhor seus sentimentos e o que acontece na evolução de um parto e, assim, poderá preparar-se melhor para a experiência de dar à luz.

O assunto, aos poucos, passa a ser tratado com mais leveza: ele brinca com ela, passa o braço em seus ombros; ela se descontraí, sorri e seus rostos se iluminam.

No restante da entrevista, eles comunicam algumas idéias sobre como se imaginam como pais. Ele diz: **“Acho que vou ser... o melhor pai do mundo. Vou jogar bola e tocar samba com ele.”** Em relação a ela, ele acredita que será **“mãe muito carinhosa”**. Tem observado-a cuidando de um sobrinho e percebe-a muito cuidadosa e carinhosa.

Ela, por outro lado, não está tão definida assim. Diz que não sabe como serão

como pais e não têm grandes preocupações com isso; quer que o filho tenha saúde, acima de tudo, e a saúde para ela relaciona-se com o físico. Mas, ao final, levanta algo que a torna apreensiva em relação à educação: “Eu só não quero que ele seja mimado, porque criança mimada é muito chata.”

## **Marina e Pedro (História 9)**

Ela: 17 anos                      Escolaridade: 2º grau incompleto

Ele: 15 anos                      Escolaridade: 1º grau incompleto

Período da gestação durante as entrevistas: 22 a 25 semanas

### **Primeira entrevista do casal**

Entram, sentam-se bem juntinhos, abraçados. Ela está grávida de “vinte e duas semanas e três dias”, conforme ele apressa-se em dizer, demonstrando satisfação e orgulho. Estão morando na casa dos pais dele. A família dela não aceitou a gravidez: o pai teve uma reação muito agressiva, expulsando-a de casa e a mãe não teve nenhum gesto de apoio. A família dele, ao contrário, apoiou bastante a gravidez, todos estão contentes, fazendo planos. E acolheram, portanto, o casal.

Eles estavam estudando e pararam por causa da gravidez: ela cursava o primeiro ano do colegial e parou por causa dos mal-estares físicos; ele cursava a sexta série e parou para trabalhar.

O relacionamento deles é bom, mas às vezes acontecem algumas “briguinhas”. Ele diz: “Ela é teimosa, eu fico brigando com ela pra ela pôr o chinelo. Eu acabo tendo dois filhos, ela e o bebê. Tenho que cuidar dos dois. Fico vendo se ela está agasalhada, se comeu, essas coisas aí.”

Conheceram-se há um ano e quatro meses e logo nos primeiros encontros iniciaram uma relação de namoro. Ele narra que uma amiga comum foi quem os aproximou: chegou para ele e disse-lhe: “A Marina está querendo ficar com você”. Assim, na terceira vez que se viram, já começaram a “ficar juntos” e o namoro sério mesmo veio pouco tempo depois.

Os pais dela não aceitaram o namoro e sempre manifestaram oposição criando as mais variadas barreiras. Ela diz : “Eles falavam que eu era muito moça e que ia atrapalhar os meus estudos.” Ele acrescenta: “Eles acham que criança não sabe namorar”, e comenta, ainda, que “na casa dela” a proibição ao namoro é só para as mulheres, pois que “os homens podem começar criança”.

Ele diz que no início fez uma tentativa indo falar com os pais dela mas que foi tudo em vão: “Eu não tive nem oportunidade. A mãe dela foi logo dizendo - não quero, não pode, eu namorei quando era jovem e me arrependi”.

Assim, sem possibilidade de conciliações, resolveram “namorar escondido”.

Os pais dele, ao contrário, permitiram o namoro e sempre deram cobertura para seus encontros. Ele diz: “Minha mãe só dizia pra gente se prevenir”, referindo-se a uma possível gravidez.

Iniciaram as relações sexuais logo após o princípio do namoro. Usaram preservativo durante três meses, mais ou menos, mas pararam. Eles dão uma risadinha e ela diz: “Ah! não era nada bom”. Passaram então a “não fazer em período fértil”, e explicam “no décimo quarto dia após a menstruação”.

Durante meses usaram esse método mas, às vezes, até se esqueciam de “fazer a coisa direitinho” e, mesmo assim, não engravidavam, o que acabou provocando-lhes um certo

desconforto. Ele diz: “A gente achava até que a gente não podia ter filhos.” E isto deixava-os chateados.

Desde o começo do relacionamento começaram a fazer planos de ter filhos, mas pensavam em esperar até os vinte anos. Mas ele confessa: “Eu sempre pensei em ter filhos cedo, até antes de começar a namorar com ela. Eu pensava - eu não quero ser pai muito vovô. Quero ser pai jovem. Quando meu filho tiver dez anos eu vou ter vinte e a gente vai ser próximo, vai jogar bola juntos, sair e conversar.” Ele reclama que seu pai é muito velho (o pai tem cinquenta e dois anos); diz que ele vive cansado, joga bola com ele, mas só no quintal, e o seu desejo é ir jogar bola no campo.

Mas apesar dessas reclamações afirma gostar muito de seu pai: “Ele é super legal. Acho que não existe um pai tão bom como o meu.”

Seus pais - conforme já foi dito - têm apoiado bastante a gravidez. Seu pai disse-lhe: “Eu gostei que tenha acontecido isso com você. Agora você tem sua mulherzinha, tem que cuidar dela, tem que pensar no futuro.”

Ele concorda plenamente com o pai. Sua vida tem mudado muito com a gravidez e ele acha que para melhor. Antes era só “boate e motinho pra tudo que é lado”, como ele diz. Hoje não: está caseiro e acha isso bom. Tem se esforçado bastante no trabalho (está trabalhando com o pai), chega cansado e seus hábitos mudaram: dorme cedo e acorda cedo.

A reação da família dela para com a gravidez tem sido totalmente diferente: ao saberem da gravidez reagiram muito mal, exigiram que os dois se casassem e manifestaram muita intolerância. Ela acabou mudando-se para a casa dele e há três meses não fala com os pais: não tem procurado-os desde então e eles também não se

manifestaram mais.

Ao falarem sobre este assunto Marina faz comentários acerca de seu pai, classificando-o de “ignorante e grosso”.

Pedro intervém, comentando que os pais dela não vivem bem: “Acho que eles têm uma mágoa muito grande um em relação ao outro. Acho que é porque eles casaram cedo e se arrependeram de ter filhos.”

Ela comenta também que seus pais ficaram separados durante dois anos: “Quando eu tinha oito anos ele abandonou a gente. Minha irmã ficou tão revoltada que foi até na psicóloga.”

Ela diz também que o pai separou-se da mãe porque tinha outra mulher. Quando ele voltou para casa a atitude dos filhos para com ele nunca foi a mesma. O relacionamento dele com os filhos passou a ser distante, sem diálogo: “A gente não dava nem parabéns pra ele no dia dos pais.”

Pedro diz que na casa dele é bem diferente: “lá há mais diálogo”. Marina concorda e comenta que gosta muito de conversar com a mãe dele. Ele diz: “Elas ficam na cozinha fofocando até duas horas da madrugada.” Ela diz: “É sim ela fica me contando uma porção de coisas: me contou sobre o primeiro beijo, me contou também que começou a namorar bem cedo - ela tinha doze anos - meu sogro tinha vinte e quatro.”

Pedro enfatiza, ainda, os benefícios de se ter diálogos com os pais: “Minha mãe sempre conversou de tudo com a minha irmã, sempre falou abertamente. A mãe dela não fala nada. Nem pra ela e nem pra irmã dela. A irmã dela, com dezesseis anos, não sabia nem o que era um ginecologista. Achava que ginecologista era só pra pessoas que tinham relação.”

O distanciamento radical que se configurou entre ela e seus pais tem-lhe trazido

tristezas e carências. Ele, ao contrário, parece sentir certa satisfação com a situação.

Falam, ainda, sobre a gravidez e as mudanças ocorridas e é ele, principalmente, quem tece os maiores comentários.

Acha que a gravidez veio dar um sentido novo na sua vida. Tem observado seus colegas e impressiona-se com o caminho que eles têm assumido, ou seja, o caminho da droga: “Tenho um amigo que roubou o videocassete da própria casa para arranjar dinheiro pra comprar maconha.” Diz que “essa coisa de droga está demais”, diz também que de dez amigos seus, três usam drogas: “Eu não quero me envolver com isso não, já peguei maconha na mão, mas não me envolvi. Minha mãe sempre vive me dizendo pra ficar longe disso.”

Outra mudança importante está relacionada com o trabalho. Antes, já havia tido experiência de trabalho e cita um dos seus empregos como pacoteiro em supermercado. Menciona também um ofício em restaurante, entre os doze e os treze anos, onde ocupava-se em fazer drinks. Mas agora sente uma diferença: percebe-se mais responsável e, sendo sua atividade de trabalho na fábrica de seu pai, tem esforçado-se bastante, principalmente porque seu pai teve um enfarte e, conseqüentemente, “não pode pegar peso e passar nervoso” : “Eu acabo assumindo bastante coisa, é um trabalho sujo, trabalho de peão, mas eu gosto.”

As saídas para os passeios também estão bem restritas. Antes, vivia quase o tempo todo fora de casa, com sua “motinho” : “Minha mãe tinha a maior bronca com a motinho, vivia dizendo - eu vou meter um machado nesse lixo.”

Gostava muito também de ir a “boites”. Chegou até a falsificar um documento para entrar mais livremente. Ela sorri e diz que sempre o acompanhava também.

Ao final, ele faz o seguinte comentário: diz que quando eles começaram a namorar ele era mais baixo do que ela e, por isso, as pessoas “tiravam sarro” e acrescenta: “mas agora eu cresci e passei ela.”

Termina dizendo que a coisa que ele mais deseja para o filho é que “ele seja estudioso e bonitinho”.



### Entrevista individual - Pedro

É o filho mais novo. Tem um irmão de vinte e três anos e uma irmã de vinte anos. Esta irmã é casada e também está grávida, esperando o primeiro filho. Seu pai tem cinquenta e dois anos e sua mãe trinta e nove, tendo tido, portanto, o seu primeiro filho aos dezesseis anos.

Nasceu em outra cidade, mas veio para Campinas ainda bebê e desde então sempre viveu aqui.

O seu nascimento foi através de um parto cesariano, sendo que os partos anteriores de sua mãe foram normais: “Chegou em mim, eu quis nascer pela barriga.”

Sua mãe costuma fazer comentários bastante desfavoráveis em relação ao parto cesariano: “Ela diz que cesárea é horrível, que dá menos dor mas depois demora um mês pra mulher ficar boa.”

Sua infância é relatada como tendo sido “feliz”, repleta de brincadeiras e “arte”. Descreve alguns episódios que são destacados pelas suas conseqüências mais

sérias. Conta, por exemplo, que certa vez, quando estava com quatro anos, pegou o revólver de seu pai para “matar um menino”: “Eu nem agüentava segurar a arma. Quando minha mãe viu, ela me deu umas boas chineladas”. Em outra ocasião, aos cinco anos, fugiu de seus pais quando estavam no consultório de um dentista. Ele estava para iniciar um tratamento odontológico e começou a ficar com muito medo, pois sua irmã havia dito-lhe que o dentista iria dar uma injeção na boca. Lembra-se que isso deixou-o apavorado e, aproveitando-se de uma desatenção de seus pais, saiu do consultório e tomou o primeiro ônibus que viu. Foi encontrado após seis horas, por intervenção da polícia, que foi acionada por seus pais. Conta ainda episódios de vidraças quebradas e outra molecagens.

Quanto à orientação sexual diz que “tudo transcorreu com maturidade”. Considera seus pais “liberais” e sua mãe sempre conversou muito sobre os assuntos sexuais, principalmente alertando-o para que tomasse cuidado com a AIDS: “Ela sempre me dizia – olha, a AIDS está solta por aí. Ela sempre me dizia também para eu usar a camisinha.”

Sua mãe é destaque em muitas de suas falas durante a entrevista. Comenta, por exemplo, sobre o tanto que sua mãe está curtindo a vinda dos netos: comprando roupinhas e outros objetos, sempre num clima de alegria e boas perspectivas. Pedro acha que sua alegria é ainda maior tratando-se da gravidez de Marina. Acrescenta: “Ela sempre falou que eu ia dar um filho pra ela, quer dizer um neto. Ela dizia também que o caçula é que ia dar esse neto.”

A família resolveu fazer uma ecografia em um serviço particular porque na UNICAMP ele não pôde acompanhar Marina durante o exame ecográfico: fato que o deixou “muito frustrado”. Num outro serviço ele participou, como também sua mãe e sua

irmã: “No começo eu não conseguia ver nada, aí a médica desenhou no computador e ficou mais claro.” Soube que é um menino e gostou pois desejava mesmo um filho. Não sabe exatamente porque, mas menciona que sua mãe disse-lhe que “é bom que o primeiro filho seja homem, pois dá menos trabalho.”

Pedro diz que tem pensado no filho mas que ainda não se sente como pai. Acha que vai começar a curtir o filho quando “ele sair da barriga”. Considera que será um pai “um pouco rígido” e justifica-se: “Antigamente não precisava ser muito rígido, mas agora precisa sim, por causa das amizades, da escola, das saídas... Tudo pode levar pro mau caminho e o mau caminho pode levar às drogas.”

Suas preocupações estão também relacionadas com a saúde do bebê: “A Marina tem a cabeça meio fraca. Ela corre, não quer sentar no banco de trás do carro e também eu me preocupo com a alimentação dela.” Considera que ela não se alimenta bem, pois vive com medo de engordar demais e “deformar o corpo”.

Não sabe exatamente como Marina será como mãe: “Acho que ela será uma boa mãe, mas não sei se ela vai ser brincalhona ou séria. Mas o que eu quero mesmo é que ela seja compreensiva.”

Quanto à educação do filho diz que teme também que possa haver discordâncias entre ele e Marina na condução das situações: “Eu tenho medo de eu falar uma coisa e ela outra.” E acrescenta que considera isso muito prejudicial na educação de um filho.

### Entrevista individual - Marina

Marina tem três irmãos: um irmão de vinte e três anos, uma irmã de dezenove anos e um irmãozinho de quatro. Refere-se também a um outro irmão que hoje estaria com vinte anos e que morreu aos seis meses, subitamente, enquanto dormia.

Seu pai tem quarenta e quatro anos e sua mãe quarenta e um, tendo tido o seu primeiro filho, portanto, aos dezoito anos.

Os partos de sua mãe foram normais, com exceção do último, quando foi necessário o uso de um fórceps.

Sua mãe tem se colocado sempre contrária ao parto normal. Acha que Marina deve fazer uma cesariana, pois parto normal prejudica a mulher: “ela diz que depois de algum tempo cai a bexiga.”

Marina tem dúvidas sobre esse assunto. Fica ambivalente quanto à preferência entre os tipos de parto, pois tem escutado histórias de bebês que nascem com problemas devido a acidentes no parto normal e cita como exemplo o próprio irmão de Pedro que ao nascer “deslocou a bacia”, resultando como seqüela uma perna mais longa do que a outra.

Sobre o seu nascimento diz que sua mãe costuma dizer-lhe que foi “o melhor de todos, aquele em que teve maior facilidade”. Sabe também que mamou no peito até os quatro anos de idade.

Nasceu em Campinas e sempre morou aqui; sua infância foi tranqüila, até certo ponto, e confirma as dificuldades com o pai, principalmente na época em que ele separou-se de sua mãe.

Gostava muito de brincar e era “muito arteira”. Destaca o fato de que se cortava com muita frequência, assim como caía constantemente, considerando esses episódios algo “além do normal”.

A orientação sexual foi “péssima”. Não lhe falaram nada sobre os assuntos sexuais e sua mãe sempre insistiu para que ela “não namorasse cedo”.

Conta que foi até a casa de sua mãe, recentemente, para buscar sua carteira de vacinação. Inicialmente sua mãe tratou-a com frieza mas, em seguida, foi mostrando-se mais delicada, esboçando certo carinho e manifestando desejo de aproximação. O encontro, portanto, foi bom, e Marina confessa que gostaria de reconciliar-se com sua família.



### Segunda entrevista do casal

Pedro expõe sua vontade de estar com Marina no momento do nascimento do filho e pede permissão para entrar na sala de parto. Sua intenção é estar ao lado de Marina para ver como o médico estará agindo. Fica imaginando “o monte de médicos desconhecidos” que ficam circulando pelo hospital e que pode acontecer de alguém que não tenha competência vir a fazer o parto de Marina: “A gente não sabe nem quantos já morreram na mão dele. Passou no jornal que foram caçados cinco mil diplomas de médicos.”

Em seguida, Pedro conta um episódio relacionado com seu irmão: conforme já foi mencionado por Marina, e agora o assunto é referido também por Pedro, seu irmão

sofreu um acidente no parto e ficou, como seqüela, com uma perna mais comprida que a outra; depois de alguns anos foi indicada uma cirurgia para correção do problema, no entanto, um novo acidente ocorreu: “o médico começou a operar a perna errada”.

Pedro detém-se, ainda, neste assunto, falando “do medo de hospital” que tomou conta da família e do sentimento de desconfiança em relação aos procedimentos médicos que até hoje perdura entre eles.

Ele reforça o pedido para acompanhá-la durante o parto e cita o nome de um outro hospital onde teria “as portas abertas”, conforme garantias que lhe foram dadas por uma parente que é estudante de medicina e trabalha nesse local.

Mas Marina não concorda em ir para outro hospital. Silenciosa até então, manifesta-se dizendo que quer ter o bebê na UNICAMP, pois é o lugar onde se sente mais segura.

O tema versado, em seguida, é o parto: ela afirma que tem muito medo do parto pois “todo mundo fala que é uma dor horrível”; ele concorda, diz que “as notícias por aí são terríveis.” Pedro comenta, também, que tem observado que ela não tem falado muito disto, ultimamente, “parece que o medo diminuiu, a preocupação maior dela agora é com o corpo.” Ela sorri e não diz nada.

Falam ainda sobre os novos contatos que estão tendo com os pais dela configurando-se francas aproximações. Ela demonstrou muita satisfação com o que vem ocorrendo, mas ele não, e critica vigorosamente o fato dos pais e tia dela fumarem na sua presença e, conseqüentemente, com isso, trazerem prejuízos para o nenê.

### III - Termo de consentimento

Eu, \_\_\_\_\_, R.G. Nº \_\_\_\_\_ concordo em participar do estudo intitulado "Casais Grávidos: ênfase nos sentidos da paternidade", no CAISM.

Fui informado(a) que esse estudo tem como objetivo conhecer alguns aspectos emocionais da vida do casal que espera um filho, de tal forma que as informações colhidas poderão ajudar na melhoria do conhecimento sobre o tema e do atendimento neste Hospital.

Para tanto, deverei responder algumas perguntas pessoais a respeito da minha vida e das expectativas sentidas em relação à vinda de um filho.

Foi-me assegurado, de início, que se por algum motivo não aceitasse participar deste estudo, nada iria interferir no meu atendimento neste Hospital, assim como a minha desistência no decorrer da entrevista. Também foi-me garantido que as informações serão mantidas em sigilo e meu nome não será exposto e, portanto, não serei identificado(a).

Finalmente, fui informado(a) que receberei respostas a qualquer pergunta e dúvida acerca dos assuntos relacionados com o presente estudo, e se a entrevista provocar algum transtorno receberei apoio necessário.

Campinas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão digital

Nome do responsável pela condução da pesquisa: REGINA CÉLIA SARMENTO

Telefone da Comissão de Pesquisa (para possíveis reclamações): (019) 239.1471